



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CONSELHO SETORIAL DE GRADUAÇÃO
RESOLUÇÃO N° 076/2018**

Aprova atualização do projeto pedagógico do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

O Conselho Setorial de Graduação - CONGRAD, da Universidade Federal de Juiz de Fora, no exercício de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo 23071.003418/2016-14 e o que foi deliberado em sua reunião ordinária do dia 21 de junho de 2018,

RESOLVE:

Art. 1° - Aprovar atualização do projeto pedagógico do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, conforme constante do processo em epígrafe.

Art. 2° - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Art. 3° - Publique-se por afixação.

Juiz de Fora, 21 de junho de 2018.

**Profª Maria Carmen Simões Cardoso de Melo
Pró-Reitora de Graduação**

**Vilma Lúcia Pedro
Secretária do Conselho Setorial de Graduação**



PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Projeto de **ALTERAÇÃO CURRICULAR** do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas/BACH, do Instituto de Ciências Humanas/ICH da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, a ser tramitado no Conselho Setorial de Graduação/CONGRAD, com vistas à atualização curricular do referido curso.

Juiz de Fora/MG, Abril de 2018

Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF
Instituto de Ciências Humanas/ICH

**Atualização Curricular do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências
Humanas/BACH**

Comissão de Revisão:

Prof. Dr. Thiago Duarte Pimentel (DEPTUR)

Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert (DCSO)

Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães (DCSO)

Prof. Dr. Jonas Roos (DCRE)

Josefa Ferreira (TAE)

Juiz de Fora/MG, Abril de 2017

“Homo sum: humani nil a me alienum puto”¹

(Terêncio - 190 - 160 a.c)

“No fundo, há na nossa experiência da terra duas coisas só — o universal e o particular. Descrever o universal é descrever o que é comum a toda a alma humana e a toda a experiência humana — o céu vasto, com o dia e a noite que acontecem dele e nele; o correr dos rios — todos da mesma água sororal e fresca; os mares, montanhas tremulamente extensas, guardando a majestade da altura no segredo da profundidade; os campos, as estações, as casas, as caras, os gestos; o traje e os sorrisos; o amor e as guerras; os deuses, finitos e infinitos; a Noite sem forma, mãe da origem do mundo; o Fado, o monstro intelectual que é tudo... Descrevendo isto, ou qualquer coisa universal como isto, falo com a alma a linguagem primitiva e divina, o idioma adâmico que todos entendem. Mas que linguagem estilhada e babélica falaria eu quando descrevesse o Elevador de Santa Justa, a Catedral de Rheims, os calções dos zuavos, a maneira como o português se pronuncia em Trás-os-Montes? Estas coisas são acidentes da superfície; podem sentir-se com o andar mas não com o sentir. O que no Elevador de Santa Justa é o universal é a mecânica facilitando o mundo. O que na Catedral de Rheims é verdade não é a Catedral nem o Rheims, mas a majestade religiosa dos edifícios consagrados ao conhecimento da profundidade da alma humana. O que nos calções dos zuavos é eterno é a ficção colorida dos trajes, linguagem humana, criando uma simplicidade social que é em seu modo uma nova nudez. O que nas pronúncias locais é universal é o timbre caseiro das vozes de gente que vive espontânea, a diversidade dos seres juntos, a sucessão multicolor das maneiras, as diferenças dos povos, e a vasta variedade das nações. `

Transeuntes eternos por nós mesmos, não há paisagem se não o que somos. Nada possuímos, porque nem a nós possuímos. Nada temos porque nada somos. Que mãos estenderei para que universo? O universo não é meu: sou eu”.

(Fernando Pessoa – *Livro do Desassossego*)²

¹ “Sou um ser humano, portanto, nada que é humano me é estranho”

² PESSOA, Fernando (ano?). O Livro do Desassossego. São Paulo: Brasiliense. pp.289-290.

SUMÁRIO

1. DENOMINAÇÃO DO CURSO	6
<i>Dados do Curso:</i>	6
2. INTRODUÇÃO	6
3. APRESENTAÇÃO: INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS E CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO	7
I. DADOS INSTITUCIONAIS	7
<i>Dados da Mantenedora</i>	7
<i>Dados da Mantida</i>	7
II. HISTÓRICO DA UFJF	7
III. MISSÃO INSTITUCIONAL DA UFJF	9
IV. VISÃO INSTITUCIONAL DA UFJF	10
V. OS BACHARELADOS INTERDISCIPLINARES NO MUNDO E NO BRASIL	10
VI. JUSTIFICATIVA DA OFERTA DE UM CURSO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS	12
VII. BASES LEGAIS DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	16
<i>Os Bacharelados Interdisciplinares</i>	21
4. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O CURSO	22
I. CONTEXTUALIZAÇÃO: O PLANO DE EXPANSÃO E REESTRUTURAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E A PROPOSTA DO BACH NO ICH	22
II. CONCEPÇÃO GERAL	23
III. PRINCÍPIOS NORTEADORES DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	24
IV. OBJETIVOS DO CURSO	24
V. MISSÃO DO CURSO	25
VI. VISÃO DO CURSO	25
VII. PÚBLICO ALVO	25
VIII. PERFIL ACADÊMICO-PROFISSIONAL ALMEJADO	26
IX. ESTRATÉGIAS PARA ALCANCE DO PERFIL PROFISSIONAL DESEJADO: FORMAÇÃO EM CICLOS	29
X. POTENCIAIS CAMPOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO BACHAREL EM HUMANIDADES: EXPANDINDO O RAIO DE AÇÃO	29
XI. INSERÇÃO REGIONAL DO CURSO	30
XII. JUSTIFICATIVA PARA A OFERTA DESTE CURSO	31
5. ESTRUTURA DO CURSO	32
I. QUANTIDADE DE VAGAS	32
II. FORMAS DE INGRESSO	32
III. INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR	32
IV. ESTRUTURA CURRICULAR	32
V. MATRIZ CURRICULAR	36
<i>Flexibilidade do Currículo</i>	39
<i>Fluxograma ilustrando uma possível trajetória formativa</i>	39
<i>Trajetoória formativa e tempo de conclusão</i>	40
<i>Programação da oferta de disciplinas</i>	41
VI. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	46
VII. ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO	48
VIII. INTEGRAÇÃO COM OS CURSOS DE 2º CICLO	50
<i>Acesso aos Cursos do 2º Ciclo</i>	50
XI. ESTÁGIO	51
X. APROVEITAMENTO DE ESTUDOS	52
XI. CURRÍCULO DO BACH (1º CICLO)	52
XII. CONCILIAÇÃO DE ALTERAÇÕES CURRICULARES:	57
XIII. ATENDIMENTO À POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA	58
XIV. POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM, E O DESEMPENHO ACADÊMICO	58
XV. DESLIGAMENTO	59
XVI. DIPLOMAÇÃO	60
6. EMENTÁRIO	61
7. INFRA-ESTRUTURA OFERECIDA PELO CURSO	62
I. ESPAÇO FÍSICO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS /ICH	62
<i>ICH – ESPAÇO FÍSICO</i>	62
<i>ICH –NÚCLEOS E LABORATÓRIOS</i>	62
a) Ciência da Religião:.....	62
b) Ciências Sociais:	62

c) Filosofia:.....	62
d) Turismo:.....	62
e) Geografia:.....	63
f) História.....	63
g) Psicologia:.....	63
8. CORPO DOCENTE E RECURSOS HUMANOS ENVOLVIDOS.....	64
I. QUADRO ATUAL DE DOCENTES: QUANTIFICAÇÃO E QUALIFICAÇÃO	64
II. CONSIDERAÇÕES QUANTO À NECESSIDADE DE NOVOS DOCENTES	75
9. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DO CURSO	76
I. COORDENAÇÃO E SECRETARIA.....	76
II. COLEGIADO DO BACH.....	79
III. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) DO BACH.....	79
IV. REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL.....	80
10. DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS	80
I. ADAPTAÇÃO AO NOVO PPC	80
II. DO SISTEMA DE AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO E ACOMPANHAMENTO DO PPC.....	81
III. CRONOGRAMA.....	81
IV. QUESTÕES OMISSAS.....	81
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
ANEXO 1: FORMULÁRIO PARA ACOMPANHAMENTO DISCENTE DA CARGA HORÁRIA COMPLETADA NO BACH	83
ANEXO 2: MAPAS DO NOVO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS.....	84
ANEXO 3: EMENTÁRIO.....	88

1. DENOMINAÇÃO DO CURSO

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

(Modalidade: presencial)

Dados do Curso:

Registro e-MEC nº: 1120242

Autorização do Curso: Resolução 35/2009 CONGRAD/UFJF, de 26/08/2009

Reconhecimento do Curso pelo MEC: Portaria nº 545 - SERES/MEC, de 12 de setembro de 2014

Endereço: Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas

Universidade Federal de Juiz de Fora

Instituto de Ciências Humanas

Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário

Bairro São Pedro – CEP: 36036-900 – Juiz de Fora – MG

Telefone: +55(32)2102-3164

E-mail: coord.bach@uff.edu.br

Website: www.uff.br/bach

2. INTRODUÇÃO

Este é o segundo projeto pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (doravante BACH), curso instituído em 2010. O projeto original previa que no prazo de dois anos e meio de funcionamento o curso seria revisto e reavaliado à luz da experiência de seu funcionamento, além de adaptado às novas legislações que não estavam vigentes quando da sua primeira versão. Honrando esse compromisso inicial, para essa tarefa foi instituída uma comissão pelo Colegiado do curso, a qual reexaminou o PPC com vistas à sua adequação a parâmetros legais, pedagógicos e operacionais de sua gestão, haja vista a difícil tarefa de coordenar o fornecimento de disciplinas e vagas em disciplinas ofertadas por mais de 10 departamentos³, dispersos em quatro Institutos/Faculdades da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Como na primeira versão, este é um projeto cuidadoso e responsável, que também prevê avaliação de seus resultados, novamente em três anos. Este lapso temporal não é fortuito, já que corresponde ao tempo médio utilizado pelo graduando para conclusão do curso, conforme tem mostrado a experiência de gestão do curso. Igualmente, este documento não pretende ser definitivo, contudo, representa um esforço de construção de um horizonte de desenvolvimento, sem perder as características que consagraram o ICH.

Participaram da comissão de revisão os professores Prof. Dr. Thiago Pimentel, Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert, Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães, Prof. Dr. Jonas Roos, e Josefa Ferreira, Técnico Administrativo em Educação (TAE), todos membros do Colegiado do curso na ocasião da revisão do PPC.

É necessário agradecer o trabalho do TAE Daniel Prieto, entre os anos de 2013-2014, seguido pela TAE Josefa Ferreira, os quais foram responsáveis também por secretariar todo o trabalho. Na

³ No Instituto de Ciências Humanas: os Departamentos de Ciência da Religião, Ciências Sociais, Filosofia, Turismo, Geociências, História, Psicologia; além do Departamento de Artes do Instituto de Artes e Design, o Departamento de Estatística do Instituto de Ciências Exatas, os Departamentos de Letras e de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras.

versão original, vale ressaltar também que esse projeto é originalmente tributário de idéias da professora Edna Rezende, ex-diretora do IAD/UFJF, que cedeu o projeto do Bacharelado em Artes. Reiteramos o agradecimento ao ex-Reitor da Universidade Federal da Bahia, Prof. Dr. Naomar de Almeida Filho, por conta de das inspirações que aqui estão desde a primeira versão e foram testadas com sucesso. Enfim, este esforço de revisão e reconstrução da proposta deve-se à certeza da capacidade de inovação do ICH, preparado que está para o futuro e consciente da justiça desta proposta e do processo de expansão da Universidade com a qualidade que há muito já a caracteriza.

Nesse novo cenário, mais do que avaliar a experiência inicial de criação do curso e incorporar procedimentos, que aos poucos foram se implementando de forma *ad hoc* na rotina do curso, atualizando, portanto o PPC inicial, este novo projeto resolve questões cruciais necessárias ao funcionamento do mesmo como a questão da carga horária e a disposição, em novos arranjos, das disciplinas nos Eixos Temáticos e nas Áreas de Concentração, aprimorando o funcionamento do curso e ensinando uma orientação estratégica para o futuro.

3. APRESENTAÇÃO: INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS E CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO

I. DADOS INSTITUCIONAIS

Dados da Mantenedora

Razão Social: Ministério da Educação
CNPJ: 00.394.445/0188-17
Categoria Administrativa: Pessoa Jurídica de Direito Público - Federal
CEP: 70047-900 - Município: Brasília - UF: DF
Bairro: Plano Piloto Endereço: Esplanada dos Ministérios Bloco L
Portal: www.emec.gov.br
E-mail: mec@mec.gov.br

Dados da Mantida

Razão Social: Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
CNPJ: 26 121 806 / 0001 - 21
Ato de criação: Lei nº 3.858, de 23 de dezembro de 1960.
Ato autorizativo: Portaria 1.105, de 28 de setembro de 1998
Recredenciamento: Portaria MEC Nº 1441 de 7 de outubro de 2011
CEP: 36036-900 UF: MG - Município: Juiz de Fora
Bairro: Martelos Endereço: Campus Universitário UFJF
Portal: www.ufjf.edu.br E-mail: gabinete.reitoria@ufjf.edu.br
Organização Acadêmica: Universidade

II. HISTÓRICO DA UFJF

A Universidade Federal de Juiz de Fora foi criada no ano de 1960, por ato do então presidente Juscelino Kubitschek. A formação da Instituição se deu com a agregação de estabelecimentos de ensino superior de Juiz de Fora, reconhecidos e federalizados. Naquele momento, a Universidade oferecia os cursos de Engenharia, Medicina, Ciências Econômicas, Direito, Farmácia e Odontologia. Tempos depois, foram também vinculados os cursos de Geografia, Letras, Filosofia, Ciências

Biológicas, Ciências Sociais e História. Em 1969, foi construída a Cidade Universitária, a fim de concentrar os cursos em um único local. Os cursos de Licenciatura foram distribuídos entre as diversas unidades do campus. No mesmo ano nasceu o curso de Jornalismo, inicialmente como Departamento de Direito (UFJF, 2016a).

Na década de 70, com a Reforma Universitária, a UFJF passou a contar com 3 Institutos Básicos: Instituto de Ciências Exatas (ICE), Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). No ano de 1986, a instituição realizou o primeiro encontro de iniciação científica, atuando no sentido de despertar a vocação científica e incentivar novos talentos. Em 1999 foi criado o Centro de Ciências da Saúde (CCS), onde passaram a funcionar os cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina (UFJF, 2016a).

Já no ano 2006, com o objetivo de elevar a qualificação profissional dos acadêmicos da área de saúde e ampliar o atendimento à comunidade externa, foi construído um novo hospital de ensino: o Centro de Atenção à Saúde (CAS), que conta com os mais avançados equipamentos para o desenvolvimento de um trabalho diferenciado nos procedimentos de saúde, focando a idéia de atenção interdisciplinar. Ainda nesse mesmo ano, duas novas unidades foram criadas: o Instituto de Artes e Design (IAD) e a Faculdade de Letras (UFJF, 2016a).

Durante o ano de 2008, a UFJF aderiu ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI, com a proposta de aumento de 7923 matrículas em seus cursos de graduação, com a elevação progressiva da oferta de 2.140 vagas no início de 2008 para 3.790 ingressos anuais, patamar alcançado em 2012. O número de cursos de graduação aumentou para 72, dos quais 29 eram noturnos. A expansão prevista para a pós-graduação no mesmo período elevou a matrícula nos cursos de mestrado e doutorado de aproximadamente 600 para 1504 estudantes. O investimento total na construção de salas de aula, bibliotecas e laboratórios e a aquisição de equipamentos foi de R\$ 48.660.026,07, realizado no período 2008-2011 (UFJF, 2015a).

A expansão projetada para o período 2009-2013 aumentou o custeio anual da universidade em R\$ 33.927.649,74, mediante a admissão de 241 professores em regime de dedicação exclusiva, 250 técnico-administrativos em educação e a concessão de bolsas de mestrado e doutorado e de assistência ao estudante de graduação (UFJF, 2015a).

A UFJF tem hoje um papel importante na cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira e Vertentes, constituindo-se em referência para a formação de profissionais, desenvolvimento e inovação de tecnologias, pesquisa, extensão e prestação de serviços, principalmente, nas áreas tecnológicas, saúde e educação (2015a). Constitui-se como polo científico e cultural de uma região de 2,5 milhões de habitantes no Sudeste do Estado de Minas Gerais. Além disso, como o campus possui uma área total de 1.346.793,80 metros quadrados, faz parte da vida social de moradores e turistas (UFJF, 2016b).

A instituição atravessa um período de expansão, acompanhada da evolução em suas áreas de atuação. Atualmente, o campus possui 19 unidades acadêmicas, as quais oferecem cerca de 50 cursos e habilitações de graduação. A UFJF oferece ainda 57 cursos de especialização, MBA e residência, 30 de mestrado e 14 de doutorado, além de Ensino Fundamental e Médio, por meio do Colégio de Aplicação João XXIII (UFJF, 2016b). Além dos cursos oferecidos pela UFJF nas modalidades de graduação e pós-graduação, a Instituição, em parceria com o governo municipal, estadual e federal, desenvolve o programa de Educação a Distância (EAD), visando a universalização e democratização do acesso ao conhecimento. São oferecidos 6 cursos de graduação e 4 cursos de pós-graduação lato sensu, através do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Em 2012, a instituição lançou seu campus avançado na cidade de Governador Valadares, na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, com a oferta de vagas em nove cursos: Medicina, Odontologia, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Direito, Economia, Administração e Ciências Contábeis (UFJF, 2016b).

No tocante aos recursos humanos, a UFJF emprega diretamente mais de 2000 servidores públicos federais, distribuídos conforme o quadro abaixo.

Recursos Humanos

Categoria	Doutores	Mestres	Outros	Total
Professor Efetivo	443/-	208/-	118/-	769/-
Professor Substituto	/-	/-	/-	200/-
Professor Visitante	19/-	/-	/-	19/-
Técnico Administrativo Educacional	/-	/-	/-	1.144/-
Total de Servidores				2.132

Fonte: dados institucionais da UFJF (2016b).

Em relação à área da pesquisa científica, a UFJF possui uma produção significativa, estimulando também o processo de iniciação à ciência e de integração dos alunos de ensino médio com a pesquisa, havendo a oferta de bolsas variadas de iniciação científica, como também o programa Bolsa de Iniciação Científica Júnior (BIC-JR), sob a orientação de docentes, mestres e doutores. São desenvolvidos diversos programas de fomento em parceria com a FAPEMIG, o CNPq e a FINEP. Esses programas ajudam na formação de indivíduos bem qualificados profissionalmente. Para os professores da UFJF, a Universidade também conta com bolsas de apoio a recém-doutor (2015a). A Universidade conta com órgãos vinculados à pesquisa, que oferecem à comunidade acadêmica a infraestrutura e profissionais altamente qualificados para o desenvolvimento de atividades de pesquisa, ensino e extensão. São eles: o Centro de Biologia da Reprodução (CBR), o Centro de Pesquisas Sociais (CPS), o Arquivo Histórico, a Editora UFJF, o Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia (Critt), o Núcleo Softex-Agrosoft e as Empresas Juniores (2015a).

No âmbito cultural, a UFJF também investe na dinamização de espaços culturais e promove talentos para manter a comunidade universitária atualizada quanto às ações culturais em Juiz de Fora e região. Atualmente, a UFJF conta com 7 museus, 1 teatro e 2 prédios destinados à promoção de atividades artísticas e culturais. Além disso, são vinculados à Instituição o grupo de teatro Divulgação, o Coral Universitário e o Grupo de Dança da Faculdade de Educação Física e Desporto (FAEFID) (2015a). A UFJF coordena ainda alguns dos espaços e grupos culturais mais representativos da cidade, como o Cine-Theatro Central, Museu de Arte Moderna Murilo Mendes (Mamm) e Forum da Cultura, além de possuir outros museus no próprio campus, como de Arqueologia e Malacologia. Na área de extensão, cerca de 250 projetos estão sendo desenvolvidos em áreas como saúde, educação e direitos humanos, atendendo a um público estimado de 69.500 pessoas (UFJF, 2016b). Em um esforço de unir ensino, pesquisa e extensão, a UFJF desenvolve vários projetos junto à comunidade externa, o que reforça sua imagem de Instituição comprometida com o desenvolvimento, com a educação e com a sociedade (2015a).

O Hospital Universitário é centro de referência em atendimento de pacientes da rede SUS, em uma área de abrangência que engloba mais de 90 municípios da Zona da Mata Mineira e do estado do Rio. O Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora desenvolve, há mais de 40 anos, um trabalho de excelência na área de saúde, em níveis primário, secundário e terciário, conjugando atividades de ensino, pesquisa e extensão (UFJF, 2016b).

III. MISSÃO INSTITUCIONAL DA UFJF

A existência de uma Universidade justifica-se ao apresentar-se como espaço das diversidades, de reflexão crítica e de solidariedade, onde se cultiva e se aceita a diferença como um direito na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática, e ao mesmo tempo atua como ator social com forte capacidade institucional para apreender as necessidades fundamentais da sociedade visando à produção, sistematização e socialização do saber, para ampliar e aprofundar a formação do ser humano (UFJF, 2015a).

A UFJF tem como missão mobilizar e disponibilizar os diferentes saberes para a promoção do desenvolvimento regional, considerando a vocação e as peculiaridades da Zona da Mata mineira, contribuindo também para a base do desenvolvimento nacional, mantendo o compromisso com a preservação dos valores éticos, políticos, culturais, sociais e ambientais de uma sociedade pluralista, democrática e republicana com a participação e fomentação do desenvolvimento científico e tecnológico regional e nacional responsabilizando-se pela formação de cidadãos em todos os níveis de formação, em especial de Recursos Humanos voltados para ações no Ensino, Pesquisa e Extensão (UFJF, 2015a).

Art. 3º - A UFJF seguirá os seguintes princípios: I - liberdade de expressão através do ensino, da pesquisa e da divulgação do pensamento, da cultura, da arte e do conhecimento; II - pluralismo de idéias; III - gratuidade do ensino; IV - gestão democrática; V - garantia do padrão de qualidade; VI - indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Art. 4º - A formação universitária obedecerá aos princípios fundados no respeito à dignidade e aos direitos fundamentais da pessoa humana, e terá em vista a realidade brasileira, sendo vedado à Universidade tomar posição sobre questões político-partidárias ou religiosas, bem como adotar medidas discriminatórias ou baseadas em preconceitos de qualquer natureza.

Art. 5º - A Universidade tem por finalidade produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade de vida. (UFJF, 1998, p.1-2).

IV. VISÃO INSTITUCIONAL DA UFJF

A Universidade Federal de Juiz de Fora está localizada na cidade de Juiz de Fora, centro de influência e cidade-polo da Zona da Mata mineira. Sua localização privilegiada, entre três capitais (a 270km de Belo Horizonte, a 180km do Rio de Janeiro e a 480km de São Paulo), a coloca como alvo estratégico do turismo de eventos e negócios. Além disso, oferece um efervescente circuito cultural e artístico, onde se incluem museus, teatros e uma agitada vida noturna, com um diferenciado leque de opções para as mais variadas exigências. Além disso, a presença da UFJF em Juiz de Fora, a torna referência na formação de pessoal altamente qualificado nas áreas da Educação, Saúde e Tecnologia (UFJF, PDI 2009-2013, p.14).

V. OS BACHARELADOS INTERDISCIPLINARES NO MUNDO E NO BRASIL

A “Universidade” é uma instituição originada na Europa, como uma sucessão dos modelos educacionais, como o napoleônico e *humboldtiano*, diferenciando-se pela pluralidade política, religiosa, e econômica. Devido às políticas de financiamento do estado estas instituições se tornaram polos de difusão cultural.

A manutenção do financiamento e do controle da estrutura das Universidades foi mantido desde a assinatura do Tratado de Roma em 1957 - quando foi criada a Comunidade Econômica Europeia (CEE) - até 1992 quando a partir do Tratado de Maastricht criou-se a União Europeia (LIMA; AZEVEDO; CATANI, 2008).

A partir daí a União Europeia (UE) passou a exercer um papel fundamental nas decisões sobre as políticas educacionais de nível superior europeias, enfatizando um modelo institucional anglo-americano (LIMA; AZEVEDO; CATANI, 2008).

A assinatura da Declaração da Sorbonne em 1998 e da Declaração de Bolonha (1999) marca um movimento de criação de uma estandarização – uniformização - da oferta educacional superior

entre os países do continente europeu. Nesse sentido buscava-se construir um sistema capaz de promover a mobilidade e a inserção profissional. E, portanto, harmonizar a grande diferenciação e promover a coordenação de políticas, dos currículos, das cooperações internacionais, a fim de estabelecer critérios de qualidade, e metodologias passíveis de comparação entre os sistemas educacionais dos países inseridos na União Europeia (DECLARAÇÃO DE BOLONHA, 1999). Destaca-se que tais adequações de países membros e não-membros da EU, e estabelecimento do sistema europeu de educação superior, foi concluído até 2010.

No caso do Brasil, as reformas nas políticas públicas foram altamente influenciadas por modelos estrangeiros. Assim a reforma universitária de 1968, realizada durante o regime militar, teve o modelo departamental universitário norte americano como arquétipo. Posteriormente, na década de 1990, as reformas realizadas seguiram o modelo liberal ortodoxo. No final do século XX, o Processo de Bolonha influenciou mundialmente as políticas educacionais, a fim de equiparar centros universitários e suas estruturas de oferta educacional e funcionamento.

A reforma do sistema de educação superior no Brasil realizada na década de 1990, foi decorrente ao processo de Reforma do Estado, com influência neoliberal, e portanto priorizando o livre mercado e a competição. Em 2008 no Brasil ainda não havia uma norma legal consolidada para o ensino superior, mas um conjunto de leis – como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB -, de medidas provisórias e de resoluções ministeriais, bem como do Conselho Nacional de Educação (CNE), na condução das políticas educacionais do país. No primeiro mandato (2003-2006) do governo de Luís Inácio Lula da Silva, manteve características inerciais do período anterior (FHC) apesar de distintas características quanto aos planos de governo de cada período.

Para Lima, Azevedo e Catani (2008) a reforma universitária do Governo Lula se caracteriza por definir um modelo de financiamento universitário; criar uma política de cotas aos estudantes de escolas públicas (com atenção a negros e índios) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI), além de buscar a regulação da transnacionalização de IES privadas, regular as fundações. Adicionalmente foi criado um Conselho, com inserção da Comunidade, de sindicatos, de docentes e de funcionários. Também foi introduzido o princípio de Responsabilidade Social nas universidades; e práticas de avaliação e acreditação das IES a fim de assegurar a qualidade das instituições de educação superior.

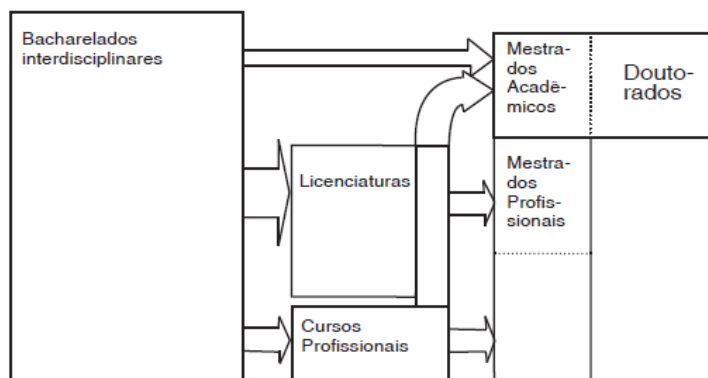
O início do segundo mandato do Presidente Lula, coincidiu com a tramitação do PL 7200/2006, com indicações para implantação da “Universidade Nova”, cuja proposta seria a mudança do modelo de estrutura acadêmica da educação superior, que passaria a ser formado por três ciclos: Bacharelado Interdisciplinar (BI) - 1º Ciclo -, que estaria focado na formação universitária geral, e seria um pré-requisito a progressão aos ciclos posteriores; Formação Profissional - 2º Ciclo – por meio de licenciaturas ou carreiras específicas; Pós-Graduação - 3º Ciclo – especializado na formação acadêmica científica, artística e profissional.

A publicação do Decreto nº. 6.096, de 24 de abril de 2007, que instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), marcou a implementação da proposta da “Universidade Nova”, com os objetivos de reestruturar a universidade, garantir a permanência dos alunos, utilizando e reestruturando a estrutura física e de recursos humanos destas IES, além dos investimentos financeiros (BRASIL, 2007). Estas mudanças tinham como finalidade a capacitação para a competição entre as universidades públicas brasileiras. Destaca-se que tais mudanças implicariam em uma reestruturação para o ajustamento da estrutura dos currículos da universidade pública brasileira, a partir da construção de um modelo compatível, com o Modelo Norte-Americano e o Modelo de Bolonha, que contudo não se submeteria exclusivamente a um desses regimes (LIMA; AZEVEDO; CATANI, 2008). Além disso, foi proposto incorporar novas modalidades de processo seletivo para a inserção no ensino superior tanto de graduação como de pós-graduação (UFBA, 2007).

Um instrumento de viabilização de tais objetivos foi o Bacharelado Interdisciplinar (BI), a sua estrutura e componentes curriculares (LIMA; AZEVEDO; CATANI, 2008).

pode ser definido como curso de formação universitária interdisciplinar, “geral e propedêutica”, devendo servir como requisito para: a) formação profissional de graduação; b) formação científica ou artística de pós-graduação. A Carga Curricular do Bacharelado Interdisciplinar baseia-se no conceito de Blocos Curriculares, definidos como conjunto de módulos (cursos, disciplinas, atividades, programas, trabalhos orientados) cobertos pelos alunos durante o semestre ou quadrimestre letivo. [...]” (UFBA, 2007, p. 9-10).

Figura 1 – Arquitetura curricular da Universidade Nova



Fonte: UFBA, 2007, p. 9 citado em LIMA; AZEVEDO; CATANI (2008, p.25).

VI. JUSTIFICATIVA DA OFERTA DE UM CURSO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Não é surpreendente que o campo das Humanidades oferecesse uma proposta de sua afirmação. Não que ela não estivesse bem representada na História, nas Letras e nas Artes, nos estudos sobre Sociedade, Cultura e Filosofia, mas exatamente porque estas áreas, com sua notável expansão em direção a um saber especializado, necessitam estabelecer um diálogo interdisciplinar essencial para a compreensão da contemporaneidade. Por um lado, vive-se o cotidiano em um universo social marcado por princípios utilitários, com racionalidade instrumentalizada e imediata, com formação cada vez mais compartimentalizada e com áreas de saber muito fechadas sobre si próprias. Este diagnóstico verifica uma redução sobre a capacidade em dialogar com este mundo tão plural, reduzindo o campo comum de debate entre áreas irmãs em nome de uma esfera científica autônoma para cada uma. A autonomia é importante como sempre foi, mas a redução da capacidade dialogal empobrece a reflexão sobre a condição humana, uma das bases dos estudos em Humanidades.

Por outro lado, aquilo que pode ser denominado de “humanidades” não é um conceito vazio ou desimportante. Isto porque existe uma importante revalorização do conhecimento que este campo produz, desde o diálogo com a ciência “dura” até o debate ciência/religião, da relevância da arte à capacidade da sociedade elaborar o conhecimento sobre si próprio de forma integrada.

Afirmar a necessidade de diálogo interdisciplinar aparenta ser lugar-comum. Aliás, a própria necessidade em se “afirmar” algo, nesta frase, reflete o espírito da época. Afinal, dada a notória *interface* entre política, literatura, história e filosofia, ou entre filosofia, arte e ocupação do espaço, não pareceria necessário discorrer sobre *interface*. O discurso manifesto parece superar tão amplamente o latente, que este último parece recordar um conteúdo reprimido no inconsciente, pois, ao mesmo tempo em que se louva a “interdisciplinaridade”, existe uma corrida acelerada para a afirmação da especificidade.

Obviamente que esse fenômeno é compreensível diante de todo o poderoso ferramental de construção da afirmação do conhecimento científico, filho do positivismo, de Spencer, de Bentham, mas também do velho Iluminismo, que ao reforçar as luzes da razão também iluminava a fragmentação futura. Neste sentido, no tempo de Adam Smith, o fundador da “ciência triste” (a Economia, que

recebeu esta alcunha após as sombrias previsões do Reverendo Malthus), não era um economista, mas um filósofo moral do século XVIII, alguém que ainda combinava, com naturalidade, filosofia, literatura e política. Mas, dificilmente Smith imaginaria que os desdobramentos de sua visão naturalista do mundo desembocariam no utilitarismo de Bentham e no amoralismo de mercado de Spencer. Talvez ele estivesse mais próximo de John Stuart Mill, mas certamente longe da desenfreada racionalidade objetiva da economia neoclássica. Weber, por sua vez uma referência central, denominou o processo de desencantamento do mundo, e na sua imagem as esferas que se deslocavam para campos específicos.

Em nome da marcha da razão, as Ciências Humanas foram se autonomizando e criando seu campo especializado, seu *locus* privado em um mundo que exigia a auto-afirmação em nome de sua existência independente. Ao raiar do século XXI, esse processo se completou no próprio discurso de cada disciplina, ainda que persistam elementos de universalidade sobrepostos, camada a camada. Esse processo também se auto-reforça através de um paralelismo com o agente maximizado, típico da razão instrumental: as ciências tendem a maximizar seus interesses de campo, apenas estabelecendo parâmetros coletivos a partir de seus interesses privados. Isto não é um mal absoluto, em um mundo que realmente precisa ser interpretado por mapas cognitivos de área, mas está longe de constituir um produtor de “outra” racionalidade e de um conhecimento mais integrado, que possa ofertar ferramentas (um conceito instrumental) para construir um universo de possibilidades interpretativas, desenvolvimento de competências e cultura (um princípio emancipatório) para melhor preparar uma própria formação especializada.

A pluralidade não pode ser substituída por um saber fechado. O conhecimento específico de UM campo é essencial, indispensável, para o mundo contemporâneo e para a própria afirmação de cada área. Mas, uma formação essencialmente fechada é incompatível com o espírito das Humanidades. Ela pode ser da melhor qualidade (e certamente o é), mas o mundo não pode ser encerrado na província intelectual. Qual o mal, em si, em permitir a construção de mapas cognitivos pessoais dos estudantes a partir de campos distintos, em realizar um “*footing*” intelectual pela sociologia e descobrir Weber na lógica dos espaços? Ou ler Machado e se encontrar com o poder médico no Rio de Janeiro? Ou interessar-se pelo existencialismo e enveredar pelos caminhos da política francesa e o papel da Universidade Européia? Pois o conhecimento é surpreendente: até os implacáveis defensores de Marx (muitas vezes tão contrários ao próprio autor) podem descobrir rasgos de evolucionismo e eurocentrismo. Alguns podem até compreender os trabalhadores sem terra no Brasil a partir de diálogo com as guerras camponesas na Europa, ou compará-las com a liberação do mercado de terras após a Guerra da Secessão americana. Ou descobrir, interessado em Turismo, como a concepção de espaço e lugar interpõe-se sob mediação da história, da cultura e do espaço social. Ou ainda da filosofia e da arquitetura: por que as cidades ideais e seus projetos renascentistas guardavam profunda relação com o Humanismo? Por que as comunas medievais e seu comunitarismo secular podem facilitar modelos de organização econômica na Emilia Romagna atual, mas o mesmo modelo fracassa no Brasil? Estas são apenas algumas questões específicas que podem ser traduzidas em um mundo de conhecimento vasto e integrado, para além das meras menções de interdisciplinaridade possíveis. Compreender o mundo ainda é fazer conexões, inclusive das Humanidades, com as denominadas Ciências Naturais. Continua sendo necessário conhecer Matemática para aprimorar conhecimento científico em certo nível; continua sendo necessário conhecer e dialogar com a Biologia para melhor compreender, por exemplo, a evolução e seus desdobramentos.

É evidente que todos estes pontos não podem ser esclarecidos em um único curso, e que as interfaces são em número quase ilimitado. Trata-se exatamente disto a proposta das Ciências Humanas como um curso específico: fornecer instrumentos, desenvolver capacidades, estimular conexões, solucionar problemas, compreender a necessidade mesma das relações, aproximar-se dos diferentes objetos e saber escolher, ao fim e se assim desejar, qual área especializada deseja aprimorar, tornar-se um profissional mais preparado a solucionar problemas, pronto a reconhecer a

diversidade e a pluralidade dos mundos. Autores são sempre intérpretes do mundo, mas o mundo é sempre mais complexo que apenas um autor ou uma área; a complexidade do mundo exige mais de um código e estes códigos sofrem mutações. Somente essas duas lições fundamentais, transitando por variadas áreas, serão algo para toda a vida.

O que a proposta de um curso de Ciências Humanas traz é uma viagem “invertida”. Se antes o traslado intelectual obrigou a uma forte especialização em nome do *status* de ciência, agora se propõe que seja revalorizada e reconfigurada a formação geral nas Ciências Humanas. Não como um fim em si, mas como um meio para atender dois pontos essenciais: estimular a interdisciplinaridade e uma concepção mais estruturada do mundo contemporâneo por diferentes *approaches*, *pari passu* a construção de uma base de escolha mais forte visando a própria especialização em um dos campos científicos das próprias Ciências Humanas e/ou áreas correlatas.

Tomando emprestadas as sugestões de Sergio Paulo Rouanet, há quatro argumentos favoráveis a uma revalorização efetiva das Humanidades: um contrapeso à cultura tecnocrática (mas sem nenhuma hostilidade à razão científica), tornar o espírito humano mais versátil, estimular o pensamento crítico e simplesmente pelo prazer (nem sempre sublime, mas em todas as suas formas). Ao defini-las, Rouanet propõe chamar Humanidades, “as disciplinas que contribuam para a formação (*Bildung*) do homem, independentemente de qualquer finalidade utilitária imediata ... estruturar uma personalidade segundo uma certa *paidea*, vale dizer, um ideal civilizatório e uma normatividade inscrita na tradição, ou simplesmente proporcionar um prazer lúdico” (Rouanet, 1987, p.309.). Em outra chave, Renato Janine Ribeiro, ao propor um curso de Humanidades para a USP, elabora seis teses implicadas em um curso desta natureza: (1) em um mundo em mudança, é preciso abrir espaços de experimentação; (2) a Universidade não pode clonar o mercado, mas fornecer uma base sólida para que o aluno possa navegar; (3) formar uma cultura para a pesquisa; (4) conhecer o cerne dos problemas e não preocupar-se excessivamente com aspectos burocráticos; (5) não buscar propor sínteses ilusórias, ou mesmo harmônica das coisas e (6) não cristalizar-se institucionalmente (RIBEIRO, 2001, p.11-24). O que aqui se propõe não é apenas lúdico e muito menos apenas mais um curso. É a constatação de que, para navegar no mar revolto da contemporaneidade, é preciso mais que um saber fechado; procurar com uma bússola rotas diferentes antes que o caminho seja efetivamente escolhido.

Poucos discordam que existe hoje uma forte indeterminação em diferentes escalas da vida social, agravadas por variadas incertezas. Zygmunt Bauman (2000) fala em redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade, afetando as instituições, as configurações, constelações e padrões de dependência e interação; não há fatos auto-evidentes nesses padrões; há velocidade e variabilidade do tempo-espaco. Mas isso não significa incompreensão ou impotência intelectual; significa antes a possibilidade múltipla e de interação de conhecimentos. É preciso encontrar uma narrativa mais estruturada, no sentido de conectar experiências e acumular experiências. Enfrentar o que Sennet nomeia de cultura debilitada, aquela de um modo de vida cada vez mais superficial, cultura emergente que repudia o esforço e o compromisso corporificados em uma perícia artesanal (SENNET, 2006).

Este diagnóstico breve das mazelas do capitalismo mais recente é apenas uma expressão da necessidade de enfrentar a modernidade tardia como desafio. Não porque seja preciso recuar ao mundo renascentista, ao passado orgânico de uma *paidea* estruturada. É preciso antes preocupar-se com o presente, contribuir para uma reconstrução interpretativa e uma narrativa aptas para fornecer a base para uma vida menos danificada. Integrar áreas de conhecimento em prol de um projeto mais orgânico e que se situa além da imperiosa necessidade do mercado, da reprodução do mundo fragmentado, e por isso mesmo, escapar da produção do seu contrário, o dogmatismo estéril, intelectual e prático, que, ao invés de oxigenar, cristaliza o mundo em um conhecimento pré-estruturado.

A Universidade recebe um público que vive na esfera do fragmento e da cristalização. Um público pouco preparado para determinar, na tenra idade de 17 anos, seus caminhos profissionais. Em

um mundo fluido, veloz, que solapa as bases da perícia artesanal comentada por Sennet, como é possível definir a especialização? Se o próprio trabalho enfrenta desafios e exige uma grande capacidade adaptativa, também erodindo a estabilidade por essa mesma exigência, por que tanta certeza sobre o futuro antes da segunda década de vida?

É possível aspirar mais, permitir experimentação, criar, ainda que minimamente, melhores condições para a formação futura. E, ainda que, para horror de muitos, também aceitar e estimular aqueles que desejam realizar seus desejos de mais conhecimento, de prazer lúdico, assim como aqueles que já trabalham, que desejam um curso superior que lhes abra horizontes e permita, em seu próprio emprego, desenvolver melhor suas capacidades.

Apresentamos essas reflexões porque um curso que permita escolhas, formação múltipla e interdisciplinar, flexibilidade na ação, pode gerar um efeito contrário ao esperado pelos críticos mais ácidos, preocupados com um curso “curto”, “confuso” e que “cede” ao mercado. Esta postura pode vedar os olhos a uma cultura mais ampla, aberta, que pode fornecer ferramentas importantes àqueles que o fazem, seja preparando para a própria formação em um segundo ciclo profissional, seja melhorando o próprio desempenho em sua atividade atual ou mesmo em atividades profissionais não reguladas no rol de profissões oficiais, oriundas dos anos 30 do século passado. A crítica sobre “ceder” ao mercado é ainda mais curiosa: não seria exatamente ao contrário? Ou a Universidade agora deve preocupar-se em ceder à especialização precoce e apenas às profissões regulares em um ciclo único de 4 ou 5 anos? Não há espaço para inovação em nenhuma área de atividade que não seja regulamentada ou consagrada? Por que não realizar um curso de primeiro ciclo, terminal, que ofereça mais uma opção de formação, permitindo que o aluno possa receber mais um diploma? Será que somente deve ser fornecido a cada aluno uma formação fortemente especializada? Ele não pode se preparar para a vida adulta plena melhorando a qualidade da formação cultural, e preparar-se recebendo incentivos para criar, reinventar e estar preparado para aprender por toda a vida? Não um conteúdo pré-definido, mas preparado para responder aos desafios do presente.

O diálogo com o mundo do trabalho não desaparece, ele aqui permanece como referência. A formação específica tradicional, em um modelo de capitalismo mais estável, de base tecnológica menos fluida, com profissões de longo curso e “carreiras” estáveis está superado por uma combinação inédita de complexidade, incerteza, instabilidade, singularidades e novos conflitos, dramatizando aquilo que Marx, já no século XIX, tratava como a solidez que se “desmancha” no ar. Pois o próprio capitalismo é atravessado por fenômenos globais, multidimensionais e de *long run* que redimensionam os conflitos, as relações sociais e o mercado de trabalho. Ao mesmo tempo em que estas dimensões se manifestam, é preciso estar preparado para compreendê-las e interpretá-las à luz da própria vida humana concreta. E também viver nessas condições, reproduzir a própria vida no trabalho, criticar essas condições. Compreender e enfrentar as mudanças tecnológicas, a globalização, as redes, os novos processos de trabalho. A única forma para fortalecer essa dimensão é uma integração mais sistêmica entre os campos de conhecimento, fortalecendo a cultura e a capacidade de escolha até como instrumento crítico deste mundo. Isto permitirá, àqueles que desejarem, permanecer em um diploma geral com mais capacidade, ou fortalecer a formação específica com uma formação de qualidade superior, até melhorando a própria área profissional escolhida.

Afinal, uma tarefa essencial nestes tempos é lidar com a inovação e com a velocidade de mudança. Um curso de Ciências Humanas deve ser capaz de fornecer instrumentos críticos, culturais e analíticos para abrir uma janela de oportunidade diante da complexidade. A regra da inovação e da capacidade em adaptar e interpretar esta inovação com base em instrumentos analíticos e reflexivos das Ciências Humanas pode permitir lições que as pessoas carregarão ao longo de sua vida. Não como um aprendizado “fechado”, mas que permita abertura à inovação e capacidade interpretativa, facilitando sua rota em um mundo de risco e oportunidade que exige mais flexibilidade. Não porque o mercado deseja, mas porque é essencial ao homem navegar na adversidade e na complexidade. Nada melhor que as Ciências Humanas e as Humanidades (em geral) para iluminar esse caminho.

VII. BASES LEGAIS DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Em 1961, a Lei nº 4.024 fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. No seu artigo 9º, alínea “e”, foi atribuída ao Conselho Federal de Educação (CFE) a competência para “estabelecer a duração e o currículo mínimo dos cursos de ensino superior, conforme o disposto no artigo 70”.

Essa determinação motivou estudo sobre a duração dos cursos superiores, realizado pelo então Conselheiro Valnir Chagas e registrado no Parecer nº 52 do CFE, em 1965. Argumentava que a fixação da duração dos cursos superiores deveria levar em consideração as características do contexto no qual o curso é oferecido (“diferenças econômicas, sociais e culturais das regiões”); a qualidade de ensino e da infra-estrutura das instituições de ensino; e as aptidões, motivações e oportunidades dos estudantes. Assim, Chagas considerava inadequada a definição da duração única, expressa em anos letivos, por ignorar “todas as condicionantes do processo educativo”. A proposta de Chagas definia a duração de um curso superior como “o tempo útil, obrigatório em todo o País, para a execução do currículo com o necessário aproveitamento” e admitia variações no tempo total, em anos, para conclusão do curso.

O referido Parecer foi homologado em 1965 e deu origem à Portaria MEC nº 159/65 que regulamentou a duração de cursos de graduação no Brasil, especificando o tempo útil (mínimo necessário para execução do currículo fixado para o curso) e o tempo total (período compreendido entre a primeira matrícula e a conclusão dos cursos) de duração dos cursos, fixando em horas o limite mínimo, o tempo médio e o limite máximo para integralização de cada curso. Além disso, a Portaria especificou o enquadramento da duração dos cursos em anos. Seguindo a indicação da possibilidade de variações no tempo total para conclusão dos cursos superiores. Em seqüência a esse processo, a partir de 1962 e até o início dos anos 70, foram fixados, por meio de Pareceres e Resoluções do Conselho Federal de Educação, os currículos mínimos, por curso, nas modalidades de Bacharelado e de Licenciatura, com conseqüente homologação por Portarias Ministeriais.

Com a edição da Lei nº 5.540/68, o Conselho Federal de Educação, de forma complementar ao seu art. 26, “fixará o currículo mínimo e a duração dos cursos superiores correspondentes a profissões reguladas em lei e de outros necessários ao desenvolvimento nacional”, o Decreto-Lei nº 464, de 11 de fevereiro de 1969, que revogou parcialmente a Lei nº 4.024/61, estabeleceu, no art. 14, que “dependem de homologação do Ministro da Educação e Cultura os pronunciamentos do Conselho Federal de Educação”, previstos na Lei nº 5.540 e no próprio Decreto.

Completando o ciclo de estruturação dos cursos, mediante a definição de sua duração, carga horária e currículos mínimos, vieram a Indicação nº 8, de 4 de junho de 1968, e o Parecer 85/70. Pelo primeiro instrumento, coube ao CFE, através de Comissão Especial designada, fixar normas para reexame dos mínimos de conteúdo e duração dos cursos superiores de graduação. Já o Parecer estabeleceu normas para aplicação dos currículos mínimos.

O art.18 da referida Lei definia que “além dos cursos correspondentes a profissões reguladas em lei, as universidades e os estabelecimentos isolados poderão organizar outros para atender às exigências de sua programação específica e fazer face à peculiaridade do mercado de trabalho regional”. Já o art. 23 da mesma Lei estabelecia que “os cursos profissionais poderão, segundo a área abrangida, apresentar modalidades diferentes quanto ao número e à duração a fim de corresponder às condições do mercado de trabalho” e que “serão organizados cursos profissionais de curta duração, destinados a proporcionar habilitações intermediárias de grau superior” (Parágrafo 1º). Posteriormente, com a edição do Decreto-Lei nº 547, de 18 de abril de 1969, foi autorizada a “organização e o funcionamento de cursos profissionais superiores de curta duração”, os quais seriam “destinados a proporcionar formação profissional básica de nível superior”, conforme necessidades e características dos mercados de trabalho regional e nacional.

Em meados dos anos 70, o sistema de ensino superior brasileiro começou a apresentar inovações quanto à duração, havendo a introdução de cursos de curta duração. O Parecer nº 2.713,

aprovado pelo CFE em 6 de agosto de 1976, além de sugerir a fixação de currículo mínimo para o curso de formação de “Tecnólogo em Processamento de Dados”, trouxe uma análise da situação dos cursos de curta duração implantados, desde 1973, então em processo de expansão. Informava o Parecer que, em 1976, foram oferecidas em 126 cursos mais de 7.000 vagas iniciais, havendo uma estimativa de que no ano seguinte os cursos de curta duração representariam 10% da matrícula total em cursos universitários do país. Nesse sentido, importa salientar que a implantação de cursos superiores de curta duração é uma experiência de quase três décadas. Apesar dessa experiência de inovação e diversificação do ensino superior, preservou-se, nas iniciativas do CFE, a ênfase na fixação de currículos mínimos, de duração mínima em carga horária dos cursos, com correspondentes prazos mínimos e máximos para integralização.

Em 24 de novembro de 1995, foi sancionada a Lei nº 9.131, alterando dispositivos da antiga LDB (Lei nº 4.024/61). Revendo o art. 7º, dispôs a Lei que o Conselho Nacional de Educação (CNE), substituto do antigo CFE, “terá atribuições normativas, deliberativas e de assessoramento ao Ministro de Estado da Educação e do Desporto, de forma a assegurar a participação da sociedade no aperfeiçoamento da educação nacional”. O CNE ficou composto por duas Câmaras – Câmara de Educação Básica (CEB) e Câmara de Educação Superior (CES) – cada qual constituída por doze conselheiros. Dentre as atribuições concedidas à CES está a de “deliberar sobre as diretrizes curriculares propostas pelo Ministério da Educação e do Desporto, para os cursos de graduação” (art. 9º, § 2º, alínea “c”).

Com a LDB, Lei nº 9.394, de 1996, foram estabelecidas algumas medidas referentes aos temas acima citados: eliminação da exigência de currículos mínimos, observância de diretrizes gerais para os currículos de cursos e programas de educação superior e ampliação da duração mínima do ano letivo regular (de 180 para 200 dias). Destaque-se que tais medidas inseriam-se em espírito mais amplo de uma proposta de reestruturação do sistema de ensino superior no país, com menor ênfase na centralização, e em prol de maior autonomia para que as instituições pudessem inovar, atendendo às demandas regionais e nacionais.

No que diz respeito à duração de cursos de graduação, a nova LDB abre perspectivas amplas para que as instituições de educação superior organizem seus cursos e programas. Respeitados os duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo, excluído o tempo reservado para os exames finais, tais instituições têm liberdade para organizar seus cursos, como lhes aprouver. A Lei permite que se opte por um período letivo anual, e também que se dividam os 200 dias por dois semestres, ou por períodos inferiores (quadrimestre, trimestre), conforme a necessidade do curso.

Na mesma direção, a carga horária necessária para a integralização dos currículos não está mais presa à determinação de currículos mínimos para cada curso. Facultou-se às Instituições, portanto, ampla liberdade para a fixação do conteúdo necessário para que o estudante tenha atestado, pelo diploma, a formação recebida em seu curso superior.

Seguindo a nova orientação da política para o ensino superior, a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer CNE/CES nº 776, de 3 dezembro de 1997, dispondo sobre a orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação. Este Parecer salientava que a “figura do currículo mínimo teve como objetivos iniciais, além de facilitar as transferências entre instituições diversas, garantir qualidade e uniformidade mínimas aos cursos que conduziam ao diploma profissional”.

O Parecer em destaque também ressaltava que os currículos formulados na vigência de legislação revogada pela LDB caracterizavam-se por excessiva rigidez, advinda, “em grande parte, da fixação detalhada de mínimos currículos”. Como conseqüência, resultou na progressiva diminuição da margem de liberdade que fora concedida às Instituições para organizarem suas atividades de ensino. Ademais, informava o Parecer, “na fixação de currículos muitas vezes prevaleceram interesses de grupos corporativos interessados na criação de obstáculos para o ingresso em um mercado de trabalho marcadamente competitivo, o que resultou, nestes casos, em excesso de disciplinas obrigatórias e em desnecessária prorrogação do curso de graduação”.

Como consequência, e à luz da nova orientação provida pela LDB, indicava a “necessidade de uma profunda revisão de toda a tradição que burocratiza os cursos e se revela incongruente com as tendências contemporâneas de considerar a boa formação no nível de graduação como uma etapa inicial da formação continuada”. No entendimento firmado pelo citado Parecer, as novas diretrizes curriculares deveriam “contemplar elementos de fundamentação essencial em cada área de conhecimento, campo do saber ou profissão, visando promover no estudante a capacidade de desenvolvimento intelectual e profissional autônomo e permanente”. Além disso, deveriam “pautar-se pela tendência de redução da duração da formação no nível de graduação”, e ainda “promover formas de aprendizagem que contribuam para reduzir a evasão, como a organização dos cursos em sistemas de módulos”.

Em síntese, no entendimento do CNE/CES, as orientações curriculares constituem referencial indicativo para a elaboração de currículos, devendo ser necessariamente respeitadas por todas as Instituições de Educação Superior. Com o propósito de “assegurar a flexibilidade e a qualidade de formação oferecida aos estudantes”, as diretrizes deveriam observar os seguintes princípios:

- Assegurar, às instituições de ensino superior, ampla liberdade na composição da carga horária a ser cumprida para a integralização dos currículos, assim como na especificação das unidades de estudos a serem ministradas;
- Evitar o prolongamento desnecessário da duração dos cursos de graduação;
- Incentivar uma sólida formação geral, necessária para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios de renovadas condições de exercício profissional e de produção do conhecimento, permitindo variados tipos de formação e habilitações diferenciadas em um mesmo programa; dentre outras.

À mesma época, por meio do Edital nº 4/97, convocou as Instituições de Educação Superior a encaminharem propostas para a elaboração das diretrizes curriculares dos cursos de graduação, que deveriam ser sistematizadas por Comissões de Especialistas de Ensino de cada área. Pelo Edital, as “Diretrizes Curriculares têm por objetivo servir de referência para as IES na organização de seus programas de formação, permitindo uma flexibilização na construção dos currículos plenos e privilegiando a indicação de áreas de conhecimento a serem consideradas, ao invés de estabelecer disciplinas e cargas horárias definidas”. Deveriam, portanto, contemplar a denominação de diferentes formações e habilitações para cada área de conhecimento, explicitando os objetivos e demandas existentes na sociedade, possibilitando ainda a definição de múltiplos perfis profissionais.

A SESu/MEC propôs sete orientações básicas para elaboração das Diretrizes: perfil desejado do formando; competências e habilidades desejadas; conteúdos curriculares; duração dos cursos; estrutura modular dos cursos; estágios e atividades complementares; conexão com a avaliação institucional. Desse conjunto de orientações, destaca-se a busca por flexibilidade de cursos e carreiras, com a promoção da integração do ensino de graduação com a pós-graduação. As diretrizes objetivavam conferir maior autonomia às IES na definição dos currículos de seus cursos, havendo, em lugar do sistema de currículos mínimos, a proposição de linhas gerais capazes de definir as competências e habilidades que se deseja desenvolver. Salienta-se que a presença de conteúdos essenciais busca garantir uma uniformidade básica para os cursos, sem prejuízo da liberdade das IES para “definir livremente pelo menos metade da carga horária mínima necessária para a obtenção do diploma, de acordo com suas especificidades de oferta de cursos”.

Especificamente sobre a duração dos cursos, o Edital 4/97 definiu a necessidade de ser “estabelecida uma duração mínima para qualquer curso de graduação, obrigatória para todas as IES”, a partir da qual estas teriam autonomia “para fixar a duração total de seus cursos”. Quanto à questão do tempo máximo para integralização do curso, definiu-se que deveria ser pensada em termos percentuais, “através de um acréscimo de até 50% sobre a duração dos mesmos em cada IES”.

Em seqüência ao processo iniciado pelo Edital nº 4, segmentos significativos da sociedade, das IES universitárias e não universitárias, das organizações docentes, discentes e profissionais participaram de seminários, fóruns e debates. Esgotado o prazo estabelecido pelo Edital, as Comissões

de Especialistas de Ensino (CEEs) foram convocadas para sistematizarem as sugestões apresentadas e produzirem as propostas que seriam enviadas ao CNE.

Foram definidos cinco objetivos e metas para as Diretrizes Curriculares Nacionais:

- Conferir maior autonomia às Instituições de Educação Superior na definição dos currículos de seus cursos, a partir da explicitação das competências e das habilidades que se deseja desenvolver, através da organização de um modelo pedagógico capaz de adaptar-se à dinâmica das demandas da sociedade, em que a graduação passa a constituir-se numa etapa de formação inicial no processo contínuo da educação permanente;
- Propor uma carga horária mínima em horas que permita a flexibilização do tempo de duração do curso de acordo com a disponibilidade e esforço do aluno -;
- Otimizar a estruturação modular dos cursos, com vistas a permitir um melhor aproveitamento dos conteúdos ministrados, bem como a ampliação da diversidade da organização dos cursos, integrando a oferta de cursos seqüenciais, previstos no inciso I do art. 44 da LDB;
- Contemplar orientações para as atividades de estágio e demais atividades que integrem o saber acadêmico à prática profissional, incentivando o reconhecimento de habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar; e
- Contribuir para a inovação e a qualidade do projeto pedagógico do ensino de graduação, norteando os instrumentos de avaliação.

As primeiras propostas sistematizadas foram divulgadas na Internet, em dezembro de 1998, a fim de suscitar sugestões e críticas. Além disso, a maioria das áreas promoveu encontros e seminários em todo o país, para consolidar as propostas. A SESu/MEC atuou recebendo as sugestões e críticas, para que fossem agregadas à versão final, que seria divulgada também na Internet, para posterior encaminhamento ao CNE, em um processo que se estendeu por cerca de dois meses em cada uma das áreas.

As propostas resultantes foram então agrupadas em blocos de carreiras, considerando o critério utilizado pela CAPES:

- Ciências Biológicas e Saúde: Biomedicina, Ciências Biológicas, Economia Doméstica, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Terapia Ocupacional.
- Ciências Exatas e da Terra: Ciências Agrárias, Estatística, Física, Geologia, Matemática, Medicina Veterinária, Oceanografia e Química.
- Ciências Humanas e Sociais: Artes Cênicas, Artes Visuais, Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Geografia, História, Letras, Música, Pedagogia e Psicologia.
- Ciências Sociais Aplicadas: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Biblioteconomia, Comunicação Social, Hotelaria, Serviço Social, Secretariado Executivo e Turismo.
- Engenharias e Tecnologias: Arquitetura e Urbanismo, Computação e Informática, Design, Engenharias e Meteorologia.

Posteriormente, foi promulgada a Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE). Este tinha, em síntese, os seguintes objetivos:

- a elevação global do nível de escolaridade da população;
- a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis;
- a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública; e
- a democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na

elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

O PNE estabeleceu para a educação superior 23 (vinte e três) objetivos e metas. Dentre estes, cumpre ressaltar o décimo primeiro: “Estabelecer, em nível nacional, diretrizes curriculares que assegurem a necessária flexibilidade e diversidade nos programas de estudos oferecidos pelas diferentes instituições de educação superior, de forma a melhor atender às necessidades diferenciais de suas clientela e às peculiaridades das regiões nas quais se inserem”.

O Parecer CNE/CES nº 583/2001, aludindo à nova LDB, ressalta que, em atenção à necessária revisão da tradição que burocratizara os cursos e ante as tendências contemporâneas de inserir a graduação no contexto da formação continuada, foi assegurado ao ensino superior maior flexibilidade na organização curricular. Quanto ao trabalho de enquadramento das propostas de diretrizes curriculares, iniciado em dezembro de 1997 com o Edital nº 4, enfatizou-se o volume de trabalho empreendido – “1.200 propostas bastante heterogêneas que foram sistematizadas” – e a variedade resultante “em termos de duração dos cursos em semestres: de quatro até doze e de carga horária, de 2.000 até 6.800 horas”.

Após referir-se aos dispositivos anteriores relativos à questão, o Parecer CNE/CES nº 583/01 afirma que a CES/CNE “decidiu adotar uma orientação comum para as diretrizes que começa a aprovar e que garanta a flexibilidade, a criatividade e a responsabilidade das instituições ao elaborarem suas propostas curriculares”. Foram propostas duas iniciativas:

1 – A definição da duração, carga horária e tempo de integralização dos cursos será objeto de um Parecer e/ou uma Resolução *específica* da Câmara de Educação Superior.

2 – As diretrizes devem contemplar:

- a) perfil formando/egresso/profissional – conforme o curso, o projeto pedagógico deverá orientar o currículo para um perfil profissional desejado;
- b) competência/habilidades/attitudes;
- c) habilitações e ênfases;
- d) conteúdos curriculares;
- e) organização do curso;
- f) estágios e atividades complementares;
- g) acompanhamento e avaliação.

Cabe registrar, neste sentido, o Parecer CNE/CES nº 67/03, homologado em 2/6/2003, que trata do referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação, revogando o Parecer CNE/CES nº 146/2002.

Em 7 de maio de 2003, a Câmara de Educação Superior aprovou por unanimidade o Parecer CNE/CES nº 108/2003, que tratava da duração de cursos presenciais de bacharelado, indicando que “o CNE promoverá nos próximos 6 (seis) meses, audiências com a sociedade, ensejando a discussão e avaliação da duração e integralização dos cursos de bacharelado” e que “ao final desse processo, aprovará Parecer e Resolução dispondo sobre a matéria”.

Acordo entre a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e este Conselho levou ao entendimento de aguardar o desdobramento do processo de consulta à sociedade por meio de variados mecanismos de escuta, em lugar de submeter à homologação ministerial.

Em 4 de abril de 2001, a Câmara de Educação Superior aprovou o Parecer CNE/CES nº 583, determinando que “a definição da duração, carga horária e tempo de integralização dos cursos será objeto de um Parecer e/ou Resolução específica da Câmara de Educação Superior”. Neste ponto, após a realização das consultas e alterações propostas pelos Pareceres da CNE/CES 108/2003; 329/2004 e 008/2007, cumpre ressaltar a promulgação da Resolução CNE/CES nº 02 de 18 de junho de 2007. O referido dispositivo normativo concretiza os ditames das diretrizes ínsitas ao Parecer CNE/CES nº

583/01 ao estabelecer a duração mínima, para os cursos de graduação na modalidade de bacharelados presenciais.

Os Bacharelados Interdisciplinares

O contexto contemporâneo é marcado, dentre outras características, por uma grande fluidez informacional. Há uma produção exacerbada de informações em uma intensa velocidade que acaba por gerar uma especialização igualmente crescente. Diante desta estrutura, cresce em importância a atuação do indivíduo como sujeito capaz de considerar criticamente as informações produzidas e de realizar conexões que irão gerar conhecimentos transversais aptos a romper a segmentação produzida pelo processo de especialização da ciência. Essa aptidão necessária à “navegação” neste contexto pós-moderno pode ser criada e/ou fomentada pelos Bacharelados Interdisciplinares. Cientes desta constatação, várias IES iniciaram projetos para a implementação desta modalidade de curso Interdisciplinar.

Atento a esta dinâmica, o CNE/CES promoveu a criação de um grupo de estudo destinado a refletir e construir diretrizes para estes cursos Interdisciplinares. O trabalho deste grupo resultou na elaboração dos Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares, documento que foi publicado em 2010. Esse documento fundamentou a promulgação do Parecer 266/2011 por parte do CNE/CES, homologado em 14/10/2011, oficializando a aceitação dos Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares como orientação curricular para os cursos dessa categoria.

Estes documentos estabelecem diretrizes para a implementação dos Bacharelados Interdisciplinares. Mencionam sua natureza dialógica e ressaltam que o escopo destes cursos reside no desenvolvimento de competências e habilidades. Os referidos documentos enfatizam, ainda, o caráter peculiar deste tipo de curso, fato que exige o estabelecimento de um tratamento diverso para os mesmos quando comparados com as graduações tradicionais.

Apesar dessa incipiente construção de novos paradigmas educacionais, o CNE/CES ainda não expediu nenhuma Resolução sobre os mesmos e, a despeito da conspícua peculiaridade, aspectos como a carga horária destes cursos tendem a ser tratados mediante a aplicação da legislação elaborada para os cursos tradicionais que sequer faz menção a esta modalidade de curso, notadamente a Resolução nº 02/2007 do CNE/CES.

O próprio Parecer nº 08/2007 do CNE/CES, na qual a Resolução nº 02/2007 do CNE/CES está baseada, menciona a possibilidade de avaliação específica dos cursos que não encontram previsão nessa resolução, esclarecendo que “se necessário, o CNE poderá se manifestar sobre outros cursos não elencados”. Ressaltamos que nem o Parecer ou a Resolução mencionados elencam os Bacharelados Interdisciplinares como um dos cursos objeto de suas estipulações. No que tange ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, objeto deste PPC, os argumentos referentes à carga horária do curso foram aceitos e o curso reconhecido pelo MEC com sua atual carga horária total de 1770 horas.

Faz-se necessário reconhecer que a estruturação peculiar dos Bacharelados Interdisciplinares coloca-o em uma perspectiva de singularidade. Os objetivos deste curso não perpassam pela concretização de uma formação profissionalizante, mas sim pela construção de uma “visão crítica” apta a viabilizar uma melhor atuação profissional (se os alunos optarem por ficar apenas com o primeiro ciclo de formação geral), uma formação profissional mais crítica ou, até mesmo, um maior enriquecimento cultural apenas, pois este curso também atende aos acadêmicos que buscam, apenas, incrementar sua base cultural.

Os Bacharelados Interdisciplinares, por se tratarem de experiências acadêmicas muito recentes no Brasil, ainda não são objeto de uma regulamentação específica do Conselho Nacional de Educação. A base legal atual em que se apoia a sua criação, no plano da legislação federal, é o artigo 53, da Lei 9.394/96 (LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que assegura, no inciso I,

às instituições universitárias, a autonomia para criação de novos cursos e, no inciso II, a liberdade de fixação dos seus currículos.

Assim, em síntese, após consultados os documentos normativos para subsidiar a proposta dos Bacharelados Interdisciplinares, os principais são arrolados a seguir:

- Parecer CNE/CES nº. 776, 3/12/1997. Contém orientação para diretrizes curriculares dos Cursos de Graduação.
- Parecer CNE/CES nº. 67, 11/3/2003. Aprova Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN - dos Cursos de Graduação e propõe a revogação do ato homologatório do Parecer CNE/CES 146/2002.
- Parecer CNE/CES nº. 108, 7/5/2003. Duração de cursos presenciais de Bacharelado.
- Parecer CNE/CES nº. 136, 4/6/2003. Esclarecimentos sobre o Parecer CNE/CES 776/97, que trata da orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação.
- Parecer CNE/CES nº. 210, 8/7/2004. Aprecia a Indicação CNE/CES 1/04, referente à adequação técnica e revisão dos pareceres e resoluções das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação.
- Parecer CNE/CES nº. 329, 11/11/2004. Carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- Parecer CNE/CES nº. 184, 7/7/2006. Retificação do Parecer CNE/CES nº. 329/2004, referente à carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- Resolução CNE/CES nº 2, 18/06/2007 Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- Parecer CNE/CES nº: 266/2011, homologado pelo MEC em 14/10/2011. Referenciais orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares das Universidades Federais.

Destaca-se, então, que nesses Pareceres há dispositivos pertinentes não somente à possibilidade de implantação dos Bacharelados Interdisciplinares, como também a aspectos característicos dessa modalidade de graduação, entre eles a formação generalista, a flexibilidade e a interdisciplinaridade.

Deste modo, como apresentado anteriormente neste documento, a atualização do Projeto Pedagógico, ora proposto, nos termos em que aqui se encontra, atende em todos os aspectos a legislação vigente.

4. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O CURSO

I. CONTEXTUALIZAÇÃO: O Plano de Expansão e Reestruturação das Universidades e a proposta do BACH no ICH

Em outubro de 2007 foi aprovado o Plano de Expansão e Reestruturação da UFJF, que tem por base o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, instituído por meio do Decreto Presidencial Nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Desde o início, esse plano foi marcado pela adesão voluntária das IFES, estabelecendo as condições e os recursos disponíveis para a expansão da oferta de vagas. Ao fim do prazo de adesão, todas as Universidades federais aderiram ao programa, ainda que com uma grande diversidade nas modalidades de expansão.

O objetivo desse programa era criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais. Tem ainda, como meta global, a elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para noventa por cento e da relação de alunos de graduação em cursos presenciais por professor para dezoito, ao final de cinco anos.

No âmbito do ICH, após três meses de discussões em seus departamentos acadêmicos, Conselho de Unidade e grupo de trabalho, foi recorrente a concepção do Programa de Expansão não como uma imposição, ou um mecanismo oculto de precarização do ensino, mas como uma janela de oportunidade e uma possibilidade de inovação. Muitos dos departamentos do Instituto já ofertavam grande quantidade de disciplinas para toda a UFJF e tinham seus próprios cursos, além da pós-graduação *stricto sensu* ser uma realidade à época e continuou se expandindo⁴. Foi indagado como participar da expansão? Não bastava ampliar quantitativamente as vagas, o que poderia simplesmente comprometer cursos existentes. Era muito mais significativo inovar a formação, ofertar um curso novo (em primeiro ciclo) com qualidade crítica e de base humanística e, com isso, preparar ainda melhor para uma formação específica (segundo ciclo) e profissional. Era, sobretudo, um projeto responsável (preocupado com a qualidade e a formação crítica e geral) e generoso, incorporando mais cidadãos e fornecendo aquilo que é mais caro às Ciências Humanas e as Humanidades em geral: cultura, capacidade crítica, o contato com os clássicos e os clássicos contemporâneos e a capacidade para observar e melhor interpretar nossa época.

A expansão no ICH significou a contratação por concurso público de 35 novos docentes e servidores técnico administrativos em educação em nível compatível com a necessidade (foram 18 servidores solicitados até 2012). O investimento incorporou ainda a construção de um novo conjunto de prédios com aproximadamente 10.000 metros quadrados para o Instituto de Ciências Humanas.

II. CONCEPÇÃO GERAL

Os Bacharelados Interdisciplinares são um importante passo no sentido da inovação do ensino superior no Brasil. A expansão das vagas no sistema federal através do Programa de Expansão REUNI apresentou-se como uma possibilidade de renovação e de experimentação pedagógica. O Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas - BACH inclui o conceito de *formação geral*, em grandes linhas, a constituição de competências básicas (aqui nas Ciências Humanas), por diferentes campos formativos, estimulando a descoberta de habilidades e preparando, em linhas gerais, a capacidade para que o acadêmico possa navegar não apenas por territórios determinados, mas tenha a competência e a capacidade em explorar as oportunidades que se abrem em um mundo sob o signo da mudança. Isto implica em formar também alguém capaz de buscar informações, dialogar de forma conseqüente e, antes que reproduza um saber enclausurado, permitir desenvolvimento intelectual por vários caminhos. Uma única formação marcadamente especializada reproduz apenas um “mundo” (ou tem conexões limitadas). O desafio está em constituir a capacidade intelectual para transitar entre os “mundos”.

Entretanto, existem limites para a própria formação geral, uma vez que ela consiste de relações entre disciplinas e práticas variadas, destinadas a fortalecer a dupla espiral “formação” e “competências”. Ela deverá permitir as possibilidades de desenvolvimento pessoal e fortalecimento das escolhas. Existem cidadãos que poderão desfrutar desse progresso na Universidade, o desejam, vêem a possibilidade para produzir cultura e saber, e uma bússola de navegação em uma sociedade tecnicista, globalizada e heterogênea - que possam compreender suas contradições, visualizar seus conflitos e refletir sobre eles -; tornar-se profissionais melhores em diferentes atividades, muitas delas

⁴Ciência da Religião (Mestrado e Doutorado), Ciências Sociais (Mestrado e Doutorado), Psicologia (Mestrado e Doutorado), História (Mestrado e Doutorado) e Geografia (Mestrado).

emergindo fora das áreas fortemente especializadas. Contudo, a formação geral sólida não exclui a especialização profissional – possibilidade que se realiza nos chamados cursos de 2º ciclo.

III. PRINCÍPIOS NORTEADORES DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Ao longo do curso, buscar-se-á o desenvolvimento de amplas habilidades acadêmicas, sobretudo das capacidades reflexivas dos alunos, a respeito das múltiplas possibilidades de formação advindas de uma base interdisciplinar. Desde a leitura e compreensão de textos complexos, até a elaboração de projetos de pesquisa, a ideia de um conhecimento produzido continuamente pelos mesmos indivíduos que o apreendem guiará e estabelecerá o campo das humanidades como fonte e objeto de investigação. Para tal, é oferecido um amplo leque de teorias e de possibilidades de práticas acadêmicas que irão moldando a diversidade de trilhas a serem cursadas. Um dos objetivos claros do BACH é introduzir a diversidade de formações como um componente no qual o aluno ajusta sua singularidade a um campo de conhecimento; trata-se, dessa maneira, de não formar pessoas equalizadas em um único percurso. Esse objetivo se completa com a possibilidade formativa mais vertical prevista para os alunos que se interessarem por um segundo ciclo profissionalizante.

É também objetivo do BACH despertar os alunos para a ideia de que a formação em humanidades é base para o desenvolvimento de cursos profissionalizantes de segundo ciclo com os quais estabelece suas relações dinâmicas. Tal perspectiva visa contribuir para o entendimento da base em humanidades como fonte ininterrupta de reflexões críticas aplicáveis aos caminhos profissionalizantes que se abrem na formação complementar. Neste sentido, o BACH também busca interagir com o mundo externo à UFJF, abrindo-se a interfaces, não só de ensino, mas também de pesquisa e extensão universitária.

IV. OBJETIVOS DO CURSO

Os objetivos de um Bacharelado Interdisciplinar não se relacionam, diretamente, com a formação profissionalizante, mas sim com o engendramento de uma formação geral e dialógica apta ao desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem uma melhor escolha profissional, bem como, uma formação mais crítica nesta etapa educacional da formação profissionalizante.

Neste sentido, o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas - BACH objetiva formar cidadãos por meio de uma formação geral, flexível e orientada para competências criativas, seja pela ampliação de capital cultural, a orientação para a pesquisa, a capacidade para múltiplas interfaces profissionais e uma concepção crítica do mundo, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitarão ao egresso a aquisição de ferramentas cognitivas que conferem autonomia para a aprendizagem ao longo da vida bem como uma inserção mais plena na vida social, em todas as dimensões. Espera-se que, com isso, os discentes possam atuar de forma ativa como protagonistas da realidade social em que vivem e trabalham.

São objetivos específicos da formação deste curso:

- Fornecer um curso de bacharelado não especializado mas que seja capaz de produzir um cidadão capacitado para múltiplas atividades (inclusive ocupações emergentes), e preparado para uma formação específica da qual ele próprio possa usufruir mais plenamente;
- Desenvolver uma formação cultural mais sólida, por meio da aquisição de conhecimento acadêmico amplo, agregando uma formação geral humanística, científica e artística à possibilidade de aprofundamento num dado campo específico,

- Incentivar a flexibilidade de escolha disciplinar e de construção dos itinerários pelos próprios alunos, de forma conseqüente e fundada, gerando novos conhecimentos e habilidades de forma continuada;
- Promover a experimentação, fundamentada e conseqüente, gerando experiências e competências variadas nos diferentes campos das ciências humanas e outras áreas de formação científica, que se transformem em propostas inovadoras de conhecimento e resolução de problemas;
- Permitir articulação com outras áreas da UFJF e de outras Universidades, nacionais e estrangeiras, incentivando mobilidade, vivências e potencializando a aquisição de capital cultural;
- Criar novas formas de estudar, de educar e de pesquisar, de indivíduos, grupos sociais e comunidades, fazendo interface das humanidades com as necessidades sociais, propiciando amplas possibilidades de intervenção social;
- Orientar para a formação em pesquisa e produção de conhecimentos, por meio de fundamentos conceituais e metodológicos para a formação profissional em cursos de graduação que o adotam como primeiro ciclo.
- Possibilitar, no primeiro ciclo, por meio de uma perspectiva integrada e crítica, uma formação geral em cultura humanística, artística e científica, articulada a saberes concernentes às áreas e campos do curso (por exemplo, compreendendo a sociedade, o tempo, o espaço e a cultura, entre outros), com vistas à formação cidadã, autônoma, colaborativa e solidária.
- Assegurar, no segundo ciclo, uma formação específica relacionada à compreensão das áreas e campos de filosofia, ciências da religião, ciências sociais ou turismo, com vistas à formação ética e profissional, na idealização, construção e realização de projetos concernentes ao campo de trabalho e à formação da cidadania.

V. MISSÃO DO CURSO

Formar cidadãos e recursos humanos altamente qualificados em matéria humanística, com conhecimentos amplos, versáteis, interdisciplinares e integrados; habilidades e competências críticas, reflexivas, analíticas e de solução de problemas, como estratégia de desenvolvimento pessoal e profissional de longo prazo, visando à inserção econômica, produtiva e sociopolítica efetiva na sociedade, bem como sua transformação rumo ao desenvolvimento.

VI. VISÃO DO CURSO

Ser o principal curso de referência em ciências humanas no cenário mineiro e um dos cinco primeiros no cenário nacional, nos próximos 5 anos, legitimamente reconhecido através de indicadores de qualidade de referência no sistema nacional, como, por exemplo, seu conceito junto ao MEC, a ampla concorrência para preenchimento de suas vagas, integração entre ensino, pesquisa e extensão, e inserção social de seus egressos em posições de destaque seja na academia (pós-graduação), nos quadros técnicos de organizações públicas governamentais e não governamentais, bem como em empresas privadas.

VII. PÚBLICO ALVO

Como público alvo o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas destina-se a:

- Todo e qualquer indivíduo que tenha concluído o ensino médio que se identifique com o saber das Ciências Humanas (Filosofia, Ciência da Religião, História, Sociologia, Política, Antropologia, Letras, Artes, Geociências, Psicologia e Turismo, entre outras).
- Todo e qualquer indivíduo independentemente da idade, comprometidos com a leitura e deseje uma sólida formação intelectual, com disposição para a cultura e a pluralidade.
- Indivíduos que se interessem por uma ampla formação geral e humanística, com base reflexiva sobre questões como o tempo, o espaço, a cultura, as artes e a prática científica, estruturando um saber integrado que auxilie na formação intelectual dos estudantes, estabelecendo indicadores para sua percepção sobre o mundo e a dimensão humanística.

VIII. PERFIL ACADÊMICO-PROFISSIONAL ALMEJADO

As disposições do Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas estão em consonância com os ditames dos Referenciais Orientadores dos Bacharelados Interdisciplinares:

Diante da complexidade e diversidade cultural do mundo contemporâneo, a arquitetura curricular das nossas formações de graduação reserva pouco espaço para a formação geral e, por isso, se revela impregnada por uma visão fragmentadora do conhecimento e alienada das questões emergentes da natureza, da sociedade, da história e da subjetividade. Consta-se uma ênfase na profissionalização precoce dos estudantes que tende a fragilizar o espírito universitário, reificando os valores próprios às profissões e, com isso, elevando o caráter instrumental dos saberes ao topo da hierarquia disciplinar dos currículos dos cursos de graduação.

Nesta conceptualização, o primeiro ciclo ou Bacharelado Interdisciplinar é o espaço de formação universitária onde um conjunto importante de competências, habilidades e atitudes, transversais às competências técnicas, aliada a uma formação geral com fortes bases conceituais, éticas e culturais assumiriam a centralidade nas preocupações acadêmicas dos programas. Por seu turno, o segundo ciclo de estudos, de caráter opcional, estará dedicado à formação profissional em áreas específicas do conhecimento. O terceiro ciclo compreende a pós-graduação *stricto sensu*, que poderá contar com alunos egressos diretamente do Bacharelado Interdisciplinar.

O parecer CNE/CES 266 de 2011 também endossa este entendimento:

Esta categoria de cursos apresenta-se como uma nova opção de formação acadêmica dissociada dos formatos convencionais, com foco nos fundamentos da produção científica e tecnológica contemporâneos. Os Bacharelados Interdisciplinares têm terminalidade própria e levam ao diploma de curso superior em nível de graduação plena. Esse diploma não tem caráter profissional específico, mas, segundo a descrição do perfil dos egressos apresentado no documento “Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares”, os egressos dessa categoria de cursos desenvolvem competências, habilidades e conhecimentos gerais necessários aos postos de trabalho que requerem educação superior em uma grande área do conhecimento, mas não formação profissional específica. Essa proposta de formação de competências, habilidades e conhecimentos gerais é congruente e alinhada com os estudos apresentados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), do Sistema das Nações Unidas, na Conferência Mundial de Educação Superior da UNESCO, realizada em Paris no ano de 1998. Nesses estudos, a OIT apresenta um conjunto de competências, habilidades e conhecimentos que são requisitos indispensáveis aos postos de trabalho, independentemente da área de atuação profissional. (...)

A preocupação dos Bacharelados Interdisciplinares na formação de competências, habilidades e conhecimentos gerais e básicos em grandes áreas do conhecimento também vai diretamente ao encontro das perspectivas de atuação profissional na assim chamada Era

do Conhecimento. Uma formação universitária de boa qualidade em áreas básicas permite aos egressos desses cursos continuarem sua formação na perspectiva de aprofundamento e especialização em áreas específicas para conclusão de uma formação profissional ou acadêmica em uma área específica. Dessa maneira, a base formativa não profissional favorece o processo de formação profissional num contexto em que as áreas de atuação profissional se multiplicam e se transformam em uma velocidade cada vez mais alta. Nesse sentido, os Bacharelados Interdisciplinares podem ser vistos como um ciclo inicial de formação superior, que conduz ao diploma, permitindo, na sequência acadêmica, o avanço mais rápido em formações ou carreiras acadêmicas ou profissionais mais específicas ou especializadas.

Estas características peculiares da formação geral e dialógica propiciada por um Bacharelado Interdisciplinar retiram-no deste contexto de embate entre autonomia flexibilizatória e determinismo modelador que resultou na edição da Resolução 02/2007 do CNE/CES. Portanto, nesse sentido, os egressos dos Bacharelados Interdisciplinares não vão submeter-se aos ditames dos Conselhos Profissionais; estes cursos interdisciplinares ensejariam o contexto adequado para o amplo exercício da autonomia concedida às IES no delineamento dos seus cursos.

A formação profissional é objeto do segundo ciclo formativo elegido pelos egressos do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas se assim o desejarem. Esta segunda etapa formativa, deve, sim, sujeitar-se aos preceitos da referida Resolução. Cumpre ressaltar que a carga horária inerente ao momento formativo inicial e geral será computada, em parte ou em seu todo, para efeitos de integralização no exerto correspondente à formação profissional.

O egresso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas será um indivíduo capaz de realizar uma leitura pertinente, sensível e crítica da realidade natural e humana em que está inserido, mobilizando, para isso, o conjunto de competências (conhecimentos em ação) teóricas, analíticas e reflexivas das ciências humanas, que além de lhes fornecer uma resposta para um problema específico, seja um conhecimento permanente que lhes torne aptos a serem resolvedores de problemas, criadores e programadores de soluções para muitos diferentes problemas que se apresentam às diferentes realidades e contextos empíricos específicos nos quais se podem inserir.

Em suma, entende-se que o Bacharel em Humanidades deve ter duas habilidades formadas no curso:

- (1) a primeira, para os casos de terminalidade pura e simples do BACH, é sobretudo a compreensão dos espaços sociais da sociedade e da cultura do seu tempo. Temos nesse caso um uso claramente humanista e não profissionalizante da vida universitária, mas que resgata o caráter de formação de um cidadão. De forma mais clara, tem se:

a) ***Perfil do egresso para os casos de terminalidade, foco na formação cidadã, que deve:***

- Pensar os temas sociais e culturais de forma circunstanciada pela teoria social com liberdade de interpretação, de forma fundamentada no conhecimento das principais referências bibliográficas, teóricas e metodológicas, clássicas e contemporâneas das Humanidades.
- Interpretar teórica e aplicadamente o saber das Humanidades, de forma a apropriar-se das humanidades para ampliar sua atuação, inclusive para permitir intervenções na realidade.
- Estar apto para atuar nas áreas da cultura, das linguagens artísticas; e com competências política, ética, científica, tecnológica, gestora e educacional;
- Ser capaz de atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade;

- Estar apto a compreender e traduzir as necessidades por meio de uma visão sistêmica e interdisciplinar, condição necessária para a participação em um mercado de alta competitividade e em constante mudança, que exige do profissional versatilidade, criatividade e trânsito em diferentes temas.

(2) E a segunda, para os casos em que os alunos continuarão sua formação pessoal e profissional por meio da formação em um curso de segundo ciclo. De forma mais clara, tem se:

b) Perfil do egresso para os casos de continuidade em cursos de segundo ciclo:

- As habilidades supracitadas permanecem e deverão ser catalisadas com o ingresso no segundo ciclo, conforme é expectativa do presente PPC para ampla maioria dos egressos. Eles saberão, sobretudo, fazer uma escolha profissionalizante e ampliá-la com os horizontes do primeiro ciclo, acrescentando conhecimentos, habilidades e competências da formação em segundo ciclo escolhida.

Em síntese, o perfil estipulado supramencionado atende a todos os critérios do Parecer 266/2011 por parte do CNE/CES, conforme se pode constatar, pelas suas recomendações reproduzidas abaixo:

- 1) Capacidade de identificar e resolver problemas, enfrentar desafios e responder a novas demandas da sociedade contemporânea;
- 2) Capacidade de comunicação e argumentação em suas múltiplas formas;
- 3) Capacidade de atuar em áreas de fronteira e interfaces de diferentes disciplinas e campos de saber;
- 4) Atitude investigativa, de prospecção, de busca e produção do conhecimento;
- 5) Capacidade de trabalho em equipe e em redes;
- 6) Capacidade de reconhecer especificidades regionais ou locais, contextualizando e relacionando com a situação global;
- 7) Atitude ética nas esferas profissional, acadêmica e das relações interpessoais;
- 8) Comprometimento com a sustentabilidade nas relações entre ciência, tecnologia, economia, sociedade e ambiente;
- 9) Postura flexível e aberta em relação ao mundo do trabalho;
- 10) Capacidade de tomar decisões em cenários de imprecisões e incertezas;
- 11) Sensibilidade às desigualdades sociais e reconhecimento da diversidade dos saberes e das diferenças étnico-culturais;
- 12) Capacidade de utilizar novas tecnologias que formam a base das atividades profissionais;
- 13) Capacidade de empreendedorismo nos setores público, privado e terceiro setor.

IX. ESTRATÉGIAS PARA ALCANCE DO PERFIL PROFISSIONAL DESEJADO: FORMAÇÃO EM CICLOS

No caso dos Bacharelados Interdisciplinares, o termo *ciclo* é utilizado para fazer referência a uma etapa completa de formação que conduz a diploma e possui objetivos formativos bem definidos e perfil de egressos especificado.

O sistema de dois ciclos, do qual o BACH é o primeiro, busca integrar a relação entre a formação geral e a específica. Este sistema justifica-se pela possibilidade de uma formação mais integradora e crítica. Diferentemente do modelo de formação superior que predomina hoje no país, o bacharelado interdisciplinar propõe realizar uma aproximação diversa com o próprio mercado. Enquanto o modelo tradicional se volta de forma direta e imediata para certos campos do saber específicos, o Bacharelado Interdisciplinar visa à preparação para o desempenho de ocupações diversas que mobilizem, de modo flexível, conhecimentos, competências e habilidades. É preciso lembrar que o primeiro ciclo é uma realidade autônoma em termos de formação e propósitos. Desta forma o Bacharelado em Ciências Humanas é um curso independente, que gerará um diploma específico e corresponderá a um primeiro ciclo de formação que poderá possibilitar a passagem a um segundo ciclo profissionalizante (se o acadêmico desejar). É importante dizer que o primeiro ciclo deve ser entendido como uma possibilidade de terminação.

O BACH está dentro de um processo de renovação na formação em Ciências Humanas ao possibilitar um segundo ciclo profissionalizante como complemento da formação geral em Ciências Humanas e uma ênfase (ou “Área de Concentração”), no primeiro ciclo, em uma das áreas de conhecimento aderentes ao projeto. O segundo ciclo, onde o acadêmico transitará para a formação profissionalizante, gera outro diploma. Cabe enfatizar que as possibilidades de “segundos ciclos” não são fechadas às atuais opções oferecidas pelo ICH, mas podem abrir-se sempre que um curso de perfil profissionalizante decidir captar alunos no BACH.

Neste projeto, propõe-se que o primeiro ciclo tenha a duração de média de 5 (cinco) semestres letivos (2,5 anos) (prazo recomendado), enquanto a duração dos segundos ciclos variam e é determinada pelos seus projetos pedagógicos. Há, nos cursos que hoje já possibilitam os segundos ciclos existentes, um horizonte de uma duração máxima de 6 semestres, mas nada impede que os segundos ciclos sejam mais longos.

Nesse sentido, o BACH forma um agente reflexivo se seu interesse é apenas o campo das humanidades, mas é uma porta de entrada com amplas possibilidades para outros cursos da universidade que desejem trabalhar com profissionais com sólido conhecimento em humanidades. No atual momento, os cursos de Ciências Sociais, Turismo, Ciência de Religião e Filosofia possibilitam ingresso como segundo ciclo, mas o projeto se realiza plenamente com a ampliação das opções de cursos de segundo ciclo, o que depende inclusive de uma política de expansão da captação dos alunos egressos do BACH.

Dessa forma o BACH aponta tanto para uma possibilidade de formação geral em Humanidades de caráter não profissionalizante para um aluno que deseja se aprimorar em distintas áreas do campo como também constitui porta de passagem para os segundos ciclos nos quais ele irá formar-se como um profissional em uma área específica. Essas duas opções, longe de serem conflitantes, são caminhos construídos reflexivamente pelo próprio estudante e orientados pelas possibilidades da grade oferecida.

X. POTENCIAIS CAMPOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO BACHAREL EM HUMANIDADES: EXPANDINDO O RAIOS DE AÇÃO

Seguindo a lógica da divisão em ciclos, cumpre ressaltar que o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas/BACH não visa à formação profissionalizante, mas sim à formação humanística e

cidadã. Apesar disso, seus egressos ainda estarão aptos a atuarem nas seguintes áreas profissionais se assim o desejarem:

- Concorrer e responder à demanda de trabalho na área sindical, parlamentar, social, cultural em pesquisa, educação, em assessoria e gestão.
- Atuar em espaços formais e não formais, com domínio da natureza do conhecimento sociopolítico, histórico e econômico nas questões do trabalho e das práticas necessárias para a produção e divulgação desse conhecimento.
- Desenvolver projetos de pesquisa a partir do Trabalho e difundir seus resultados no âmbito acadêmico, sindical, em instituições de ensino, espaços culturais, em entidades governamentais e não governamentais;
- Formular problemas e propor soluções em diversas áreas do conhecimento da atividade humana, por meio de diferentes abordagens metodológicas baseadas num arcabouço teórico das ciências humanas, com foco em pesquisa e a análise das relações sociais, políticas, econômicas e históricas;
- Concursos públicos para cargos que requerem apenas “qualquer diploma de curso superior”, ou similar.

XI. INSERÇÃO REGIONAL DO CURSO

Juiz de Fora é uma cidade pólo regional, com mais de 500mil habitantes que se destaca economicamente pela concentração e oferta de serviços especializados, educacionais, médicos, administrativos, e burocráticos federais (registros eleitorais, de títulos, passaporte, etc), atendendo as mais de 2 milhões de pessoas residentes na região da Zona da Mata mineira.

Em termos de serviços educacionais de nível superior, a Universidade Federal de Juiz de Fora se destaca por atender a um contingente superior a 20 mil alunos (UFJF, 2016), sendo a principal instituição de ensino superior da cidade e região. Em 2010, quando o MEC propôs, criar um consórcio (“superuniversidade”) entre sete instituições de MG, produzindo sinergia entre elas (UFJF, Viçosa, Lavras, Alfenas, Itajubá, São João Del Rey, Ouro Preto), Juiz de Fora foi destacada como “líder” na área de Ciências Humanas (CH), já que as demais IFES possuem suas competências centrais ligadas a outras áreas (Viçosa – ciências agrárias; Lavras – idem; Alfenas – saúde; Itajubá – tecnologia; São João del Rey – Sociais Aplicadas; Ouro Preto – Engenharias) e, portanto, um atrofiamiento em CH.

Nesse sentido, a natural liderança da Universidade Federal de Juiz de Fora na área de ciências humanas lhe habilita a cumprir um duplo papel: a) por um lado, servir de eixo central na formação de recursos humanos nesta área do conhecimento, atendendo assim a demanda da cidade e região (que é agravada devido às especificidades marcadas nas demais áreas do conhecimento pelas outras IFES supracitadas); b) bem como a tarefa de inovar e mais além do que meramente replicar a conhecimentos, cursos e formações já saturadas pelo mercado, propor novas trajetórias formativas que viabilizem a saída de profissionais aptos a criarem e preencherem novas demandas e espaços no mercado de trabalho.

Dessa forma, por ser o único curso de bacharelado interdisciplinar em ciências humanas na cidade e região, o curso pretende preencher a lacuna de formação dessa nova modalidade de formação, mais aberta, plural e processual, oferecendo trajetórias formativas customizadas aos alunos, permitindo-lhes se adequarem aos seus desejos e interesses específicos, assim como a nichos de mercado específicos. Adicionalmente, cumpre ressaltar que o bacharelado interdisciplinar em ciências humanas também possui um papel significativo na recepção de discentes mais experientes, já detentores de um ou mais cursos de graduação e que buscam no bacharelado justamente ampliarem seus horizontes e integrarem saberes e competências, cujas linguagens originais ainda são fragmentadas e segmentadas.

XII. JUSTIFICATIVA PARA A OFERTA DESTE CURSO

A Universidade precisa ser um pólo de criação, reprodução e disseminação do conhecimento, identificada com o seu passado (reconhecendo suas conquistas e limitações), e simultaneamente com o mundo contemporâneo, sistematicamente orientada para a inovação - o olhar para o futuro combinado à capacidade para a mudança. Entre os desafios da Universidade está aquele de fidelidade à inovação e, ainda mais substancial, fazer da Universidade contemporânea do mundo onde se insere; que permaneça produzindo seus cursos de qualidade, avançando sua pós-graduação, reconstruindo-se diante do desafio do tempo.

A nova proposta do BACH permanece com sua missão de contribuir para uma melhor compreensão de nosso tempo, construindo a base para a formação de um sujeito histórico mais adequado à contemporaneidade, que desenvolva capacidades e habilidades como ferramentas mais bem dotadas que a simples alocação de conhecimentos especializados. A especialização será sempre necessária e valorizada, mas o caminho até lá, com um curso centrado nas humanidades, receberá sinais adequados e uma estrada mais segura.

Um Bacharelado como este deverá representar uma possibilidade, uma abertura intelectual para a apropriação crítica e interdisciplinar de um mundo mutante, em uma escala sem precedentes. Apenas um curso que tenha um olhar no passado e ferramental analítico no presente é capaz de responder aos desafios apresentados no presente, permitindo a cada sujeito discente o incentivo às suas potencialidades, ofertando a cada um uma base real sobre a qual a formação futura possa se assentar, possibilitando-o explorar mais sua capacidade para a solução de problemas do que a mera apresentação das soluções já consolidadas. É a aposta segundo a qual as humanidades representam o melhor conjunto intelectual para viabilizar essa perspectiva.

5. ESTRUTURA DO CURSO

I. QUANTIDADE DE VAGAS

São ofertadas 300 vagas por ano para ingresso no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas (BACH), divididas entre o curso integral (manhã e tarde), e o curso noturno. Há duas entradas por ano: no primeiro semestre letivo do ano, há entrada apenas no curso de turno integral (150 vagas); no segundo semestre letivo há entrada apenas no curso de turno noturno (150 vagas).

No curso integral, a maioria das aulas são no turno vespertino, no horário de 14 às 18 horas. Também há algumas aulas no turno matutino, no horário de 8 às 12 horas. No curso noturno, as aulas realizam-se no horário de 19 às 23 horas. Os semestres letivos seguem o Calendário Acadêmico da Graduação da UFJF, publicado anualmente pelo Conselho Setorial de Graduação – CONGRAD – da UFJF. O primeiro semestre letivo geralmente ocorre de março a julho, e o segundo de agosto a novembro.

II. FORMAS DE INGRESSO

O acesso às vagas do BACH segue o formato padrão definido pelo Conselho Superior da UFJF (CONSU) para ingresso nos cursos de graduação da UFJF. Setenta por cento (70%) das vagas são acessadas mediante o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, seguido do Sistema de Seleção Unificada - SISU, gerido pelo MEC; os outros 30% das vagas são acessadas via o Programa de Ingresso Seletivo Misto – PISM, gerido pela própria UFJF. Em ambas as modalidades, 50% das vagas são reservadas para o Sistema de Cotas (Resolução 13/2012 - CONSU).

Caso haja sobra de vagas, elas são preenchidas por critérios estipulados pelo Regulamento Acadêmico da Graduação da UFJF para preenchimento de vagas ociosas, com convocação via edital próprio (de vagas ociosas). Cinquenta por cento (50%) das vagas ociosas disponibilizadas são destinados a candidatos excedentes do mais recente processo seletivo de ingresso originário (SISU/PISM), e os 50% restantes são destinados para candidatos a reinscrição, mudança de curso, transferência e ingresso como graduado. Ainda é possível o ingresso no curso em casos de admissão especial, definidos em lei, como vagas criadas por programas de convênio ou transferência de aceitação obrigatória.

Para egressos do BACH, o ingresso nos cursos de segundo ciclo é feito de forma sequencial ao término do BACH, e não requer nova seleção via SISU/PISM.

III. INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

- ❖ Tempo recomendado: 2,5 anos (5 semestres letivos)
- ❖ Tempo máximo: 5 anos (10 semestres letivos)
- ❖ Carga horária total (CHT): 1770 horas

IV. ESTRUTURA CURRICULAR

O Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas se integraliza em 1770 horas. É proposto como curso de formação superior com duração recomendada de cinco (5) semestres letivos, tanto no curso integral (manhã/tarde), quanto no noturno. É um curso superior com *terminalidade* e garantia de acesso, na sequência, a um dos cursos de segundo ciclo.

O Currículo de um curso é o conjunto de todas as atividades acadêmicas que compõem a carga horária necessária para concluir o curso. Quanto às disciplinas da UFJF, a principal atividade acadêmica, elas podem ser classificadas como:

- **Obrigatórias:** o aluno é obrigado a cursar *aquelas* disciplinas para poder se formar;
- **Eletivas:** o aluno deve cursar *um determinado número* de disciplinas, entre as disciplinas de uma lista de possibilidades, para poder se formar;
- **Optativas:** o aluno pode cursar *qualquer disciplina* de curso superior (da UFJF ou de outra IES) para completar uma determinada quantidade de horas, necessárias para se formar.

No caso do currículo do BACH, as atividades acadêmicas são organizadas em cinco grandes blocos. Para cumprir o objetivo de se formar, o aluno deverá completar o total da carga horária estipulada para *cada* bloco, quais sejam:

1. **Disciplina obrigatória 'As Humanidades como Campo de Conhecimento';**
2. **Eixos Temáticos;**
3. **Área de Concentração;**
4. **Trabalho de Conclusão de Curso;**
5. **Atividades Complementares ou Disciplinas Optativas.**

A disciplina "As Humanidades como Campo de Conhecimento" é uma disciplina geral e introdutória que tem por objetivo discutir a criação do conhecimento no campo das Humanidades e a articulação entre as diferentes áreas que compõem este campo. Por este mesmo motivo, ela é obrigatória e programada para ser cursada pelo aluno em seu primeiro período no curso.

Os Eixos Temáticos constituem a parte principal da carga horária do curso e seguem o exemplo do projeto criado pelo Instituto de Artes e Design (IAD) da UFJF para o Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, de onde foi apropriada a idéia de 'matérias', compreendida como unidades temáticas sob as quais se organizam disciplinas oferecidas pelos departamentos do ICH e de outras unidades da UFJF, agrupadas por afinidades de áreas de conhecimento. Resolveu-se, nesta revisão do PPC, mudar a denominação dessas unidades temáticas de '*Matéria*' para '*Eixo Temático*', para evitar a confusão que muitas vezes ocorria, confundindo-se o nome '*matéria*' com '*disciplina*'. São cinco os Eixos Temáticos do BACH:

- a) Filosofia e Ciência da Religião,
- b) Tempo e Espaço (história, geografia humana, turismo);
- c) Sociedade e Cultura (sociologia, ciência política, antropologia, turismo e psicologia);
- d) Letras e Artes (artes, estética, literatura, língua portuguesa, língua estrangeira, história das artes);
- e) Formação Científica (estatística, matemática, metodologia da pesquisa científica).

As disciplinas que compõem cada Eixo Temático são *eletivas*. Ou seja, há um elenco de disciplinas pertencentes a cada Eixo Temático, dentre as quais o aluno pode escolher quais prefere cursar. Em cada Eixo Temático ele deverá cumprir uma carga horária específica em disciplinas, escolhendo as disciplinas daquele Eixo Temático que mais lhe interessarem.

A Área de Concentração compreende o conjunto de disciplinas cursadas pelo aluno, visando ao aprofundamento inicial em uma área de conhecimento das Humanidades, e ao seu ingresso no segundo ciclo (se essa for sua intenção). Por isso, as áreas de conhecimento oferecidas no currículo do BACH como opções de Área de Concentração são alinhadas com as áreas dos cursos que o egresso do BACH pode acessar como 2º Ciclo; ou seja, para cada opção de curso de 2º Ciclo

disponível, há uma Área de Concentração correspondente no currículo do BACH. As Áreas de Concentração atualmente disponíveis são: *Ciência da Religião, Ciências Sociais, Filosofia e Turismo*.

É importante que o aluno ingressante saiba que poderá optar pelo segundo ciclo apenas em cursos pré-determinados, que são: Ciência da Religião (Bacharelado e/ou Licenciatura, ambos noturnos), Ciências Sociais (Bacharelado e/ou Licenciatura, ambos noturnos), Filosofia (Bacharelado e/ou Licenciatura, ambos diurnos), e Turismo (apenas Bacharelado, diurno ou noturno).

A *carga horária* da Área de Concentração é *obrigatória*, ou seja, todos os alunos do BACH, independente de sua opção pela terminalidade (colar grau apenas no BACH) ou continuidade de estudos (ingressar em um curso de 2º ciclo, em sequência à formatura no BACH), deverão optar por uma Área de Concentração e cursar as cinco disciplinas que compõem sua carga horária, para conclusão de seus estudos no nível de 1º ciclo (BACH). Qual Área de Concentração cursar é uma escolha do aluno (eletiva), entretanto, ter cursado a Área de Concentração *da mesma área que o curso de 2º Ciclo* no qual o aluno deseja ingressar é pré-requisito para o ingresso naquele curso de 2º Ciclo (detalhes sobre o acesso aos cursos de 2º Ciclo será discutido mais adiante).

Dentre as atividades acadêmicas, ainda há o “TCC” e as “Atividades Complementares”. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas corresponde à elaboração de um artigo acadêmico sobre tema na área de Ciências Humanas. É um trabalho produzido ao final do curso, desenvolvido sob a coordenação de um professor orientador. Elaborar o TCC e tê-lo aprovado são elementos obrigatórios para a conclusão do curso. O trabalho é desenvolvido *individualmente* por meio de uma disciplina que não exige encontros coletivos, mas, sim, são autonomamente programados entre o aluno e o professor orientador do TCC.

As Atividades Complementares são uma forma de *flexibilização curricular*, em que é permitido ao aluno escolher outras atividades acadêmicas (não apenas disciplinas) que serão computadas como carga horária do seu curso. Várias atividades, como participação em eventos, grupo de estudo, estágio não-obrigatório, iniciação científica, monitoria e treinamento profissional, entre outras, podem ser computadas como Atividades Complementares.

As disciplinas optativas são aquelas cuja carga horária o aluno poderá completar em qualquer disciplina à sua escolha, oferecida pela UFJF (além daquelas já previstas no currículo do BACH), ou computar carga horária de disciplina cursada em curso superior de outra IES.

A carga horária de cada bloco que compõe o currículo está ilustrada na tabela a seguir, e também o *caráter* das disciplinas que os constituem (obrigatória, eletiva, optativa). Como a grande maioria das disciplinas oferecidas no BACH é de 60 horas, indicamos também na tabela o número de disciplinas a ser cursado em cada bloco, quando todas as disciplinas cursadas forem de 60 horas. Neste caso, o aluno conseguirá integralizar a carga horária do curso, cursando 24 disciplinas, o TCC e as Atividades Complementares. Ressalta-se que esse número de disciplinas pode ser maior se for cursada disciplina com carga horária menor que 60 horas (há algumas disciplinas de 45 e 30 horas).

Estrutura Curricular BACH - Blocos e Carga Horária:

BLOCO CURRICULAR		HORAS	DISC.
Disciplina Obrigatória "Humanidades"		60	1
Eixos Temáticos	Filosofia e Ciência da Religião	240	4
	Tempo e Espaço	240	4
	Sociedade e Cultura	240	4
	Letras e Artes	240	4
	Formação Científica	120	2
Área de Concentração	CRE CSO FIL TUR	300	5
Trabalho de Conclusão de Curso		210	*
Atividades Complementares ou Disciplina Opcional		120	*
TOTAL:		1770	24

■ Obrigatórias
■ Eletivas
■ Optativas

Ou seja, para se formar no BACH, o aluno deve cumprir um total de 1770 horas de atividades acadêmicas da seguinte forma:

- 60 horas na disciplina AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO – disciplina obrigatória;
- 240 horas no Eixo Temático FILOSOFIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO – escolher entre as disciplinas listadas como eletivas deste Eixo;
- 240 horas no Eixo Temático TEMPO E ESPAÇO – escolher entre as disciplinas listadas como disciplinas eletivas deste Eixo;
- 240 horas no Eixo Temático SOCIEDADE E CULTURA – escolher entre as disciplinas listadas como eletivas deste Eixo;
- 240 horas no Eixo Temático LETRAS E ARTES – escolher entre as disciplinas listadas como eletivas deste Eixo;
- 120 horas no Eixo Temático FORMAÇÃO CIENTÍFICA – escolher entre a lista de disciplinas eletivas deste Eixo;
- 300 horas na ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – escolher 01 Área de Concentração (Ciência da Religião, Ciências Sociais, Filosofia ou Turismo) e cursar as 5 disciplinas da Área escolhida;
- 210 horas no TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) – disciplina obrigatória;
- 120 horas em ATIVIDADES COMPLEMENTARES OU DISCIPLINAS OPTATIVAS – escolher atividades livremente, entre os tipos de atividades listados no Regulamento Acadêmico da Graduação da UFJF e outras, autorizadas neste PPC, e/ou cursar disciplinas optativas.

Para auxiliar o aluno na visualização de como a carga horária das disciplinas ou atividades já cursadas por ele se encaixa em cada bloco do currículo, e facilitar o seu controle do que ainda lhe falta para a integralização do curso, a Coordenação do BACH disponibiliza em seu website, para download, o 'Formulário para Acompanhamento Discente da Carga Horária Completada no BACH' (Anexo I), que

o aluno pode e deve utilizar desde o início do curso. O aluno tem acesso a uma lista das disciplinas já cursadas, ou em curso, em seu Histórico Escolar, com a nota que obteve em cada um e a carga horária correspondente. O Histórico Escolar do aluno fica disponível online para o aluno, através do sistema informatizado da UFJF (SIGA).

A tabela está estruturada supondo disciplinas de 60 horas, já que a grande maioria das disciplinas oferecidas no BACH é de 60 horas, e já traz o número de linhas correspondente ao número de disciplinas que seriam cursadas em cada bloco nesse caso. Entretanto se o aluno cursar disciplinas de 45 ou 30 horas ou Atividades Complementares de duração variada, deve editar a tabela de acordo, inserindo mais linhas, e adequando os valores na coluna 'horas'.

V. MATRIZ CURRICULAR

A matriz curricular do curso é a sequência temporal das atividades acadêmicas exigidas para a conclusão do curso, distribuídas pelo número de semestres que compõem o tempo recomendado para a integralização do curso; é a distribuição das atividades acadêmicas programadas para cada período do curso. Cada período do curso equivale a um (01) semestre letivo. Essa distribuição de disciplinas é a base para a programação da oferta de disciplinas a cada semestre. Se o aluno seguir a sequência prevista na matriz, conseguirá colar grau no tempo recomendado para a integralização do curso. No BACH, o tempo recomendado para a integralização é cinco (05) semestres letivos.

Matriz Curricular BACH:

Blocos	1º P	2º P	3º P	4º P	5º P	PERÍODO
OBR.	OBR 1					
FCR	FCR 1	FCR 2	FCR 3	FCR 4		
TE	TE 1	TE 2	TE 3	TE 4		
SC	SC 1	SC 2	SC 3	SC 4		
LA	LA 1	LA 2	LA 3	LA 4		
FCi		FCi 1	FCi 2			
AC					AC 1	
					AC 2	
					AC 3	
					AC 4	
					AC 5	
TCC				Encontrar orientador TCC	TCC 1 Pré-req.: 17 disc.	
At. Comp./Opt.	30 h	30 h	30 h	30 h ou Disc. Opt.		
Outros					Insc. Colação Grau	
	1/2017	3/2017	1/2018	3/2018	1/2019	SEMESTRE

Siglas:

- OBR: disciplina obrigatória 'As Humanidades como Campo de Conhecimento
- FCR: Eixo Temático Filosofia e Ciência da Religião
- TE: Eixo Temático Tempo e Espaço
- SC: Eixo Temático Sociedade e Cultura
- LA: Eixo Temático Letras e Artes
- FCi: Eixo Temático Formação Científica

- AC: Área de Concentração
- TCC: Trabalho de Conclusão de Curso
- At. Comp.: Atividades Complementares
- Opt.: disciplina Optativa

A matriz curricular do BACH está esquematizada na tabela acima e é programada da seguinte forma:

- 1º PERÍODO: cursar
 - a disciplina obrigatória 'As Humanidades como Campo de Conhecimento';
 - 01 disciplina do Eixo Temático Filosofia e Ciência da Religião;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Sociedade e Cultura;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Tempo e Espaço;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Letras e Artes
 - 30 horas de Atividades Complementares.
- 2º PERÍODO: cursar
 - 01 disciplina do Eixo Temático Filosofia e Ciência da Religião;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Sociedade e Cultura;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Tempo e Espaço;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Letras e Artes;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Formação Científica;
 - 30 horas de Atividades Complementares.
- 3º PERÍODO: cursar
 - 01 disciplina do Eixo Temático Filosofia e Ciência da Religião;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Sociedade e Cultura;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Tempo e Espaço;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Letras e Artes;
 - 01 disciplina do Eixo Temático Formação Científica;
 - 30 horas de Atividades Complementares.
- 4º PERÍODO:
 - cursar 01 disciplina do Eixo Temático Filosofia e Ciência da Religião;
 - cursar 01 disciplina do Eixo Temático Sociedade e Cultura;
 - cursar 01 disciplina do Eixo Temático Tempo e Espaço;
 - cursar 01 disciplina do Eixo Temático Letras e Artes;
 - 30 horas de Atividades Complementares, ou Disciplina(s) Optativa(s) (especialmente no caso de não ter conseguido cursar horas suficientes de Atividades Complementares nos períodos anteriores);
 - encontrar um orientador de TCC e definir o tema, objetivos, metodologia e bibliografia do TCC.
- 5º PERÍODO:

- cursar as 05 disciplinas da Área de Concentração escolhida (alinhada com sua opção de curso de 2º Ciclo);
- cursar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC);
- se inscrever na Colação de Grau, declarando sua opção de curso de 2º Ciclo;
- apresentar os certificados comprovantes das Atividades Complementares cursadas, requisitando o cômputo das mesmas como carga horária completada do curso;
- ao final do semestre, tendo concluído com aproveitamento toda a carga horária do curso, participar da Colação de Grau Unificada.

No primeiro período do curso, há menos flexibilidade de *escolha* de disciplinas a serem cursadas pelo aluno ingressante. Será disponibilizado para o aluno ingressante cursar apenas as seguintes disciplinas: 1) 'As Humanidades como Campo de Conhecimento', 2) 'Práticas de Gêneros Acadêmicos', 3) disciplina do Eixo Temático Filosofia e Ciência da Religião; 4) disciplina do Eixo Temático Tempo e Espaço; 5) disciplina do Eixo Temático Sociedade e Cultura. Destas últimas três, pode ser oferecido ao aluno mais de uma opção entre um conjunto bem limitado de algumas disciplinas de nível de dificuldade mais iniciante. As turmas das disciplinas ofertadas para os alunos ingressantes serão oferecidas *todas no turno do curso para o qual o aluno ingressou*: no curso integral, serão programadas para 14 às 18 horas; no curso noturno, serão de 19 às 23. Será facultado o acesso a outras disciplinas no primeiro período apenas para ingressantes que já tenham cursado ou concluído outra graduação anteriormente, especialmente para aqueles que já tenham cursado disciplinas similares às oferecidas para o primeiro período do BACH em outra graduação anterior. A matrícula nas disciplinas do primeiro período será feita em conjunto pela Coordenação do BACH e a CDARA.

A partir do 2º período do curso, o aluno possui liberdade para escolher as disciplinas nas quais se matriculará, desde que mantenha o andamento mínimo no curso (aprovação em uma média de 03 disciplinas do curso por semestre). É possível, ainda, que o aluno se matricule em disciplinas ofertadas em turno diferente daquele do ingresso, mas apenas no caso de vagas não ocupadas pelos alunos regulares daquele turno.

A matrícula nas disciplinas nos períodos subsequentes ao primeiro é solicitada *diretamente* pelo aluno no sistema informatizado da UFJF (SIGA), sendo ele *responsável tanto pela definição de qual disciplina deseja cursar, quanto pela observância dos prazos de matrícula* estipulados no Calendário Acadêmico da Graduação da UFJF, publicada anualmente. Se o aluno perder o prazo para solicitar a matrícula pelo sistema informatizado, deve comparecer à Coordenação do BACH durante o período para ajuste de matrícula na Coordenação, entretanto, o discente que não solicitou sua matrícula no sistema informatizado já não terá garantia de vaga nas disciplinas de seu curso no período de ajuste.

Em relação às disciplinas da Área de Concentração, muito embora seja desejável e recomendável que elas sejam cursadas *em conjunto* no 5º período do curso, cumpre mencionar que devido à ausência de pré-requisitos entre as disciplinas do curso, tais disciplinas poderão também ser cursadas, por opção do aluno, entre o 2º e 4º períodos. Desta forma, o aluno poderá cursar, não somente as disciplinas da Área de Concentração escolhida para integralizar o curso, mas também disciplinas de outras Áreas de Concentração, se assim desejar. As disciplinas que não forem da Área de Concentração escolhida, poderão ser contabilizadas nos Eixos Temáticos em que estiverem listadas como eletivas no currículo.

A inscrição na Colação de Grau corresponde à comunicação oficial que o aluno faz à Coordenação do Curso de que pretende concluir o curso ao final daquele semestre. Somente podem se inscrever na Colação de Grau aqueles alunos que já estiverem matriculados nas atividades que restam para a integralização da carga horária total do curso ao final daquele semestre. Ao se inscrever na Colação de Grau, o aluno deverá declarar quais Atividades Complementares ou Disciplinas Opcionais cursou (ou cursará até o final do semestre) para compor a carga horária do bloco e, também,

declarar se possui interesse em optar pela *terminalidade* (isto é, obtenção do diploma do BACH, sem continuidade em curso de 2º ciclo) ou pela *continuidade de estudos* (isto é, com a opção de continuar seus estudos em um dos cursos do 2º ciclo). Caso opte por esta última escolha, o aluno deve declarar qual curso de segundo ciclo deseja cursar no semestre letivo seguinte à colação de grau no BACH, quais sejam: Ciência da Religião, Ciências Sociais, Filosofia ou Turismo.

Caso o aluno concluinte trancar as disciplinas ou a matrícula no curso, ou mesmo tiver sido reprovado em algum componente necessário para a integralização da carga horária total, não poderá colar grau ao final do semestre (e, conseqüentemente, também não poderá ingressar no curso de segundo ciclo). No semestre seguinte, este mesmo aluno deverá se matricular nos componentes curriculares ainda faltantes e se inscrever novamente na Colação de Grau, declarando novamente as atividades complementares (caso estes ainda não tenham sido finalizadas no semestre anterior) e a opção de segundo ciclo.

Flexibilidade do Currículo

Este projeto pressupõe uma arquitetura aberta e flexível, portanto, apesar da *carga horária* de cada componente curricular ser obrigatória, existem apenas 7 *disciplinas* obrigatórias: a) a disciplina inicial “As Humanidades como Campo de Conhecimento”; b) o Trabalho de Conclusão de Curso; e c) as 5 disciplinas da Área de Concentração escolhida para integralizar o curso. As 1080 horas dos cinco Eixos Temáticos são de disciplinas eletivas. Há pré-requisitação apenas para o TCC (1020 horas, ou 17 disciplinas) e para ingresso no curso de segundo ciclo.

Dessa forma, o curso centra-se em uma proposta de formação geral, compreendida como o conjunto das disciplinas eletivas voltadas para a cultura humanística, artística e científica e que fornecem uma base reflexiva essencial sobre as dimensões da ação humana histórica, tais como tempo, espaço, cultura, artes e ciência.

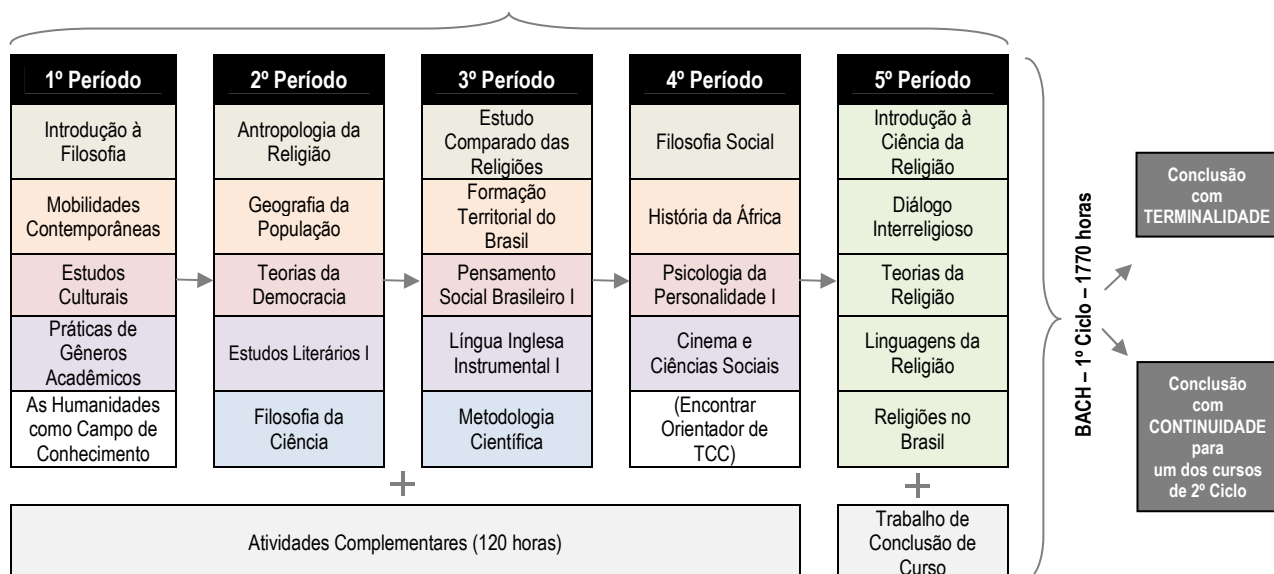
A construção de sua própria trajetória no curso pressupõe uma maior responsabilidade do aluno em procurar saber detalhes sobre as disciplinas oferecidas, antes do período da matrícula, que orientarão a escolha de quais disciplinas cursar. Para ajudar o aluno nessas escolhas, a Coordenação do BACH publica semestralmente, ao final de cada período letivo na sua página eletrônica, uma lista de todas as disciplinas que serão ofertadas no semestre seguinte, com informação sobre horário, nível de dificuldade, principais temas, conhecimentos anteriores que seriam desejáveis, sugestão de leitura antecipada e, por fim, a(s) área(s) do currículo em que podem ser contabilizadas. Também ficam disponíveis os planos de ensino das disciplinas contidas no currículo do BACH, elemento indispensável de consulta dos alunos para conhecerem melhor as opções.

Fluxograma ilustrando uma possível trajetória formativa

No caso dos cursos marcados pela flexibilidade e autonomia na construção de trajetórias acadêmicas, como é o caso dos Bacharelados Interdisciplinares, há muitas possibilidades de trajetórias formativas. Com o intuito de ilustrar a formação oferecida pelo BACH, o fluxograma abaixo demonstra um percurso possível realizado por um aluno hipotético, concluído no tempo recomendado de cinco semestres (2,5 anos). Ressalta-se que esta é apenas *uma* possibilidade de percurso formativo possível, dentre as distintas possibilidades em que o aluno pode percorrer, inserida aqui com finalidade exemplificativa.

Exemplo de Percurso Formativo no BACH:

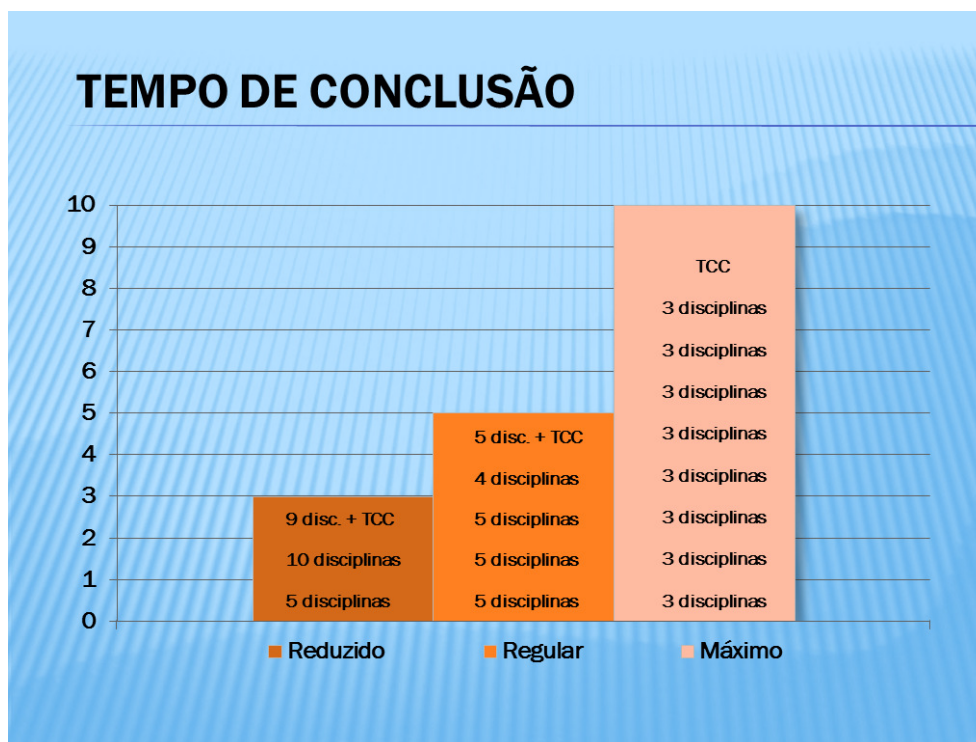
tempo recomendado de conclusão (5 semestres)



Trajatória formativa e tempo de conclusão

A trajetória formativa do aluno que almeja concluir o curso em um prazo diverso do recomendado terá outra configuração, principalmente em relação ao número de disciplinas cursadas por semestre. O discente que precisar de mais tempo do que o recomendado para integralizar o curso deve ficar atento para manter o andamento mínimo no curso (aprovação em uma média de 03 disciplinas do curso por semestre). Caso o aluno realize o trancamento total do curso, este mesmo período de tempo será contabilizado para registro do tempo máximo para integralização do curso.

Adicionalmente, o aluno deverá manter em mente que a programação das disciplinas para cada semestre é realizada com base na Matriz Curricular, projetada para viabilizar a conclusão do curso no tempo *recomendado* (5 semestres). O discente que realizar o curso em tempo diferente terá que se planejar para cursar as disciplinas no semestre em que estarão disponíveis para o seu curso (turno integral ou noturno). Isso é especialmente importante, por exemplo, para as disciplinas da Área de Concentração, que são ofertadas sempre no turno vespertino no primeiro semestre letivo do ano, e no turno noturno no segundo semestre letivo. Na figura abaixo estão ilustradas possíveis distribuições de disciplinas por semestre ao longo de tempos diferentes de conclusão.



Programação da oferta de disciplinas

Mesmo com toda a flexibilidade do currículo do BACH, é imprescindível, para garantir a viabilidade da matriz curricular, que alguns parâmetros sejam levados em conta ao programar a oferta semestral de disciplinas, para orientar a solicitação de vagas e turmas de disciplinas aos departamentos, assegurando, principalmente, que: haja *vagas suficientes* em cada Eixo Temático para os períodos do curso em carga naquele semestre; haja *opções* de disciplina em cada Eixo; que a oferta das disciplinas esteja no *turno* adequado (manhã/tarde, ou noite); e que haja uma *distribuição equilibrada* de disciplinas/vagas *entre os dias da semana* (principalmente no turno noturno).

a) quanto ao número de vagas:

Para efeitos de previsão do quantitativo de vagas necessárias em disciplinas, calcula-se o número padrão de alunos no curso, baseado no número de vagas ofertadas para ingresso em cada semestre. É o número de alunos que haveria no curso, supondo-se que todas as vagas ofertadas fossem preenchidas e que todos os alunos colassem grau em cinco semestres exatos. O número real de alunos matriculados no curso varia e pode ser menor ou maior, dependendo de quantos desistiram do curso e de quantos levarão mais do que cinco semestres para colar grau.

A cada semestre letivo há uma turma nova de ingressantes: no primeiro semestre letivo, no curso diurno (72A); e no segundo semestre letivo, no curso noturno (73A). Portanto, todo semestre letivo haverá sempre turmas de alunos em períodos diferentes do curso, dependendo do semestre no qual ingressaram. Fazendo-se o cálculo baseado nos critérios mencionados acima, chega-se à previsão do quantitativo padrão de alunos em cada período do curso a cada semestre letivo. O número real de alunos em cada período do curso será maior ou menor, devido ao número de disciplinas que os discentes efetivamente cursem por período. Mas, para efeitos de planejamento de vagas em disciplinas, é a previsão viável de ser feita, e garante que, se o aluno siga a matriz curricular do curso, conseguirá colar grau dentro do tempo recomendado. Na prática, em termos de vagas em disciplinas, o

número de alunos desistentes (que cancelaram a matrícula no curso) compensará o número de alunos que demoram mais a concluir o curso.

Sendo assim, no primeiro semestre letivo do ano, há sempre alunos do 1º, 3º e 5º período no curso diurno, e alunos do 2º e 4º período no curso noturno. No segundo semestre letivo é o inverso. Sendo 150 as vagas ofertadas para ingresso no curso por semestre, chega-se à previsão de 150 alunos em cada período, somando um total de 750 alunos no BACH por semestre (450 no curso diurno e 300 no noturno no primeiro semestre letivo; e o inverso no segundo semestre letivo), conforme demonstrado na tabela abaixo.

	1º SEMESTRE LETIVO DO ANO		2º SEMESTRE LETIVO DO ANO	
	PERÍODOS EM CARGA	Nº DE ALUNOS POR PERÍODO	PERÍODOS EM CARGA	Nº DE ALUNOS POR PERÍODO
CURSO DIURNO	1º período 3º período 5º período	150 150 150	2º período 4º período	150 150
CURSO NOTURNO	2º período 4º período	150 150	1º período 3º período 5º período	150 150 150
	TOTAL ALUNOS DIURNOS: 450 TOTAL ALUNOS NOTURNOS: 300 TOTAL GERAL: 750		TOTAL ALUNOS DIURNOS: 300 TOTAL ALUNOS NOTURNOS: 450 TOTAL GERAL: 750	

Por exemplo, tomando o ano de 2017, cada turma de ingressantes e o seu período no curso será prevista como na tabela abaixo.

	TURMAS EM CARGA	
	1º SEMESTRE 2017	2º SEMESTRE 2017
CURSO DIURNO	1º período – turma ingressante em 2017/1 (novos) 3º período – turma ingressante em 2016/1 5º período – turma ingressante em 2015/1 (formandos)	2º período – turma ingressante em 2017/1 4º período – turma ingressante em 2016/1
CURSO NOTURNO	2º período – turma ingressante em 2016/2 4º período – turma ingressante em 2015/2	1º período – turma ingressante em 2017/2 (novos) 3º período – turma ingressante em 2016/2 5º período – turma ingressante em 2015/2 (formandos)

Fazendo-se esta projeção de número de alunos e seu período no curso, e sobrepondo-a à matriz curricular do curso, chega-se à previsão do número de vagas necessárias em cada bloco curricular e em qual turno deverão ser programadas.

b) quanto ao *turno* da oferta:

Como se vê nas tabelas acima, os alunos novos (os ingressantes no 1º período do curso) e os alunos formandos (5º período do curso) estão sempre no mesmo turno. Desta forma, o conjunto de

disciplinas para os alunos de 1º período e as cinco disciplinas de cada Área de Concentração são sempre ofertadas no turno vespertino (14 às 18 horas) no primeiro semestre letivo do ano, e no turno noturno (19 às 23 horas) no segundo semestre letivo do ano.

c) quanto ao número de vagas por bloco curricular/Eixo Temático:

Na Matriz Curricular do BACH encontra-se a distribuição das atividades acadêmicas programadas para cada período do curso. Ainda que não sejam estipuladas disciplinas específicas, determinadas nominalmente, é estipulado que o aluno curse disciplina de determinado(s) *Bloco(s) Curricular(es)* em determinados períodos do curso. Utilizando o cronograma da Matriz e o quantitativo padrão de alunos por período, chega-se ao quantitativo de 150 vagas, por período, em disciplinas de cada Eixo Temático, e na disciplina obrigatória (As Humanidades como Campo de Conhecimento) sempre que figuram na Matriz Curricular para aquele período do curso. No quinto período do curso, é programado que o aluno curse as cinco disciplinas da Área de Concentração que escolheu para a integralização do curso. As vagas nas cinco disciplinas de cada uma das quatro Áreas de Concentração distintas são previstas na proporção do número de vagas existentes semestralmente para ingresso no curso de segundo ciclo da mesma área. Este é o quantitativo *mínimo* de vagas necessárias nessas disciplinas. Mas, uma vez que as cinco disciplinas de cada Área de Concentração (20 no total) precisam ser todas ofertadas para atender à programação da Matriz para o 5º período, vagas adicionais são abertas nas turmas destas disciplinas, que também figuram no rol das disciplinas dos Eixos Temáticos e podem ser cursadas também por alunos do 2º ao 4º períodos, ajudando, assim, a fornecer parte das vagas necessárias nos Eixos Temáticos.

VAGAS EM DISCIPLINAS POR BLOCO CURRICULAR – 1º SEMESTRE LETIVO												
		OBR	FCR	TE	SC	LA	FCi	AC CRE	AC FIL	AC CSO	AC TUR	TCC
CURSO DIURNO	1º período	150	150	150	150	150						
	3º período		150	150	150	150	150					
	5º período							100 (20X5)	85 (17X5)	225 (45X5)	340 (68X5)	150
CURSO NOTURNO	2º período		150	150	150	150	150					
	4º período		150	150	150	150						
TOTAL:		150	600	600	600	600	300	100	85	225	340	150

		VAGAS POR BLOCO CURRICULAR – 2º SEMESTRE LETIVO										
		OBR	FCR	TE	SC	LA	FCi	AC CRE	AC FIL	AC CSO	AC TUR	TCC
CURSO DIURNO	2º período		150	150	150	150	150					
	4º período		150	150	150	150						
CURSO NOTURNO	1º período	150	150	150	150	150						
	3º período		150	150	150	150	150					
	5º período							100 (20X5)	90 (18X5)	225 (45X5)	335 (67X5)	150
TOTAL:		150	600	600	600	600	300	100	90	225	335	150

d) quanto ao número *mínimo* de *disciplinas distintas* por bloco curricular/Eixo Temático:

É na programação das disciplinas dos Eixos Temáticos que se torna imprescindível a atenção à quantidade *mínima* de disciplinas *distintas* (em oposição à oferta de uma mesma disciplina com mais de uma turma) necessárias para que haja garantia da disponibilidade de opção de disciplina que o aluno ainda não tenha cursado. O número mínimo de disciplinas distintas, necessário em cada bloco curricular, e para cada curso (diurno/noturno), indicado na tabela abaixo, foi calculado considerando-se sempre disciplinas de 60 horas, pois há pouquíssimas disciplinas com carga horária diferente. Devido à flexibilidade do currículo do BACH, uma mesma disciplina terá alunos de mais de um período ao mesmo tempo, sendo que as disciplinas podem, e devem ser programadas para alunos de mais de um período, desde que os alunos desses períodos sejam todos do mesmo curso (noturno/diurno) e haja disciplinas do *mesmo bloco curricular* estipulados para aqueles períodos na Matriz do curso.

As cinco disciplinas de cada Área de Concentração são distintas e pré-definidas nominalmente no currículo do curso. Todas (20 no total) precisam ser ofertadas no mesmo turno, uma em cada dia da semana, para atender à programação da Matriz para o 5º período.

		DISCIPLINAS <i>DISTINTAS</i> POR BLOCO CURRICULAR – 1º SEMESTRE LETIVO										
		OBR	FCR	TE	SC	LA	FCi	AC CRE	AC FIL	AC CSO	AC TUR	TCC
CURSO DIURNO	1º período	1										
	3º período		4	4	4	4	2					
	5º período							5	5	5	5	1
CURSO NOTURNO	2º período											
	4º período		4	4	4	4	2					
TOTAL:		1	8	8	8	8	4	5	5	5	5	1

DISCIPLINAS <i>DISTINTAS</i> POR BLOCO CURRICULAR – 2º SEMESTRE LETIVO												
		OBR	FCR	TE	SC	LA	FCi	AC CRE	AC FIL	AC CSO	AC TUR	TCC
CURSO DIURNO	2º período		4	4	4	4	2					
	4º período											
CURSO NOTURNO	1º período	1	4	4	4	4	2					
	3º período											
	5º período							5	5	5	5	1
TOTAL:		1	8	8	8	8	4	5	5	5	5	1

Adicionalmente, é aberto também um número pequeno de vagas para alunos do BACH em turmas de disciplinas programadas para alunos de outros cursos (mas que também são disciplinas do currículo do BACH), aumentando, assim, ainda mais as opções de disciplinas distintas e horários disponíveis para alunos do BACH, e permitindo também aos departamentos a melhor racionalização da alocação de docentes. Além do número mínimo de disciplinas distintas ofertadas, é importante também que seja variável o leque de disciplinas ofertadas (não repetindo sempre as mesmas quatro de um Eixo Temático, por exemplo), o que dará ao aluno a chance de acesso à variedade de disciplinas previstas no currículo do curso.

e) quanto ao *tamanho* das turmas das disciplinas:

As turmas das disciplinas programadas semestralmente para alunos do BACH são abertas com a disponibilidade de 70 a 90 vagas por turma, o que é necessário para acolher o número vultoso de discentes que ingressam todo semestre no curso. O BACH, na sua criação, foi concebido adotando-se a utilização turmas grandes, principalmente para as disciplinas mais iniciantes, ou programadas para o primeiro período do curso. Tanto o tamanho das turmas quanto a heterogeneidade dos discentes (de períodos diferentes do curso, e com trajetórias formativas diferentes), e o caráter interdisciplinar do curso, exige do docente uma atenção contínua para a adoção de metodologias de ensino alternativas, recursos didáticos e ferramentas que vão além das tradicionais, e também a criação e aprimoramento, por parte da instituição de ensino, de estruturas acadêmicas que dêem suporte às peculiaridades dos Bacharelados Interdisciplinares.

f) quanto à distribuição das turmas das disciplinas nos *dias da semana*:

Somado ao cuidado com o quantitativo de vagas em cada bloco curricular, o número mínimo de opções distintas em cada bloco, e o turno da oferta, também é essencial a diligência na alocação das turmas de disciplinas nos dias da semana, garantindo a distribuição equilibrada do número de disciplinas, do número total de *vagas em disciplinas por dia*, e de opções *por Eixo Temático* em cada dia (ter disciplinas de Eixos Temáticos diferentes em cada dia, ao invés de ter mais de uma disciplina do *mesmo* Eixo Temático no mesmo dia e horário).

Como o curso recebe turmas de disciplinas e vagas de inúmeros Departamentos diferentes para compor sua grade todo semestre, manter um acordo semi-permanente de dias e horários

alocados para as disciplinas de cada departamento, viabiliza a realização da programação das disciplinas dentro dos parâmetros mencionados.

VI. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC - do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas corresponde, majoritariamente, à primeira experiência de produção acadêmica que os discentes do curso desenvolvem. Assim, este produto deve ser encarado como uma oportunidade de se iniciar o pensamento reflexivo e científico na sua forma primordial, qual seja, o artigo acadêmico em toda sua formalidade, impessoalidade e tecnicidade, traços necessários à produção coletiva da ciência e do pensamento racional.

Segundo a NBR 14724-2002, o TCC tem como função apresentar “o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador”.

O Trabalho de Conclusão de Curso do BACH é um artigo acadêmico sobre tema na área de Ciências Humanas, programada para ser feita no 5º período do BACH, junto com as 05 disciplinas da Área de Concentração escolhida pelo aluno. O TCC é formalmente uma disciplina de trabalho individual, com horário livre, orientado por um docente da UFJF.

O produto final que se deseja é, portanto, um artigo acadêmico modesto, preferencialmente um texto fruto de pesquisa bibliográfica ou de uma reflexão, baseado em uma lista de referências (mínimo de 5 (cinco) fontes diferentes) acessíveis à apreciação do graduando de 5º período. Contudo, não se desencoraja trabalhos oriundos de pesquisa de campo ou, ainda, de participação do discente como bolsista de iniciação científica ou outro vínculo semelhante. Mas seja qual for a inspiração ou experiência, o formato de *artigo acadêmico* permanece como obrigatório.

Assim sendo, deve-se ficar claro que o TCC não exige o caráter inovador típico dos trabalhos acadêmicos dos níveis mais altos. Deve ser um convite ao neófito para que este, mesmo com base em uma formação generalista como aquela proposta pelo BACH, já entre em contato com a experiência de produção acadêmica, com normalização e padronização, com o uso de referências diversas, com o distanciamento do senso comum e com a liberdade (nem sempre sentida de forma positiva) de escolha que envolve a criação de um texto de tal monta.

O papel do orientador, descontado o necessário protagonismo do orientando, é de extrema relevância, requerendo, entretanto um grau de esforço menor que o empregado na elaboração das monografias, dissertações ou teses. Deve-se oferecer ao orientando: orientações sobre escopo do tema, objetivos e metodologia; uma lista mínima com referências básicas sobre o tema escolhido; a estrutura do artigo e indicações de correção.

Os Departamentos de Ciência da Religião, Ciências Sociais, Filosofia e Turismo, são os departamentos principais que fornecem orientadores para os alunos do BACH. Entretanto, os demais departamentos ligados ao BACH, como Geociências, História, Psicologia, Letras, Artes e Estatística, ou também outros da UFJF, poderão fornecer orientadores. O professor orientador deve ser professor vinculado à UFJF, sendo vedada a orientação de TCC do BACH por professor substituto.

A Coordenação do BACH publica, em seu site, uma lista de orientadores disponíveis e as temáticas com as quais trabalham. *O aluno deve procurar o orientador e definir o tema de seu TCC com base nessa lista.* Ao identificar uma temática e um orientador que o interesse, o aluno deve entrar em contato com o docente para realizar o convite de orientação. A definição do orientador é realizada no semestre *anterior* àquele em que o TCC será desenvolvido.

Tendo o professor aceito a orientação do TCC para o próximo semestre, o aluno deverá discutir junto ao mesmo sobre:

- o título provisório do artigo;

- os objetivos do trabalho;
- a metodologia proposta; e
- os autores a consultar (referencial teórico).

Essas questões devem ser registradas no formulário de Requerimento de Matrícula no TCC, que deve ser entregue na Coordenação do BACH, assinado pelo orientador, e pelo aluno, até o último dia de aula do semestre anterior ao semestre em que o aluno desenvolverá o TCC. A matrícula na disciplina 'Trabalho de Conclusão de Curso' será feita pela Coordenação do BACH, após análise dos requerimentos de matrícula entregues. Somente poderá cursar o TCC aquele aluno que tiver concluído pelo menos 1020 horas (ou 17 disciplinas) da grade curricular do BACH.

A formatação do texto do Artigo deve seguir as Normas para Formatação do TCC do BACH, publicadas pela Coordenação do BACH, e também observar as regras de normalização da ABNT para uso de referências e citações. O Artigo apresentado como TCC ao BACH deve ter a seguinte estrutura mínima:

- Capa
- Declaração de autoria própria e autorização de publicação
- Introdução
- Desenvolvimento
- Conclusão
- Referências

A versão final do TCC deve ser avaliada por dois docentes: o orientador e outro parecerista, definido e convidado pelo orientador. Cada um conferirá uma nota de zero a 100 pontos. A nota final do TCC corresponde à média simples das duas notas. O aluno será aprovado na disciplina de TCC caso atinja nota igual ou superior a 60 no total de 100 pontos, assim como ocorre em outras disciplinas da UFJF.

Os TCCs devem estar finalizados, e o nome do avaliador definido pelo menos 10 dias antes do último dia de aula. Este será o prazo final para o aluno entregar a versão final de seu TCC ao orientador e ao avaliador para avaliação. É de responsabilidade do discente e do docente-orientador promover todas as ações necessárias para elaboração e entrega final do TCC, incluindo o convite ao avaliador e o trânsito dos materiais impressos/digitais.

A versão final do TCC, a ser arquivada na Coordenação do BACH, deve ser entregue impresso, sem encadernação nem espiral, apenas grampeada, formatada de acordo com as Normas para Formatação do TCC do BACH, e com a Declaração de Autoria assinada pelo aluno. Junto com a via impressa, deve ser entregue um CD com um único arquivo (formato DOC, ODT ou RTF) contendo a versão final igual ao TCC impresso. Esta versão final do TCC para arquivamento deve ser entregue na Coordenação do BACH até o último dia de aula, já contendo as alterações necessárias, caso a aprovação no TCC tenha sido condicionada à realização de alterações.

A banca de avaliação do TCC é coordenada pelo orientador, que fica responsável por encaminhar à Coordenação do BACH a Ata Final de Avaliação do TCC, assinado pelo orientador, com o nome do parecerista e as duas notas que o aluno obteve, para arquivamento. O prazo para a entrega da Ata Final é também o último dia de aulas estipulado no Calendário Acadêmico da Graduação da UFJF.

O aluno que se matricular 02 (duas) vezes no TCC, e não for aprovado (seja qual for o motivo) perde a possibilidade de escolha do orientador e tema, que serão, a partir de então, definidos e supervisionados pela Coordenação do BACH.

VII. ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO

O Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas/BACH, segundo sua estrutura, e se beneficiando amplamente do apoio da estrutura dos diferentes departamentos – seja do Instituto e Ciências Humanas, seja daqueles de outras Unidades: como a Faculdade de Letras, o Instituto de Artes e Design, Faculdade de Direito, Faculdade de Educação, Faculdade de Serviço Social – reúne uma gama de atividades distintas das quais o aluno pode participar, podendo este vir a participar de projetos de pesquisa, extensão, treinamento profissional, monitoria, entre outros, além de participação em eventos (simpósios, seminários, etc.), da organização desses eventos, ou ainda participação em atividades representativas estudantis (como CA's, DA's, Conselhos, etc), em grupos de estudo, ou mesmo um estágio-não-obrigatório em organização privada ou não. O BACH disponibiliza a possibilidade de realização de todas essas modalidades de atividades complementares, operacionalmente através de projetos coordenados pelo conjunto de docentes que participa do BACH.

O aluno deve ficar atento, entretanto, porque há um limite máximo de horas por semestre que pode ser contabilizado de cada tipo de atividade; a maioria varia de 15 até 60 horas. Uma lista geral dos tipos de atividades aceitas nos cursos de graduação da UFJF e o limite de horas que cada uma pode contabilizar por semestre como Atividades Complementares consta no RAG, em seu Anexo I.

Os cursos de graduação podem também definir 'outras atividades' acadêmicas, que considerem relevantes para a formação do discente do curso, como passíveis de serem computadas como Atividades Complementares pelos discentes *daquele* curso. Nesse sentido, foi aprovado pelo Colegiado do BACH, que cursos acadêmico-científicos de curta duração, inclusive cursadas em formato EAD, na área de Ciências Humanas, poderiam ser contabilizadas como Atividades Complementares, em até 30 horas por semestre, para discentes do BACH. Para tal, o aluno terá que apresentar, junto com o certificado de conclusão do curso, o programa do mesmo, para avaliação pelo Coordenador do BACH. Também foi aprovada a contabilização de carga horária desenvolvida em outros tipos de eventos, a saber: 'Semanas' acadêmicas organizadas pelos Cursos ou Departamentos do ICH, Faculdade de Letras ou IAD da UFJF (limite de 15 horas por semestre, mas sendo contabilizado separadamente aos outros eventos, como os Congressos são no Anexo I do RAG); 'Jornadas', 'Ciclos de Palestras', 'Mostras', 'Conferências' e outros eventos acadêmico-científicos, sendo contabilizados junto com os outros eventos constantes do Anexo I do RAG, com limite de 15 horas por semestre. A tabela a seguir lista todas as atividades que podem ser contabilizadas por alunos do BACH como Atividades Complementares, combinando as atividades aplicáveis definidas no Anexo I do RAG com as definidas pelo Colegiado do BACH especificamente para alunos do curso.

Para que as atividades complementares cursadas pelo aluno sejam de fato computadas como carga horária do curso, compondo as 120 horas de Atividades Complementares ou Disciplinas Optativas, o aluno deve requerê-lo à Coordenação do BACH, apresentando, junto com o requerimento, os certificados comprobatórios das atividades cursadas, que obrigatoriamente devem trazer explicitada a carga horária cursada naquela atividade. O requerimento de cômputo das atividades complementares pode ser feito em qualquer época do curso, desde que o aluno tenha uma quantidade de atividades suficiente para completar as 120 horas. O prazo máximo para entregar o requerimento é até o final do prazo para inscrição em colação de grau do semestre em que o aluno pretende se formar. O prazo para inscrição em colação de grau é definido anualmente no Calendário Acadêmico da UFJF. Se o aluno não tiver completado toda a carga horária necessária até o final do prazo para inscrição na colação de grau, deve declarar, no requerimento, que está matriculado em disciplina que fornecerá a carga horária restante ou indicar com clareza o tipo de atividade que pretende cursar para completar a carga horária até o final daquele semestre.

ATIVIDADE PREVISTA PARA FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR (ATIVIDADES COMPLEMENTARES)			carga horária máxima por período letivo regular	
iniciação à docência, iniciação científica, extensão e monitoria			60 horas	
disciplina			carga horária da disciplina	
estágio não-obrigatório			60 horas	
grupo de estudo			30 horas	
participação em eventos	congresso	apresentação de trabalho	15 horas por título	
		organização	15 horas	
		participação	proporcional à carga horária limitando-se a 15 horas por evento	
	semanas acadêmicas organizadas pelos Cursos ou Departamentos do ICH, FALE, ou IAD da UFJF	participação		proporcional à carga horária limitando-se a 15 horas por evento
			seminário	proporcional à carga horária limitando-se a 15 horas
			colóquio	
			simpósio	
			encontro	
			festival	
			palestra	
			exposição	
			oficina	
			teleconferência ou similar	
			curso de curta duração / mini-curso	
			jornada	
			ciclo de palestras	
			mostra	
conferência				
semana (outras que não as estipuladas acima)				
outros eventos acadêmico-científicos				
apresentação de trabalho em seminário (ou outro evento acadêmico-científico)			05 horas por título	
participação em programa ou grupo de educação tutorial			60 horas	
participação em empresa júnior			60 horas	
vivência profissional complementar na área de formação do curso			variável até 60 horas	
treinamento profissional ou administrativo			60 horas	
representação estudantil			variável até 60 horas	
certificação em língua estrangeira			variável até 60 horas	
cursos acadêmico-científicos de curta duração, inclusive cursadas em formato EAD, na área de Ciências Humanas			variável até 30 horas	

VIII. INTEGRAÇÃO COM OS CURSOS DE 2º CICLO

Os cursos do ciclo de formação específica (2º Ciclo), que atualmente são Ciência da Religião, Ciências Sociais, Filosofia e Turismo, funcionam de acordo com as normas especificadas por cada curso. A carga horária cursada no BACH poderá ser aproveitada nos cursos de segundo ciclo, dentro dos limites estabelecidos por estes, podendo até integralmente ser aproveitada. Entretanto, as cinco disciplinas da Área de Concentração do BACH da mesma área que o curso de 2º Ciclo, por representarem disciplinas consideradas como chave para o curso de segundo ciclo, terão sua carga horária inteiramente aproveitada. O aproveitamento de carga horária cursada no BACH servirá para a integralização do curso de 2º Ciclo em um tempo menor do que seria se tivesse sido cursado em um formato tradicional de curso (curso único profissionalizante).

Acesso aos Cursos do 2º Ciclo

As vagas para ingresso nos cursos de segundo ciclo são as indicadas na tabela abaixo.

	VAGAS SEMESTRAIS PARA EGRESSOS DO BACH NOS CURSOS DE SEGUNDO CICLO	
	1º SEMESTRE LETIVO	2º SEMESTRE LETIVO
CIÊNCIA DA RELIGIÃO	20	20
CIÊNCIAS SOCIAIS	45	45
FILOSOFIA	17	18
TURISMO	68	67
	TOTAL: 150	TOTAL: 150

No último semestre do aluno no BACH, ele deverá se inscrever na Colação de Grau, momento no qual deverá declarar sua opção de curso de segundo ciclo, ou sua opção pela terminalidade. Após o final do período de inscrição Colação de Grau, a Coordenação do BACH publicará a classificação dos alunos que optaram pela continuidade de estudos, de acordo com sua opção de segundo ciclo, nas vagas disponíveis para o ingresso em cada curso. Será usado como critério de classificação o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) que estiver constando no histórico de cada aluno no momento da apuração.

Caso haja mais pretendentes do que vagas em algum dos cursos de segundo ciclo, será explicitado na classificação os alunos que foram classificados dentro do limite de vagas e os alunos excedentes. Os alunos classificados dentro do limite de vagas terão asseguradas a vaga para ingresso na sua opção de curso de segundo ciclo no semestre letivo seguinte, desde que conclua com aproveitamento, até o final do semestre, toda a carga horária do BACH necessária para a integralização do curso e colem grau. Caso o aluno classificado dentro do limite de vagas não conclua o BACH naquele semestre, por qualquer motivo, perderá o direito à vaga no semestre seguinte no

curso de segundo ciclo, e esta será disponibilizada para o próximo aluno excedente na lista de classificação, que tenha colado grau. No semestre seguinte, o aluno que não concluiu o curso deve se matricular nos componentes curriculares ainda faltantes e se inscrever novamente na Colação de Grau, declarando novamente sua opção de segundo ciclo e participando novamente da classificação para ingresso em curso de segundo ciclo.

Após a Colação de Grau Unificada, a Coordenação do BACH publicará lista dos alunos que concluíram o BACH e ocuparão as vagas nos cursos de segundo ciclo, e os alunos que ainda ficaram como excedentes.

Será facultado ao aluno que ainda ficar como excedente ingressar em outro curso de segundo ciclo no qual ainda haja vagas disponíveis. **Neste caso, e apenas neste caso, o aluno poderá passar ao segundo ciclo sem ter cursado as 5 disciplinas da Área de Concentração da mesma área que o curso de segundo ciclo no qual ingressará;** entretanto, **ficará obrigado a cursar essas cinco disciplinas assim que ingressar no curso de segundo ciclo.** Caso não queira trocar de opção de curso de segundo ciclo, o aluno perderá o *direito* de ingresso no segundo ciclo. Contudo, este aluno poderá, nos semestres futuros, tentar o ingresso como graduado no curso desejado, caso haja vagas ociosas no curso. Para tal, deverá se inscrever segundo as regras divulgadas no Edital de Vagas Ociosas da UFJF, publicado semestralmente pela Coordenadoria de Assuntos e Registros Acadêmicos (CDARA), em data definida no Calendário Acadêmico da Graduação da UFJF.

Conforme estipulação no RAG, Artigo 2º, § 2º, inciso V, fica estabelecido que os cursos de segundo ciclo do BACH podem, após consulta à coordenação do BACH, e às chefias de departamento, optar por alocar determinado quantitativo de suas vagas ociosas para:

- ingresso no BACH;
- suplementação do número regular de vagas oferecidas para o ingresso sequencial de formandos do BACH em seu curso;
- graduados do BACH que não concluíram curso de segundo ciclo em sequência ao BACH;
- mudança de curso entre cursos de segundo ciclo do BACH;
- egressos de segundo ciclo do BACH que queiram cursar mais um curso de segundo ciclo, após terem terminado o 1º curso de segundo ciclo;
- graduados em geral, ou da mesma grande área de conhecimento.

XI. ESTÁGIO

Não há estágio obrigatório no BACH. É facultado ao aluno somente a realização de estágio não-obrigatório. Isso depende do interesse do próprio aluno e poderá ser contabilizado como atividade complementar. O estágio não-obrigatório poderá ser contabilizado como atividade complementar para a integralização do curso até o limite máximo de 60 horas por semestre.

A Resolução 01/2016 do Colegiado do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas definiu critérios adicionais aos já estipulados na legislação de estágio, para autorização de estágio não-obrigatório para discentes do BACH. É necessário, para conseguir a autorização, que o aluno do BACH tenha obtido aprovação em uma média mínima de 3 disciplinas do BACH (180 horas) por semestre, nos últimos três semestres em que esteve ativo no curso (CET suficiente), e manter este andamento mínimo no curso durante o período de estágio, sob pena de ter o estágio cancelado. Este compromisso será registrado em declaração própria assinada pelo aluno na ocasião da análise do Plano de Atividades do estágio.

O discente ainda deve regularizar toda a documentação do estágio junto à Coordenação de Estágios da Pro-Reitoria de Graduação da UFJF (PROGRAD), antes de iniciar o estágio, e cumprir todo o disposto na legislação específica sobre estágios.

X. APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

Os Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares, estabelecem como princípios dos Bacharelados Interdisciplinares, entre outros:

- trajetórias formativas na perspectiva de uma alta flexibilização curricular;
- reconhecimento, validação e certificação de conhecimentos, competências e habilidades adquiridas em outras formações ou contextos;
- estímulo à iniciativa individual, à capacidade de pensamento crítico, à autonomia intelectual, ao espírito inventivo, inovador e empreendedor.

Nesse sentido, um dos intentos desta revisão de PPC é facilitar ao máximo o aproveitamento dos estudos realizados durante o BACH (equivalência) e também o aproveitamento de estudos realizados em cursos de graduação anteriores (dispensa). Para tal, foi incluído em cada Eixo Temático do currículo do BACH conjuntos de disciplinas oferecidas por determinados Departamentos da UFJF, dentro da grande área das Humanidades, que poderão ser contabilizadas como disciplinas dos Eixos Temáticos, apesar de cada disciplina não ser listada *nominalmente* no currículo. Se o aluno cursar a disciplina durante o BACH, a disciplina constará no Histórico do aluno e contará horas automaticamente para a integralização do curso. Se o aluno cursou a disciplina na UFJF *antes* de ser aluno do BACH, deverá solicitar a 'inclusão da disciplina' no histórico do BACH, após a qual contará horas automaticamente para a integralização do curso. No caso do aluno ter cursado disciplina similar em outra graduação não pertencente à UFJF, deverá seguir os procedimentos da UFJF para 'dispensa de disciplina'. Em todo caso, as disciplinas referenciadas nos Eixos Temáticos, mesmo não listadas nominalmente no currículo do curso, são passíveis de ser objeto de solicitações de 'inclusão de disciplina no histórico', 'equivalência' e 'dispensa de disciplina', e poderão contar horas para a integralização do curso. Por fim, admite-se também o aproveitamento de carga horária cursada em disciplina de curso de pós-graduação *stricto sensu* de Instituição de Ensino Superior.

XI. CURRÍCULO DO BACH (1º CICLO)

EIXO TEMÁTICO FILOSOFIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO – cursar 240 horas dentre as disciplinas eletivas abaixo:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CRE015	ESTUDO COMP.DAS RELIGIOES I	60	
CRE028	FENOMENOLOGIA DA RELIGIAO I	60	
CRE030	ANTROPOLOGIA DA RELIGIAO I	60	CRE018
CRE031	SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO	60	
CRE032	PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	60	
CRE033	INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA RELIGIÃO	60	
CRE034	DIÁLOGO INTERRELIGIOSO	60	
CRE035	TEORIAS DA RELIGIÃO	60	
CRE036	LINGUAGENS DA RELIGIÃO	60	
CRE037	RELIGIÕES NO BRASIL	60	
CRE038	HISTÓRIA DAS RELIGIÕES	60	
CRE040	FILOSOFIA DA RELIGIÃO I	60	
CRE041	FILOSOFIA DA RELIGIÃO II	60	
FIL005	ANTROPOLOGIA FILOSOFICA I	60	
FIL006	ANTROPOLOGIA FILOSOFICA II	60	
FIL010	TEORIA DO CONHECIMENTO	60	
FIL012	ETICA I	60	
FIL023	FILOSOFIA SOCIAL	60	
FIL027	INTRODUCAO A FILOSOFIA	60	
FIL032	ESTETICA	60	

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
FIL039	LOGICA I	60	
FIL041	FILOSOFIA GERAL-PROBL.METAF.I	60	
FIL052	FILOSOFIA POLÍTICA	60	
FIL061	HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA I	60	
FIL080	FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA TEORIA SOCIAL DE WEBER	60	
FIL081	COSMOLOGIA	60	
	Também poderá ser cursada como eletiva neste Eixo qualquer outra disciplina de código CRE do Departamento de Ciência da Religião da UFJF, ou de código FIL do Departamento de Filosofia da UFJF, exceto FIL024, FIL028, FIL079, CRE083 e disciplinas de Estágio, Ensino, Práticas de Licenciatura, Metodologia Científica, Projeto ou TCC. Também não poderá ser cursada como eletiva neste Eixo disciplinas de código CRE pertencentes ao currículo do curso de 2º Ciclo de Ciência da Religião da UFJF.		

EIXO TEMÁTICO TEMPO E ESPAÇO – cursar 240 horas dentre as disciplinas eletivas abaixo:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
GEO080	GEOGRAFIA DA POPULACAO	60	
GEO220	GEOGRAFIA AGRÁRIA + GE5220 - GEOGRAFIA AGRÁRIA - PRÁTICA	60+15	GEO081
GEO113	GEOGRAFIA URBANA	60	GEO087
GEO116	GEOGRAFIA POLÍTICA	60	
GEO124	FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL	60	
GEO129	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL	60	
GEO158	ESTUDOS TEMÁTICOS EM GEOGRAFIA CULTURAL	60	
HIS114	HISTÓRIA ANTIGA	60	
HIS116	TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES I	60	
HIS117	TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES II	60	
HIS118	TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES III	60	
HIS123	HISTÓRIA MEDIEVAL	60	
HIS129	PATRIMONIO HISTORICO I	60	
HIS132	TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL I	60	
HIS133	TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL II	60	
HIS134	TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL III	60	
HIS135	TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA I	60	
HIS136	TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA II	60	
HIS137	TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA III	60	
HIS144	SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL I	60	
HIS145	SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL II	60	
HIS146	SEMINÁRIO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA	60	
HIS147	HISTÓRIA DA ÁFRICA	60	HIS060
TUR051	MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS	60	
TUR053	TURISMO, CONSUMO E COMUNICAÇÃO	60	
TUR054	FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO	60	
TUR056	FUNDAMENTOS DO TURISMO	60	
TUR057	ABORDAGENS TEÓRICAS DO TURISMO	60	
TUR082	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E TURISMO	60	TUR052
TUR086	DESENVOLVIMENTO, COMUNIDADES E TURISMO	60	TUR064
	Também poderá ser cursada como eletiva neste Eixo qualquer outra disciplina de código GEO do Departamento de Geociências da UFJF, ou de código HIS do Departamento de História da UFJF, exceto disciplinas de Estágio, Ensino, Práticas de Licenciatura, Metodologia Científica, Projeto ou TCC.		

EIXO TEMÁTICO SOCIEDADE E CULTURA – cursar 240 horas dentre as disciplinas eletivas abaixo:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CSO030	SOCIOLOGIA DAS ARTES I	60	CSO089
CSO093	INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA	60	
CSO094	ESTUDOS CULTURAIS	60	
CSO095	ANTROPOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS	60	
CSO097	PARENTESCO, FAMÍLIA, PESSOA E GÊNERO	60	
CSO098	SOCIOLOGIA : HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE	60	
CSO099	ESTRATIFICAÇÃO, GRUPOS E PODER	60	
CSO101	INDIVÍDUO, CULTURA E SOCIEDADE	60	
CSO102	SOCIEDADE, ECONOMIA, INSTITUIÇÕES, DIÁLOGOS	60	
CSO103	AS TRAJETÓRIAS DA MODERNIDADE E O PENSAMENTO POLÍTICO	60	
CSO104	AS TEORIAS DA DEMOCRACIA	60	
CSO105	ESTADO E SOCIEDADE NA TEORIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA: REPENSANDO CONCEITOS CENTRAIS	60	
CSO110	INTRODUÇÃO À CIÊNCIA POLÍTICA	60	
CSO112	INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA: FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO	60	
CSO117	PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO I	60	
CSO150	VIDA URBANA, GLOBALIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL	60	CSO100
PSI018	PSICOLOGIA SOCIAL I	60	
PSI175	FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PSICOLOGIA 1	60	PSI019
PSI177	PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 1	60	PSI022
PSI215	PSICOLOGIA DA SEXUALIDADE E ESTUDOS DE GÊNERO	60	PSI041
PSI182	PSICOLOGIA SOCIAL	60	PSI043
PSI246	TEMAS ATUAIS EM PROCESSOS PSICOSSOCIAIS 2	60	PSI060
PSI188	PSICOLOGIA DA SAUDE	60	PSI061
PSI245	TEMAS ATUAIS EM PROCESSOS PSICOSSOCIAIS 1	60	PSI124
PSI173	INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA	60	PSI004, PSI128
TUR047	POLÍTICAS PÚBLICAS EM TURISMO	60	
TUR048	DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE	60	
TUR049	FUNDAMENTOS DO LAZER	60	
TUR058	AMBIENTE E SOCIEDADE	60	
TUR060	ORGANIZAÇÕES E PRODUÇÃO DE BENS TURÍSTICOS	60	
TUR081	ESTUDOS SOCIOLÓGICOS E TURISMO	60	
	Também poderá ser cursada como eletiva neste Eixo qualquer outra disciplina de código CSO do Departamento de Ciências Sociais da UFJF, ou de código PSI do Departamento de Psicologia da UFJF, exceto CSO092, CSO096, CSO154 e disciplinas de Estágio, Ensino, Práticas de Licenciatura, Metodologia Científica, Projeto ou TCC. Também não poderá ser cursada como eletiva neste Eixo disciplinas de código CSO pertencentes ao currículo do curso de 2º Ciclo de Ciências Sociais da UFJF.		

EIXO TEMÁTICO LETRAS E ARTES – cursar 240 horas dentre as disciplinas eletivas abaixo:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CSO030	SOCIOLOGIA DAS ARTES I	60	CSO089
FIL032	ESTÉTICA	60	
HIS135	TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA I	60	
HIS136	TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA II	60	
HIS137	TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA III	60	
LEC012	LITERATURA BRASILEIRA I	60	
LEC013	LITERATURA BRASILEIRA II	60	
LEC016	LITERATURA PORTUGUESA I	60	
LEC017	LITERATURA PORTUGUESA II	60	
LEC072	PORTUGUES XI	60	
LEC090	PRÁTICAS DE GÊNEROS ACADÊMICOS	60	
LEC091	ESTUDOS LITERÁRIOS I	60	
LEC096	LATIM I	60	
LEC097	GRAMÁTICA: ESTUDOS TRADICIONAIS E NORMATIVOS	60	
LEC098	ESTUDOS LITERÁRIOS II	60	
LEC314	ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA	60	LEC099

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
LEC100	TEORIA DA LITERATURA	60	
LEC106	TÓPICOS DE ESTUDOS LITERÁRIOS IV	60	
LEC113	LATIM II	60	
LEC150	GREGO CLÁSSICO II	60	
LEC160	TÓPICOS EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS V	30	
LEC177	GREGO CLÁSSICO I	60	
LEC186	ESTUDOS FUNDAMENTAIS DE LITERATURA GREGA	60	
LEC195	ESTUDOS FUNDAMENTAIS DE LITERATURA LATINA	60	
TUR095	PATRIMÔNIOS CULTURAIS & TURISMO + TUR595 PATRIMÔNIOS CULTURAIS & TURISMO – PRÁTICA	60	TUR070
UNI001	LINGUA INGLESA INSTRUMENTAL I	60	
UNI002	LINGUA INGLESA INSTRUMENTAL II	60	
UNI003	LINGUA INGLESA INSTRUMENTAL III	60	
UNI004	FRANCES INSTRUMENTAL I	60	
UNI005	FRANCES INSTRUMENTAL II	60	
UNI006	FRANCES INSTRUMENTAL III	60	
UNI007	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL I	60	
UNI008	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL II	60	
UNI009	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL III	60	
UNI010	ITALIANO INSTRUMENTAL I	60	
UNI011	ITALIANO INSTRUMENTAL II	60	
UNI012	ITALIANO INSTRUMENTAL III	60	
UNI013	LATIM INSTRUMENTAL I	60	
UNI014	LATIM INSTRUMENTAL II	60	
	Também poderá ser cursada como eletiva neste Eixo qualquer outra disciplina de código LEC do Departamento de Letras da UFJF, de código LEM do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, de código UNI do Projeto de Universalização de Língua Estrangeira da UFJF, de código ART do Departamento de Artes da UFJF, ou de código MUS do Departamento de Música da UFJF, exceto disciplinas de Estágio, Ensino, Práticas de Licenciatura, Metodologia Científica, Projeto ou TCC.		

EIXO TEMÁTICO FORMAÇÃO CIENTÍFICA – cursar 120 horas dentre as disciplinas eletivas abaixo:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CSO092	METODOLOGIA CIENTÍFICA	60	
CSO096	LEITURAS ETNOGRÁFICAS	60	
EST001	ELEMENTOS DE ESTATÍSTICA	60	EST003
FIL010	TEORIA DO CONHECIMENTO I	60	
FIL024	FILOSOFIA DA CIÊNCIA I	60	
FIL028	METODOLOGIA FILOSOFICA	60	
FIL039	LOGICA I	60	
	Também poderá ser cursada como eletiva neste Eixo qualquer outra disciplina de estatística ou metodologia científica geral dos Departamentos de Ciência da Religião, Ciências Sociais, Estatística, Filosofia ou Turismo da UFJF, exceto disciplinas de Estágio, Práticas, Projeto ou TCC.		

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – escolher 01 Área e cursar 300 horas em disciplinas dela

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO CIÊNCIA DA RELIGIÃO:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CRE033	INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA RELIGIÃO	60	
CRE034	DIÁLOGO INTERRELIGIOSO	60	
CRE035	TEORIAS DA RELIGIÃO	60	
CRE036	LINGUAGENS DA RELIGIÃO	60	
CRE037	RELIGIÕES NO BRASIL	60	

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CSO092	METODOLOGIA CIENTÍFICA	60	
CSO093	INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA	60	
CSO110	INTRODUÇÃO À CIÊNCIA POLÍTICA	60	
CSO112	INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA: FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO	60	
CSO117	PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO I	60	CSO106

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO FILOSOFIA:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
FIL010	TEORIA DO CONHECIMENTO I	60	
FIL012	ÉTICA I	60	
FIL024	FILOSOFIA DA CIÊNCIA	60	
FIL028	METODOLOGIA FILOSOFICA	60	
FIL032	ESTÉTICA	60	
FIL039	LOGICA I	60	
FIL041	FILOSOFIA GERAL-PROBL.METAF.I	60	
FIL049	FILOSOFIA DA MENTE	60	
FIL051	FILOSOFIA DA LINGUAGEM	60	
FIL052	FILOSOFIA POLÍTICA	60	
FIL053	HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA I	60	
FIL054	HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA II	60	
FIL055	HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA III	60	
FIL056	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I	60	
FIL057	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA II	60	
FIL058	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA III	60	
FIL059	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL I	60	
FIL060	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL II	60	
FIL061	HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA I	60	
FIL062	HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA II	60	

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO TURISMO:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
TUR053	TURISMO, CONSUMO E COMUNICAÇÃO	60	
TUR054	FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO	60	
TUR057	ABORDAGENS TEÓRICAS DO TURISMO	60	
TUR058	AMBIENTE E SOCIEDADE	60	
TUR060	ORGANIZAÇÕES E PRODUÇÃO DE BENS TURÍSTICOS	60	

DISCIPLINA OBRIGATÓRIA – cursar 01 disciplina dentre as abaixo:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CRE083	AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	60	CSO154 FIL079 TUR080
CSO154	AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	60	CRE083 FIL079 TUR080
FIL079	AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	60	CRE083 CSO154 TUR080
TUR080	AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	60	CRE083 CSO154 FIL079

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – cursar 01 TCC dentre os abaixo:

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CRE039	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	210	CSO108 FIL082 TUR059
CSO108	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	210	CRE039 FIL082 TUR059
FIL082	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	210	CRE039 CSO108 TUR059
TUR059	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	210	CRE039 CSO108 FIL082

XII. CONCILIAÇÃO DE ALTERAÇÕES CURRICULARES:

CONTABILIZA, PARA FINS DE CONTAGEM DE CRÉDITOS NA COLAÇÃO DE GRAU, APENAS PARA QUEM CURSOU A DISCIPLINA ANTES DE 2018/3:

NO EIXO FILOSOFIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
DISCIPLINAS DE CÓDIGO CRE PERTENCENTES AO CURRÍCULO DO CURSO DE 2º CICLO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO, DESDE QUE O ALUNO NÃO TENHA OPTADO POR INGRESSAR NO CURSO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO COMO OPÇÃO DE 2º CICLO.			

NO EIXO TEMÁTICO TEMPO E ESPAÇO

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
TUR055	DESENVOLVIMENTO LOCAL E SUSTENTABILIDADE	60	

NO EIXO TEMÁTICO SOCIEDADE E CULTURA

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CSO107	TÓPICOS ESPECIAIS DE POLÍTICA	60	
TUR019	TÓPICOS AVANÇADOS EM TURISMO	60	
TUR010	TÓPICOS ESPECIAIS EM TURISMO	60	
TUR050	PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NO TURISMO	60	
LEC100	TEORIA DA LITERATURA	60	

NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
CSO105	ESTADO E SOCIEDADE NA TEORIA POLÍTICA CONTEMPORANEA: REPENSANDO CONCEITOS CENTRAIS	60	substituindo a CSO110
CSO098	SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE	60	substituindo a CSO112

NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO FILOSOFIA

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
QUALQUER DISCIPLINA DE CÓDIGO FIL, EXCETO FIL005, FIL027, FIL043, FIL044, FIL079, E DISCIPLINAS E ESTÁGIO OU TCC			

NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO TURISMO

CÓDIGO	NOME	HORAS	EQUIVALENCIA
TUR047	POLÍTICAS PÚBLICAS EM TURISMO	60	substituindo a
TUR064	DESENVOLVIMENTO E TURISMO	60	TUR053, TUR057,
TUR050	PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NO TURISMO	60	TUR058 ou TUR060

XIII. ATENDIMENTO À POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

Em atendimento ao disposto pela Resolução nº01/2004, do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação - CP/CNE, que estabeleceu diretriz em que consta a obrigatoriedade da inclusão, nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares, de educação étnico-racial, e história e cultura afro-brasileira e africana, o currículo do BACH traz disciplinas com abordagem desses conteúdos, tais como História da África (HIS147), com conteúdos étnico-raciais ligados ao continente africano; Religiões no Brasil (CRE037), com conteúdo sobre religiões afro-brasileiras; Diálogo Interreligioso (CRE034), com discussões sobre diversificação e pluralismo religioso; História do Brasil Império (HIS125), com conteúdo sobre o tráfico negreiro, escravidão, abolicionismo e abolição; Estudos Comparados de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa (LEC314); Antropologias Contemporâneas (CSO095), que aborda a questão de grupos sociais minoritários; Estratificação, Grupos e Poder (CSO099). Tais disciplinas são de oferta regular dos departamentos e proporcionam ao aluno o conteúdo inicial necessário com esta discussão, o qual poderá ainda ser aprofundado em algum dos diversos projetos de pesquisa, extensão ou atividades extra-classe realizadas pelos docentes envolvidos com o BACH.

O mesmo ocorre com a educação ambiental, cobrada como item de regularidade, com base na Lei Federal nº. 9.795 (1999). Vale ressaltar que para atender essa norma, o curso não precisa criar disciplinas específicas (art. 10, § 1º), mas apenas conduzir sua proposta pedagógica (assim como a da instituição) para determinados objetivos (enumerados no artigo 5º) e fundamentá-la em princípios básicos, enumerados no art. 4º. Nesse sentido, é importante mencionar que o currículo do BACH cobre essa discussão, pois traz em sua grade disciplinas como Ambiente e Sociedade (TUR058), Desenvolvimento e Turismo (TUR064), Geografia da População (GEO080), Geografia Agrária (GEO220), Organização do Espaço Mundial (GEO129), que abordam a temática do meio ambiente e sustentabilidade.

XIV. POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM, E O DESEMPENHO ACADÊMICO

Considerando-se um curso tão vasto e diversificado como o BACH é difícil estipular apenas uma linha de orientação teórico-metodológica em termos dos processos de ensino-aprendizagem que guiará o curso. Praticamente há uma infinidade de abordagens segundo a gama de professores, sua formação e prática de pesquisa.

Por outro lado, em um curso altamente flexível e dinâmico, poder-se-ia dizer que um consenso mínimo, ou pelo menos uma ideia bastante hegemônica, refere-se à utilização, dentro da linha do construtivismo, do incentivo à valorização dos saberes já existentes dos alunos, mas também ao propiciar formas de como essas experiências e saberes possam se manifestar em favor da melhor assimilação dos conteúdos, bem como no desenvolvimento de habilidades e competências específicas. Assim, o discente deverá atuar não só como ouvinte (passivo), mas como sujeito na co-construção do seu saber, dentro e fora da sala de aula.

Empiricamente, como exemplos de metodologia, podemos evidenciar o uso de recursos didáticos-interativos (dinâmicas interativas; recursos audiovisuais; métodos de leitura co-participativa) que fomentam o diálogo e a construção de um raciocínio próprio; o trabalho em equipes heterogêneas antes que atividades individuais, visando sempre a inserção do aluno no trabalho coletivo do grupo; o fomento do aprender a fazer, isto é, o estímulo ao agir (ação), mormente ao longo do trabalho de campo; na exposição de conteúdos a partir dos referenciais dos alunos, isto é, a partir dos seus

saberes e habilidades que já possuem, buscando, durante todo o tempo, articular situações reais (do cotidiano) com pressupostos teóricos dialogicamente pactuados.

A regulamentação da avaliação da aprendizagem (número de avaliações por disciplina, nota mínima para aprovação, segunda chamada, etc.) e o acompanhamento acadêmico (desempenho) segue o definido no Regulamento Acadêmico da Graduação da UFJF (RAG).

XV. DESLIGAMENTO

O desligamento do aluno do curso, ou a perda da vaga no curso, é quando a matrícula do aluno no curso é cancelada por decisão da UFJF. Há várias situações que configuram um quadro que justifica o desligamento do aluno do curso. Elas são elencadas pelo Regulamento Acadêmico da Graduação da UFJF (RAG). Entre as principais estão:

- desenvolvimento insuficiente no primeiro período do curso (infrequência, nota);
- andamento insuficiente do curso (cursar com aproveitamento menos disciplinas que o mínimo exigido);
- não realizar matrícula em disciplina em qualquer semestre regular (ficar sem matrícula em disciplina - exceto quando estiver com o curso trancado); e
- sanção disciplinar.

No primeiro período do curso é quando ocorre o maior número de desistências. Com o SISU e as inúmeras reclassificações que são realizadas, é frequente que o aluno, após confirmar sua matrícula no curso, seja chamado para ingressar em outro curso, e abandone o primeiro curso no qual se matriculou, ou, no decorrer do primeiro semestre, resolva desistir do curso, por qualquer outro motivo. Nem sempre essas desistências são informadas pelo aluno, de forma que há critérios que caracterizam o abandono, possibilitando a UFJF de desligar o aluno do curso e tentar preencher essas vagas ociosas no curso com um aluno que queira de fato cursá-la. Os critérios para desligamento do aluno no primeiro período do curso estão definidos no RAG.

É imprescindível também que o aluno mantenha o andamento mínimo no curso (aprovação em disciplinas *do curso*). O aluno tem um tempo máximo para concluir o curso; ao manter o andamento mínimo, garantirá que consiga concluir o curso no tempo máximo disponível. O andamento no curso é definido pelo Coeficiente de Evolução Inicial (CEI) e o Coeficiente de Evolução Trimestral (CET). A forma de cálculo desses coeficientes é definida também no RAG. No BACH, o aluno deve manter, nos últimos 3 semestres em que esteve ativo no BACH, uma média de aprovação em 177 horas de disciplinas **do curso** (ou três disciplinas de 60 horas) por semestre.

Realizar a matrícula em disciplinas (exceto no primeiro período) é responsabilidade **do aluno**. O aluno que deseja continuar matriculado no curso deve estar matriculado em disciplinas ou com o curso trancado. Se o aluno perder o prazo para solicitar a matrícula em disciplinas online pelo sistema informatizado (SIGA), deve comparecer na Coordenação do BACH durante o período para ajuste de matrícula na Coordenação, entretanto, o discente que não solicitar sua matrícula no sistema informatizado já não terá garantia de vaga nas disciplinas de seu curso no período de ajuste. Todos os prazos para matrícula são definidas com antecedência no Calendário Acadêmico da Graduação da UFJF. Considera-se que o aluno que ficar sem matrícula em disciplina em qualquer semestre regular abandonou o curso, e sua matrícula no curso pode ser cancelada por decisão da UFJF.

XVI. DIPLOMAÇÃO

Após a integralização do curso, ou seja, o cumprimento de todas as atividades acadêmicas previstas no currículo do curso, será conferido ao egresso o diploma de Bacharel em Ciências Humanas.

6. EMENTÁRIO

O EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS DO CURSO, encontra-se disponível no ANEXO 3 deste documento.

7. INFRA-ESTRUTURA OFERECIDA PELO CURSO

I. ESPAÇO FÍSICO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS /ICH

ICH – ESPAÇO FÍSICO

- BLOCOS PRINCIPAIS: 9.829,76m² de área construída, abrigando secretaria geral, coordenações de curso, salas de chefia de departamento, salas de aula, infocentros, núcleos de pesquisa, laboratórios, e gabinetes de professores.
 - INFOCENTRO: 64 computadores com acesso à internet
 - GABINETES DE PROFESSOR: 1 gabinete individual para cada professor
 - SALAS DE AULA: 26 salas, todas com recursos multimídia (computador e data show); 5 destas são salas tipo auditório, com aproximadamente 90 lugares.
 - BANHEIROS: 12 masculinos, 12 femininos, 12 PNE masculinos, 12 PNE femininos
- BLOCO DE VIVÊNCIA: 308m² de área construída, com Cantina e Xerox
- CENTROS ACADÊMICOS: cada curso tem uma área de aproximadamente 20m² para abrigar sua entidade de representação estudantil.
- BLOCO DE ANFITEATROS: 3 anfiteatros (um com 308 lugares 2 dois com 120 lugares cada um, todos com recursos multimídia) hall, cozinha e banheiros
- BIBLIOTECA: 1350m² de área construída (675m² em 2 andares)
 - 7 salas de estudo em grupo
 - 150 baias para estudo individual
 - Banheiros masculino, feminino e PNE
 - 440 armários guarda-volumes

ICH –NÚCLEOS E LABORATÓRIOS

a) *Ciência da Religião:*

- Laboratório de Filosofia da Religião
- Laboratório de Religião, Cultura e Sociedade
- Laboratório de Diálogos Interreligiosos

b) *Ciências Sociais:*

- Centro de Estudos em Humanidades (Laboratório especial para pesquisas em Ciências Humanas);
- Núcleo de Antropologia Tapuia;
- Núcleo de Estudos sobre Violência e Políticas de Controle Social
- Laboratório de Metodologia

c) *Filosofia:*

- Núcleo de Pesquisa de Filosofia e Educação
- Núcleo de Estudos Agostinianos
- Núcleo de Cosmologia

d) *Turismo:*

- Núcleo COGITO - Conhecimento Organização e Turismo
- Rumos: Empresa Júnior de Turismo

- GET Turismo
- Observatório Turismo
- Núcleo Turismo e Empreendimentos Turísticos
- Núcleo de Pesquisa ABET
- Laboratório de Planejamento Turístico

e) *Geografia:*

- Zoneamento e Risco Ambiental
 - ✓ Laboratório de Geologia e Pedologia (GEOPED)
 - ✓ Laboratório de Geoprocessamento Aplicado (LGA)
- Estudos de Paisagem
 - ✓ Laboratório de Climatologia e Análise Ambiental (LABCAA)
 - ✓ Laboratório de Estudos da Paisagem (LABEP)
 - ✓ Grupo Geografia, Educação e Meio Ambiente
- Geo-Grafias da Zona da Mata Mineira
 - ✓ Laboratório de Territorialidades Urbano-Regionais (LATUR)
- Grupo de Pesquisa Laboratório de Geoprocessamento Aplicado da UFJF
 - ✓ Laboratório de Geoprocessamento Aplicado (LGA)
 - ✓ Laboratório de Geologia e Pedologia (GEOPED)
- Grupo de Pesquisa da Amazônia
 - ✓ Laboratório de Territorialidades Urbano-Regionais
 - ✓ Laboratório de Geologia e Pedologia (GEOPED)
- Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NUGEA)
 - ✓ Laboratório de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação
 - ✓ Laboratório Tradições, Rituais e Festas Populares
 - ✓ Laboratório NAMATA
- Grupo de Estudos sobre Organização do Território Mineiro
 - ✓ Laboratório de Estudos sobre Organização do território Mineiro

f) *História*

- Núcleo de Pesquisa em Estudos Ibéricos;
- Laboratório de História Econômica e Social (LAHES);
- Laboratório de História Política e Social (LAHPS);
- Núcleo de Estudos em História Social da Política (NEHSP);
- Laboratório de Patrimônio (LAPA);
- Laboratório de História Econômica e História Quantitativa Georreferenciada;
- Laboratório de História da Arte;

g) *Psicologia:*

- Núcleo de História e Filosofia da Psicologia (NUHFIP);
- Núcleo De Desenvolvimento, Relações Interpessoais e Centro De Pesquisa em Desenvolvimento Humano e Envelhecimento (CEPEDEN);
- Núcleo De Estudos Em Violência Ansiedade Social (NEVAS);
- Núcleo Interdisciplinar De Investigação Psicossomática E Organizacional (NUIPSO);
- Pesquisa E Prática Em Psicologia Social Políticas Públicas E Saúde (PPS).
- APSI Consultoria Júnior (Empresa Júnior de Psicologia)
- Laboratório de Psicologia Experimental
- CREPEIA: Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Outras Drogas
- PET Psicologia

8. CORPO DOCENTE E RECURSOS HUMANOS ENVOLVIDOS

I. QUADRO ATUAL DE DOCENTES: QUANTIFICAÇÃO E QUALIFICAÇÃO

O atual quadro docente que atua no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas pode ser dividido em duas categorias. A primeira compreende o conjunto de 137 (cento e trinta sete) professores efetivos do Instituto de Ciências Humanas, ao qual o curso está vinculado, pois praticamente todos esses professores eventualmente lecionam disciplinas ofertadas para alunos do BACH – variando semestralmente, de acordo com as disciplinas escaladas para entrarem em carga e o professor designado para lecioná-la naquele semestre. Isso ocorre com os 7 (sete) distintos departamentos do instituto que alimentam semestralmente com disciplinas variadas o BACH. Nesta categoria, teríamos a seguinte relação de professores, que se verifica no quadro (1a) abaixo.

Quadro 1a – relação de todos os professores efetivos do Instituto de Ciências Humanas, bem como sua vinculação departamental e qualificação, uma vez que potencialmente estão disponíveis e aptos para atuarem no curso.

PROFESSORES	DEPARTAMENTO	QUALIFICAÇÃO	PROFESSORES	DEPARTAMENTO	QUALIFICAÇÃO
1) ARNALDO ERICO HUFF JUNIOR	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	78) ALEXANDRE MANSUR BARATA	HISTÓRIA	DOUTOR
2) CLODOMIR BARROS DE ANDRADE	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	79) ANDERSON JOSE PIRES	HISTÓRIA	DOUTOR
3) DILIP LOUNDO	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	80) ANGELO ALVES CARRARA	HISTÓRIA	DOUTORA
4) EDUARDO GROSS	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	81) CARLA MARIA CARVALHO DE ALMEIDA	HISTÓRIA	DOUTORA
5) ELISA RODRIGUES	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTORA	82) CELIA APARECIDA RESENDE MAIA BORGES	HISTÓRIA	PÓS DOUTORA
6) EMERSON JOSE SENA DA SILVEIRA	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	83) CLAUDIA MARIA RIBEIRO VISCARDI	HISTÓRIA	PÓS DOUTORA
7) FAUSTINO LUIZ COUTO TEIXEIRA	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	PÓS DOUTOR	84) DENISE DA SILVA MENEZES DO NASCIMENTO	HISTÓRIA	DOUTORA
8) FREDERICO PIEPER PIRES	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	85) FERNANDA DO NASCIMENTO THOMAZ	HISTÓRIA	DOUTORA
9) JIMMY SUDARIO CABRAL	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	86) FERNANDO PERLATTO BOM JARDIM	HISTÓRIA	DOUTOR
10) JONAS ROOS	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	PÓS DOUTOR	87) IGNACIO JOSE GODINHO DELGADO	HISTÓRIA	DOUTOR
11) MARCELO AYRES CAMURCA LIMA	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	PÓS DOUTOR	88) LUDMILLA SAVRY DOS SANTOS ALMEIDA	HISTÓRIA	DOUTORA
12) MARIA CECILIA DOS SANTOS RIBEIRO SIMOES RODRIGUES	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	PÓS DOUTORA	89) LUIZ ANTONIO VALLE ARANTES	HISTÓRIA	DOUTOR
13) PAULO AFONSO DE ARAUJO	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	90) MARALIZ DE CASTRO VIEIRA CHRISTO	HISTÓRIA	PÓS DOUTORA
14) ROBERT DAIBERT JUNIOR	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	91) MARCOS OLENDER	HISTÓRIA	DOUTOR
15) RODRIGO PORTELLA	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	PÓS DOUTOR	92) MARIA FERNANDA VIEIRA MARTINS	HISTÓRIA	DOUTORA
16) SIDNEI VILMAR NOE	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	PÓS DOUTOR	93) MARTINHO ALVES DA COSTA JUNIOR	HISTÓRIA	PÓS DOUTOR
17) SONIA REGINA CORREA LAGES	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	PÓS DOUTORA	94) MONICA RIBEIRO DE OLIVEIRA	HISTÓRIA	PÓS DOUTORA
18) VOLNEY JOSE BERKENBROCK	CIÊNCIA DA RELIGIÃO	DOUTOR	95) NAIARA DOS SANTOS DAMAS RIBEIRO	HISTÓRIA	DOUTORA
19) ANDRE MOYSES GAIO	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	96) RODRIGO CHRISTOFOLETTI	HISTÓRIA	DOUTOR
20) BEATRIZ DE BASTO TEIXEIRA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	97) RONALDO PEREIRA DE JESUS	HISTÓRIA	PÓS DOUTOR
21) CELIA DA GRACA ARRIBAS	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	98) SILVANA MOTA BARBOSA	HISTÓRIA	PÓS DOUTORA
22) CHRISTIANE JALLES DE PAULA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	99) SONIA CRISTINA DA FONSECA MACHADO LINO	HISTÓRIA	DOUTORA
23) CRISTINA DIAS DA SILVA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	100) VALERIA MARQUES LOBO	HISTÓRIA	DOUTORA
24) DMITRI CERBONCINI FERNANDES	CIENCIAS SOCIAIS	PÓS DOUTOR	101) Cargo vago a ser preenchido por concurso	HISTÓRIA	
25) EDUARDO ANTONIO SALOMAO CONDE	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	102) ALINNE NOGUEIRA SILVA COPPUS	PSICOLOGIA	DOUTORA
26) ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	103) ALTEMIR JOSE GONCALVES BARBOSA	PSICOLOGIA	DOUTOR
27) FELIPE MAIA GUIMARAES DA SILVA	CIENCIAS SOCIAIS	PÓS DOUTOR	104) ANTENOR SALZER RODRIGUES	PSICOLOGIA	PÓS DOUTOR
28) FERNANDO TAVARES JUNIOR	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	105) BIANCA MARIA SANCHES FAVERET	PSICOLOGIA	DOUTORA
29) GILBERTO FELISBERTO VASCONCELLOS	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	106) CLAUDIA NASCIMENTO GUARALDO JUSTI	PSICOLOGIA	DOUTORA
30) JOSE ALCIDES FIGUEIREDO SANTOS	CIENCIAS SOCIAIS	PÓS DOUTOR	107) EDELVAIS KELLER	PSICOLOGIA	DOUTORA
31) LEONARDO SILVA ANDRADA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	108) FABIANE ROSSI DOS SANTOS GRINCENKOV	PSICOLOGIA	PÓS DOUTORA
32) LUIZ FLAVIO NEUBERT	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	109) FATIMA SIQUEIRA CAROPRESO	PSICOLOGIA	PÓS DOUTORA
33) LUZIMAR PAULO PEREIRA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	110) FRANCIS RICARDO DOS REIS JUSTI	PSICOLOGIA	DOUTOR
34) MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	111) JULIANA PERUCCHI	PSICOLOGIA	DOUTORA
35) Cargo vago a ser preenchido por concurso	CIENCIAS SOCIAIS		112) LAISA MARCORELA ANDREOLI SARTES	PSICOLOGIA	PÓS DOUTORA
36) MARCOS ALBERTO PATRONIS	CIENCIAS SOCIAIS	ESPECIALISTA	113) LELIO MOURA LOURENCO	PSICOLOGIA	PÓS DOUTOR
37) MARTA MENDES DA ROCHA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	114) LUIZ GIBIER DE SOUZA	PSICOLOGIA	MESTRE
38) PAULO CESAR PONTES FRAGA	CIENCIAS SOCIAIS	PÓS DOUTOR	115) MARISA COSENZA RODRIGUES	PSICOLOGIA	DOUTORA
39) RAPHAEL BISPO DOS SANTOS	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	116) NARA LIANA PEREIRA SILVA	PSICOLOGIA	DOUTORA
40) RAUL FRANCISCO MAGALHAES	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	117) Cargo vago a ser preenchido por concurso	PSICOLOGIA	
41) ROGERIA CAMPOS DE ALMEIDA DUTRA	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTORA	118) RICARDO KAMIZAKI	PSICOLOGIA	DOUTOR

42)	RUBEM BARBOZA FILHO	CIENCIAS SOCIAIS	DOUTOR	119)	RICHARD THEISEN SIMANKE	PSICOLOGIA	PÓS DOUTOR
43)	ANTONIO HENRIQUE CAMPOLINA MARTINS	FILOSOFIA	DOUTOR	120)	SAULO DE FREITAS ARAUJO	PSICOLOGIA	DOUTOR
44)	GUSTAVO ARJA CASTANON	FILOSOFIA	PÓS DOUTOR	121)	TELMO MOTA RONZANI	PSICOLOGIA	PÓS DOUTOR
45)	HUMBERTO SCHUBERT COELHO	FILOSOFIA	PÓS DOUTOR	122)	ALICE GONCALVES ARCURI	TURISMO	MESTRE
46)	JOACIR TEIXEIRA DE MELO	FILOSOFIA	MESTRE	123)	ALTAIR SANCHO PIVOTO DOS SANTOS	TURISMO	DOUTOR
47)	JUAREZ GOMES SOFISTE	FILOSOFIA	DOUTOR	124)	ANDRE BARCELOS DAMASCENO DAIBERT	TURISMO	DOUTOR
48)	LUCIANO CALDAS CAMERINO	FILOSOFIA	DOUTOR	125)	ANNE BASTOS MARTINS ROSA	TURISMO	MESTRE
49)	LUCIANO DONIZETTI DA SILVA	FILOSOFIA	DOUTOR	126)	EDILAINE ALBERTINO DE MORAES	TURISMO	MESTRE
50)	LUCIANO VICENTE	FILOSOFIA	DOUTOR	127)	EDWALDO SERGIO DOS ANJOS JUNIOR	TURISMO	MESTRE
51)	LUIS HENRIQUE DREHER	FILOSOFIA	PÓS DOUTOR	128)	ERIKA ALVES DE MELLO	TURISMO	MESTRE
52)	LUIZ ANTONIO DA SILVA PEIXOTO	FILOSOFIA	DOUTOR	129)	HUMBERTO FOIS BRAGA	TURISMO	MESTRE
53)	MARIO JOSE DOS SANTOS	FILOSOFIA	MESTRE	130)	LUCIANA BITTENCOURT VILLELA	TURISMO	MESTRE
54)	NATHALIE BARBOSA DE LA CADENA	FILOSOFIA	DOUTORA	131)	MARCELO CARMO RODRIGUES	TURISMO	DOUTOR
55)	PEDRO CALIXTO FERREIRA FILHO	FILOSOFIA	DOUTOR	132)	MARCELO FERREIRA TREZZA KNOP	TURISMO	MESTRE
56)	RONALDO DUARTE DA SILVA	FILOSOFIA	DOUTOR	133)	MICHELSON KAIRO RIBEIRO NOGUEIRA	TURISMO	MESTRE
57)	ADRIANA MOTA BARBOSA	GEOCIÊNCIAS	DOUTORA	134)	MIRIANE SIGILIANO FROSSARD	TURISMO	DOUTORA
58)	CAMILA NEVES SILVA	GEOCIÊNCIAS	MESTRE	135)	RAPHAELA MACIEL CORREA	TURISMO	MESTRE
59)	CARLOS EDUARDO SANTOS MAIA	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR	136)	THIAGO DUARTE PIMENTEL	TURISMO	DOUTOR
60)	CASSIA DE CASTRO MARTINS FERREIRA	GEOCIÊNCIAS	DOUTORA	137)	Cargo vago a ser preenchido por concurso	TURISMO	
61)	CLARICE CASSAB TORRES	GEOCIÊNCIAS	DOUTORA				
62)	ELIAS LOPES DE LIMA	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
63)	FRANCISCO DE ASSIS PENTEADO MAZETTO	GEOCIÊNCIAS	PÓS DOUTOR				
64)	GERALDO CESAR ROCHA	GEOCIÊNCIAS	PÓS DOUTOR				
65)	JULIO CESAR GABRICH AMBROZIO	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
66)	LEONARDO DE OLIVEIRA CARNEIRO	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
67)	LUIS ANGELO DOS SANTOS ARACRI	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
68)	LUIZ FERNANDO SOARES DE CASTRO	GEOCIÊNCIAS	MESTRE				
69)	MARIA APARECIDA DE ALMEIDA	GEOCIÊNCIAS	MESTRE				
70)	MARIA LUCIA PIRES MENEZES	GEOCIÊNCIAS	PÓS DOUTORA				
71)	MIGUEL FERNANDES FELIPPE	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
72)	PEDRO JOSE DE OLIVEIRA MACHADO	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
73)	RICARDO TAVARES ZAIDAN	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
74)	ROBERTO MARQUES NETO	GEOCIÊNCIAS	PÓS DOUTOR				
75)	ROSELENE PERLATTO BOM JARDIM	GEOCIÊNCIAS	MESTRE				
76)	VICENTE PAULO DOS SANTOS PINTO	GEOCIÊNCIAS	DOUTOR				
77)	Cargo vago a ser preenchido por concurso	GEOCIÊNCIAS					

Fonte: elaboração própria a partir de informações administrativas da coordenação do curso e do sistema SIGA/UFJF. Informações de 03/03//2017.

O segundo conjunto de professores são os docentes que atuam no BACH, mas são de outros Institutos e Faculdades da UFJF que também disponibilizam disciplinas para alunos do BACH. Semestralmente, o curso conta com turmas e/ou vagas em turmas de disciplinas da Faculdade de Letras, do Instituto de Artes e Design, do Departamento de Estatística, e do Projeto de Universalização de Línguas Estrangeiras (PU). Esse conjunto de professores é mais reduzido, não abrangendo todos os professores dos Departamentos envolvidos, pois o grupo de disciplinas disponibilizadas para receberem alunos do BACH é bem menor. Os docentes que efetivamente atuam no curso também variam semestralmente, de acordo com as disciplinas escaladas para entrarem em carga e o professor designado para lecioná-la naquele semestre.

Assim, exemplificaremos o conjunto de professores externos ao ICH que atuam no curso, arrolando, no quadro abaixo, os docentes que lecionaram disciplinas ofertadas para alunos do BACH (turmas ou vagas) no primeiro e segundo semestre letivo de 2016.

Quadro 1b – Lista de professores de Departamentos e Institutos externos ao ICH, que atuaram lecionando disciplinas para alunos do BACH no primeiro e segundo semestre letivo de 2016.

PROFESSORES 1/2016	DEPARTAMENTO/ FACULDADE	PROFESSORES 2/2016	DEPARTAMENTO/ FACULDADE
ALVARO JOAO MAGALHAES DE QUEIROZ	ARTES	ALESSANDRA SOUZA MELETT BRUM	ARTES
CHRISTIAN HUGO PELEGRINI	ARTES	ALVARO JOAO MAGALHAES DE QUEIROZ	ARTES
GILTON MONTEIRO DOS SANTOS JUNIOR	ARTES	CARLOS FRANCISCO PEREZ REYNA	ARTES
KARLA HOLANDA DE ARAUJO	ARTES	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI	ARTES
LUIS ALBERTO ROCHA MELO	ARTES	EDNA REZENDE SILVEIRA DE ALCANTARA	ARTES
MARIA CLAUDIA BONADIO	ARTES	KARLA HOLANDA DE ARAUJO	ARTES
PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI	ARTES	MARIA LUCIA BUENO RAMOS	ARTES
PAULA SCAMPARINI FERREIRA	ARTES	MONICA DE QUEIROZ FERNANDES ARAUJO NEDER	ARTES
RAQUEL QUINET DE ANDRADE PIFANO	ARTES	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI	ARTES
ROSANE PRECIOSA SEQUEIRA	ARTES	RAQUEL QUINET DE ANDRADE PIFANO	ARTES
JOAQUIM HENRIQUES VIANNA NETO	ESTATÍSTICA	JOSE ANTONIO DA SILVA REIS	ESTATÍSTICA
ANA PAULA GRILLO EL JAICK	LETRAS	LUIZ CLAUDIO RIBEIRO	ESTATÍSTICA
ANDERSON PIRES DA SILVA	LETRAS	ALEXANDRE GRACA FARIA	LETRAS
ANDRE MONTEIRO GUIMARAES DIAS PIRES	LETRAS	ANDERSON PIRES DA SILVA	LETRAS
CHARLENE MARTINS MIOTTI	LETRAS	ANDRE MONTEIRO GUIMARAES DIAS PIRES	LETRAS
EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA	LETRAS	CHARLENE MARTINS MIOTTI	LETRAS
FERNANDA CUNHA SOUSA	LETRAS	EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA	LETRAS
JULIO CESAR SOUZA DE OLIVEIRA	LETRAS	EDUARDO LACERDA FARIA ROCHA	LETRAS
MARCOS VINICIUS FERREIRA DE OLIVEIRA	LETRAS	FABIO DA SILVA FORTES	LETRAS
MARIA CRISTINA LOBO NAME	LETRAS	FERNANDA CUNHA SOUSA	LETRAS
TERESINHA VÂNIA ZIMBRÃO DA SILVA	LETRAS	FERNANDO FABIO FIORESE FURTADO	LETRAS
TIAGO TIMPONI TORRENT	LETRAS	GILVAN PROCOPIO RIBEIRO	LETRAS
VIVIANE APARECIDA SANTOS	LETRAS		

Fonte: elaboração própria a partir de informações administrativas da coordenação do curso e do sistema SIGA/UFJF. Informações de jan/2017.

A título de ilustração empírica, listamos também a relação de todos os professores que atuaram lecionando disciplinas para alunos do BACH no ano de 2016, para que se possa ter uma dimensão mais precisa do contingente de docentes envolvidos no curso (cf. quadro 1c abaixo).

Como se pode constatar no quadro, no primeiro semestre do ano letivo de 2016 foram ofertadas aos alunos do BACH 113 disciplinas distintas (seja com uma turma inteira ou com algumas vagas), as quais envolveram diretamente 97 docentes distintos. Já no segundo semestre do mesmo ano a oferta foi de 118 disciplinas, que envolveram também 97 docentes distintos.

Adicionalmente, é digno de nota comentar a ampla oferta de disciplinas de outros institutos e faculdades que é aportada ao BACH, dentre as quais, regularmente, se conta com o apoio da Faculdade de Letras, do Departamento de Estatística, do Projeto de Universalização de Línguas Estrangeiras (PU), e do Instituto de Artes e Design.

Quadro 1c – Relação de disciplinas oferecidas com turma ou vagas para o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, nos semestres letivos 2016/1 e 2016/2, e os docentes que as lecionaram, para efeitos de visualização da oferta educativa de disciplinas e a qualificação e diversificação docente.

DISCIPLINA 1/2016	PROFESSOR 1/2016	DISCIPLINA 2/2016	PROFESSOR 2/2016
ART182 A - SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL I	PAULA SCAMPARINI FERREIRA	ART182 A - SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL I	EDNA REZENDE SILVEIRA DE ALCANTARA
ART182 B - SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL I	ROSANE PRECIOSA SEQUEIRA	ART182 B - SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL I	MONICA DE QUEIROZ FERNANDES ARAUJO NEDER
ART182 C - SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL I	ALVARO JOAO MAGALHAES DE QUEIROZ	ART182 C - SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL I	ALVARO JOAO MAGALHAES DE QUEIROZ
ART199 A - ARTES E HISTÓRIA I	GILTON MONTEIRO DOS SANTOS JUNIOR	ART199 A - ARTES E HISTÓRIA I	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI
ART199 B - ARTES E HISTÓRIA I	GILTON MONTEIRO DOS SANTOS JUNIOR	ART199 B - ARTES E HISTÓRIA I	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI
ART199 C - ARTES E HISTÓRIA I	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI	ART199 C - ARTES E HISTÓRIA I	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI
ART200 A - ARTES E HISTÓRIA II	GILTON MONTEIRO DOS SANTOS JUNIOR	ART200 A - ARTES E HISTÓRIA II	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI
ART200 B - ARTES E HISTÓRIA II	GILTON MONTEIRO DOS SANTOS JUNIOR	ART200 B - ARTES E HISTÓRIA II	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI
ART201 A - ARTES E HISTÓRIA III	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI	ART200 C - ARTES E HISTÓRIA II	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI
ART201 B - ARTES E HISTÓRIA III	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI	ART201 A - ARTES E HISTÓRIA III	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI
ART202 A - ARTES E HISTÓRIA IV	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI	ART201 B - ARTES E HISTÓRIA III	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI
ART202 B - ARTES E HISTÓRIA IV	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI	ART201 C - ARTES E HISTÓRIA III	MARIA LUCIA BUENO RAMOS
ART203 A - ESTÉTICA E CRÍTICA DAS ARTES	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI	ART202 A - ARTES E HISTÓRIA IV	RAQUEL QUINET DE ANDRADE PIFANO
ART203 B - ESTÉTICA E CRÍTICA DAS ARTES	RAQUEL QUINET DE ANDRADE PIFANO	ART202 B - ARTES E HISTÓRIA IV	MARIA LUCIA BUENO RAMOS
ART281 A - HISTÓRIA E ESTÉTICA DO CINEMA II	KARLA HOLANDA DE ARAUJO	ART203 A - ESTÉTICA E CRÍTICA DAS ARTES	RAQUEL QUINET DE ANDRADE PIFANO
ART321 A - CINEMA BRASILEIRO I	LUIS ALBERTO ROCHA MELO	ART203 B - ESTÉTICA E CRÍTICA DAS ARTES	RAQUEL QUINET DE ANDRADE PIFANO
ART347 A - HISTÓRIA DA MODA BRASILEIRA	MARIA CLAUDIA BONADIO	ART311 - CINEMA E CIÊNCIAS SOCIAIS: O USO DA IMAGEM NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	CARLOS FRANCISCO PEREZ REYNA
ART604 A- TÓPICOS DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA	PATRICIA FERREIRA MORENO CHRISTOFOLETTI	ART238 A - DESIGN E MARKETING	CHRISTIAN HUGO PELEGRINI
CRE015 A - ESTUDO COMP. DAS RELIGIOES I	DILIP LOUNDO	ART320 A - DOCUMENTÁRIO	KARLA HOLANDA DE ARAUJO
CRE028 A - FENOMENOLOGIA DA RELIGIAO I	EDUARDO GROSS	ART322 A - CINEMA BRASILEIRO II	ALESSANDRA SOUZA MELETT BRUM
CRE030 A - ANTROPOLOGIA DA RELIGIAO I	MARCELO AYRES CAMURCA LIMA	CRE015 A - ESTUDO COMP.DAS RELIGIOES I	MARIA CECÍLIA DOS SANTOS RIBEIRO SIMOES RODRIGUES
CRE032 A - PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	SIDNEI VILMAR NOE	CRE031 A - SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO	MARIA CECÍLIA DOS SANTOS RIBEIRO SIMOES RODRIGUES
CRE033 A - INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA RELIGIÃO	ARNALDO ERICO HUFF JUNIOR	CRE032 A - PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	SIDNEI VILMAR NOE
CRE034 A - DIÁLOGO INTERRELIGIOSO	FAUSTINO LUIZ COUTO TEIXEIRA	CRE033 A - INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA RELIGIÃO	ARNALDO ERICO HUFF JUNIOR
CRE035 A - TEORIAS DA RELIGIÃO	ROBERT DAIBERT JUNIOR	CRE034 A - DIÁLOGO INTERRELIGIOSO	VOLNEY JOSE BERKENBROCK
CRE036 A - LINGUAGENS DA RELIGIÃO	RODRIGO PORTELLA	CRE035 A - TEORIAS DA RELIGIÃO	FREDERICO PIEPER PIRES
CRE037 A - RELIGIÕES NO BRASIL	EMERSON JOSE SENA DA SILVEIRA	CRE036 A - LINGUAGENS DA RELIGIÃO	RODRIGO PORTELLA

CRE038 A- HISTÓRIA DAS RELIGIÕES	JIMMY SUDARIO CABRAL	CRE037 A - RELIGIÕES NO BRASIL	MARCELO AYRES CAMURCA LIMA
CSO030 A- SOCIOLOGIA DAS ARTES I	GILBERTO FELISBERTO VASCONCELLOS	CRE038 A - HISTÓRIA DAS RELIGIÕES	JIMMY SUDARIO CABRAL
CSO092 A- METODOLOGIA CIENTÍFICA	EDUARDO ANTONIO SALOMAO CONDE	CRE041 A - FILOSOFIA DA RELIGIÃO II	DAVISON SCHAEFFER DE OLIVEIRA
CSO093 A- INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA	LUZIMAR PAULO PEREIRA	CSO030 A - SOCIOLOGIA DAS ARTES I	GILBERTO FELISBERTO VASCONCELLOS
CSO094 A- ESTUDOS CULTURAIS	RAPHAEL BISPO DOS SANTOS	CSO073 A - SOCIOLOGIA DA SAUDE	MARCOS ALBERTO PATRONIS
CSO095 A- ANTROPOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS	ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO	CSO092 A - METODOLOGIA CIENTÍFICA	CELIA DA GRACA ARRIBAS
CSO096 A- LEITURAS ETNOGRÁFICAS	ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO	CSO093 A - INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA	MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA
CSO098 A - SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE.	BEATRIZ DE BASTO TEIXEIRA	CSO094 C - ESTUDOS CULTURAIS	CRISTINA DIAS DA SILVA
CSO098 B - SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE.	PAULO CESAR PONTES FRAGA	CSO096 A - LEITURAS ETNOGRÁFICAS	MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA
CSO103 A- AS TRAJETÓRIAS DA MODERNIDADE E O PENSAMENTO POLÍTICO	RAUL FRANCISCO MAGALHAES	CSO097 A - PARENTESCO, FAMÍLIA, PESSOA E GÊNERO.	RAPHAEL BISPO DOS SANTOS
CSO104 A- AS TEORIAS DA DEMOCRACIA	LEONARDO SILVA ANDRADA	CSO098 D - SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE.	ANDRE MOYSES GAIO
CSO110 A- INTRODUÇÃO À CIÊNCIA POLÍTICA	RAUL FRANCISCO MAGALHAES	CSO098 E - SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE.	GILBERTO FELISBERTO VASCONCELLOS
CSO112 A- INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA: FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO	LUIZ FLAVIO NEUBERT	CSO099 A - ESTRATIFICAÇÃO, GRUPOS E PODER	JOSE ALCIDES FIGUEIREDO SANTOS
CSO117 A- PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO	MARCELO SOARES DULCI	CSO103 A - AS TRAJETÓRIAS DA MODERNIDADE E O PENSAMENTO POLÍTICO	RUBEM BARBOZA FILHO
CSO150 A- VIDA URBANA, GLOBALIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL.	BEATRIZ DE BASTO TEIXEIRA	CSO105 A - ESTADO E SOCIEDADE NA TEORIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA:	RAUL FRANCISCO MAGALHAES
EST001 A - ELEMENTOS DE ESTATISTICA	JOAQUIM HENRIQUES VIANNA NETO	CSO110 C - INTRODUÇÃO À CIÊNCIA POLÍTICA	RUBEM BARBOZA FILHO
EST001 B - ELEMENTOS DE ESTATISTICA	JOAQUIM HENRIQUES VIANNA NETO	CSO112 A - INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA: FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO	PAULO CESAR PONTES FRAGA
FIL005 B - ANTROPOLOGIA FILOSOFICA I	JOACIR TEIXEIRA DE MELO	CSO117 A - PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO I	LEONARDO DA SILVA ANDRADA
FIL010 A- TEORIA DO CONHECIMENTO I	LUIS HENRIQUE DREHER	CSO150 A - VIDA URBANA, GLOBALIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL.	BEATRIZ DE BASTO TEIXEIRA
FIL012 A - ETICA I	ANTONIO HENRIQUE CAMPOLINA MARTINS	EST001 B - ELEMENTOS DE ESTATISTICA	JOSE ANTONIO DA SILVA REIS
FIL024 A - FILOSOFIA DA CIENCIA I	LUCIANO CALDAS CAMERINO	EST001 C - ELEMENTOS DE ESTATISTICA	LUIZ CLAUDIO RIBEIRO
FIL024 B - FILOSOFIA DA CIENCIA I	LUCIANO VICENTE	FIL006 A - ANTROPOLOGIA FILOSOFICA II	DEBORA MARIZ
FIL027 D - INTRODUCAO A FILOSOFIA	GUSTAVO ARJA CASTANON	FIL010 A - TEORIA DO CONHECIMENTO I	GUSTAVO ARJA CASTANON
FIL028 A- METODOLOGIA FILOSOFICA	JOACIR TEIXEIRA DE MELO	FIL012 A - ETICA I	DEBORA MARIZ
FIL032 A - ESTETICA	LUIZ ANTONIO DA SILVA PEIXOTO	FIL012 C - ETICA I	MARIO JOSE DOS SANTOS
FIL032 B - ESTETICA	HUMBERTO SCHUBERT COELHO	FIL013 A - ETICA II	JOACIR TEIXEIRA DE MELO
FIL039 A- LOGICA I	LUCIANO VICENTE	FIL023 A - FILOSOFIA SOCIAL	GUSTAVO ARJA CASTANON
FIL041 A- FILOSOFIA GERAL-PROBL. METAF. I	PEDRO CALIXTO FERREIRA FILHO	FIL025 A - FILOSOFIA DA CIENCIA II	LUCIANO CALDAS CAMERINO
FIL049 A- FILOSOFIA DA MENTE	GUSTAVO ARJA CASTANON	FIL027 A - INTRODUCAO A FILOSOFIA	DEBORA MARIZ

FIL051 A - FILOSOFIA DA LINGUAGEM	RONALDO DUARTE DA SILVA	FIL028 A - METODOLOGIA FILOSOFICA	JOACIR TEIXEIRA DE MELO
FIL052 B - FILOSOFIA POLÍTICA	JOACIR TEIXEIRA DE MELO	FIL041 A - FILOSOFIA GERAL-PROBL.METAF.I	PEDRO CALIXTO FERREIRA FILHO
FIL053 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA I	NATHALIE BARBOSA DE LA CADENA	FIL042 A - FILOSOFIA GERAL-PROBL.METAF.II	PEDRO CALIXTO FERREIRA FILHO
FIL055 A- HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA III	LUIZ ANTONIO DA SILVA PEIXOTO	FIL052 A - FILOSOFIA POLÍTICA	LUIZ ANTONIO DA SILVA PEIXOTO
FIL056 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I	LUIS HENRIQUE DREHER	FIL054 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA II	RONALDO DUARTE DA SILVA
FIL060 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL II	PEDRO CALIXTO FERREIRA FILHO	FIL057 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA II	LUIS HENRIQUE DREHER
FIL061 A- HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA I	MARIO JOSE DOS SANTOS	FIL058 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA III	LUIS HENRIQUE DREHER
FIL079 A - AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	HUMBERTO SCHUBERT COELHO	FIL059 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL I	ANTONIO HENRIQUE CAMPOLINA MARTINS
FIL079 B - AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	EDUARDO ANTONIO SALOMAO CONDE	FIL061 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA I	LUCIANO CALDAS CAMERINO
FIL080 A - FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA TEORIA SOCIAL DE WEBER	LUCIANO CALDAS CAMERINO	FIL062 A - HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA II	PEDRO CALIXTO FERREIRA FILHO
GEO062 A - PLANEJAMENTO URBANO	MARIA LUCIA PIRES MENEZES	FIL079 A - AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	JUAREZ GOMES SOFISTE
GEO076 A - CLIMATOLOGIA	CASSIA DE CASTRO MARTINS FERREIRA	FIL079 B - AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	FELIPE MAIA GUIMARAES DA SILVA
GEO076 B - CLIMATOLOGIA	CASSIA DE CASTRO MARTINS FERREIRA	FIL081 A - COSMOLOGIA	LUCIANO CALDAS CAMERINO
GEO080 A - GEOGRAFIA DA POPULACAO	LUIZ FERNANDO SOARES DE CASTRO	GEO080 A - GEOGRAFIA DA POPULACAO	LUIZ FERNANDO SOARES DE CASTRO
GEO080 B - GEOGRAFIA DA POPULACAO	LUIZ FERNANDO SOARES DE CASTRO	GEO081 A - GEOGRAFIA AGRARIA	LEONARDO DE OLIVEIRA CARNEIRO
GEO112 A - CARTOGRAFIA	RODRIGO BATISTA LOBATO	GEO081 B - GEOGRAFIA AGRARIA	LEONARDO DE OLIVEIRA CARNEIRO
GEO112 B - CARTOGRAFIA	RODRIGO BATISTA LOBATO	GEO113 A - GEOGRAFIA URBANA	CLARICE CASSAB TORRES
GEO116 A - GEOGRAFIA POLÍTICA	ADRIANA MOTA BARBOSA	GEO113 B - GEOGRAFIA URBANA	ADRIANA MOTA BARBOSA
GEO116 B - GEOGRAFIA POLÍTICA	VICENTE PAULO DOS SANTOS PINTO	GEO115 A - GEOGRAFIA DA INDÚSTRIA E DO SERVIÇO	LUIS ANGELO DOS SANTOS ARACRI
GEO124 A - FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL	LUIS ANGELO DOS SANTOS ARACRI	GEO115 B - GEOGRAFIA DA INDÚSTRIA E DO SERVIÇO	LUIS ANGELO DOS SANTOS ARACRI
GEO124 B - FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL	JULIO CESAR GABRICH AMBROZIO	GEO122 A - TEORIA REGIONAL E REGIONALIZAÇÃO	ELIAS LOPES DE LIMA
GEO153 A - GEOGRAFIA DA SAÚDE	FRANCISCO DE ASSIS PENTEADO MAZETTO	GEO129 C – ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL	FRANCISCO DE ASSIS PENTEADO MAZETTO
GEO153 B - GEOGRAFIA DA SAÚDE	FRANCISCO DE ASSIS PENTEADO MAZETTO	GEO158 A - ESTUDOS TEMÁTICOS EM GEOGRAFIA CULTURAL	CARLOS EDUARDO SANTOS MAIA
HIS015 A - HISTORIA MODERNA II	CELIA APARECIDA RESENDE MAIA BORGES	HIS015 A - HISTORIA MODERNA II	CELIA APARECIDA RESENDE MAIA BORGES
HIS040 A- HISTORIA CONTEMPORANEA I	JULIANA MUylaERT MAGER	HIS040 A - HISTORIA CONTEMPORANEA I	SILVANA MOTA BARBOSA
HIS041 A- HISTORIA CONTEMPORANEA II	SONIA CRISTINA DA FONSECA MACHADO LINO	HIS041 A - HISTORIA CONTEMPORANEA II	SONIA CRISTINA DA FONSECA MACHADO LINO
HIS045 A- HISTORIA DA AMERICA I	LUIZ ANTONIO VALLE ARANTES	HIS045 A - HISTORIA DA AMERICA I	LUIZ ANTONIO VALLE ARANTES
HIS046 A- HISTORIA DA AMERICA II	BEATRIZ HELENA DOMINGUES	HIS046 A - HISTORIA DA AMERICA II	MARIA FERNANDA VIEIRA MARTINS
HIS047 A- HISTORIA DA AMERICA III	JULIANA MUylaERT MAGER	HIS047 A - HISTORIA DA AMERICA III	JULIANA MUylaERT MAGER
HIS061 A- HISTORIA DE MINAS GERAIS	ANDERSON JOSE PIRES	HIS061 A - HISTORIA DE MINAS GERAIS	ANDERSON JOSE PIRES
HIS081 A- HISTORIA DO BRASIL REPUBLICA I	PEDRO IVO DIAS TANAGINO	HIS081 A - HISTORIA DO BRASIL REPUBLICA I	ALLONY REZENDE DE CARVALHO MACEDO
HIS084 A- HISTORIA DO BRASIL REPUBLICA II	FERNANDO PERLATTO BOM JARDIM	HIS084 A - HISTORIA DO BRASIL REPUBLICA II	PEDRO IVO DIAS TANAGINO

HIS121 A- HISTÓRIA MODERNA I	CARLA MARIA CARVALHO DE ALMEIDA	HIS114 A - HISTÓRIA ANTIGA	LUDMILLA SAVRY DOS SANTOS ALMEIDA
HIS123 A- HISTÓRIA MEDIEVAL	LUDMILLA SAVRY DOS SANTOS ALMEIDA	HIS116 A - TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES I	FERNANDO PERLATTO BOM JARDIM
HIS125 A- HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO	ALEXANDRE MANSUR BARATA	HIS117 A - TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES II	LUIZ ANTONIO VALLE ARANTES
HIS129 A- PATRIMÔNIO HISTÓRICO I	MARCOS OLENDER	HIS118 A - TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES III	RONALDO PEREIRA DE JESUS
HIS130 A- PATRIMÔNIO HISTÓRICO II	MARALIZ DE CASTRO VIEIRA CHRISTO	HIS121 A - HISTÓRIA MODERNA I	CARLA MARIA CARVALHO DE ALMEIDA
HIS132 A- TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL I	ANDERSON JOSE PIRES	HIS123 A - HISTÓRIA MEDIEVAL	DENISE DA SILVA MENEZES DO NASCIMENTO
HIS134 A- TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL III	ANGELO ALVES CARRARA	HIS124 A - HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL	FERNANDA FIORAVANTE KELMER MATHIAS
HIS135 B - TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA I	MARALIZ DE CASTRO VIEIRA CHRISTO	HIS125 A- HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO	ALEXANDRE MANSUR BARATA
HIS136 A- TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA II	SONIA CRISTINA DA FONSECA MACHADO LINO	HIS129 A - PATRIMÔNIO HISTÓRICO I	MARCOS OLENDER
HIS138 A- HISTÓRIA DA REPÚBLICA III	VALERIA MARQUES LOBO	HIS132 A - TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTORIA ECONOMICA E SOCIAL I	ANDERSON JOSE PIRES
HIS144 A- SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL I	LUIZ ANTONIO VALLE ARANTES	HIS134 A - TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL III	ANGELO ALVES CARRARA
HIS145 A- SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL II	WALLACE ANDRIOLI GUEDES	HIS135 A - TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA I	CELIA APARECIDA RESENDE MAIA BORGES
HIS146 A- SEMINÁRIO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA	JULIANA MUylaERT MAGER	HIS136 A - TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA II	SONIA CRISTINA DA FONSECA MACHADO LINO
HIS147 A- HISTÓRIA DA ÁFRICA	FERNANDA DO NASCIMENTO THOMAZ	HIS137 A - TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA III	LUDMILLA SAVRY DOS SANTOS ALMEIDA
LEC013 A- LITERATURA BRASILEIRA II	TERESINHA VÂNIA ZIMBRÃO DA SILVA	HIS138 A - HISTÓRIA DA REPÚBLICA III	VALERIA MARQUES LOBO
LEC016 A- LITERATURA PORTUGUESA I	MARCOS VINICIUS FERREIRA DE OLIVEIRA	HIS144 A - SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL I	ALLONY REZENDE DE CARVALHO MACEDO
LEC050 A- LINGUISTICA I	MARIA CRISTINA LOBO NAME	HIS145 A - SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL II	PEDRO IVO DIAS TANAGINO
LEC090 B - PRÁTICAS DE GÊNEROS ACADÊMICOS	TIAGO TIMPONI TORRENT	HIS146 A - SEMINÁRIO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA	JULIANA MUylaERT MAGER
LEC090 C - PRÁTICAS DE GÊNEROS ACADÊMICOS	ANA PAULA GRILLO EL JAICK	HIS147 A - HISTÓRIA DA ÁFRICA	FERNANDA DO NASCIMENTO THOMAZ
LEC091 A- ESTUDOS LITERÁRIOS I	ANDRE MONTEIRO GUIMARAES DIAS PIRES	HIS147 B - HISTÓRIA DA ÁFRICA	FERNANDA DO NASCIMENTO THOMAZ
LEC096 A - LATIM I	FERNANDA CUNHA SOUSA	LEC012 A - LITERATURA BRASILEIRA I	ANDERSON PIRES DA SILVA
LEC097 A- GRAMÁTICA: ESTUDOS TRADICIONAIS E NORMATIVOS	JULIO CESAR SOUZA DE OLIVEIRA	LEC013 A - LITERATURA BRASILEIRA II	ALEXANDRE GRACA FARIA
LEC098 A - ESTUDOS LITERÁRIOS II	ANDERSON PIRES DA SILVA	LEC016 A - LITERATURA PORTUGUESA I	EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA
LEC099 A- ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURA EM LÍNGUAS AFRICANAS	EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA	LEC096 A - LATIM I	FERNANDA CUNHA SOUSA
LEC100 A- TEORIA DA LITERATURA	ANDRE MONTEIRO GUIMARAES DIAS PIRES	LEC096 A - LATIM I	EDUARDO LACERDA FARIA ROCHA
LEC115 A- LEITURA ESTILÍSTICA DE TEXTOS LITERÁRIOS	VIVIANE APARECIDA SANTOS	LEC098 A - ESTUDOS LITERÁRIOS II	FERNANDO FABIO FIORESE FURTADO

LEC140 A- HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA	TIAGO TIMPONI TORRENT	LEC099 A - ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURA EM LÍNGUAS AFRICANAS	EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA
LEC147 A- TÓPICOS DE LITERATURA LATINA: DRAMA	CHARLENE MARTINS MIOTTI	LEC100 A - TEORIA DA LITERATURA	ANDRE MONTEIRO GUIMARAES DIAS PIRES
LEC186 A- ESTUDOS FUNDAMENTAIS DE LITERATURA GREGA	CHARLENE MARTINS MIOTTI	LEC104 A - TÓPICOS DE ESTUDOS LITERÁRIOS II	FERNANDO FABIO FIORESE FURTADO
PSI018 A- PSICOLOGIA SOCIAL I	ALANA AUGUSTA CONCESSO DE ANDRADE	LEC110 A - TÓPICOS DE ESTUDOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA IV	GILVAN PROCOPIO RIBEIRO
PSI019 A- TEORIAS DA PERSONALIDADE I	BIANCA MARIA SANCHES FAVERET	LEC177A - GREGO CLÁSSICO I	FABIO DA SILVA FORTES
PSI022 A- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO I	RAIMUNDA CÉLIA TORRES	LEC195A - ESTUDOS FUNDAMENTAIS DE LITERATURA LATINA	CHARLENE MARTINS MIOTTI
PSI041 A- PSICOLOGIA DA SEXUALIDADE	JULIANA PERUCCHI	LEC196A - TÓPICOS DE LITERATURA GREGA	FABIO DA SILVA FORTES
PSI061 A - PSICOLOGIA E SAUDE	DOUGLAS NUNES ABREU	PSI015A - PSICOLOGIA APLICADA ADMINISTRATIVA	ALANA AUGUSTA CONCESSO DE ANDRADE
PSI128 A- HISTÓRIA DA PSICOLOGIA	SAULO DE FREITAS ARAUJO	PSI015B - PSICOLOGIA APLICADA ADMINISTRATIVA	ALANA AUGUSTA CONCESSO DE ANDRADE
TUR048 A - DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE	LUCAS GAMONAL BARRA DE ALMEIDA	PSI018A - PSICOLOGIA SOCIAL I	LAISA MARCORELA ANDREOLI SARTES
TUR049 A- FUNDAMENTOS DO LAZER	JOAO ALCANTARA DE FREITAS	PSI043 A- PSICOLOGIA SOCIAL III	ALANA AUGUSTA CONCESSO DE ANDRADE
TUR050 A- PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NO TURISMO	EDWALDO SERGIO DOS ANJOS JUNIOR	PSI044A - TEORIAS DA PERSONALIDADE II	CRISTIA ROSINEIRI GONÇALVES LOPES CORREA e FATIMA SIQUEIRA CARÓPRESO.
TUR051 A- MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS	LUCAS GAMONAL BARRA DE ALMEIDA	PSI044B - TEORIAS DA PERSONALIDADE II	RICHARD THEISEN SIMANKE
TUR052 A – TURISMO E GLOBALIZAÇÃO	MARIANA DE ALENCAR E SOUZA	PSI046A - PSICOPATOLOGIA GERAL I	LELIO MOURA LOURENCO
TUR054 A – FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO	ALTAIR SANCHO	TUR048 A - DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE	MARCELO CARMO RODRIGUES
TUR056 A- FUNDAMENTOS DO TURISMO	MIRIANE SIGILIANO FROSSARD	TUR049 A - FUNDAMENTOS DO LAZER	EDWALDO SERGIO DOS ANJOS JUNIOR
TUR057 A- ABORDAGENS TEÓRICAS DO TURISMO	ANDRE BARCELOS DAMASCENO DAIBERT	TUR050 A - PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NO TURISMO	MARCELO CARMO RODRIGUES
TUR058 A - AMBIENTE E SOCIEDADE	LUCIANA BITTENCOURT VILLELA	TUR051 A - MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS	JULIA FONSECA DE CASTRO
TUR060 A- ORGANIZAÇÕES E PRODUÇÃO DE BENS TURÍSTICOS	THIAGO DUARTE PIMENTEL	TUR052 A - TURISMO E GLOBALIZAÇÃO	MARIANNA DE ALENCAR E SOUZA
		TUR054 A - FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO	ANNE BASTOS MARTINS ROSA
		TUR056 A - FUNDAMENTOS DO TURISMO	ERIKA ALVES DE MELLO
		TUR057 A - ABORDAGENS TEÓRICAS DO TURISMO	JULIA FONSECA DE CASTRO
		TUR058 A - AMBIENTE E SOCIEDADE	LUCIANA BITTENCOURT VILLELA
		TUR060 A - ORGANIZAÇÕES E PRODUÇÃO DE BENS TURÍSTICOS	THIAGO DUARTE PIMENTEL

Fonte: elaboração própria a partir de informações administrativas da coordenação do curso e do sistema SIGA/UFJF.

II. CONSIDERAÇÕES QUANTO À NECESSIDADE DE NOVOS DOCENTES

Com a realização da 3ª etapa do REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão do Ensino Superior), do Ministério da Educação, através de concursos públicos para o provimento de cargos de magistério superior na Universidade Federal de Juiz de Fora, entre os anos 2013 e 2014 (ao qual se soma a obtenção de vagas para reposição do banco de equivalência e contingente de professores substitutos para substituição de professores que são afastados por meio de licença médica ou para capacitação) o Instituto de Ciências Humanas/ICH, conta hoje com sua capacidade letiva plena, não sendo, portanto, necessárias novas contratações para assegurar o funcionamento do curso.

9. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DO CURSO

I. COORDENAÇÃO E SECRETARIA

Desde o seu projeto inicial, o curso já previa dois coordenadores de curso. Apesar disso, por razões administrativo-financeiras internas à gestão da UFJF, o curso funcionou entre março de 2010 e dezembro de 2014 com apenas um coordenador, tendo este formalmente os benefícios de função gratificada, e as responsabilidades inerentes à sua função administrativa. Em dezembro de 2014 obteve-se a 2ª função gratificada e formalmente pôde-se alocar outro coordenador para desempenhar as funções junto ao BACH. A partir deste aporte, a Coordenação do BACH promoveu uma série de discussões no Colegiado do curso e nos Departamentos do ICH sobre a divisão de atribuições entre os dois Coordenadores do curso, e a sequência dos Departamentos que ficariam responsáveis por fornecer, entre os professores de seu quadro, docentes para ocupar os cargos de Coordenadores e Vice-Coordenadores do curso. As discussões resultaram em um acordo interdepartamental para sucessão da Coordenação, aprovada no Conselho do ICH em 05 de agosto de 2015, e na deliberação de se adotar o arranjo de “Coordenador Acadêmico e Coordenador Administrativo”, com uma divisão temática das atividades administrativas do curso, ao invés de “Coordenador Diurno e Coordenador Noturno”.

A sucessão de coordenadores se dará em forma de rodízio entre os quatro departamentos dos cursos que têm ingresso via BACH (Ciência da Religião, Ciências Sociais, Filosofia e Turismo), que ficam responsáveis por prover docentes para os cargos de Vice-Coordenador, Coordenador Administrativo e Coordenador Acadêmico. O Vice-Coordenador exercerá a função para ambos os Coordenadores, e a ocupação dos cargos se dará de forma seqüencial; ou seja, ao término do mandato do Coordenador Acadêmico, o Coordenador Administrativo assumirá suas funções e o Vice-Coordenador assumirá a função de Coordenador Administrativo. O Departamento responsável por prover o próximo Vice-Coordenador indicará o nome de um professor ao Colegiado do BACH. O Vice-Coordenador será eleito pelo Colegiado do BACH, que apreciará o nome do docente indicado em reunião com a pauta única de eleição. O docente que assume o cargo de Vice-Coordenador do curso, o faz com o compromisso de assumir, na seqüência, os cargos de Coordenador Administrativo e Coordenador Acadêmico, à medida que os mandatos de seus titulares forem sendo concluídos. Cada Coordenador (ou outro professor do mesmo Departamento que o Coordenador) também assumirá 01 turma da disciplina “AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO” durante os 03 anos de seu mandato na Coordenação. Sendo assim, a carga de 01 turma da disciplina ficará com cada Departamento por 03 anos. Segue-se o acordo firmado no Conselho do ICH:

ACORDO INTERDEPARTAMENTAL PARA SUCESSÃO DA COORDENAÇÃO DO BACH

	1 CICLO (6 ANOS)						1 CICLO (6 ANOS)					
	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
TUR	TUR ACAD			TUR VICE	TUR ADMIN	TUR ADMIN	TUR ACAD			TUR VICE	TUR ADMIN	TUR ADMIN
CSO	CSO ADMIN	CSO ACAD	CSO ACAD		CSO VICE	CSO VICE	CSO ADMIN	CSO ACAD	CSO ACAD		CSO VICE	CSO VICE
FIL	FIL VICE	FIL ADMIN	FIL ADMIN	FIL ACAD			FIL VICE	FIL ADMIN	FIL ADMIN	FIL ACAD		
CRE		CRE VICE	CRE VICE	CRE ADMIN	CRE ACAD	CRE ACAD		CRE VICE	CRE VICE	CRE ADMIN	CRE ACAD	CRE ACAD
HUMANIDADES	TUR, CSO	CSO, FIL	CSO, FIL	FIL, CRE	TUR, CRE	TUR, CRE	TUR, CSO	CSO, FIL	CSO, FIL	FIL, CRE	TUR, CRE	TUR, CRE

* CSO E CRE FICAM COMO VICE POR 2 ANOS, COM INTERVALO DE 1 ANO SEM PARTICIPAR DA COORDENAÇÃO DO BACH

** TUR E FIL FICAM COMO VICE POR APENAS 1 ANO, COM INTERVALO DE 2 ANOS SEM PARTICIPAR DA COORDENAÇÃO DO BACH

- 1) Este acordo considera que os Departamentos dos 04 cursos com entrada de alunos via BACH seriam co-responsáveis por prover professores para compor a Coordenação do BACH, entendendo que a participação periódica de membros de todos estes departamentos na Coordenação, tem o potencial de fornecer perspectivas únicas no desenvolvimento do curso, sendo desejável e benéfico para a evolução e consolidação do BACH.
- 2) A Coordenação do BACH se compõe de 01 Vice-Coordenador, 01 Coordenador Administrativo e 01 Coordenador Acadêmico (ver esquema de divisão das atividades em anexo).
- 3) A sequência de atividades na Coordenação começa com as de Vice-Coordenador e progride sucessivamente para as de Coordenador Administrativo e depois para Coordenador Acadêmico à medida que o titular desses cargos termina o seu mandato de 3 anos como Coordenador.
- 4) Como parte de suas atribuições na Coordenação do BACH, cada Coordenador assume obrigatoriamente 01 turma da disciplina AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO durante seus 03 anos de mandato na Coordenação. (A disciplina poderá ser lecionada, opcionalmente, por outro professor do departamento, a critério do departamento.)
- 5) Em contrapartida, o Departamento ao qual o professor está vinculado, deverá também se comprometer a reduzir a carga do professor em disciplinas do departamento pelo período de seu mandato na Coordenação. Seguindo-se a sequência departamental de sucessão da coordenação, a disciplina HUMANIDADES fica com cada departamento por 3 anos, com intervalo de 3 anos até pegar a carga novamente.
- 6) O professor eleito para Vice-Coordenador assume a função obrigatoriamente com a promessa de se candidatar a Coordenador na sequência da saída de um dos Coordenadores titulares e cumprir o mandato de 3 anos na função, durante o qual assumirá 01 turma da disciplina AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO.

Na divisão de atividades entre os Coordenadores, estabelecida na reunião do Colegiado do BACH de 15 de abril de 2015:

- a) **O Coordenador Acadêmico é responsável por:**
 - Presidir o NDE
 - Projeto pedagógico, currículo (atualização)
 - Ementas (atualização, bibliografia, se estão sendo cumpridas pelos professores)
 - Compra de livros para a biblioteca
 - Eventos (evento integração BACH, outros)
 - Questões relacionadas com notas, faltas, provas, e problemas com professores/alunos em sala de aula
 - Tratamento excepcional
 - TCC e comissão de TCC, se houver
 - Estágios e COE

- Intercâmbio, mobilidade acadêmica, revalidação de estudos
- Acompanhamento da avaliação do curso, ENADE
- Pareceres do estágio probatório de professor
- Auxiliar no ajuste de matrícula
- Assumir 01 turma da disciplina “As Humanidades como campo de conhecimento”

b) **O Coordenador Administrativo** é responsável por:

- Presidir o Colegiado
- Editais PISM, SISU e Vagas Ociosas; ingresso (matrícula de ingressantes)
- Programação de disciplinas / solicitação de matrícula (pelos alunos)
- Matrícula, ajuste de matrícula e acompanhamento acadêmico
- Desligamento, andamento do curso, dilatação, evasão
- Trancamento excepcional
- Cômputo de atividades complementares
- Aproveitamento de disciplinas (dispensa/equivalência/inclusão de disciplinas)
- Formatura, contagem de créditos, ingresso no 2º Ciclo
- Problemas no SIGA e históricos
- Espaço físico
- Troca de coordenação, eleição
- Bolsistas da coordenação
- TAE(s) lotado(s) na coordenação
- Página web do BACH
- Assumir 01 turma da disciplina “As Humanidades como campo de conhecimento”

O Coordenador Acadêmico representa o curso no CONGRAD e os dois possuem assento no Conselho do ICH e no Colegiado do Curso.

Desde a criação do curso, foi designado pela Direção do Instituto de Ciências Humanas/ICH, um servidor técnico-administrativo (TAE), para atuar exclusivamente junto à Coordenação do BACH. Entretanto, apesar do Projeto Pedagógico original do curso prever mais de um técnico-administrativo para compor a secretaria do curso, visto que as peculiaridades da estrutura flexível dos Bacharelados Interdisciplinares demanda um maior suporte administrativo para seu bom funcionamento, o curso ainda funciona com apenas um TAE e dois bolsistas.

Dessa forma, atualmente no curso falta apenas o segundo TAE inicialmente previsto, questão que continua sendo negociada com a Direção do Instituto de Ciências Humanas.

Atualmente a composição da Coordenação e Secretaria do curso é:

- Coordenador Acadêmico: Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert (Departamento de Ciências Sociais), com mandato de 2015-2017;
- Coordenador Administrativo: Prof. Dr. Luciano Vicente (Departamento de Filosofia), com mandato de 2016-2018;
- Secretaria: Josefa Ferreira (TAE) e dois alunos bolsistas do Programa de Treinamento Profissional da UFJF.

II. COLEGIADO DO BACH

O Colegiado de curso de graduação é o órgão colegiado *deliberativo* que se ocupa com as questões do curso. O Colegiado do BACH é presidido pelo Coordenador Administrativo do curso, e é composta por professores (70%), alunos e pessoal técnico-administrativo (30%). Os órgãos colegiados no ensino superior são regulamentados pela Lei 9.394/96 (LDB), e na UFJF, pelo seu Estatuto e Regimento.

O Colegiado do BACH é composto por 15 Membros:

- Coordenador Administrativo do BACH (Presidente)
- Coordenador Acadêmico do BACH
- Vice-Coordenador do BACH
- 01 professor do Departamento de Ciência da Religião
- 01 professor do Departamento de Ciências Sociais
- 01 professor do Departamento de Filosofia
- 01 professor do Departamento de Geociências
- 01 professor do Departamento de História
- 01 professor do Departamento de Letras
- 01 professor do Departamento de Psicologia
- 01 professor do Departamento de Turismo
- 02 servidores técnico-administrativos do ICH
- 02 alunos do BACH

III. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) DO BACH

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) de um curso de graduação é uma instância *consultiva* constituída por um grupo de pelo menos 05 docentes do corpo docente do curso, que tem a função de acompanhamento acadêmico do curso atuando principalmente na concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso. O NDE dos cursos de graduação é regulamentado pela Resolução 01/2010 CONAES/MEC, o Parecer 4/2010 CONAES/MEC, e, na UFJF, pela Resolução 17/2011 do CONGRAD/UFJF.

As principais atribuições e competências do NDE do BACH são:

- contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso ;
- realizar monitoramento, avaliação e atualização contínua do PPC do BACH, bem como criar dispositivos que visem ao aperfeiçoamento da experiência de ensino-aprendizagem dos alunos do curso.

O NDE do BACH é composto por 10 Membros:

- Coordenador Acadêmico do BACH (presidente)
- Coordenador Administrativo do BACH
- Vice-Coordenador do BACH
- 01 professor do Departamento de Ciência da Religião
- 01 professor do Departamento de Ciências Sociais
- 01 professor do Departamento de Filosofia
- 01 professor do Departamento de Geociências
- 01 professor do Departamento de História
- 01 professor do Departamento de Letras
- 01 professor do Departamento de Turismo

IV. REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL

O BACH tem uma representação estudantil ativa. Cada curso do Instituto de Ciências Humanas tem o seu Centro Acadêmico (CA), entidade estudantil, organizado por alunos do curso, todos com espaço físico cedido pelo ICH para realização de suas atividades. O CA do BACH elege periodicamente seus dirigentes, que são também os representantes estudantis dos alunos do curso, e participam das reuniões do Colegiado do Curso e do Conselho do ICH, onde possuem assento e intermediam informações entre estes e os alunos, bem como trazem à tona demandas dos mesmos.

10. DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

I. ADAPTAÇÃO AO NOVO PPC

As alterações introduzidas por esta revisão do PPC do curso são, em sua maioria, mais permissivas e abrangentes do que o PPC anterior, e muitas do currículo já vinham sendo aplicadas na prática do dia-a-dia do curso. Vale salientar duas mudanças mais restritivas, introduzidas neste PPC devido à revisão do Regulamento Acadêmico da Graduação da UFJF em 2014, que, apesar de serem introduzidas somente agora no PPC do curso, já se aplicam a todos os discentes que ingressaram a partir de 2014 (inclusive): o tempo máximo para conclusão do curso passou a ser de no máximo o dobro do tempo recomendado (reduzindo de 13 para 10 semestres o tempo para conclusão no BACH para todos os alunos que ingressaram a partir do primeiro semestre letivo de 2014); e o andamento mínimo que o discente tem que dar no curso (CEI e CET).

Outra alteração restritiva, em relação ao PPC anterior, é a exigência do aluno que optar pela terminalidade (não ingressar em um curso de 2º Ciclo em seqüência após a conclusão do BACH) ter que cursar uma Área de Concentração, à sua escolha. O PPC anterior permitia que este aluno cursasse cinco disciplinas quaisquer para completar a carga horária da Área de Concentração, o que não é mais uma possibilidade.

II. DO SISTEMA DE AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO E ACOMPANHAMENTO DO PPC

O curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, assim como em sua versão inicial de seu projeto pedagógico, prevê uma dupla forma de avaliação: (1) uma, contínua e processual, feita pela coordenação do curso ao longo do seu mandato, por meio da qual buscará coletar e manter informações em um banco de dados sobre a evolução do curso, e feito também pelo NDE; e (2) uma segunda forma, que se dará após o interstício de 3 anos, da aprovação desta nova versão do PPC, onde se buscará realizar um processo de diagnóstico mais amplo e profundo, com o intuito de reavaliar o funcionamento do curso e propor adequações necessárias ao seu melhor funcionamento, bem como estratégias de médio e longo prazo com vistas a contribuir para a melhoria contínua do curso, seu reconhecimento e qualidade final.

Cumprir mencionar que diferentes dispositivos poderão ser utilizados em ambos esses momentos, desde a realização de monitoramento e coleta sistemática de dados sobre alunos, professores, e a própria gestão do curso; bem como instrumentos pontuais como pesquisa de satisfação junto aos alunos, grupo focal com os professores, ou entrevistas com os TAEs direta e indiretamente envolvidos com o curso.

Por fim, cumpre mencionar que o próprio RAG prevê o uso dos mecanismos do Coeficiente de Evolução Inicial (CEI) e do Coeficiente de Evolução Trimestral (CET) para acompanhamento dos alunos, sobretudo, aqueles com menor desempenho acadêmico, onde a coordenação lhes prestará apoio em forma de tutoria sobre as disciplinas que o discente poderá (ou deverá) cursar. Neste caso a matrícula é realizada diretamente pelo coordenador, nas disciplinas e na quantidade em que ele julgue pertinente ao caso específico do aluno.

III. CRONOGRAMA

Este PPC entra em vigor a partir da data de sua aprovação junto ao Conselho Setorial de Graduação (CONGRAD) da UFJF, tornando-o plenamente válido para todos os alunos já matriculados ou futuros alunos que nele venham a ingressar.

IV. QUESTÕES OMISSAS

Para estes casos, o Colegiado de curso deverá intervir no sentido de decidir sobre as matérias ainda não estipuladas neste PPC, bem como para fazer as alterações pertinentes neste documento, sempre que necessário, com intuito de adequá-lo ao funcionamento corrente do curso fazê-lo servir de guia à sua gestão e como bússola na orientação do aluno em sua trajetória junto ao mesmo.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA FILHO, Naomar. *Universidade Nova – Textos Críticos e Esperançosos*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- ARRIGHI, Giovanni. *O Longo século XX*. São Paulo: Contraponto, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- CASANOVA, Pablo Gonzalez. *As Novas Ciências e as Humanidades*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FOUCAULT, MICHEL. *As Palavras e as Coisas*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- LIMA, Licínio C. AZEVEDO, Mário Luiz. CATANI, Afrânio Mendes. O Processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a Universidade Nova. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v, 13, n.1, p. 7-36, mar. 2008.
- RIBEIRO, Renato Janine. *Humanidades – Um Novo curso para a USP*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ROUANET, Sergio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo. Cia das Letras, 1987.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Rumo a Uma Ciência Pós Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *Semear Outras Soluções*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: EDUSP,
- SENNET, Richard. 2006. *A Cultura no Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Dados estatísticos. 2016b. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/portal/universidade/ufjf/dados-estatisticos/> >. Acesso em: 18 de março de 2016.
- UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Plano de Desenvolvimento Institucional (2009-2013). 2015a. Disponível em: < >. Acesso em: 28 de maio de 2015.
- UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Portal Institucional. 2016a. Disponível em: < >. Acesso em: 28 de maio de 2015.
- UFJF. Estatuto da UFJF. Disponível Em <http://www.ufjf.br/portal/files//2009/01/estatuto.pdf> acesso em
- UFJF. HISTÓRICO INSTITUCIONAL. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/portal/universidade/acessoainformacao/institucionalufjf/competenciasufjf/>>. Acesso em 28 DE MAIO DE 2015b
- UFJF. *Relatório Anual de Autoavaliação da UFJF 2013 - Comissão Própria de Avaliação – CPA*. Danilo Pereira Pinto & Vanderlí Fava de Oliveira & Marcelo Silva Silverio (Organizadores). Juiz de Fora: Secretaria de Avaliação Institucional SEAVI/UFJF, fevereiro/2013.
- Voice of the Shuttle – web site for humanities research*. <http://vos.ucsb.edu/> (acesso em fev./2008).
- WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. Mexico: Fondo de Cultura, 1985.

ANEXO 1: FORMULÁRIO PARA ACOMPANHAMENTO DISCENTE DA CARGA HORÁRIA COMPLETADA NO BACH

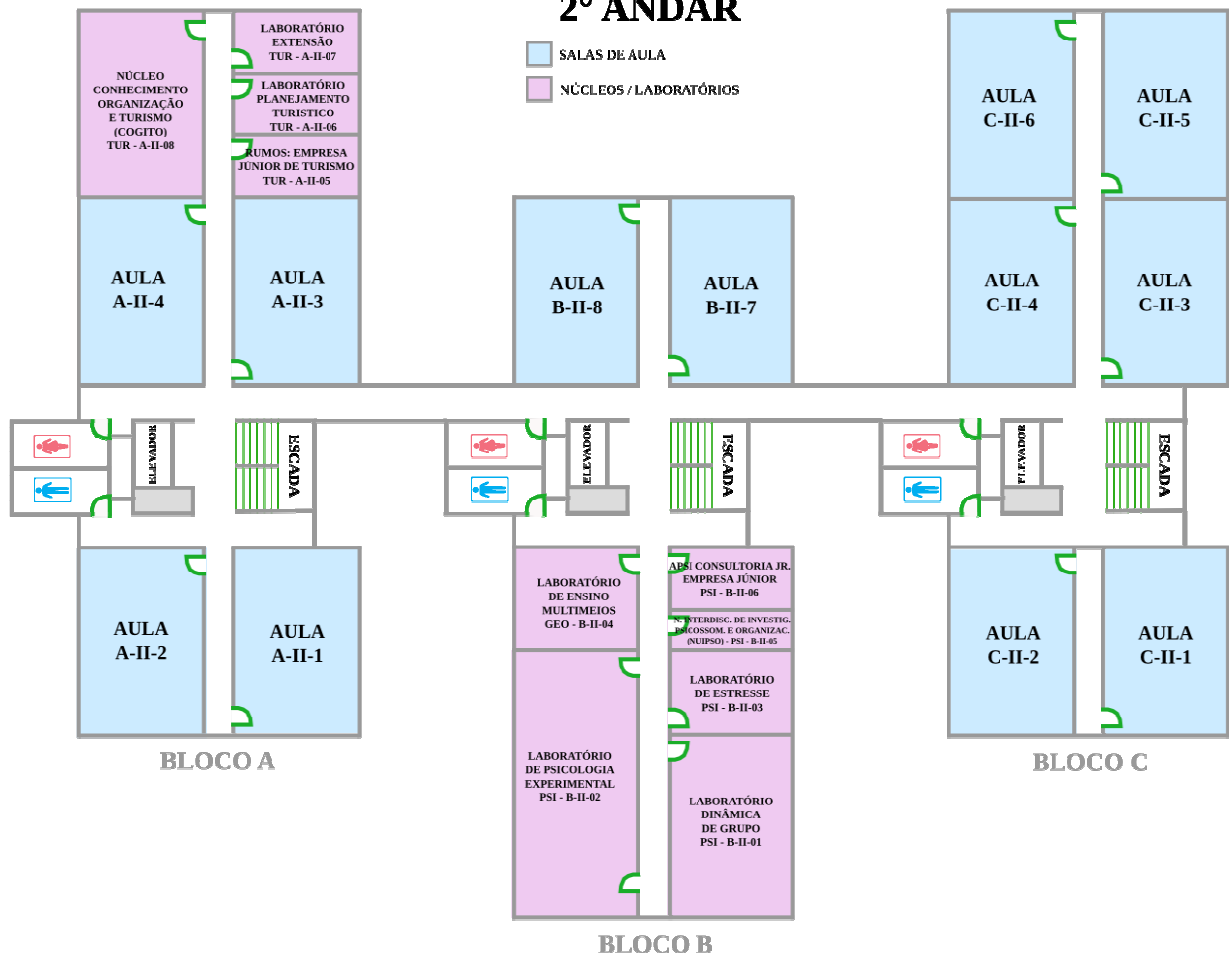
CONTAGEM DE HORAS CURSADAS: BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS - UFJF

ALUNO: _____

OPÇÃO 2º CICLO: _____

CÓDIGO	DISCIPLINA	NOTA	STATUS (Aprovado/Matriculado)	HORAS
Eixo Temático FILOSOFIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO (240 horas)				
				60
				60
				60
				60
Eixo Temático TEMPO E ESPAÇO (240 horas)				
				60
				60
				60
				60
Eixo Temático SOCIEDADE E CULTURA (240 horas)				
				60
				60
				60
				60
Eixo Temático LETRAS E ARTES (240 horas)				
				60
				60
				60
				60
Eixo Temático FORMAÇÃO CIENTÍFICA (120 horas)				
				60
				60
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO (300 horas)				
				60
				60
				60
				60
				60
OBRIGATÓRIA 'HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO' (60 horas)				
				60
TCC (210 horas) (só pode ser cursada após o aluno ter completado 1020 horas em outras disciplinas do BACH)				
				210
ATIVIDADES COMPLEMENTARES ou DISCIPLINAS OPCIONAIS (120 horas)				
				120
TOTAL (1770 horas)				
				1770
DISCIPLINAS EXTRAS				

2º ANDAR



4º ANDAR

- ADMINISTRATIVO / COORDENAÇÕES
- ÁREAS COMUNS
- NÚCLEOS / LABORATÓRIOS
- GABINETES DE PROFESSOR



ANEXO 3: EMENTÁRIO

DISCIPLINA: CRE015 - ESTUDO COMP.DAS RELIGIOES I**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH****EMENTA**

Estudo das principais religiões mundiais a partir da leitura e análise de alguns de seus textos fundamentais. Tópicos: (I) deuses; (II) doutrina; (III) moral; (IV) ritos/mitos/símbolos; (V) salvação/mística; (VII) mulher. Ressaltar proximidades e diferenças entre as tradições religiosas do judaísmo, cristianismo, islamismo, hinduísmo e budismo.

CONTEÚDO

Estudo das principais religiões mundiais a partir da leitura e análise de alguns de seus textos fundamentais. Tópicos: (I) deuses; (II) doutrina; (III) moral; (IV) ritos/mitos/símbolos; (V) salvação/mística; (VII) mulher. Ressaltar proximidades e diferenças entre as tradições religiosas do judaísmo, cristianismo, islamismo, hinduísmo e budismo.

BIBLIOGRAFIA

SMITH, Huston. As Religiões do Mundo. São Paulo: Cultrix, 2007.
HELLERN, Victor; NOTAKER, Hery; GAARDER, Jostein. O Livro das Religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
ELIADE, Mircea. História das Crenças e das Idéias Religiosas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978-1984, tomos I, II e III.
ZIMMER, Heinrich. As Filosofias da Índia. São Paulo: Palas Athena, 2003.
ARMSTRONG, Karen. Uma História de Deus: Quatro milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
GIRA, D. Budismo: História e Doutrina. Petrópolis: Vozes, 1992.
SCHLESINGER, H. & PORTO, H. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Petrópolis: Vozes, 1995, vol. 1 e 2

DISCIPLINA: CRE028- FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO**CRÉDITOS: 04****DEPARTAMENTO: DPTO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO/ICH****EMENTA**

1. O objeto da Religião; 2. A fenomenologia do sagrado: mysterium tremendum e fascinans; 3. O espaço sagrado; 4. O tempo sagrado; 5. O sujeito da religião.

Este curso tem por objetivo desenvolver análise do fenômeno religioso, destacando o diálogo da ciência da religião com outros âmbitos do saber. Neste sentido, discute também aspectos epistemológicos da ciência da religião, tendo em vista o caráter sui generis do fenômeno religioso e a possibilidade de unidade deste âmbito do saber a partir da fenomenologia da religião.

CONTEÚDO

1. Discutir categorias teóricas da ciência da religião numa perspectiva multidisciplinar, destacando os aspectos específicos do fenômeno religioso; 2. Abordar algumas influentes definições de religião; 3. Estudar os vários aspectos teóricos que auxiliam na compreensão da complexidade do fenômeno religioso; 4. Examinar a relação destas categorias teóricas com elementos empíricos.

BIBLIOGRAFIA

OTTO, R. O sagrado. Trad. Walter O. Schlupp. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 2007
ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. A essência da religião. São Paulo: Martins Fontes. 1995.
CROATTO, Severino. As linguagens da experiência religiosa. Uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo. Paulinas. 2001

DISCIPLINA: CRE030 - ANTROPOLOGIA DA RELIGIAO I**CRÉDITOS: 04****DEPARTAMENTO: DPTO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO/ICH****EMENTA**

O estudo da religião sob a perspectiva antropológica. As abordagens clássicas e os principais temas de investigação. A Religião e a compreensão da alteridade. Experiências religiosas e ordenação do social no mundo globalizado. Religiões e religiosidades no Brasil. Interações e relações entre religiões consagradas e emergentes. Novas identidades religiosas.

CONTEÚDO

1. Introdução: a religião como objeto das ciências sociais; 2. A religião sob o olhar antropológico: percursos e tradições; 3. Abordagens clássicas: a religião nas

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ronaldo & MAFRA, Clara. (orgs.) Religiões e cidades. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
ALVAREZ SANTALÓ, Carlos; BUXÓ, Maria Jesús; RODRÍGUEZ BECERRA, Salvador (coords.). La Religiosidad Popular. Vol. 1, 2 e 3. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. 3 ed. Ampliada. Uberlândia: EDUFU, 2007.
CAMPOS JR, Luis de Castro. Pentecostalismo: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.
CAPONE, Stefania. A busca da África no candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
CARRANZA, Brenda. Renovação carismática católica: origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.
CAVALCANTI, Maria Laura V. de C.. O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
CORTEN, André. Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.
ERIKSEN, Thomas H. & NIELSEN, Finn S. História da Antropologia. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989. _____. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
MAFRA, Clara. Os evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
MAGNANI, José Guilherme. Umbanda. São Paulo: Brasiliense, 1986.
_____. O Brasil da Nova Era. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. _____.
Mystica Urbe: um estudo antropológico do circuito neo-esotérico na Cidade. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
MONTERO, Paula. Magia e pensamento mágico. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
ORO, Ari.P. & STEIL C.A.(orgs). Globalização e religião. Petrópolis: Vozes, 1997.
PEIRANO, Mariza. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
SCHIMIDT, Betina. A antropologia da religião. In: USARSKI, Frank. (org.) O espectro disciplinar da Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas, 2007.
TAVARES, Fátima R.G. & CAMURÇA, Marcelo A.. Minas das Devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.
TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata. Religiões no Brasil: continuidades de rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.
TERRIN, Aldo Natale. Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões. São Paulo: Paulus, 2004.
VALLA, Victor Vincent (Org.). Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
VELHO, Otávio. Mais realistas do que o Rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
_____. (org.) Circuitos infinitos: comparações e religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã-Bretanha. São Paulo: Attar, 2003.
_____. Besta-fera, recriação do mundo: ensaios críticos de antropologia. Rio de Janeiro: Relume E

DISCIPLINA: CRE031 - SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH****EMENTA**

Introdução à perspectiva sociológica de abordagem do fenômeno religioso. A religião na constituição das teorias sociais a partir dos clássicos: Emile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. Teorias contemporâneas da sociologia da religião: secularização e plausibilidade da religião (Peter Berger) e teoria do campo religioso (Pierre Bourdieu).

Novas sociologias da religião: Danièle Hervieu Léger, a memória e o processo de desregulação religiosa. Debates contemporâneos: religião e pós-modernidade.

CONTEÚDO

1) Religião e teoria social; 2) A função social da religião; 3) Religião, racionalização e modernidade; 4) A crítica da religião; 5) Campo, capital, habitus, trabalho, produtores, consumidores religiosos; 6) Plausibilidade e secularização; 7) Memória, transmissão e emoção na constituição do moderno fenômeno religioso; 8) Análises sociológicas da religião no mundo (pós) moderno e globalizado.

BIBLIOGRAFIA

BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1990.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras; 1ª Edição.

DISCIPLINA: CRE032 - PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

A disciplina Psicologia da Religião pretende investigar o fenômeno religioso a partir de sua motivação, sua percepção e seus efeitos na psique humana, tanto de indivíduos, quanto de grupos específicos. Ao invés de tratar dos elementos sagrados, a partir de sua sacralidade, estudará as funções psíquicas que tornam possíveis a consideração de algo como sagrado por parte de indivíduos ou grupos sociais. Distinguindo-se ainda das ciências sociais, a psicologia da religião investigará os fenômenos religiosos grupais a partir de suas condicionantes psicológicas e de seus efeitos sobre a psique dos respectivos indivíduos. Distinguindo-se, ainda, da teologia, não se ocupará com a questão da verdade propriamente dita nas distintas religiões; porém, com as repercussões anímicas desta sobre o ser humano, em suas emoções, cognições e comportamentos. Ao invés de realizar uma mera aplicação da psicologia ao estudo da religião, buscará um diálogo crítico e recíproco entre a psicologia e a religião.

CONTEÚDO

Introdução: Apresentação; Plano de Aula; Introdução: Questões Hermenêuticas da Disciplina; Módulo I: Origens da Psicologia da Religião: Hermenêutica; História; Fundamentação; Escolas.

BIBLIOGRAFIA

ÁVILA, Antonio. Para Conhecer a Psicologia da Religião. São Paulo: Loyola, 2007.

BENKŐ, Antal. Psicologia da Religião. São Paulo: Loyola, 1981.

DREWERMANN, Eugen. Religião para quê? São Leopoldo: Sinodal, 2004.

FOWLER, James. Estágios da fé. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRAAS, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana. Compêndio de Psi. da Religião. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FRANKL, Viktor Emil. A Presença Ignorada de Deus. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psi. Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. 21.

FROMM, Erich. O Dogma de Cristo. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e Religião. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

DISCIPLINA: CRE033 - INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA RELIGIÃO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

A disciplina propõe-se introduzir a ciência da religião como uma ciência autônoma, organicamente estruturada, focada no estudo histórico e sistemático das religiões e da religião. Neste tocante, coloca-se em relevo a sua integridade diante de tradições interpretativas e explicativas do fenômeno religioso que sejam nativas e unilateralmente dependentes de outras ciências. Na medida em que se integram à ciência da religião, outras ciências são levadas em consideração apenas como disciplinas científicas da religião. Entre estas, destacam-se várias questões e temas, como destacadas a seguir.

Primeiro, os referentes às definições quer real, quer funcional da religião. Segundo, os relacionados à especificidade da religião diante de fenômenos que poderiam ser melhor estudados por outras ciências. Terceiro, os que dizem respeito à vasta gama dos métodos de estudo da religião, com ênfase nos aspectos perspectivísticos da abordagem, com a aplicação da suspensão de juízo quanto a questões de verdade última. Quarto, os que, na contramão e de forma inversa ao recém exposto, denotam atenção a questões e temas relativos à legitimidade de posições normativas e valorativas no estudo da religião, uma vez que tais posições, embora embasadas em pontos de vista subjetivos, têm seu lugar e influência em qualquer análise e explicação, jamais isentas, elas mesmas, dos contextos histórico-culturais e da subjetividade criadora de normas, inclusive epistêmicas. Quinto, e por último, questões e temas que inventariam, em linhas gerais e introdutórias, tanto a variedade e diversidade de tradição quanto os fenômenos típicos que, ao longo da história de nossa ciência, receberam atenção e abordagem histórica e sistemática. Em toda a abordagem introdutória, buscar-se-á dar igual peso aos aspectos (1) ideativos e doutrinários, (2) existenciais e experienciais e (3) sociais e institucionais da religião.

CONTEÚDO

1. O que é a ciência da religião? Ciência e ciências da religião; 2. O que é científico na ciência da religião? O conceito de "ciência" empregado; 3. Que tipo de "coisas" são "religião"? O papel das definições do objeto; 4. Existe algo como "a religião"? A especificidade do objeto: validade epistêmica; 5. A religião, ou uma religião, é finalmente fenomenológica? Perspectivismo; 6. Quem é verdadeiramente "cientista" da religião? Possibilidades subjetividade científica e normatividade; 7. Diversidade histórica e tipicidade fenomenológica do objeto de estudo; 8. A religião e as religiões: uma abordagem equilibrada entre ideias, experiências.

BIBLIOGRAFIA

BRANDT, Hermann. As ciências da religião numa perspectiva intercultural. A percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. Estudos Teológicos, v. 46, n. 1, p. 122-151. São Leopoldo: EST, 2006. Disponível em: www3.est.edu.br/publicacoes/estudos.../et2006-1hbrandt.pdf.

DIERKEN, J. Teologia, ciência da religião e filosofia da religião: definindo suas relações. Trad. Luís H. Dreher. Veritas, v.54, n. 1, p. 113-136. Porto Alegre: PUCRS, jan.-mar. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/ViewFile/5071/3736>.

DREHER, Luís H. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. I: Faustino L. C. Teixeira. (Org.) A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2001, v. 1, p. 151-178.

GRESCHAT, Hans-J. O que é ciência da religião? São Paulo: Paulinas, 2007.

HOCK, Klaus. Introdução a ciência da religião. São Paulo: Loyola, 2010.

DISCIPLINA: CRE034 - DIÁLOGO INTERRELIGIOSO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

A disciplina visa tratar a temática do diálogo interreligioso no tempo diversificação religiosa e da afirmação do pluralismo religioso. O ponto de partida da reflexão é o atual contexto de globalização intensificadora, focando em particular a questão do pluralismo religioso, seus desdobramentos e efeitos. Em seguida, aborda-se a questão da gênese e significado do diálogo interreligioso, bem como as formas de diálogo e as disposições ao mesmo. Na sequência, vem desenvolvido o tema do desafio da acolhida do pluralismo religioso e do diálogo entendido como apropriação de novas possibilidades encaixados numa perspectiva de espiritualidade que propicia a sua atuação em profundidade, e exemplos específicos de exercícios dialogal são vislumbrados mediante a exposição viva de alguns buscadores de diálogo.

CONTEÚDO

Diversificação e pluralismo religioso; Globalização e diálogo interreligioso; Motivações para o diálogo interreligioso; Diálogo interreligioso e novos horizontes identitários; Espiritualidade e práticas dialogais.

BIBLIOGRAFIA

BEOZZO, José Oscar (Org.) Curso de Verão. Ano XXV. Religiões construtoras da justiça e da paz. São Paulo: Paulus, 2011.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. Modernidade, pluralismo e crise de sentido_ A orientação do homem moderno, Petrópolis: Vozes, 2004.

BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: direito e dever de todos (v.1). Petrópolis: Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro mundo possível. Convivência, respeito & tolerância (v.2). Petrópolis: Vozes, 2006.

DISCIPLINA: CRE035 - TEORIAS DA RELIGIÃO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

A disciplina propõe-se tratar de questões de fundo sobre a construção teórica do objeto 'religião' e sobre os modos de seu conhecimento. A ênfase no exame recai sobre o desenvolvimento da capacidade reflexiva, sobre a distinção entre questões gerais pertinentes à essência, forma e verdade da religião, por um lado, e questões de fato e verdade objetivas, históricas, linguísticas e outras, por outro.

Pretende-se mostrar como ambas influem, de maneiras e em proporções distintas, na formação de teses e ideias que orientam a cognição da religião enquanto objeto de construção teórica. Em seguida, a disciplina trata de perfilar, com menor generalidade, modelos teóricos na abordagem da religião, bem como alguns dos seus exemplos concretos. Isso é feito com base em trechos de obras de autores selecionados, histórica e metodologicamente significativos para o surgimento e desenvolvimento da ciência da religião enquanto área do conhecimento.

CONTEÚDO

1. Introdução: a religião como fenômeno vivido e como objeto de conhecimento; 2. Objetividade e normatividade na construção do objeto "religião"/"religiões"; 3. A cognição da "religião"/"religiões" e seus pressupostos: teorias descritivas, interpretativas e explicativas ou genéticas; 4. Modelos de teorização da "religião"/"religiões"; 4.1 Teorias teológicas e metafísicas da religião; revelação e razão; 4.2 Teorias transcendentais e históricas da religião; validade, crítica e interpretação; 4.3 Teorias antropológicas da religião; agnosticismo metodológico e filosófico; 4.4 Teorias materialistas da religião; positivismo e ateísmo; 5. Um estudo de caso específico: teorizando sobre o "sagrado"; 5.1 O "sagrado" entre a filosofia transcendental e a psicologia da religião_ William James e Rudolf Otto; 5.2 O "sagrado" entre a história moderna e a ontologia arcaica: Mircea Eliade; 5.3 O "sagrado" do naturalismo biológico e social: Walter Burkert; autores na tradição socioantropológica.

BIBLIOGRAFIA

ALLES, Gregory D. Rudolf Otto on Religion. Equinox Publishing: 2011.
BURKERT, Walter. A criação do sagrado: vestígios biológicos nas antigas religiões. Lisboa: Edições 70, 2001.
ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
JAMES, William. Las variedades de la experiencia religiosa. 2 v. Editorial Piano, 2005/2006.
OTTO, R. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1917/2007.
PALS, Daniel. Ocho teorías sobre la religión. Barcelona: Herder, 2008.
SCHLIETER, Jens. Was ist Religion? Texte von Cicero bis Luhmann. Leipzig: Reclam, 2010

DISCIPLINA: CRE036 - LINGUAGENS DA RELIGIÃO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

Esta disciplina visa analisar aspectos específicos que constituem o fenômeno religioso, tendo como eixo os modos básicos de expressão da experiência religiosa, a saber: símbolo, mito, rito e doutrina. Nesse sentido, tem por objetivo desenvolver a compreensão de cada um destes modos de expressão bem como suas relações fornecendo elementos teórico-metodológicos para a compreensão do fenômeno religioso em suas várias manifestações. Para tanto, prima pela abordagem teórica, sem prescindir de elementos empíricos.

CONTEÚDO

Esta disciplina visa analisar aspectos específicos que constituem o fenômeno religioso, tendo como eixo os modos básicos de expressão da experiência religiosa, a saber: símbolo, mito, rito e doutrina. Nesse sentido, tem por objetivo desenvolver a compreensão de cada um destes modos de expressão bem como suas relações fornecendo elementos teórico-metodológicos para a compreensão do fenômeno religioso em suas várias manifestações. Para tanto, prima pela abordagem teórica, sem prescindir de elementos empíricos.¹

BIBLIOGRAFIA

CROATTO, Severino. As linguagens da experiência religiosa. Uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas. 2001.
ELIADE, M. Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes.
_____. Mito e realidade. São Paulo: Perspectivas, 2000.

DISCIPLINA: CRE037 - RELIGIÕES NO BRASIL

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

A disciplina visa estabelecer um mapeamento do panorama religioso brasileiro, discriminando os perfis das principais religiões presentes no país, a saber: catolicismo, protestantismo/pentecostalismo, kerdicismo, afro-brasileiras e neo-esoterismos. Busca também estabelecer as comensurabilidades e interações entre elas, sejam de tipo sincrético ou de competição religiosa, configurando o que se pode chamar de campo religioso brasileiro; assim como as projeções destas religiões para o espaço público nacional e suas inserções no meio da política, da economia, da mídia etc. Busca ainda uma reflexão sobre o tratamento teórico dispensado pelas Ciências Sociais e Históricas, através da utilização das teorias da secularização, da escolha racional, do mercado religioso, do sincretismo e das abordagens culturalistas ou sociologistas, para dar conta desta diversidade religiosa no país.

CONTEÚDO

Panorama das religiões no Brasil; O campo religioso brasileiro; As religiões no espaço público brasileiro; Teoria social da religião no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ronaldo. "Religião em Transição". In: Horizontes das Ciências Sociais no Brasil - Antropologia. Luiz Fernando Dias Duarte (org.). São Paulo: ANPOCS, 2010, pp. 367-405.
CAMARGO, Cândido Procópio. "Católicos, Protestantes e Espíritas". Petrópolis: Vozes, 1973.
CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Entre sincretismos e 'guerras santas': dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro". Revista USP, vol. 81, 2009, pp. 173-185.
CARVALHO, José Jorge. "Características do Fenômeno Religioso na Sociedade Contemporânea". In: O Impacto da Modernidade sobre a Religião. Maria Clara L. Bingemer (Org), São Paulo: Loyola, 1992, pp. 133-160.
_____. "O Encontro de Velhas e Novas Religiões: esboço de uma teoria de estilos de espiritualidade". In: Misticismo e Novas Religiões. Alberto Moreira & Renée Zicman (orgs), Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 64-98.
LANDIM, Leilah (org.) Sinais dos Tempos: Tradições Religiosas no Brasil. Cadernos do ISER nº22, Rio de Janeiro, ISER, 1989.
_____. Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil. Cadernos do ISER nº23, Rio de Janeiro, ISER, 1990.
MONTERO, Paula. "Religiões e dilema da Sociedade brasileira" in O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995). Vol. 1 Antropologia. Brasília, Ed. Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999, pp. 327-367.
STEIL, Carlos Alberto. "Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso". Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, n. 3, 2001, pp.115-129.
SANCHIS, Pierre. "As Religiões dos Brasileiros". Horizontes, vol. 1, nº 2, 1998.
_____. "O Campo Religioso Contemporâneo no Brasil". In: Ari Pedro Oro, Carlos Alberto Steil, (Org). Globalização e Religião. Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 103-117.
TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata, (orgs.). "As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas". Petrópolis: Vozes, 2006.

DISCIPLINA: CRE038 - HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

Estudo do fenômeno religioso na perspectiva da História das Religiões e de seus diálogos com diferentes abordagens historiográficas e interdisciplinares da religião. Análise de tradições religiosas a partir de suas manifestações no tempo e no espaço, tanto em processos de transformação e ressignificação quanto em permanências. Investigação histórica sobre a compreensão do sagrado nas religiões a partir do estudo de devoções, crenças, ritos, festas, símbolos, ideias e doutrinas. Caracterização e problematização das relações entre os percursos institucionais e as experiências religiosas em algumas dentre as seguintes tradições: judaísmo, islã, cristianismo (católico e protestante), religiões africanas e ameríndias, budismo, hinduísmo e taoísmo. Reflexões sobre as relações entre o processo de secularização e as tradições religiosas.

CONTEÚDO

1-História das religiões: correntes, percursos e abordagens; 2-Religiões de salvação: experiências e construções do monoteísmo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islã; 3-Religiões Védicas: liberação e transmigração no Hinduísmo, Budismo e Taoísmo; 4-Religiões no mundo Ocidental: tradições, reformas e modernidade no Catolicismo e no Protestantismo; 5-Religiões Africanas: ancestralidade entre bantos e yorubás no universo religioso do mundo atlântico; 6-Religiões e sincretismos: relações entre Catolicismos, Religiões Ameríndias e Religiões Afro-brasileiras; 7-Religiões e secularização: as tradições religiosas e suas (re)significações na formação histórica do mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ruben. O enigma da religião. Petrópolis: Vozes 1975.
ARMSTRONG, K. Uma história de Deus - Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras 1994.
ASHERI, M. O judaísmo vivo - As tradições e as leis dos judeus praticantes. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
BENZ, E. Descrição do cristianismo. Petrópolis: Vozes. 1995.
BLACHÈRE, R. O alcorão. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.
CASPAR, R. Cristianismo / Islamismo. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1991.
DELUMEAU, J. As grandes religiões do mundo. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
ELIADE, Mircea, História das crenças e das ideias religiosas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978-1984, Tomos I a III.
GIRA, D. Budismo, história e doutrina. Petrópolis: Vozes 1992.
HOURLANI, A. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
JOMIER, J. Islamismo, história e doutrina. Petrópolis: Vozes 1993.
KONIG, F. & WALDENFELS, H. Léxico das religiões. Petrópolis: Vozes 1998.
MENDES DE AZEVEDO, M. O olho do furacão - Um panorama do pensamento do extremo oriente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
NEIF NABHAN, N. Islamismo. De Maomé a nossos dias. São Paulo: Ática, 1996.
PIAZZA, W. Religiões da humanidade. São Paulo: Loyola, 1997.
ROSENBERG, R. Guia cônico do judaísmo: História, prática e fé. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
SAMUEL, A. As religiões hoje. São Paulo: Paulus, 1997.
SCHLESINGER, H. & PORTO, Dicionário enciclopédico das religiões. Petrópolis: Vozes, 1995, vol. I e II.
SIMÕES JORGE, J. Cultura religiosa - O homem e o fenômeno religioso. São Paulo: Loyola, 1994.
VALLE, G. Filosofia indiana. São Paulo: Loyola, 1997.

DISCIPLINA: CRE040 - FILOSOFIA DA RELIGIÃO I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

A disciplina apresenta uma introdução geral à filosofia da religião, buscando oferecer um panorama das possibilidades de estudo a partir de seus principais problemas e de algumas teses importantes desenvolvidas por alguns autores representativos da área.

CONTEÚDO

Introdução à disciplina e sua contextualização no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas; As origens do pensamento ocidental e a filosofia da religião; O conceito de religião; A existência de Deus; Religião e linguagem; Religião e razão; Religião e ciência; Religião e ética; Críticas à religião; Religião e secularização.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. O que é religião. São Paulo: Ars Poética, 1996;
CORETH, Emerich. Deus no pensamento filosófico. Trad. de Francisco de A. P. Machado. São Paulo: Loyola, 2009;
HICK, John. Filosofia da religião. Trad. de Therezinha A. Cannabrava. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. (Curso moderno de Filosofia);
KANT, Immanuel. A religião nos limites da simples razão. Trad. de Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, s/d;
KIERKEGAARD, S. Migalhas Filosóficas: ou um bocadinho de Filosofia. Trad. de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995;
MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001;
_____. Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000;
NIETZSCHE, Friedrich. O Anticristo: maldição ao cristianismo - Ditirambos de Dionísio. Trad. notas e postácio de Pasulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007;
PANNENBERG, Wolfhard. Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum. Trad. de Nélio Schneider. São Paulo: Paulinas, 2008;
PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (orgs). Deus na Filosofia do século XX. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998;
REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: antiguidade e idade média. v. I. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção filosofia);
STACCONI, Giuseppe. Filosofia da religião: o pensamento, do homem ocidental e o problema de Deus. Petrópolis: Vozes, 1989;
SAVIAN FILHO, Juvenal. Deus. São Paulo: Globo, 2008. (Filosofia frente & verso);
TILGHMAN, B. R. Introdução à filosofia da religião. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1996;
TILLICH, Paul. Dinâmica da fé. Trad. de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1996. VATTIMO, Gianni. Depois da cristandade. Trad. de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004;
ZILLES, Urbano. Fé e razão no pensamento medieval. 2ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

DISCIPLINA: CRE041 - FILOSOFIA DA RELIGIÃO II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

Esta disciplina tem por estudar uma ou mais questões e/ou filósofos importantes para a filosofia da religião, dando especial atenção ao pano de fundo histórico-filosófico e às fontes necessárias para sua investigação. A filosofia da religião inclui expressões mais fundamentais da disciplina na modernidade e pós-modernidade, iniciando com autores como Descartes, Kant e Hegel se estendendo até filósofos mais contemporâneos, como Derrida, Habermas e Vattimo. Constituem-se como temas possíveis: variedades e crítica teodiceia; religião e história; liberdade humana e divina; o natural e o sobrenatural; o sagrado e o profano; poder e personalidade; fenomenologia da oração; religião e arte; religião e secularização; religião e pós-modernidade.

CONTEÚDO

1-Definição de pós-modernidade; 2-Nihilismo, hermenêutica e religião; 3-Secularização, modernidade e religião; 4-O retorno da religião.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. O que é religião. São Paulo: Ars Poética, 1996;
DERRIDA, J. e VATTIMO, G. et. alii. A religião. Seminário de Capri dirigido por Jacques Derrida e Gianni Vattimo. São Paulo: Estação Liberdade, 1999;
PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (orgs). Deus na Filosofia do século XX. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998.

DISCIPLINA: FIL005 - ANTROPOLOGIA FILOSOFICA I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

A pergunta pelo homem e suas respostas: noção de Antropologia Filosófica. O ser humano: corpo e alma, racionalidade, vontade, relação homem/natureza, consciência da finitude, morte, tempo, intersubjetividade e liberdade.

CONTEÚDO

Introdução; Antropologia Filosófica: determinações fundamentais; 1 Corpo e Alma, no Fédon de Platão; 2 Racionalidade, nas Meditações Metafísicas de Descartes; 3 A filosofia sob suspeita, em Assim falou Zaratrusta de Nietzsche; 4 Ser-aí, Ser-com, Ser-para-a-morte, em Ser e Tempo de Heidegger; 5 Consciência e Liberdade, em O Ser e o Nada de Sartre; 6 Sentir e Liberdade, na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty.

BIBLIOGRAFIA

DESCARTES, R. Meditações Metafísicas. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Vols. 1 e 2. Tradução Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1993.
MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. Tradução Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: ed. Freitas Bastos, 1971.
NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratrusta. 13ª ed. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
PLATÃO. Fédon ou da alma. Sem trad. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
SARTRE, J-P. O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução e notas Paulo Perdigão. Petrópolis: ed. Vozes, 1997.

DISCIPLINA: FIL006 - ANTROPOLOGIA FILOSOFICA II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Espera-se alcançar a possibilidade de descrição, interpretação e análise crítica dos modos de existência do humano, a partir das mediações reflexivas propostas por autores da filosofia da vida, da existência, fenomenologia, hermenêutica e filosofia da ação. Ao abordar a Historicidade, pretende-se, pela via de uma filosofia reflexiva, aclarar os fundamentos do que hoje o campo filosófico denomina de trabalho de subjetivação da pessoa humana.

CONTEÚDO

O curso tem como objetivo a apresentação das características próprias da reflexão desenvolvida pela Antropologia Filosófica, tributária dos métodos fenomenológico e hermenêutico. Procurar-se-á mostrar esta disciplina naquilo em que ela se destaca como novidade discursiva, tanto metodológica como em conteúdo, dentro da filosofia contemporânea. Serão destacadas, também, a relação e contribuição da Antropologia Filosófica às ciências humanas. Segue-se a crítica ao objetivismo e à absolutização do Cogito e a abertura para a colocação e desenvolvimento da noção de Historicidade do humano e de dois elementos que esta noção inclui: corporeidade e intersubjetividade (O problema do Outro).

BIBLIOGRAFIA

CARMO, Raymundo Evangelista do. Antropologia Filosófica Básica. Belo Horizonte: Editora O Lutador, s/a
DARTIGUES, André. O que é Fenomenologia?. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
HUSSERL, Edmund. A idéia da fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1986.
MARTINS, Joel e DICHTEKIAN, Maria Fernanda S. Temas Fundamentais de Fenomenologia. Centro de Estudos Fenomenológico de São Paulo. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
LADRIÈRE, Jean. Vida Social e Destinação. São Paulo: Convívio, 1979. Capítulos: I, II e III.
NUNES, Benedito. Passagem para o poético. São Paulo: Ática, 1986.
RICOEUR, Paul. Para uma fenomenologia hermenêutica. in: Do texto à ação. Porto: Rés, 1989.
Temas Fundamentais de Fenomenologia. Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
BRUAIRE, C. A filosofia do corpo. São Paulo: USO, 1972.
GADAMER, H.G. e VOGLER, P. Nova Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977, vol. 5,6,7.
HAEFFNER, Gerd. Antropologia Filosófica. Barcelona: Herder, 1986, pg. 107-124.
LADRIÈRE, Jean. Vida social e destinação. São Paulo: Convívio, 1979.
LIMA VAZ, Henrique Cláudio. Antropologia Filosófica. São Paulo: Loyola, 1991, v.2.
MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
Textos básicos:
BUBER, Martin. Eu e tu. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.
HAEFFNER, Gerd. Antropologia Filosófica. Barcelona: Herder, 1986, pg. 69-88.
HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes. Parte I e II, 1988, 1989.
_____. Todos nós ninguém. São Paulo: Editora Moraes, 1981.
LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Categoria da intersubjetividade in: Antropologia Filosófica II. São Paulo: Loyola, 1992, p.49 s.

DISCIPLINA: FIL010 – TEORIA DO CONHECIMENTO I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

A definição de conhecimento platônica e seus críticos. Tipos de conhecimento. O problema da possibilidade do conhecimento e os ceticismos: relativismo e subjetivismo. Epistemologia e Ontologia: o problema da natureza do objeto. Definições de verdade. A questão da gênese das crenças. A distinção entre contexto de descoberta e de justificação. Teorias da justificação.

CONTEÚDO

1. Definição; 1.1. Platão e a crença verdadeira justificada; 1.2. Críticas; 1.3. Tipos de conhecimento (e o problema da demarcação); 2. Possibilidade; 2.1. Acriticismo; 2.2. Ceticismo (relativismo, subjetivismo); 2.3. Criticismo; 3. Objeto; 3.1. Realismo (objetivismo, realismo crítico, realismo volitivo); 3.2. Idealismo; 4. Verdade; 4.1. Correspondência
4.2. Coerência; 4.3. Críticas ao conceito de verdade (pragmatismo, consensualismo); 5. Gênese; 5.1. Racionalismo; 5.2. Empirismo; 5.3. Apriorismo; 5.4. Construtivismo; 6. Justificação; 6.1. Distinção entre contexto de descoberta e de justificação; 6.2. Fundacionismo; 6.3. Externalismo; 6.4. Coerentismo; 6.5. Falsificacionismo (anti-justificacionismo).

BIBLIOGRAFIA

AUDI, R. Epistemology: A Contemporary Introduction to the Theory of Knowledge New York: Routledge, 2003.
HESSER, J. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
POPPER, K. Conhecimento Objetivo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

DISCIPLINA: FIL012 - ÉTICA I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Definição de Ética. Ética e Moral. Ação humana, voluntariedade. Valor e hierarquia dos valores. O Valor moral. Lei Natural ou Ética da situação. Fatores da moralidade, consciência moral, vida moral.

CONTEÚDO

I – INTRODUÇÃO; 1.1. Definição Nominal; 1.2. Definição real; 1.3. Necessidades e legitimidade, divisões; 1.4. Métodos; II - AÇÃO HUMANA; 2.1. Modelo antropológico; 2.2. Três níveis de humanidade; 2.3. Características; 2.4. Voluntariedade e liberdade; III – VALOR; 3.1. História; 3.2. Conhecimento do valor; 3.3. Características e escala de valores; IV - VALOR MORAL; 4.1. Valor moral: sua existência e suas características; 4.2. Obrigação Moral: existência e características; V - A ESSÊNCIA DO VALOR MORAL E DA OBRIGAÇÃO NAS ESCOLAS; 5.1. O extrinsecismo; 5.2. O naturalismo; 5.3. O espiritualismo; 5.4. Fundamento ontológico do valor moral e da obrigação moral; VI - LEI NATURAL E/OU ÉTICA DA SITUAÇÃO; 6.1. Problema da lei natural, história da ideia, teses; 6.2. Características, causas, correntes da ética da situação.

Avaliação; VII - FATORES DA MORALIDADE; 7.1. Objeto e fim; 7.2. Malícia intrínseca; 7.3. Voluntária direto e indireto; 7.4. Ato com duplo efeito; VIII - CONSCIÊNCIA MORAL; 8.1. Generalidades; 8.2. Consciência errônea; 8.3. Consciência duvidosa; IX - VIDA MORAL; 9.1. Necessidades, causas, efeitos da virtude; 9.2. Especificação e conexão; 9.3. As grandes etapas da vida moral.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FRANKENA. Ética. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
TUGENDHAT, E. Lições sobre ética. Petrópolis: Vozes, 1996.
VAZQUES, A. S. Ética. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2001.

DISCIPLINA: FIL023 - FILOSOFIA SOCIAL

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA/ICH

EMENTA

A constituição do Estado na modernidade e as teorias jusnaturalistas da organização da sociedade como comunidade política.

CONTEÚDO

A constituição do Estado na modernidade e as teorias jusnaturalistas da organização da sociedade como comunidade política

BIBLIOGRAFIA

BOBBIO, N. Direito e estado no pensamento de Emmanuel Kant. Brasília: Edunb, 1992.
HOBBS, T. O leviatã. S. Paulo: Abril Cultural, 1983.
KANT, E. Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.
LOCKE, J. Segundo tratado sobre el gobierno civil. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

DISCIPLINA: FIL027 - INTRODUÇÃO A FILOSOFIA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Panorama da Filosofia a partir de seus períodos históricos e da apresentação de alguns filósofos destacando os temas, conceitos e problemas relacionados à Filosofia Prática e ao Direito. Contribuições da Filosofia para a reflexão sobre o Direito.

CONTEÚDO

Unidade I - Introdução à Filosofia; 1.1. Introdução histórica: períodos, surgimento da Filosofia e pré-socráticos; 1.2. Introdução temática: o que estuda a Filosofia, problemas e áreas; 1.3. Diferença entre senso comum, conhecimento científico e conhecimento filosófico; 1.4. Antropologia filosófica; Unidade II - Filosofia Antiga e Medieval; 2.1. Sócrates, Platão e Aristóteles; 2.2. Agostinho e Tomás de Aquino; Unidade III - Filosofia Moderna; 3.1. Modernidade: reforma, contrarreforma e ciência experimental; 3.2. René Descartes; 3.3 Empirismo: John Locke; 3.4 Racionalismo: Gottfried Leibniz; 3.5 Immanuel Kant; 3.6 Hegel; Unidade IV - Filosofia Contemporânea; 4.1 Materialismo: Karl Marx; 4.2 Positivismo: Augusto Comte. Neopositivismo: Moritz Schlick; 4.3 Irracionalismo: Nietzsche. Estruturalismo: Foucault; 4.4 Filosofia Analítica e da Linguagem: Bertrand Russell, Gottlob Frege e Ludwig Wittgenstein; 4.5 Pragmatismo; 4.6 Fenomenologia: Edmund Husserl. Existencialismo: Jean-Paul Sartre.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia.
AGOSTINHO. Cidade de Deus.
AGOSTINHO. Confissões.
AQUINO, T. Summa Teológica. Vol. II.
ARISTÓTELES. De Anima.
ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco.
COMTE. Curso de Ciência Positiva.
DESCARTES. Discurso sobre o Método.
DESCARTES. Meditações.
FOUCAULT. Microfísica do Poder.
FREGE. Sentido e Referência.
HEGEL. Filosofia do Direito.
HUSSERL. Convite à Fenomenologia.
HUSSERL. Ideias.
KANT. Crítica da Razão Prática.
KANT. Crítica da Razão Pura.
KANT. Lógica.
KANT. Metafísica dos Costumes.
LEIBNIZ. Ensaio de Filosofia Jurídica e Política.
LEIBNIZ. Os elementos do Direito Natural.
LOCKE. Cartas sobre a Tolerância.
LOCKE. Segundo Tratado sobre o governo.
MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia.
MARX e ENGELS. Manifesto Comunista.
MARX. Manuscrito Econômico Filosófico.
NIETZSCHE. Genealogia da Moral.
NIETZSCHE. O Anticristo.
PLATÃO República.
PLATÃO. Menon.
REALE, G. ANTISSERI. D. História da Filosofia.
RUSSELL. A filosofia do Atomismo Lógico e outros ensaios.
SARTRE. O existencialismo é um humanismo.
SCHLICK. Problemas de Ética.
WITTGENSTEIN. Tractatus Logico-philosophicus.

DISCIPLINA: FIL032 - ESTÉTICA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Análise dos principais problemas da Estética, vistos através dos enfoques das várias correntes do pensamento filosófico, tal como foram formulados desde a Antiguidade aos nossos dias. Abordagem de temas prementes na compreensão da Arte hoje, a partir da análise de textos clássicos da Estética. A Arte como uma fonte original e legítima da interpretação de sentido. A busca da verdade como denominador comum de duas atividades específicas: a do filósofo e a do artista. O fundamento ontológico da existência a partir da experiência artística. A relação entre essa experiência e a construção do significado do ser. A autonomia da Arte tomada não apenas como um marco absoluto de sua contemporaneidade, mas como contraponto de sua heteronomia, isto é, de seu enraizamento na sociedade que lhe dá origem. Arte e Linguagem. Análise da geração do sentido no "texto" estético. Estética do século XX, Estética Computacional.

CONTEÚDO

1. Estética; 1.1. Contribuição da Estética e Filosofia; 1.2. O fator pedagógico da arte; 2. Origens da Estética; 2.1. Platão, Aristóteles, Plotino; 2.2. Estética Oriental, Estética

Medieval, Renascença; 2.3. Barroco, Romantismo, Kant, Schelling, Mogel; 3. Classificação das teorias; 3.1. Estética como Ciência do Belo; 3.2. Categorias Estéticas; 3.3. Sensibilidade Sui Generis; 3.4. Estética como Ciência da arte e como Ciência das formas; 4. Métodos de estética; 4.1. Método Filosófico; 4.2. Estética através das escolas filosóficas: Bergsenismo, Fenomenologia, Existencialismo; 4.3. Estética e Linguística, Estética Comparada, Estética Experimental; 5. Definição da Arte; 5.1. Tentativa de definição do que é Arte; 5.2. Origem da Obra de Arte; 5.3. O problema da forma; 5.4. O que é criação artística; 5.5. A Imagem e a Imaginação; 6. Objetivo Estético; 6.1. Intencionalidade e Estética; 6.2. Experiência Estética; 6.3. Objeto Estético; 7. Arte e Sentimento; 7.1. Visão de Arte como o Espaço do Sentido; 7.2. Visão da Arte como Espaço-Afetivo; 7.3. O problema do Sentimento Humano e seus reflexos na Estética.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. Teoria estética. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
BASTOS, F. Panorama das idéias estéticas no ocidente. Brasília: EDUnB, 1987.
CHAUÍ, Marilena. Obra de arte e filosofia. In: A experiência do pensamento. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 151-95.
DUFRENNE, M. Estética e filosofia. São Paulo: Perspectiva, 1991.
EAGLETON, Terry. A ideologia da estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
ECO, U. Obra aberta. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
HUISMAN, D. A estética. Lisboa: Edições 70, 1990.
LANGER, S. K. Filosofia em nova chave. São Paulo: Perspectiva, 1989.
_____. Sentimento e forma. São Paulo: Perspectiva, 1980.
MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
_____. O olho e o espírito. Abril Cultural: São Paulo, 1975.
MOLES, A. Arte e computador. Porto: Afrontamento, 1990.
MOTTA, Paulo Augusto Faria. Música Eletroacústica: o sensível, o inteligível e a voz humana. Revista Ética e Filosofia Política, vol. 7, n. 2, nov. 2004. Disponível em: Acesso em: 06 jul. 2005.
_____. O olhar estético-imagético e o olhar estético-acústico como metáforas para a compreensão da obra artística e da obra filosófica como obras originárias. Artigo não publicado, Juiz de Fora, 2004-05.
OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte. São Paulo: Cultrix, 1974.
PAVIANI, Jaime. Duffrenne e Merleau-Ponty: Relações entre arte e linguagem. In: _____. Formas do dizer: questões de método, conhecimento e linguagem. Porto Alegre: EDPUCRS, 1998, p. 121-127.
PAREYSON, L. Os problemas da estética. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
SOURIAU, E. Chaves de estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

DISCIPLINA: FIL039 - LÓGICA I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Análise lógica tradicional: proposição, oposições lógicas; conversões; quadrado lógico; teoria silogística; diagramas de Venn. Introdução à lógica simbólica. Lógica das proposições, operadores e tabelas de verdade, métodos de avaliação de proposições moleculares e de argumentos simples e complexos. Introdução à lógica de predicados e ao cálculo quantificacional clássico. Função proposicional, a linguagem de predicados e os quantificadores.

CONTEÚDO

1 A Silogística; 1.1 Conceito de Lógica; 1.2 Princípios básicos: não-contradição, identidade, terceiro excluído; 1.3 Proposições Categóricas; 1.4 Quadrado das oposições; 1.5 Diagramas de Venn; 2 Sintaxe do CQC; 2.1 Alfabeto; 2.2 Uso de operadores; 2.3 Formalização de proposições categóricas: a quantificação; 2.4 Equivalência entre proposições quantificadas; 3 Semântica do CQC; 3.1. Interpretações; 3.2. Lógica proposicional; 3.3. Funções de verdade; 3.4. Valorações; 3.5. Tabelas de verdade; 3.6. Tautologias, contradições e contingências; 3.7. Equivalências Lógicas; 3.8. Consequência lógica.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. Organon (tradução: Edson Bini). Bauru: Edipro, 2005.
COPI, I. M. Introdução à lógica. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
MORTARI, C. Introdução à lógica. São Paulo: UNESP, 2001.

DISCIPLINA: FIL041 - FILOSOFIA GERAL-PROBL.METAF.I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

A construção da Metafísica: Platão e Aristóteles. Ser como ideia e como "ousia". O ser composto. Identidade e Analogia. O movimento. Causalidade e analogia. Ser Deus fundamento da teologia e filosofia em Santo Tomas de Aquino.

CONTEÚDO

A construção da Metafísica: Platão e Aristóteles; Ser como ideia e como "ousia". O ser composto; Identidade e Analogia. O movimento. Causalidade e analogia; Ser Deus fundamento da teologia e filosofia em Santo Tomas de Aquino.

BIBLIOGRAFIA

- Platão, Protágoras, Górgias, Mênon, Trad. Jorge Paleikat. Porto alegre: Ed. Globo, O Banquete, Col. Os Pensadores.
BURNET, O despertar da filosofia grega. Siciliano, 1994.
Aristóteles. Metafísica, ed. Trilingue, Gredos. Madrid.
Aristóteles. Col. Os Pensadores.
GILSON, E. L' Esprit de la philosophie médiévale. J. Vrin, Paris, 1969.

DISCIPLINA: FIL052 - FILOSOFIA POLÍTICA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Política e poder. O pensamento político grego: a política normativa. A política como categoria autônoma na modernidade. Contratualismo e jusnaturalismo. A teoria liberal clássica. A formação do Estado moderno. A crítica do pensamento marxista à sociedade burguesa. Estado do bem-estar social e neoliberalismo. As novas formas de dominação e legitimação na sociedade globalizada. Política ambiental e Étnica.

CONTEÚDO

Introdução: filosofia, política e poder; 1. O pensamento político na antiguidade; 2. A teoria liberal clássica; 2.1. Hobbes: individualismo e contratualismo; 2.2. Locke e a teoria política liberal; 3. Hegel e a teoria do Estado; 4. A crítica marxista do Estado burguês; 4.1. Marx e a crítica da ideologia; 4.2. Lukács e a teoria da reificação; 4.3. Gramsci: Estado e sociedade civil; 5. As novas formas de dominação na sociedade contemporânea; 5.1. Althusser e os aparelhos ideológicos de Estado; 5.2. Zizek e a crítica do multiculturalismo; 6. Problemas políticos especiais; 6.1. Política Ambiental; 6.2. Políticas Étnico-raciais.

BIBLIOGRAFIA

- HOBBS, Thomas. Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os pensadores)
LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. São Paulo: Abril Cultural, 1983.(Col. Os pensadores)
MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
WEFFORT, Francisco (Org.). Os clássicos da política. São Paulo: Ática, 2003. 2v.
ZIZEK, Slavoj (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

DISCIPLINA: FIL061 - HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA I**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH****EMENTA**

Origens do Pensamento Grego. O pensar mítico, sua substituição pela "Explicação racional". Condições necessárias para o surgimento da filosofia e a da ciência na cultura grega. A filosofia da physis, o Eleatismo, o Mobilismo. A sofística. O humanismo socrático. Platão e a fundação da metafísica, da teoria do conhecimento e da filosofia política.

CONTEÚDO

O Nascimento da Filosofia na Grécia e o Problema da Natureza; 2. O Mito e a Explicação Racional (Logos); 3. Os Modelos Gregos de Explicação da Natureza; 4. Os Filósofos de Mileto: Tales, Anaximandro e Anaxímenes; 5. A Escola Pitagórica: Natureza e Matemáticas; 6. Natureza e Logos: Xenófanes, Heráclito e Parmênides; 7. Natureza e Mecanicismo: Empédocles, Anaxágoras e a Escola Atomista; 8. Características Gerais do Movimento Sofista; 9. Sócrates contra o Relativismo Moral dos Sofistas e o Intelectualismo Moral; 10. As Escolas Socráticas Menores; 11. O Platonismo: Metafísica Cosmologia, Antropologia, Política e Moral.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. História da Filosofia I (tradução de A. B. Coelho e outros). 5ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

PLATÃO. Diálogos – Sete volumes. (Tradução de Edson Bini). Baurú: Edipro, 2007.

REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga, Volumes I, II, III e IV (tradução de Marcelo Perine). São Paulo: Edições Loyola, 1993.

DISCIPLINA: FIL080 - FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA TEORIA SOCIAL DE WEBER**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO FILOSOFIA/ICH****EMENTA**

Compreensão e Tipologia nas Ciências Sociais. Conceitos sociológicos básicos. O poder e o espírito da tragédia. História: necessidade e contingência. Racionalização, desencantamento do mundo.

CONTEÚDO

1. Possibilidade de objetivação do Conhecimento nas Ciências Sociais; 2. Ação Social, conceito e Tipologia; 3. Formas de Estratificação Social, classe e estamento; 4. Formas de dominação: a Ciência e a Política como vocação; 5. O Capitalismo Ocidental Moderno; 6. O Patrimonialismo.

BIBLIOGRAFIA

WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. SP, Picueira, 2004.

_____. *Economia e Sociedade*. Brasília, UNB, 1994.

_____. *Ensaio de Sociologia*. RJ, Ed. Guanabara, 1982.

DISCIPLINA: FIL081 – COSMOLOGIA**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH****EMENTA**

A cosmologia na antiguidade e as origens da ciência. Aspectos essenciais da cosmologia nas civilizações antigas: Egito, Mesopotâmia, Grécia (Pré-Socráticos e Aristóteles), Alexandria – Aspectos essenciais da cosmologia na Idade Média. A cosmologia na Renascença e nos séculos XVII e XVIII. A cosmologia no sec. XIX. A cosmologia no sec. XX: Evolução e relação com outras ciências.

CONTEÚDO

1- A cosmologia no nascer da civilização e no antigo Egito; 2- A cosmologia na Mesopotâmia e nas civilizações pré-colombianas; 3- A cosmologia na civilização Chinesa; 4- A cosmologia na Grécia Antiga e na Alexandria; 5- Aspectos fundamentais da cosmologia na Idade Média; 6- A cosmologia na renascença Italiana, Bruno e Galileu; 7- A formulação da cosmologia moderna em Copernico, Klepler e Hershell; 8- A sistematização da Cosmologia Moderna em Newton e Kant; 9- Cosmologia e evolucionismo: Darwin e Wallace; 10- A cosmologia contemporânea na obra de Carl Sagan e Stephen Hawking.

BIBLIOGRAFIA

KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. 4a ed. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2006. HAWKING, Stephen. Uma breve história do tempo: do Big Bang aos Buracos Negros. (Trad. H. Torres). 13ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

SAGAN, Carl. Cosmos. (Trad. A. N. Machado) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

DISCIPLINA: GEO080 - GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH****EMENTA**

Conceitos e temas da Geografia da População; questões sócio-ambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional

CONTEÚDO

1. Geografia da população: objeto, objetivos, interfaces e interdisciplinaridade; 2. Elementos da dinâmica populacional: crescimento e distribuição da população mundial. Natalidade, fecundidade e mortalidade; 3. Migração: conceitos, implicações e teorias; 4. Composição etária, por sexo, étnico-racial e população economicamente ativa; 5. Conceções sobre população: teorias e políticas populacionais; 6. Questões contemporâneas da população mundial: etnias, racismos, xenofobias, religiões, reformas neoliberais e controle migratório, crise ambiental e desenvolvimento sustentável.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Rumos para Cairo +20. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, 2010.

CAMARANO, A. A. Um novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro, IPEA, 2014.

MERRICK, T.; GRAHAM, D. H. População e Desenvolvimento Econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

DAMIANI, A. L. População e Geografia. São Paulo: Contexto, 2011.

DISCIPLINA: GEO220 – GEOGRAFIA AGRÁRIA GE5220 – GEOGRAFIA AGRÁRIA – PRÁTICA**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH****EMENTA**

Perspectivas e métodos na Geografia Agrária. Questões fundiárias e elementos geoecológicos, sociais, jurídicos e econômicos nos sistemas agrários; Economia rural: agricultura, agronegócios e conflitos territoriais; Questões indígenas e quilombolas.

DISCIPLINA: GE5220 – GEOGRAFIA AGRÁRIA – PRÁTICA**CRÉDITOS:****DEPARTAMENTO: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH****EMENTA**

Trabalho de campo; Práticas metodológicas do trabalho de campo, pesquisa e extensão em Geografia Agrária.

DISCIPLINA: GEO113 - GEOGRAFIA URBANA**Créditos: 4****Departamento: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH****EMENTA**

Cidade capitalista; produção do espaço urbano; sujeitos produtores do espaço urbano; desigualdade e segregação nas cidades; espaço intra e inter-urbano.

CONTEÚDO

1. A produção do urbano no capitalismo: solo urbano, mercado de terras e habitação; 2. Processos de segregação sócio-espacial; 3. Rede urbana: teorias e processos contemporâneos; 4. Mercado mundial de cidades: planejamento estratégico e city marketing.

BIBLIOGRAFIA

CARLOS Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, v. , p. 41-52.

CORREA, R. L. A rede urbana. São Paulo: Ática, 1989.

DAVIS, M. Planeta Favela. São Paulo: Boitempo, 2006.

DISCIPLINA: GEO116 - GEOGRAFIA POLÍTICA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH

EMENTA

Trajatória disciplinar da Geografia Política e da Geopolítica. Base teórica e conceitual da Geografia Política. Conflitos étnicos-raciais e conflitos ambientais no mundo contemporâneo.

CONTEÚDO

1. A Geografia Política e Geopolítica no pensamento clássico e no contemporâneo; 2. A formação do Estado moderno; 3. Fronteiras, território, territorialidades e poder; 4. Questões contemporâneas da Geografia Política: problemas ambientais, conflitos étnicos, radicalismos religiosos e terrorismo.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, I. E. Geografia e política. Território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2005.

COSTA, W. M. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: HUCITEC /EDUSP, 1992.

HAESBAERT, R (org.). Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Niterói: EDUFF, 2013.

DISCIPLINA: GEO124 - FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH

EMENTA

Formação do território nacional e o papel original que a o empreendimento colonialista teve na estruturação do espaço geográfico brasileiro. O modelo agroexportador e a ocupação econômica do território; As atuais atividades agrícolas no Brasil; o processo de industrialização do Brasil e o desenvolvimento territorial; questão regional brasileira e incorporação periférica do Brasil ao sistema capitalista mundial.

CONTEÚDO

1. O modelo colonial e a ocupação do território; 2. A formação do povo brasileiro; 3. Os ciclos econômicos e os fluxos migratórios; 4. O modelo agroexportador; 5. O processo de industrialização do Brasil; 6. Características atuais da agropecuária brasileira; 7. As novas fronteiras agrícolas; 8. Análise da estrutura fundiária do Brasil; 9. Problemas regionais da economia brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel C. de. A Questão do Território no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BECKER, Bertha K. e EGLER, Cláudio. A. Brasil; uma nova potência regional na economia-mundo. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1993.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DISCIPLINA: GEO129 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH

EMENTA

A disciplina, vinculada a uma perspectiva geo-histórica, põe à vista o ordenamento do espaço do mundo para alcançar a diversidade do espaço contemporâneo mundial. Debruça-se sobre o capitalismo e seu impacto integral na organização regional e territorial; expõe o processo da partilha desigual da riqueza produtiva do mundo entre regiões e países ricos e pobres; chama a atenção para as renovadas desigualdades continentais; examina o cariz universal da sociedade e do espaço.

CONTEÚDO

(a) Formação do sistema-mundo; (b) O Imperialismo; (c) A Divisão Internacional do Trabalho; (d) Re-estruturação do capitalismo e de seu espaço produtivo; (e) O núcleo orgânico do capitalismo, semi-periferia e periferia. O norte e o sul; (f) Reconfiguração espacial: o local, cidades-globais, o Estado-nação, blocos regionais; (g) A questão Ambiental; (h) As incertezas após setembro de 2008.

BIBLIOGRAFIA

ARRIGHI, Giovanni. O Longo Século XX. 7ª reimpressão. SP: Contraponto/Unesp, 2009.

_____. Adam Smith em Pequim, origens e fundamentos do século XXI. SP: Boitempo editorial, 2008.

_____. A Ilusão do Desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1997.

BENAYON, Adriano. Globalização versus Desenvolvimento. SP: Escrituras, 2005.

BENKO, Georges. Economia, Espaço e Globalização na aurora do século XXI. SP: Hucitec, 1996.

BLACK, Jeremy. Mapas e História, construindo imagens do passado. Bauru: edusc, 2005.

BOURDIN, Alain. A Questão Local. RJ: DP&A, 2001.

BRAUDEL, Fernand. Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV- XVIII. 3 volumes (estruturas do cotidiano; os jogos das trocas; o tempo do mundo). SP: Martins Fontes, 2009. Especialmente o volume III.

BUKHARIN, Nikolai I. A Economia Mundial e o Imperialismo, esboço econômico. SP: Nova Cultural, 1986.

CHESNAIS, François; SERFATI, Claude. "Ecologia e Condições Físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas". In: Revista Crítica Marxista, n. 16. Campinas: Unicamp, 2003. sítio eletrônico: www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista

_____. A Mundialização do Capital. ed. Xamã, 1996.

GEORGE, Pierre. A Ação do Homem.SP; Difel, s/d. Especialmente Parte III, capítulo III:

GRAMSCI, Antonio. Americanismo e Fordismo. SP: Hedra, 2008.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A nova Des-Ordem Mundial. 1ª reimpressão. SP: ed. Unesp, 2005.

HARVEY, D. O. Novo Imperialismo. 3 ed. SP: Loyola, 2009

_____. A Produção Capitalista do Espaço, Annablume, 2ª ed. SP, 2006. Especialmente Capítulo V: "A Geopolítica do Capitalismo", pp. 126-162.

_____. Condição Pós-Moderna, uma pesquisa sobre as origens da mudança Cultural. 5 ed. SP: Loyola, 1992.

DISCIPLINA: GEO158 - ESTUDOS TEMÁTICOS EM GEOGRAFIA CULTURAL

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE GEOCIENCIAS /ICH

EMENTA

Espaço e Cultura no Pensamento Geográfico. Carl Sauer e a Nova Geografia Cultural. Tendências contemporâneas da Geografia Cultural, Trabalho de Campo (enfoque: espaço e cultura).

CONTEÚDO

A relação espaço-cultura nas diferentes escolas do pensamento geográfico; as possibilidades e os limites da Nova Geografia Cultural Saueriana; as tendências contemporâneas da geografia cultural; a geografia cultural no Brasil; metodologias e técnicas de pesquisa de campo aplicadas à geografia cultural.

BIBLIOGRAFIA

- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de et al (Org). Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. A Geografia Cultural. Florianópolis: EdUFSC, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a Geografia Cultural. Revista Brasileira de Geografia. 51 (1). 1989, 113-122.
- _____. Geografia Cultural: Um Século (1). Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2000
- _____. Geografia Cultural: Um Século (2). Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2000
- _____. Geografia Cultural: Um Século (3). Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002
- _____. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DISCIPLINA: HIS114 - HISTÓRIA ANTIGA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Sociedades Egípcia e Mesopotâmica: Estado, relações de trabalho e cultura. Sociedades Grega e Romana: Instituições, relações de trabalho e cultura.

CONTEÚDO

A historiografia e a Antiguidade; O conceito de Grécia e a formação do povo grego; A organização palaciana; As temporalidades da documentação homérica; A época arcaica: urbanização, stasis, colonização, legisladores e tirania; Atenas: instituições políticas e organização social; Esparta: instituições políticas e organização social; Século V: A hegemonia ateniense e os conflitos militares; A crise do sistema poliade; A dominação macedônica e romana; A realeza romana: mitos de fundação, organização sócio-política e a influência etrusca; A república romana: as instituições políticas e o confronto patriciado e plebe; As conquistas territoriais, as alterações sociais e a questão agrária; A crise republicana e a concentração dos poderes política e militar; O principado e a nova organização sócio-política; A crise do século III e a relação com os bárbaros; O Dominato: a nova organização do estado e a relação com a igreja católica; A transição da Antiguidade para a Idade Média.

BIBLIOGRAFIA

HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE OCIDENTAL

- ALFOLDY, G. A história social de Roma. Lisboa: Presença, 1998.
- AUSTIN, M. et VIDAL-NAQUET, P. Economia e sociedade na Grécia antiga. Lisboa: Setenta, 1993.
- CARDOSO, C. A cidade-estado antiga. São Paulo: Ática, 1986.
- CORASSIN, M. L. Sociedade e Política na Roma Antiga. São Paulo: Contexto, 2001.
- FINLEY, M. A política no mundo antigo. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. Escravidão antiga e ideologia moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- _____. Os gregos antigos. Lisboa: Setenta, 1998.
- FLORENZANO, M.B. O mundo antigo: economia e sociedade. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. Nascer, viver e morrer na Grécia antiga. São Paulo: Atual, 1996.
- FUNARI, P P. A cultura popular na Antiguidade Clássica. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. Grécia e Roma. São Paulo: São Paulo: São Contexto, 2007.
- GIARDINA, A. (org) O homem romano. Lisboa: Presença, 1991.
- GUARINELLO, N. O imperialismo greco-romano. São Paulo: Ática, 1987.
- MOSSÉ, C. Atenas. A história de uma democracia. Brasília: UnB, 1992.
- _____. O processo de Sócrates. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____. As instituições gregas. Lisboa: Setenta, 1993.
- SILVA, G. Grécia, Oriente e Roma (org.) Vitória: Flor e Cultura, 2009.
- _____. et MENDES, Norma. Repensando o Império Romano. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- STARR, C. O nascimento da democracia ateniense. São Paulo: Odysseus, 2005.
- VERNANT, J. P. O homem grego. Lisboa: Presença, 1993.
- _____. et VIDAL-NAQUET, P. Trabalho e escravidão na Grécia antiga. Campinas: Papirus, 1994.

HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE ORIENTAL

- ANDERSON, Pierre. O modo de produção asiático in Linhagens do Estado absolutista. Lisboa: Afrontamento, 1985. p. 461-547.
- BOUZON, E. Introdução, tradução do original cuneiforme e comentários. O Código de Hammurabi. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CARDOSO, Ciro. O Egito antigo. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. Trabalho compulsório na Antiguidade. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. Sociedades do Antigo Oriente Próximo. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. Antiguidade oriental: política e religião. São Paulo: Contexto, 1990.
- _____. (org) Modo de produção asiático. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- DONADONI, Sergio. (org) O homem egípcio. Lisboa: Presença, 1990.
- GARELLI, Paul. O Oriente próximo asiático: das origens às invasões dos povos do mar. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1982

DISCIPLINA: HIS116 - TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Conceitos, teorias e abordagens contemporâneas relacionadas direta ou indiretamente à esfera política. Trata-se de uma disciplina focada no Estado e na sociedade civil, bem como nas relações entre ambos. O objetivo maior da disciplina é subsidiar o aluno tanto para lidar com os conceitos centrais da história econômica, quanto para identificar lacunas ou polêmicas historiográficas passíveis de serem transformadas em temas de pesquisa.

CONTEÚDO

A História política. Temas e Abordagens da História Política. Análise de alguns experimentos concretos: os trabalhos recentes produzidos na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- HOBSBAWN, E. Sobre História. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- LE GOFF, J. A política será ainda a ossatura da História? in: O maravilhoso e o cotidiano do Ocidente Medieval. Lisboa: Setenta, 1990.
- REMOND, R. Por uma História Política. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DISCIPLINA: HIS117 - TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Trata-se propor uma abordagem da história política renovada através da cena política africana. Noções básicas da história política serão analisadas: poder, Estado, nação, etnia, legitimidade e política. Pela dificuldade em proceder a um recorte cronológico, pretende-se analisar também formas de organização política em algumas regiões do continente africano: África austral, África ocidental e África do norte utilizando uma perspectiva interdisciplinar (principalmente entre história, antropologia e ciência política) com temas diferentes entre os quais: instituições políticas e suas representações, imaginário político, conflitos sociais.

CONTEÚDO

1) De que história política estamos falando quando se estuda a política do continente africano?; 2) O que se discute em história política?; 3) O pensamento político moderno; 4) As idéias políticas; 5) História Política de África revista; 6) De Axum ao Império Négus I; 7) Os Impérios sudaneses; 8) As cidades-Estados Hauças. O reino do Danxome; 9) Imperialismo; 10) O colonialismo e o trabalho forçado; 11) As resistências africanas; 12) As interferências européias no continente africano.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Introdução e capítulos 1 a 6, pp. 26 a 198).

AMSELLE, Jean Loup. Etnias e espaços: por uma antropologia topológica. Au coeur de l'ethnie.

DISCIPLINA: HIS118 - TÓPICOS DE HISTÓRIA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Estudar os clássicos sobre as origens do capitalismo, com ênfase em Marx e Weber, discutindo os principais conceitos na formação do capitalismo brasileiro, com ênfase em Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freire.

CONTEÚDO

Estudar os clássicos sobre as origens do capitalismo, com ênfase em Marx e Weber, discutindo os principais conceitos na formação do capitalismo brasileiro, com ênfase em Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freire.

BIBLIOGRAFIA

Em aberto

DISCIPLINA: HIS123 - HISTÓRIA MEDIEVAL

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

As sociedades medievais: as relações econômico-sociais e a cultura. O Ocidente Medieval: o nascimento da Europa. Desenvolvimento da Igreja Medieval. A dinâmica do Feudalismo. A transição para a Modernidade.

CONTEÚDO

A historiografia e a Idade Média; A transição: aspectos de permanência e ruptura; A formação dos reinos romano-germânicos e a fraqueza do poder central; A ruralização e o desenvolvimento das relações de dependência pessoal; A militarização da sociedade e a privatização da defesa; Bizâncio e seus elementos identitários; Islã: formação, expansão territorial e influência cultural no ocidente; A economia rural: senhores e camponeses; As monarquias feudais: estratégias e discursos de afirmação régia; A dinâmica urbana: comércio, universidades e ordens mendicantes; A cultura medieval; A transição, permanências e rupturas na Idade Média tardia.

BIBLIOGRAFIA

OCIDENTE

BATISTA NETO, J. História da baixa idade média. São Paulo: Ática, 1986.

BLOCH, M. A sociedade feudal. Lisboa: Setenta, 1989.

BOLTON, B. A reforma na idade média. Lisboa: Setenta, 1986.

DUBY, G. O tempo das catedrais. Lisboa: Estampa, 1989.

_____. As três ordens ou o imaginário do feudalismo. Lisboa: Estampa, 1990.

_____. Economia rural e vida no campo no Ocidente medieval. Lisboa: Setenta, 1990. 2v

_____. Ano 1000, ano 2000 na pista de nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998.

ESPINOSA, F. Antologia de textos medievais. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

FALBEL, N. Heresias medievais. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FOURQUIN, G. Senhorio e feudalidade. Lisboa: Setenta, 1981.

_____. História econômica do ocidente medieval. Lisboa: Setenta 1985.

FRANCO JR., H. O feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. A idade média. Nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. O ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUERREAU, Alain O Feudalismo. Um horizonte teórico, Lisboa:Edições 70, s/d.

DISCIPLINA: HIS129 - PATRIMÔNIO HISTÓRICO I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Conceito e tipos de patrimônio histórico. História da preservação do patrimônio histórico no Brasil e no mundo. Teorias da Restauração. História, memória e patrimônio. Patrimônio histórico e cidadania. Legislação sobre Patrimônio Histórico.

CONTEÚDO

Monumento e Monumento Histórico. Formação histórica da institucionalização da preservação do patrimônio histórico: importância da revolução Francesa e da Revolução Industrial. A formação do pensamento sobre a preservação do patrimônio histórico: Viollet le-Duc, John Ruskin, Camilo Boito, Alois Riegl e Cesare Brandi. Os principais documentos internacionais. A preservação do patrimônio histórico no Brasil: do Movimento Modernista aos dias de hoje. Memória, patrimônio, identidade e diversidade cultural.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 1985

BOSI, Eclea. Lembranças de Velhos. São Paulo: EDUSP, 1983.

BRANDI, Cesare. Teoria de la Restauración. Madri: Alianza Forma, 1988.

CARDOSO, Luiz Antônio Fernandes. Ideologia x Políticas de Preservação Cultural. Salvador: mimeo, 2004.

CARNEIRO, Ana Rita de Sá et alii.

DISCIPLINA: HIS132 - TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Os principais conceitos, temáticas e formas de abordagens da História econômica na trajetória da Historiografia mais recente. As reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas na primeira parte da disciplina deverão ser enfocadas mais verticalmente em um tema ou período histórico específico, à critério do professor. O objetivo maior da disciplina é subsidiar o aluno tanto para lidar com os conceitos centrais da história econômica, quanto para identificar lacunas ou polêmicas historiográficas passíveis de serem transformadas em temas de pesquisa.

CONTEÚDO

Os principais conceitos, temáticas e formas de abordagens da História econômica na trajetória da Historiografia mais recente.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, C., & MALERBA, J. Representações: contribuição ao debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000.

DOSSE, F. História do estruturalismo, Campinas: UNICAMP: 1993.

FALCON, F. História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DISCIPLINA: HIS133 - TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Refletir sobre os principais conceitos, temáticas e formas de abordagens da história social na trajetória da historiografia mais recente. Subsidiar o aluno para uma leitura crítica das distintas perspectivas desta forma de abordagem histórica. Aprofundar as reflexões teórico-metodológicas desenvolvidas na primeira parte da disciplina enfocando mais verticalmente um tema ou um período histórico específicos, a critério do professor. O objetivo maior da disciplina é subsidiar o aluno tanto para lidar com os conceitos centrais à história social, quanto para identificar lacunas ou polêmicas historiográficas passíveis de serem transformadas em temas de pesquisa.

CONTEÚDO

Os principais conceitos, temáticas e formas de abordagens da História econômica na trajetória da Historiografia mais recente. As reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas na primeira parte da disciplina deverão ser enfocadas mais verticalmente em um tema ou período histórico específico, à critério do professor. O objetivo maior da disciplina é subsidiar o aluno tanto para lidar com os conceitos centrais da história econômica, quanto para identificar lacunas ou polêmicas historiográficas passíveis de serem transformadas em temas de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

BATALHA, C. História: Questão e debate. Curitiba: ano 9, nº 17, 1988.
DAVIS, N. Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990;
MATTOS, H. História social (IN): Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DISCIPLINA: HIS134 - TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Refletir sobre os principais conceitos, temáticas e formas de abordagens da história econômica e social na trajetória da historiografia mais recente. Subsidiar o aluno para compreender as aproximações possíveis da história econômica e social com as demais abordagens históricas, principalmente com a história política e cultura. Aprofundar as reflexões teórico-metodológicas desenvolvida e na primeira parte da disciplina enfocando mais verticalmente um tema ou um período histórico específico, a critério do professor. O objetivo maior da disciplina é subsidiar o aluno tanto para lidar com os conceitos centrais à história econômica e social, quanto para identificar lacunas ou polêmicas historiográficas passíveis de serem transformadas em temas de pesquisa.

CONTEÚDO

Os principais conceitos, temáticas e formas de abordagens da História econômica na trajetória da Historiografia mais recente. As reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas na primeira parte da disciplina deverão ser enfocadas mais verticalmente em um tema ou período histórico específico, à critério do professor. O objetivo maior da disciplina é subsidiar o aluno tanto para lidar com os conceitos centrais da história econômica, quanto para identificar lacunas ou polêmicas historiográficas passíveis de serem transformadas em temas de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, C. & MALERBA, J. Representações: contribuição ao debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000.
DOSSE, F. História do estruturalismo. Campinas: UNICAMP, 1993.
FALCON, F. História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DISCIPLINA: HIS135 - TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Discutir os principais conceitos referentes ao campo da Arte. Recuperar o debate historiográfico em torno da metodologia da História da Arte. Refletir sobre a relação: arte e sociedade. Propiciar a criação de um campo de reflexão para aprofundar possíveis temas de investigação em torno da arte e da cultura.

CONTEÚDO

A arte no século XIX, algumas questões; Neoclassicismo/Romantismo; Arte brasileira no século XIX (pintura de história); Arte brasileira no século XIX (a guerra do Paraguai); Arte brasileira no século XIX (a representação de índios e negros); Realismo/naturalismo; A pintura dos artistas viajantes no Brasil; Impressionismo/pós-impressionismo; Arte brasileira no século XIX (a representação da paisagem); Arte brasileira no século XIX (a representação da vida cotidiana)

Bibliografia

BITTENCOURT, José Neves. Espelho da Paisagem
ADES, Dawn.

DISCIPLINA: HIS136 - TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Discutir os principais conceitos referentes ao campo da Arte. Recuperar o debate historiográfico em torno da metodologia da História da Arte. Refletir sobre a relação: arte e sociedade. Propiciar a criação de um campo de reflexão para aprofundar possíveis temas de investigação em torno da arte e da cultura.

CONTEÚDO

Aprofundar o debate em torno dos conceitos centrais da história da cultura e refletir sobre o significado da "cultura" para a produção historiográfica. Discutir os principais referenciais teóricos para o estudo da cultura, entre eles as relações entre história, antropologia e sociologia. Recuperar especialmente os debates na historiografia relativos ao tema da cultura popular, cultura de massa, massificação cultural. Aprofundar o estudo de um tema ou período histórico, a critério do professor, relativo à área.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIER, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
CERTÉAU, M. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
CHARTIER, R. A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DISCIPLINA: HIS137 - TÓPICOS DA HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Discutir os principais conceitos referentes ao campo da Arte. Recuperar o debate historiográfico em torno da metodologia da História da Arte. Refletir sobre a relação: arte e sociedade. Propiciar a criação de um campo de reflexão para aprofundar possíveis temas de investigação em torno da arte e da cultura.

CONTEÚDO

Refletir sobre a relação entre arte, cultura e sociedade. Recuperar o debate entre a história da cultura e a história social. Aprofundar o debate em torno dos novos temas relativos ao estudo da arte e da cultura. Desenvolver o estudo de um tema ou período histórico, a critério do professor. Incentivar a produção discente para a elaboração de projetos de pesquisa na área de arte e cultura.

BIBLIOGRAFIA

CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
HUNT, L. A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
LE GOFF, J. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1994.

DISCIPLINA: HIS144 - SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Esta disciplina pretende focar os temas principais relacionados à história do Brasil, desde o processo de colonização, a constituição do Estado e da Nação ao longo do

século XIX até o estabelecimento da República. O período contemplado especificamente em cada semestre pode variar, de modo a oferecer uma formação acadêmica ampla e direcionada aos interesses dos alunos e do professor responsável pela disciplina.

CONTEÚDO

Trata-se de uma disciplina de programa livre que visa atender os temas e enfoques mais pertinentes para a formação humanística.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Martha. O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ALBENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- BACELLAR, Carlos de Almeida P. Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2001.
- BICALHO, Maria Fernanda Baptista. "A Cidade e o Império: o Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BOXER, C. R. A idade de ouro do Brasil (dores de crescimento de uma sociedade colonial). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963, 2ª edição.
- BOXER, C. R. O Império marítimo português, 1415-1825. Lisboa: Edições 70, 1992, 2ª edição.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- FARIA, Sheila S. de Castro. A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FLORENTINO, Manolo Garcia. Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda & GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XV-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 29-71.
- HESPAÑA, António Manuel (coord.). História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807). Lisboa: Estampa, 1998.
- LINHARES, M. Yedda, (coord.). História geral do Brasil: da colonização portuguesa à modernização autoritária. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- MAURO, Frédéric. Portugal, o Brasil e o Atlântico, 1570-1670. Lisboa: Estampa, 1997, 2 volumes.
- MAXWELL, Kenneth. A devassa da devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal, 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, 4ª ed.
- MELLO, Evaldo Cabral de. A fronda dos mazombos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. Fidalgos e filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá ue. Na encruzilhada do Império: hierarquias sociais e conjunturas econômicas no Rio de Janeiro (c. 1650 -c. 1750). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- SCHWARTZ, Stuart B. Burocracia e sociedade no Brasil colonial - a Suprema Corte da Bahia e seus juizes: 1609-1751. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- SCHWARTZ, Stuart B. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, Rogério Forastieri da. "Movimentos Nativistas: a história como biografia", in (Anais do Museu Paulista, 33, (1984), 123:152.
- SOARES, Mariza de Carvalho. Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SOUZA, Laura de Mello e. "O novo mundo entre Deus e o Diabo", in O Diabo na terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SOUZA, Laura de Mello e. "Os protagonistas da miséria", in Os desclassificados do ouro - a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- SZMRECSÁNYI, Tamás (org.) História econômica do período colonial. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- VAINFAS, Ronaldo (org) História e Sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- VAINFAS, Ronaldo. Trópicos dos Pecados - moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

DISCIPLINA: HIS145 - SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

Esta disciplina pretende focar a história do Brasil republicano, desde o estabelecimento da República, em 1889, até a contemporaneidade. Pretende-se analisar os principais temas e/ou debates relativos ao Brasil contemporâneo, tais como as instituições, a formação político-econômica, os movimentos sociais, políticos e culturais mais relevantes para a compreensão do período. O período contemplado especificamente em cada semestre pode variar, de modo a oferecer uma formação acadêmica ampla e direcionada aos interesses dos alunos e do professor responsável pela disciplina.

CONTEÚDO

Trata-se de uma disciplina de programa livre que visa atender os temas e enfoques mais pertinentes para a formação humanística.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Angela M. C. (org.). Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra. São Paulo, Boitempo, 2002.
- ARBIX, Glauco e ZILBOVICIUS, Mauro (orgs.). De JK a FHC. A reinvenção dos carros. São Paulo, Scritta,
- BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política - 1956-1961. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p.1/4,
- BERTONHA, João Fábio. Fascismo, nazismo, integralismo. São Paulo, Atica,
- BOITO JUNIOR, Armando. O sindicalismo de Estado no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1991.
- BORGES, Vavy Pacheco. Tenentismo e Revolução. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRANDÃO LOPES, Juarez. R. Sociedade industrial no Brasil. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.
- CANCELLI, Elizabeth. O mundo da violência - a política da era Vargas. Brasília: EdUnB, 1994.
- CANNALE, Dario et al. Novembro de 1935 - meio século depois. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAPELATO, Maria Helena R. Multidões em Cena - propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.
- CARNEIRO, M. Luiza Tucci. Livros Proibidos, idéias malditas: O Deops e as minorias silenciadas. São Paulo, Ed. Estão Liberdade; Arquivo do Estado/SEC, 1997.
- CARONE, Edgard. O Estado Novo (1937-1945). São Paulo: Difel, 1977.
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- CHASIN, José. O integralismo de Plínio Salgado. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- COSTA, Homero de Oliveira. A insurreição comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia. São Paulo, Ensaio, 1995.
- COUTO, Ronaldo Costa. História indiscreta da ditadura e da abertura - Brasil: 1964-1985. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 1999.
- D'ARAUJO, Maria Celina. Sindicatos, carisma e poder: o Partido Trabalhista Brasileiro de 1945 a 1965. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- DECCA, Edgar Salvadori de. O silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DURHAM, Eunice. Durham A caminho da cidade, São Paulo, Perspectiva, 1976.
- DUTRA, Eliana Regina Freitas. O artilheiro totalitário. Imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: UFRJ/UFGM, 1997.
- ERICKSON, K. Sindicalismo no processo político brasileiro. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- FAUSTO, Boris (org.) História Geral, Civilização Brasileira. Tomo III, 3 vols. São Paulo: Difel, 1975-1978-1981.
- FERREIRA, Jorge (org.) O populismo e sua história - debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FONTES, Paulo. Trabalhadores e cidadãos - Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo, AnnaBlume-Sindicato dos Trabalhadores Químicos e Plásticos de São Paulo, 1997.
- FORTES, Alexandre et al. Na luta por direitos. Estudos recentes em história social do trabalho. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.
- FRENCH, John D. O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950. São Paulo-Hucitec/São Caetano do Sul-Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995.

DISCIPLINA: HIS146 - SEMINÁRIO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

A disciplina pretende discutir os temas relacionados à história do mundo contemporâneo. O período focado compreende de fins do século XVIII até o início do século XXI.

O período contemplado especificamente em cada semestre pode variar, de modo a oferecer uma formação acadêmica ampla e direcionada aos interesses dos alunos e do professor responsável pela disciplina. Entende-se como temas relevantes, entre outros, os seguintes: Formação das sociedades industriais na Europa de fins do séc. XVIII até meados do séc. XIX. A Revolução Industrial e as transformações político-econômicas dela decorrentes. Revolução Francesa. A contrarrevolução. Revoluções liberais de 1830 e 1848. A política das nacionalidades. As democracias Liberais. A organização da sociedade industrial europeia na passagem do século XIX para o XX: desdobramentos político-econômicos. Imperialismo. Movimentos e partidos operários. As Internacionais Socialistas. A I Guerra e a crise da sociedade liberal. A Revolução Russa. Totalitarismos. A II Guerra e a reorganização do capitalismo sob hegemonia norte-americana. A Guerra-Fria. Produção em massa. Estados do Bem-Estar Social. Crise econômico-política, neoliberalismo e globalização. O mundo do século XXI - perspectivas.

CONTEÚDO

Trata-se de uma disciplina de programa livre que visa atender os temas e enfoques mais pertinentes para a formação humanística.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDETT, Hannah. As origens do totalitarismo. SP, Cia das Letras, 1998. 3.ed.
BEAUD, Michel. História do capitalismo. De 1500 aos nossos dias. SP, Brasiliense, 1987.
BENDIX, R. Construção Nacional e Cidadania, São Paulo, EDUSP, 1996.
BERLIN, Isaiah. Os limites da utopia. SP, Cia das Letras, 1991.
BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. SP, Cia das Letras, 1986.
BLACKBURN, R.(org). Depois da queda. RJ, Paz e Terra, 1993.
BRADBURY, M.; Mc.FARLANE, J. Modernismo Geral. Guia Geral, SP, Cia das Letras, 1992.
CARR, E. A revolução russa de Lenin a Stalin, RJ, Zahar, 1981.
CHESNAUX, Jean. Modernidade-mundo Petrópolis, Vozes, 1995. Cia das Letras, 1989 - 1995.
DAHL, R. La Poliarquia, Madrid, Editorial Tecnos, 1989.
DRAIBE, S. e HENRIQUES, W., Welfare State, Crise e Gestão da Crise: Um Balanço da Literatura Internacional in Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1988, Vol. 3, n. 6.
ELIAS, N., O Processo Civilizador, Rio de Janeiro, Zahar, 1993, Vol. II
ENZENBERGER, Hans Magnus. Guerra Civil. SP, Brasiliense, 1995.
ESPING-ANDERSEN, G. O Futuro do Welfare State na nova ordem mundial, in Lua Nova, n. 35, 1995.
ESPING-ANDERSEN, G. The Three Worlds of Welfare Capitalism, New Jersey, Princeton University Press, 1990
FELICE, Renzo. Explicar o fascismo Lisboa, 70, 1978.
FERRO, M. O Ocidente diante da Revolução Russa. SP, Brasiliense, 1984.
FERRO, Marc. O ocidente diante da Rev. Russa. SP, Brasiliense, 1984.
FERRO, Marc. História das colonizações. SP, Cia das Letras, 1996.
FINKELSTEIN, Norman. A indústria do Holocausto, RJ, Record, 2001.
FRIEDRICH, Otto. Antes do dilúvio. Um Retrato de Berlin nos anos 20, RJ, Record, 1997.
GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud vols. 1,2,3. SP,
GEHARD, Alice. A Revolução Francesa. Mitos e Interpretações, SP, Perspectiva.
GOLDHAGEN, Daniel J. Os carrascos de Hitler. SP, Cia das Letras, 1997.
GOUREVITCH, P. Politics in Hard Times, Com ell University Press, 1986.
HALL, J. Powers and Liberties - The Causes and the consequences of the Rise of the West, University of California Press, 1985.
HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Empire, Duke University Press, 2000.
HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. The Labor of Dionysus. A critique of the State-form, Minesotta University Press, 1998.
HARVEY, David. A condição pós-moderna, Loyola, 1993.
HOBSBAWM, Eric. A era dos Extremos. SP, Cia. das Letras, 1995.
HOBSBAWM, Eric. A era dos Impérios, RJ, Paz e Terra, 1988.
HOBSBAWM, Eric. Mundos do Trabalho. RJ, Paz e Terra, 1987
HOBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismos desde 1780. RJ, Paz e Terra, 1991
HOBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismos. RJ, Paz e Terra
HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. RJ, Aeroplano, 2000.
IANNI, Otávio. Teorias da Globalização, RJ, Civilização Brasileira, 1995.
JAMESON, Frederick. Espaço e Imagem. RJ, UFRJ, 1994.
JAMESON, Frederick. Marcas do Visível. RJ, Graal, 1995.
JAMESON, Frederick. Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio, SP, Ática
KELLY, G. A. Who needs a Theory of a Citizenship ?, Daedalus / Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences, Vol 108, nO 4, 1979. KONDER, Leandro
Introdução ao fascismo. RJ, Graal, 1991.3.ed.
KURZ, Robert. O colapso da modernização, RJ, Paz e Terra, 1993.
MAGDOFF, Harry. Imperialismo: da era colonial ao presente. RJ, Zahar, 1979.

DISCIPLINA: HIS147 - HISTÓRIA DA ÁFRICA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE HISTORIA /ICH

EMENTA

A disciplina pretende discutir os temas relacionados à História da África, abrangendo desde o tema da África pré-colonial, passando pelo processo de colonização, tráfico, escravidão, até as questões relacionadas à história contemporânea do continente africano. O período contemplado especificamente em cada semestre pode variar, de modo a oferecer uma formação acadêmica ampla e direcionada aos interesses dos alunos e do professor responsável pela disciplina.

CONTEÚDO

Trata-se de uma disciplina de programa livre que visa atender os temas e enfoques mais pertinentes para a formação humanística.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, Taisier M. & MATTHEWS, Robert O. Civil wars in Africa - roots and resolution. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999.
ALVES, José Augusto Lindgren. Relações internacionais e temas sociais - a década das conferências. Brasília: IBRI, 2001.
AMIN, Samir. "Préface". In: Boubacar Barry, Le royaume du Waalo: le Sénégal avant la conquête. Paris: Karthala, 1985.
APPIAH, Kwame Anthony. Na Casa de Meu Pai: A África na Filosofia da História. Rio: Contraponto, 1997.
BARRY, Boubacar. Senegâmbia: O Desafio da História Regional. Amsterdã e Rio: Sefhis e Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2000. (www.sephis.org/pdf/barryportuguese.pdf)
CANEDO, Leticia Bicalho. A descolonização da África e Ásia: transformações sociais nas colônias os movimentos de libertação. São Paulo: Atual; Campinas: Editora UNICAMP, 1986.
CASTELLS, Manuel. Fim de milênio. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. Genes, povos e línguas. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
CHALIAND, Gérard. A Luta pela África: a estratégia das potências. São Paulo: Brasiliense, 1982.
CORREA, Mariza; SILVA, Márcio; (orgs.). Ensaio sobre a África do Norte. Campinas: Coleção Textos Didáticos, no. 46, IFCH, Unicamp, 2002.
CORREIA, Pazarat. Descolonização de Angola - A joia da coroa do Império Português. Lisboa: Editorial Inquérito, 1991.
DIOUF, Mamadou. "Historians and Histories: What For? African Historiography Between the State and the Communities". Amsterdã: Sefhis, 2003. .
GOUREVITCH, Philip. Gostaríamos de informá-la de que amanhã seremos mortos com nossas famílias - Histórias de Ruanda. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
História Geral da África. Vários autores. Vols 1, 2, 4 e 7. São Paulo e Paris: UNESCO; Ática, 1980.
IHONVBERE, Julius O. Africa and the new world arder. New York: Peter Lang Publishing, 2000.
ILLIFE, John. Os Africanos: História de Um Continente. Lisboa: Terramar, 1999.

JONGE, Klaas de. África do Sul: apartheid e resistência. São Paulo: Cortez/EBOH, 1991.
LAREMONT, Ricardo René. The causes of war and the consequences of peacekeeping in Africa. Portsmouth: Heinemann, 2002.
LOPES, Carlos. Kaabunké: Espaço, Território e Poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance précoloniais. Lisboa: Comissão Nacional para comemorações dos descobrimentos portugueses, 1999.
MILLS, Greg; STREMLAU, John. The privatisation of security in Africa. Johannesburg: The South African Institute of International Affairs, 1999.
MOKHTAR, G. A África Antiga. São Paulo: Ática, 1983, pp. 225-242.
PANTOJA, Selma (org.). Entre Áfricas e Brasis. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 2001.
RIVERO, Oswaldo de. O mito do desenvolvimento - os países inviáveis no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2002.
SANTIAGO, Theo (org.). Descolonização. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
SARAIVA, José Flávio Sombra. Formação da África contemporânea. São Paulo: Atual; Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
SARAIVA, José Flávio Sombra. O lugar da África. A dimensão Atlântica da Política Externa Brasileira. Brasília: EdUNB, 1998.
SOUOMONNI, Elisée. "Daomé e o Mundo Atlântico". Amsterdã e Rio: Scephis e Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. (www.scephis.org/pdf/soumonniport.pdf).
WESSELINGH, H.L. Dividir Para Dominar. A Partilha da África, 1880-1914. São Paulo; Rio e Janeiro: Revan e Ed. UFRJ, 1998.

DISCIPLINA: TUR051 - MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

O objetivo central desta disciplina é compreender as dimensões espaço-temporais, bem como político-econômico-sociais, que envolvem diferentes e crescentes possibilidades de mobilidades contemporâneas. Neste sentido, a ideia de mobilidade extrapola a noção de mero deslocamento e considera essencialmente as relações humanas que são estabelecidas nas mudanças sucessivas de lugar dos sujeitos, perspectiva que contempla, por um lado, a formação de identidades móveis nos indivíduos pós-modernos e, por outro, o surgimento de novos formatos de espaços criados por comunidades mutantes. Para alcançar tais dimensões, são propostos estudos sobre o tema orientados pelos vieses histórico, sociológico, cultural, urbano, econômico, tecnológico, entre outros que iluminam a reflexão sobre os espaços de conexão, intervalos e fronteiras que caracterizam as mobilidades contemporâneas e seus efeitos sobre o turismo.

CONTEÚDO

1. Mobilidades no tempo e no espaço; 1.1. Compreensão histórica dos deslocamentos humanos e os condicionantes da mobilidade contemporânea; 2. Mobilidades e globalização
2.1. Perspectivas teóricas sobre a interação local e global, comunicação e transportes em diálogo com o turismo; 3. Mobilidades e identidades culturais na contemporaneidade; 3.1. Abordagens teórico-conceituais sobre identidades, multiculturalismo e interculturalismo; 3.2. Análise dos sujeitos viajantes/turistas/aventureiros em diálogo com sujeitos migrantes/diaspóricos/exilados/refugiados/retomados; 4. Mobilidades, produção e consumo; 4.1 Pesquisa sobre a influência de práticas de produção para exportação e importação de produtos no consumo cotidiano, cultural e turístico; 5. Mobilidades e urbanidade ; 5.1. Estudo sobre dinâmicas de deslocamentos, mudanças, redistribuições, composições, densidades, vazios, entre outras que afetam as relações sociais e turísticas nas aglomerações urbanas; 6. Mobilidades e virtualidade; 6.1 Mapeamento das possibilidades de criação, manipulação, armazenagem, pesquisas e divulgação de conteúdos turísticos em suportes digitais, virtuais e multissensoriais; 6.2 Análise de opções, práticas e relações de turismo no universo turístico virtual - oportunidades, tendências, liberdades, riscos, limites e impactos nas viagens e nos viajantes.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
URRY, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1996.

DISCIPLINA: TUR053 - TURISMO, CONSUMO E COMUNICAÇÃO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

Consumo como fato social total e sistema de comunicação. As origens históricas da cultura de consumo. Consumo, cultura e trocas simbólicas. Consumo, modernidade, estilo de vida e indústria cultural. O efêmero e a produção da felicidade. Consumo e hedonismo. Consumo e cultura material no turismo. A transferência de significados entre o mundo, o bem e o consumidor no turismo. A mercantilização de espaços, culturas, pessoas e ambientes pelo turismo. Consumo, mídia e novas tecnologias no turismo. A cultura de massa e a construção do imaginário do consumo turístico. Construções imaginárias e as narrativas do consumo em formas imagéticas.

CONTEÚDO

1. A SOCIEDADE E A CULTURA DE CONSUMO; 1.1. Consumo como fato social total e sistema de comunicação; 1.2. As origens da cultura de consumo; 1.3. O indivíduo como bem de consumo e sua necessidade de valorização e diferenciação no mercado; 1.4. As perspectivas acerca do consumo: a produção do consumo, os modos de consumo e o consumo de sonhos, imagens e prazeres; 2. CONSUMO EM TEMPOS PÓS-MODERNOS; 2.1. A obsolescência programada, o consumo verde, o consumo sustentável e a ambientalização dos consumidores; 2.2. O fenômeno do Big Data e seus usos no turismo; 2.3. Os estudos do comportamento do consumidor, as novas tecnologias e o mercado; 3. IMBUINDO DE SIGNIFICADOS OS BENS TURÍSTICOS; 3.1. A publicidade como via para a transferência de significados para os bens de consumo; 3.2. O sistema de moda como via para a transferência de significados para os bens de consumo; 3.3. A transferência de significados do bem de consumo ao consumidor; 4. A PRODUÇÃO E CONSUMO DO ESPAÇO TURÍSTICO; 4.1. O paradoxo do turismo como via para a mercantilização de lugares (espaços, cultura, ambiente e pessoas); 4.2. A construção e promoção da imagem de um destino: construções imaginárias e as narrativas do consumo em formas imagéticas; 4.3. A construção do olhar do turista e o consumo de viagens; 4.4. O consumo e a materialização da viagem: a fotografia e o souvenir; 5. CONSUMO, COMUNICAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS NO TURISMO; 5.1. Ferramentas de comunicação, os aplicativos e as novas tecnologias aplicadas ao turismo (redes sociais, blogs, sites, cinema, youtube, games, literatura (LIVROS), jornais, revistas, televisão, folheteria etc).

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. (2008) Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
FEATHERSTONE, M. (1995). Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel.
MCCRACKEN, G. (2003). Cultura e Consumo. Novas Abordagens ao Caráter Simbólico dos Bens e das Atividades de Consumo. Rio de Janeiro: Mauad.

DISCIPLINA: TUR054 - FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

O planejamento é um processo que visa a obtenção de objetivos em um tempo futuro. Portanto, cada aspecto deve ser projetado com base em informações seguras e precisas que permitam a melhor tomada de decisão. É fundamental o conhecimento teórico a respeito de seus conceitos, princípios, tipologia, etapas e instrumentos, como o plano, o programa e o projeto. Compreender a relação entre o planejamento e as políticas públicas vigentes é outra exigência, pois o primeiro deve ser regido pelo segundo de forma a gerar produtos e serviços de qualidade e em conformidade com o previsto para o desenvolvimento nacional do país. Cada vez mais espera-se que esse processo seja empreendido não só pela iniciativa pública e privada, mas também pelas comunidades receptoras, que integram o sistema de turismo a ser considerado em sua totalidade.

CONTEÚDO

1-TEORIAS DO PLANEJAMENTO; 1.1 Aspectos conceituais do planejamento; 1.2 Evolução da teoria do planejamento; 1.3 Tipos de planejamento; 1.3.1 Planejamento estratégico; 1.4 Interfaces entre planejamento e política pública; 1.5 Etapas do processo de planejamento; 1.6 Planos, programas e projetos; 1.7 Planejamento, qualidade e competitividade; 2- PLANEJAMENTO PÚBLICO DO TURISMO NO BRASIL; 2.1 Histórico e atualidade; 3- PLANEJAMENTO TURÍSTICO, APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS E PARTICIPAÇÃO LOCAL; 3.1 Planejamento turístico participativo; 3.2 A transformação do espaço e seus impactos sobre a comunidade local; 3.3 Estudos de caso; 4- PLANEJAMENTO DE SISTEMAS TURÍSTICOS; 4.1 Sistemas de turismo: elementos e relações; 4.2 Dinâmica do SISTUR e seus subconjuntos; 4.2.1 Relações ambientais; 4.2.2 Ações operacionais; 4.2.3 Organização Estrutural.

BIBLIOGRAFIA

BENI, Mário Carlos. Política e planejamento de turismo no Brasil. São Paulo: Aleph, 2006.
DIAS, Reinaldo. Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.
RUSCHMANN, Doris; SOLHA, Karina Toledo. Planejamento Turístico. São Paulo: Manole, 2006.

DISCIPLINA: TUR056 - FUNDAMENTOS DO TURISMO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

O conhecimento das viagens através dos tempos situa o desenvolvimento do turismo nos períodos pré e pós-capitalista. Os conceitos e definições de turismo tem como função mostrar uma padronização de entendimento do fenômeno turístico. Os efeitos da atividade turística sobre o destino nos contextualizam os impactos produzidos pela atividade sobre a economia, a cultura, a sociedade e o meio ambiente. O mercado e o marketing no turismo é mostrado através de seus elementos e componentes. A gestão governamental do turismo demonstra a existência de uma política de turismo brasileira. As perspectivas do turismo e a atuação profissional coloca atividade como um setor produtivo de importância nacional e mundial.

CONTEÚDO

1. HISTÓRIA DO TURISMO; 1.1. Sociedades pré-capitalistas; 1.2. Sociedades capitalistas; 1.3. Sociedades comunistas e socialistas; 2. CONCEITOS DE TURISMO; 2.1. Definições de viagem, turismo e seus agentes; 3. INTRODUÇÃO A ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE TURISMO; 3.1. O Viés Sistêmico; 3.2. Perspectiva Fenomenológica; 3.3. O Pensamento Materialista Histórico-Dialético; 3.4. O Olhar Interdisciplinar; 4. OS ESPAÇOS E OS IMPACTOS TURÍSTICOS; 4.1. Características das destinações; 4.2. Principais espaços turísticos litoral, montanha, rural, urbano e regiões extremas; 4.3. Impactos socioculturais, econômicos e ambientais do turismo; 4.4. Relações entre turistas e residentes; 5. MERCADO TURÍSTICO; 5.1. Conceitos de mercado; 5.2. Oferta turística; 5.2.1 Recurso e atrativo turístico; 5.2.2 Produtos turísticos; 5.2.3 Equipamentos e organizações; 5.3. Demanda turística; 5.4. Marketing de destino; 5.5. Segmentações turísticas; 6. O PAPEL DO ESTADO NO TURISMO; 6.1. Conceitos de políticas públicas no turismo; 6.2. A infraestrutura e o turismo; 6.3. A superestrutura turística brasileira; 6.4. O turismo como vetor de construção e promoção de imagens nacionais
7. TENDÊNCIAS PARA O TURISMO; 7.1. O estudo das tendências em turismo; 7.2. O contexto internacional e nacional e as influências no mercado turístico; 8. O PROFISSIONAL DE TURISMO; 8.1. Código de Ética do Turismo; 8.2. A questão da regulamentação da profissão de turismólogo; 8.3. Competências e habilidades: as exigências legais e as práticas cotidianas.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Celso; GUIMARAES, V. L.; MONTENEGRO, A. (Orgs.). História do turismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.
DIAS, Reinaldo. Introdução ao turismo. São Paulo: Atlas, 2005.
LOHMANN, Guilherme; NETTO, Alexandre Panosso. Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas. São Paulo, SP: Ed. Aleph, 2008.

DISCIPLINA: TUR057 – ABORDAGENS TEÓRICAS DO TURISMO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

A disciplina Abordagens Teóricas do Turismo tem por objetivo apresentar e debater criticamente as bases e a trajetória do pensamento epistemológico do turismo, contemplando os principais paradigmas, limites e desafios de se pensar o turismo enquanto objeto científico. Para tanto, são abordadas diferentes correntes e vertentes teórico-metodológicas, tanto tradicionais quanto contemporâneas, dedicadas à interpretação e análise do fenômeno turístico.

CONTEÚDO

1 – HISTÓRIA DO TURISMO E SUA EVOLUÇÃO ETIMOLÓGICA; 1.1 O turismo na história e a história do turismo; 1.1.1 Evolução Etimológica: Viagem, Vilegiatura e Turismo; 1.1.2 Turismo: "evolução conceitual?"; 2 – EPISTEMOLOGIA E TURISMO: OBJETO, CAMPO E MÉTODO; 2.1 Epistemologia, objeto, campo e método; 2.1.1 Epistemologia, formas de conhecimento e conhecimento científico; 2.1.2 Ciência e Teoria: o que é (e o que não é) teoria; 2.1.3 Produção de teorias e conhecimento científicos; 3 – PARADIGMAS CLÁSSICOS E SEUS DESDOBRAMENTOS NO TURISMO; 3.1 Paradigmas clássicos e seus desdobramentos; 3.1.1 A ideia de Paradigmas científicos e de Programas de Pesquisa; 3.1.2 O positivismo nos estudos do turismo (estrutural-funcionalismo pela teoria de sistemas); 3.1.3 O interpretativismo nos estudos do turismo; 3.1.4 O marxismo nos estudos do turismo; 4 – PARADIGMAS CONTEMPORÂNEOS: TENTATIVAS DE SUPERAÇÃO DO POSITIVISMO; 2.1.1 Pós-estruturalismo; 2.1.2 Pós-modernismo; 2.1.3 Estudos Críticos; 2.1.4 Realismo crítico; 2.3.4.1 a questão ontológica e níveis de análise (Teorias sociológicas do turismo); 5 – DEBATES EM ABERTO; 5.1 Definição de um objeto para o turismo; 5.2 A questão do método; 5.3 Integração de teorias.

BIBLIOGRAFIA

BENI, Mario C. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: SENAC, 1998.
KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2009.
PANOSSO NETTO, A.; PALHARES, G. L. Teoria do Turismo - conceitos, modelos e sistemas. Aleph, SP, 2008.

DISCIPLINA: TUR082 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E TURISMO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

A disciplina Organização do Espaço e Turismo, se apoia nos pressupostos teórico-metodológicos da Geografia para interpretar criticamente o fenômeno turístico enquanto indutor e produtor de relevantes transformações no espaço geográfico. São abordadas, nesse sentido, as contribuições das principais categorias geográficas Região, Território, Paisagem e Lugar ao estudo do turismo e de suas repercussões socioespaciais.

CONTEÚDO

1. A RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E TURISMO; 1.1. As contribuições da Geografia ao estudo do turismo; 1.2. A natureza geográfica do turismo; 1.3. Espaço, espaço turístico e o papel do turismo no processo de produção social do espaço; 2. REGIÃO E TURISMO; 2.1. O conceito de região ao longo da evolução da história do pensamento geográfico: a região como artifício (analítico), como fato (concreto e/ou simbólico-cultural) e como arte-fator (continuum); 2.2. O olhar regional e os desafios de se incorporar a multiplicidade e a complexidade de processos que marcam os arranjos espaciais contemporâneos; 2.3. Estratégias de compartimentação do espaço para se pensar o planejamento turístico: avanços e limitações das estratégias de regionalização do turismo no Brasil; 3. TERRITÓRIO E TURISMO; 3.1. Território e poder: a dimensão política em evidência; 3.2. Territorialidade(s) e o exercício i-material na produção territorial; 3.3. Processos de Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização; 3.4. Poder, conflito, identidade e resistência nos processos de (re)ordenamento territorial pelo turismo; 4. LUGAR E TURISMO; 4.1. Lugar: espaço do imediato, do vivido, do sentido e do percebido; 4.2. Lugar: ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta; 4.3. Lugar, relações de pertencimento e turismo; 4.4. Lugar e Lugares Turísticos. Turismo e a produção de não-lugares; 5. PAISAGEM E TURISMO; 5.1. A paisagem e suas dimensões estética, concreta e simbólica; 5.2. A paisagem enquanto elemento integrador da natureza e da cultura no espaço; 5.3. A paisagem enquanto mediadora de experiências turísticas: do consumo fugaz à proximidade no fazer turístico; 5.4. Patrimônio paisagístico e turismo: as relações de topofilia e topofobia associadas ao fenômeno turístico.

BIBLIOGRAFIA

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Geografias do Turismo: de Lugares a Pseudo-lugares. São Paulo: Roca, 2007.
TELES, Reinaldo Miranda de Sá. Fundamentos geográficos do turismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia A.; (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

DISCIPLINA: TUR086 - DESENVOLVIMENTO, COMUNIDADES E TURISMO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

DISCIPLINA: CSO030 - SOCIOLOGIA DAS ARTES I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH**EMENTA**

A estética sociológica.

A sociologia do produtor e do apreciador da arte. Mundo artístico e tipos sociais. Movimento nas artes.

CONTEÚDO

1. A autonomia da arte frente a outras esferas do conhecimento; 2. A realidade e a consciência: impressionismo e pós-impressionismo; 3. As vanguardas históricas: fauvismo, cubismo, expressionismo, futurismo, dada, surrealismo, os construtivismos; 4. De Paris a Nova Iorque: o expressionismo abstrato e o abstracionismo informal.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, Giulio Carlo. A Arte Moderna, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
BOIS, Yves-Alain. Matisse e Picasso, São Paulo, Melhoramentos, 1999.
CABANNE, Pierre. Marcel Duchamp: Engenheiro do tempo perdido. São Paulo: Perspectiva, 1987.
CHIPP, H.B. Teorias da Arte Moderna, São Paulo: Martins Fontes, 1996 (2ª edição).
DEMPSEY, Amy. Estilos, escolas e movimentos. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
FRANSCINA, Francis ... [et alii] Modernidade e Modernismo. A Pintura francesa no final do século XIX, São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1998.
GREENBERG, Clement. Arte e Cultura. São Paulo: Ática, 1996.
Coleção Movimentos da Arte Moderna, São Paulo: Cosac e Naify
- Pós-impressionismo, Belinda Thompson
- Cubismo, David Cottington
- Surrealismo, Fiona Bradley
- Minimalismo, David Batchelor
GUINSBURG, Jacó (org.). O Expressionismo. São Paulo: Perspectiva, 2002
KRAUSS, Rosalind. Caminhos da Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito, SP: Cosac Naify, 2005.
SCHAPIRO, Meyer. A unidade da arte em Picasso, São Paulo: Cosac e Naify, 2002
_____. A Arte Moderna: séculos XIX e XX, São Paulo: EDUSP, 1996
_____. Impressionismo, São Paulo: Cosac Naify, 2004.
STANGOS, Nikos (org.). Conceitos da Arte Moderna, RJ: Jorge Zahar Ed., 2000.
TOMKINS, Calvin. Duchamp: uma biografia, São Paulo: Cosac Naify, 2005.
FRANCASTEL, Pierre. Pintura e Sociedade, São Paulo: Martins Fontes, 1990.
RICKEY, George. Construtivismo: origens e evolução. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.
ROSENBERG, Harold. A Tradição do Novo, São Paulo: Perspectiva, 1974.
WICK, Rainer. Pedagogia da Bauhaus, São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DISCIPLINA: CSO093 - INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH****EMENTA**

O curso visa introduzir os alunos ao campo epistemológico da Antropologia, destacando suas origens, conceitos básicos e questões que desafiam a disciplina. A unidade da espécie humana e a diversidade cultural. Etnocentrismo e colonialismo. O conceito de homem nos séculos XVIII e XIX. A Antropologia no quadro das ciências, seus objetivos e perspectivas.

CONTEÚDO

Contexto histórico e inserção da Antropologia no campo das Ciências Sociais; A descoberta do outro: sociedades primitivas, colonialismo e imperialismo; As primeiras teorias: evolucionismo social e mudanças culturais; Culturalismo e relativismo metodológico; O princípio da reciprocidade como fundamento da vida social.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Celso. Evolucionismo Cultural. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2005.
DA MATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Eds, 1993(1973). pp. 45-66.
INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 28, 1995. pp. 39-53.
LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982 (1949).
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e VELHO, Gilberto.

DISCIPLINA: CSO094 - ESTUDOS CULTURAIS**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH****EMENTA**

Temas da atualidade tendo como eixo condutor a noção de cultura orientada pelas reflexões da Antropologia contemporânea. As sociedades modernas e suas tradições culturais. Condições sociais de produção cultural.

Modelos teóricos dos processos de formação das identidades nacionais e suas interpretações. Crítica às noções de folclore, cultura popular e cultura de massa. A globalização e a diversidade cultural contemporânea.

CONTEÚDO

a) Introdução ao campo de estudos da antropologia; b) Formas e significados do conceito de cultura; c) Diversidade cultural e relações sociais; d) Novas culturas globais: difusão, hibridismo e fragmentação.

BIBLIOGRAFIA

- BOHANNAN, Laura. Shakespeare na Selva (tradução para fins didáticos)
BOURDIEU, Pierre. O estúdio e seus bastidores. In: Sobre a televisão. (Parte 1).
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 2000. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. São Paulo: Revista de Antropologia, USP, 1996, v.39 nº1)
CORRÊA, Mariza. Antropólogas e antropologia. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.
_____. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Cadernos Pagu (16), 2001, p. 13-30.
DA MATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira. In: Relativizando: uma introdução à Antropologia Social.
EVANGELISTA, Rafael. O movimento software livre do Brasil: política, trabalho e hacking. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 20, n. 41, p. 173-200, jan./jun. 2014.
FRANCHETTO, CAVALCANTI e HEILBORN (orgs.) (1981). Antropologia e Gênero. Perspectivas Antropológicas da Mulher. Antropologia e Feminismo, vol. 1, n.1, Rio de Janeiro: Zahar Editores.
LARAIA, Roque de Barros Laraia. 2005. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
MAFRA, Clara. A arma da cultura e os universalismos parciais. Mana 17(3): 607-624, 2011.
MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. (Introdução e Cap. 17 A padronização do temperamento sexual). p.19-27/267-275.
MIINER, Horace. O ritual do corpo entre os nãcires. (tradução para fins didáticos).
MIZRAHI, Mylene. Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 231-262, jul./dez. 2007.
VELHO, G. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. (Cap.2 e Conclusões. p. 29-56/86-94).
ZALUAR, A. A Máquina e a Revolta, organizações populares e o significado da pobreza. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1985. (Cap.1 O antropólogo e os pobres: Introdução metodológica e afetiva. p. 9-32).

DISCIPLINA: CSO095 - ANTROPOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH****EMENTA**

Panorama das correntes teóricas contemporâneas e seus autores. Temas e questões atuais em debate. Principais controvérsias.

CONTEÚDO

a) Indivíduo, sociedade e cultura; b) Estruturalismo, interpretativismo e relativismo; c) Antropologia e história: contribuições e debates; d) A modernidade crítica e a pós-modernidade; e) Cosmologias da tradição e a cultura como invenção; f) Pessoa, corpo e subjetividade; g) Teorias sobre redes sociais.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia. In: Sobre o Pensamento Antropológico.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica, in: A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 17-62.
- DILTHEY, W. O surgimento da Hermenêutica. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, v.2, n.1, p.11-32.
- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa, in: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 278-321.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, in: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-41.
- GEERTZ, Clifford. A luta pelo real, in Observando o Islã. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 98-124.
- GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico, in: O saber local. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 85-107.
- GEERTZ, Clifford. O senso comum como um sistema cultural, in: O saber local. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 111-141.
- KUPER, A. Clifford Geertz: cultura como religião e como grande ópera. In: Cultura: a visão dos antropólogos. São Paulo: Edusc, 2002.
- MARCUS, George E. "Identidades Passadas, Presentes e Emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial". Revista de Antropologia, 34: 197-221. 1991.
- PEIRANO, Mariza. "O Encontro etnográfico e o diálogo teórico". In: Uma antropologia no plural. Três experiências contemporâneas. Brasília: Ed. UNB, 1991. p.131-146.
- RABINOW, Paul. Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na antropologia, in: Antropologia da razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 71-107.
- SAHLINS, Marshall. Introdução Suplemento à viagem de Cook; ou 'le calcul sauvage', e Estrutura e história, in: Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 7-51, 172-194.
- SAHLINS, Marshall. Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do Sistema Mundial. In: Cultura na prática. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 445-501.
- SAHLINS, Marshall. Experiência individual e ordem cultural (1982), in Cultura na prática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 301-316.
- SAHLINS, Marshall. La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura (1976), in Cultura na prática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 179-219.
- SAHLINS, Marshall. Que é iluminismo antropológico? Algumas lições do século XX (1999), in Cultura na prática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 535-562.

DISCIPLINA: CSO097 - PARENTESCO, FAMÍLIA, PESSOA E GÊNERO**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH****EMENTA**

O objetivo desse curso é aprofundar nos estudos de gênero, explorando o impacto das teorias feministas na antropologia contemporânea e suas interfaces com os temas: poder, sexualidade, corpo, violência e família. Os estudos de gênero compõem um campo de debates e pesquisas interdisciplinar na qual as ciências sociais, a história, a psicologia e a crítica literária ocupam posições centrais. Esse curso privilegia as discussões em torno dos desafios envolvidos na rejeição dos determinismos biológicos implícitos no uso dos termos sexo e diferença sexual; na capacidade de alargar a compreensão dos aspectos relacionais e culturais das construções do feminino e do masculino, entendendo que essas construções são produtos, mas também produtoras de espaços para práticas sociais e relações de poder.

CONTEÚDO

1. Gênero e diversidade cultural; 2. Sexo e gênero e a crítica ao determinismo biológico; 3. Conceito de gênero é relacional; 4. Violência, Gênero e relações de poder; 5. Gênero, corpo e sexualidade; 6. Família e gênero; 7. Parentesco e Gênero; 8. Gênero e identidade; 9. Feminismo.

BIBLIOGRAFIA

- MEAD, Margareth. 1969. Introdução; A padronização do temperamento sexual; O inadaptado; Conclusão. In: Sexo e Temperamento. São Paulo: Ed. Perspectiva. pp.19-30; pp.267-304.
- MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero. (mimeo) Do original em inglês: Understanding sex and gender, In: Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p.813-830. Tradução de Júlio de Assis Simões exclusivamente para uso didático.
- MALUF, Sônia. Resenha do texto e do filme (para compor a nota da 3ª avaliação)
- MOORE, Henrietta. Fantasias de Poder e Fantasias de Identidade; gênero, raça e violência. In: Cadernos Pagu: corporificando gênero (14), 2000.
- SRATHERN, Marilyn. Necessidades de pais, Necessidades de Mães. In: Estudos Feministas, IFCS/UFRJ PPCIS/UERJ, vol.3, n.2/1995.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2): p.5-22, jul/dez., 1990.
- GREGORI, Maria Filomena. Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e prática feminista.
- CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. In: Dossiê: feminismo em questão, questões do feminismo, Cadernos Pagu, (16), 2001: pp.13-30.
- FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V.C.; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo. In: Perspectivas Antropológicas da Mulher, n.1, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, pp.11-47.
- FOUCAULT, Michel. II - A hipótese repressiva. In: História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, pp.19-50.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do Gênero. In: Heloisa Buarque Hollanda, Tendências e Impasses. O feminismo como Crítica da Cultura, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: Colcha de Retalhos: Estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Editora da universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1993.
- PISCITELLI, Adriana. Nas fronteiras do `natural': comentários sobre gênero e parentesco no debate feminista contemporâneo. In: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/UNICAMP. (mimeo)
- DUARTE, Luis Fernando Dias. A sexualidade nas Ciências Sociais: Leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade, Lisboa, Fim de Século, 1995.

DISCIPLINA: CSO098 - SOCIOLOGIA : HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH****EMENTA**

Oferecer ao aluno uma introdução à Sociologia. Permitir um conhecimento da história da disciplina, principais correntes teóricas e temas tratados desde sua institucionalização. Além disso, devem ser abordados temas atuais de relevância social sob uma perspectiva sociológica.

CONTEÚDO

1. Contexto de surgimento e institucionalização da Sociologia; 2. Principais correntes teóricas: temas, autores - visão panorâmica; 3. Temas de relevância para a Sociologia; 4. Temas atuais sob uma perspectiva sociológica.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor. Introdução à Sociologia. São Paulo: UNESP, 2008.
- ARON, Raymond. As Etapas do Pensamento Sociológico. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (org.). Walter Benjamin. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 30-43 (Grandes Cientistas Sociais).

BOUDON, R.; BOURRICAUD, F.. Dicionário Crítico de Sociologia. São Paulo: Ática, 1993.
BOUDON, Raymond (dir.). Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
DURKHEIM, Émile. "O suicídio". In: GIANOTTI, José A.. Durkheim. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).
FERNANDES, Florestan (org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Nacional: EDUSP, 1973.
GIDDENS, Anthony. Em defesa da Sociologia. Ensaio, interpretações e réplicas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
GIDDENS, A.; PIERSON, C.. Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 45-59.
QUINTANEIRO, Tania et alli. Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
RODRIGUES, J.A. (org.). Durkheim. 2 ed. São Paulo: Ática, 1981, Col. Grandes Cientistas Sociais.
SUSSEK, Ida (ed.). La Sociología Urbana de Manuel Castells. Madri: Alianza Editorial, 2001.
WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
WEBER, Max. Textos selecionados. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).
WERNECK VIANNA, Luiz. Cientistas Sociais e Vida Pública: O Estudante de Graduação em Ciências Sociais - Introdução. Dados. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: IUPERJ, vol. 37, nº 3, 1994, p. 357-403.

DISCIPLINA: CSO099 - ESTRATIFICAÇÃO, GRUPOS E PODER

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

Esta disciplina pretende oferecer um panorama das teorias e conceitos que envolvem a discussão sobre a divisão da sociedade em classes, raças, gêneros. Discute as desigualdades decorrentes da formação de grupos e organizações dessas categorias no acesso a bens e poder na sociedade, sua relação com a política, o governo e o Estado. Além da perspectiva teórica, trata esses temas na atualidade e de acordo com a realidade brasileira.

CONTEÚDO

a) Estratificação e estrutura de classes; b) Etnia e Raça; c) Grupos e Organizações; d) Política, Governo e Estado.

DISCIPLINA: CSO101 - INDIVÍDUO, CULTURA E SOCIEDADE

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

A disciplina tem por objetivo, através de autores clássicos e contemporâneos, expor quatro antinomias centrais no debate das Ciências Sociais, notadamente na Sociologia. Em seguida, serão apresentadas teorias de médio alcance, centradas nos grupos e nas instituições, e a singularidade do conceito de cultura para a Sociologia. A disciplina propõe na última unidade um trabalho prático e alguns estudos empíricos.

CONTEÚDO

I. Dualismos clássicos e contemporâneos da sociologia; 1.1 Ação e estrutura; 1.2 Micro versus macro; 1.3 Individualismo versus holismo metodológico; 1.4 Subjetividade e objetividade; II. Grupos sociais e instituições sociais; 1.1 a interação; 1.2 a identidade; 1.3 as representações e as diferenças; 1.4 a opinião pública, as massas e a multidão; III. Os conceitos de cultura na sociologia.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
_____. A sociedade individualizada. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
_____. Vida líquida. Zahar, 2007.
BOURDIEU, Pierre. As regras da arte. Martins Fontes, 1998.
COHN, Gabriel (Org.). Sociologia: para ler os clássicos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.
_____. Theodor W Adorno. São Paulo: Ática, 1991.
CORCUFF, Philippe. As novas sociologias. São Paulo: EDUSC, 2001.
DA MATTA, Roberto. Camavais, malandros e heróis. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
_____. O que faz do Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.
ELIAS, Norberto. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983
LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
LYOTARD, Jean-François. O pós-moderno. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
SENNETT, Richard. A cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.
SHIBUTANI, Tamotsu. Sociedad y personalidad. Buenos Aires: Paidós, 1971.

DISCIPLINA: CSO102 - SOCIEDADE, ECONOMIA, INSTITUIÇÕES, DIÁLOGOS

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA:

Discutir a interface entre Ciências Sociais e Economia, com ênfase em ambas as teorias e tendo as instituições como um guia analítico para relacionar ambas as disciplinas. Seu objetivo é fornecer ferramentas para compreender a dinâmica geral do capitalismo, a partir de temas clássicos e contemporâneos e em relação estreita com o tema das instituições.

CONTEÚDO

UNIDADE I: TEORIAS; a) Linhagens: teorias clássicas em Sociologia e Economia; b) Capitalismo: teoria e desdobramentos – visões clássica e contemporânea; UNIDADE II: INSTITUIÇÕES; a) A descoberta das instituições em Sociologia e Economia; b) Como as instituições articulam-se com a vida social e econômica; c) Institucionalismos; UNIDADE III: INSTITUIÇÕES, ECONOMIA E SOCIEDADE; a) Modelos de capitalismo; b) Variedades de capitalismo; c) Capitalismo de bem-estar.

BIBLIOGRAFIA

Em aberto

DISCIPLINA: CSO103 - AS TRAJETÓRIAS DA MODERNIDADE E O PENSAMENTO POLÍTICO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

O curso pretende reler as diferentes trajetórias do pensamento político que forjaram a possibilidade de um mundo moderno, desde o renascimento até o iluminismo e os impasses pós-iluministas. Sem ser necessariamente centrado em autores os tópicos da passagem de um mundo tradicional para outro moderno pode rever reflexões de autores como Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, Montesquieu, ou outras matrizes como os autores da via ibérica para a construção do imaginário moderno, no qual indivíduos são capazes de subjetivar concepções de mundo que lhes permitem pensar em direitos da pessoa ao mesmo tempo em que o Estado avança na sua tarefa de centralização e racionalização necessárias a uma sociedade diferenciada.

CONTEÚDO

1. A Modernidade e suas faces na teoria política: emergência e mudanças das tradições; 1.1-O Renascimento e a Razão de Estado; 2- A Reforma Protestante, a Contra-Reforma e suas dimensões Políticas; 2.1 o contrato e o jusnaturalismo; 3. A subjetivação barroca do mundo; 4. A sociedade e o homem livre no iluminismo; 5. O romantismo político, as revoluções e o coroamento da modernidade; 6. Estado e sociedade na perspectiva moderna; 7. A modernidade desencantada na política do século XX; 8. Pós-Modernidade.

BIBLIOGRAFIA

HOBBS, Thomas. O Leviatã. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Abril, 1979.
LOCKE, John; Segundo tratado sobre o governo. Trad. E. Jacy Monteiro. São Paulo: Abril, 1979.
MAQUIAVEL, N. Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio. Brasília: UNB.
MAQUIAVEL, N. O Príncipe, Trad. Roberto Grassi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
MONTESQUIEU. O Espírito das Leis. Trad. Fernando Henrique Cardoso. Brasília: UNB, 1982.
ROUSSEAU, Jean Jaques. Do Contrato Social. Trad. Lourdes Campos. São Paulo: Abril, 1983.

DISCIPLINA: CSO104 - AS TEORIAS DA DEMOCRACIA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

O curso objetiva fornecer uma visão ampla da teoria democrática e seus impasses contemporâneos, polarizando a contribuição dos autores realistas e normativistas. Os temas já clássicos da democracia como cidadania, participação e representação política evoluem no século XX para novos contextos nos quais outros temas, como a desigualdade e o multiculturalismo, bem como os desafios do mundo globalizado, impactam a agenda da teoria política. Em que medida o arsenal teórico da teoria democrática pode equacionar os desafios contemporâneos é o fio condutor desse curso.

CONTEÚDO

1. TEORIAS DA DEMOCRACIA 1: A VISÃO REALISTA; a) O pluralismo e a poliarquia; b) A teoria econômica da democracia; c) A escolha racional e o dilema da ação coletiva; 2. TEORIAS DA DEMOCRACIA 2: A VISÃO NORMATIVISTA; a) Democracia e justiça; b) Democracia, dialogia e estrutura normativa; 3. A DEMOCRACIA REPRESENTATIVA E SEUS PROBLEMAS; a) Cidadania e participação; b) Multiculturalismo e reconhecimento nas democracias recentes; c) A democracia cosmopolita; d) A desigualdade e a democracia.

BIBLIOGRAFIA

Em aberto.

DISCIPLINA: CSO105 - ESTADO E SOCIEDADE NA TEORIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA: REPENSANDO CONCEITOS CENTRAIS

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

O curso deve discutir uma polaridade central da teoria política, ou seja, as relações entre Estado e Sociedade para instrumentalizar leituras da conjuntura do século XXI. Dentro dessa polaridade as questões que marcaram o século XX como o liberalismo, o socialismo e o autoritarismo podem ser repensadas para lidar com a quebra de fronteiras e paradigmas que os processos de mundialização nos impõem. Por meio dessa polaridade o curso deve prover uma reflexão ampla sobre as formas da política desde o século XX até o tempo presente. Tomar esse enquadramento para tratar os temas de política contemporânea: uma disciplina para se discutir os problemas políticos de um mundo complexo, suas origens no século XX e suas perspectivas.

CONTEÚDO

a) Introdução às transformações contemporâneas da relação Estado e sociedade e seus temas formadores: capitalismo, socialismo, autoritarismo, liberalismo e democracia; b) Espaço público e controles do estado; c) Governabilidade e autonomia do Estado; d) A centralidade da mídia nas relações Estado Sociedade; e) Atores políticos da Sociedade e atores políticos do Estado; f) As relações Estado e sociedade no Brasil hoje; g) A globalização e seus impactos nas relações Estado e Sociedade.

DISCIPLINA: CSO110 - INTRODUÇÃO À CIÊNCIA POLÍTICA

CRÉDITOS: 04

DEPARTAMENTO: DPTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

A disciplina objetiva fornecer uma visão introdutória aos elementos básicos constitutivos da ciência política, desde suas origens clássicas, até suas formulações modernas, analisando seus desdobramentos em distintos contextos de forma analítica, ou seja, os temas e autores devem ser trabalhados pelo seu valor conceitual e não meramente numa perspectiva histórica. Haverá três grandes blocos temáticos: o primeiro enfoca autores de origem para enfatizar seu uso contemporâneo. Nessa primeira parte o aluno deve ser apresentado a alguns conceitos chave para o entendimento da ciência política. O segundo bloco fornece um panorama das questões contemporâneas da teoria política, com ênfase no debate sobre a democracia; e o terceiro bloco procura discutir casos empíricos de análise, com certa ênfase no contexto brasileiro, inserindo-o no quadro teórico visto anteriormente. A diversidade temática deve convidar o aluno a perceber a gama de possibilidades existentes na ciência política para posteriores aprofundamentos. Enfim, como norma geral, O curso deve estabelecer pontes entre as proposições da ciência política e suas apropriações modernas e contemporâneas em distintos contextos sociais.

CONTEÚDO

Primeira parte; 1) Uma panorâmica das contribuições da filosofia política e a formação do pensamento político; 2) A teoria política no início do século XX: as tradições Marxista e Weberiana e as noções de poder, classe, dominação legítima e ideologia; 3) A partir dessa trajetória traçar uma síntese do conceito de política: pensamento, teoria, prática de uma ciência da política; Segunda parte; 1) Problemas contemporâneos da política no Séc XX: o Estado moderno e sua antítese na sociedade civil; 2) Capitalismo, Liberalismo, Socialismo e Social Democracia.; 3) A democracia moderna como problema teórico: cidadania e participação e novas formas de representação política; Terceira parte; 1) Problemas empíricos atuais: movimentos sociais, eleições e partidos políticos; 2) O Brasil: o debate sobre sua estrutura política e o contexto contemporâneo; 3) Temas transversais: globalização e multiculturalismo diante de sociedades nacionais.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES (1991). Política. São Paulo: Martins Fontes.
MAQUIAVEL, N. (1983) O Príncipe, Trad. Roberto Grassi, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
WEBER, Max. (1982) "A política como vocação". In: Ensaios de sociologia. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 97-153.
BOBBIO, Norberto Bobbio. Teoria Geral da Política. Campus, 2000.
HOBBS, Thomas. (1983) Leviatã. São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores)
BOBBIO, Norberto. (1980). A teoria das formas de governo. Brasília, UNB.
DAHL, Robert A. (1997). Poliarquia: participação e oposição. São Paulo: EDUSP.
ESPING-ANDERSEN, Gosta. (1991). "As três economias políticas do Welfare State". Lua Nova, n.24, pp. 85-116.
FERNANDES, Luis (2000). O enigma do socialismo real: um balanço crítico das principais teorias marxistas e ocidentais. Mauad Editora Ltda.
GIDDENS, Anthony Giddens (2007). O Debate Global sobre A terceira Via. São Paulo: Unesp.
HABERMAS, Jürgen. (1995). "Três modelos normativos da democracia". Lua Nova, N. 36. São Paulo.
HABERMAS, Jürgen. Política Deliberativa: um conceito procedimental de democracia; O papel da sociedade civil e da esfera pública política. In: HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia: entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 2, cap. 7-8, p. 9-121.
VIANNA, L. W. (Org.) A Democracia e os três poderes no Brasil. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ, 2002.
AVELAR, L. e CINTRA, A. O. (Org.) Sistema Político Brasileiro: uma introdução. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Fundação UNESP Ed. 2004.
AVRITZER, Leonardo e ANASTASIA, Fátima (Org.). (2006) Reforma Política no Brasil. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
DAGNINO, Evelina; TATAGIBA, Luciana. Democracia, sociedade civil e participação. Chapecó, SC: Argos, 2007, 590 p.
HAMILTON, ALEXANDER; MADISON, JAMES; JAY, JOHN. O FEDERALISTA. 2 ED. SÃO PAULO: ABRIL CULTURAL, 1979. (OS PENSADORES)
HEGEL, Friedrich G. W. (2000). Princípios da Filosofia do Direito. Martins Fontes.
HEGEL, G.W.F. (2002) Fenomenologia do Espírito. Petrópolis: Vozes, 2002.
HOBBSAWM, Eric J. (2011) Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011. São Paulo: Companhia das Letras.
KUHN, Reinhard. (1983). "O Modelo Liberal de Exercício do Poder". In: F. H. Cardoso e C. E. Martins (orgs), Política & Sociedade, São Paulo, Cia. Editora Nacional.
LOCKE, John. (1983). Segundo tratado sobre o governo. SP: Abril Cultural. (Os Pensadores).

MACPHERSON, Crawford B. A democracia liberal: origens e evolução. Rio de Janeiro: 1978. 118 p.
MANIN, Bernard. (1995) "As Metamorfoses do Governo Representativo". Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 10, no 29, p. 5-34
MARSHALL, T. H. (1967). Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar.
MARX, Karl, ENGELS. (1988) Manifesto do Partido Comunista. Petrópolis: Vozes, 1988.
MILLIBAND, David Miliband (1997). Reinventando a Esquerda., São Paulo, Unesp,
NOBRE, Marcos e COELHO, Vera Schattan P. (orgs). (2004) Participação e deliberação: Teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora 34.
PITKIN, Hanna (1983). "O Conceito de Representação", in: F. H. Cardoso e C. E. Martins (orgs), Política & Sociedade, São Paulo, Cia. Editora Nacional.
RAWLS, J. (1992). "Justiça como equidade: uma concepção política não metafísica". Lua Nova, N. 25.
ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1987) Do contrato Social. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural. (Os Pensadores).
SANDEL, Michael (2011). Justiça. (3ª ed.) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
WALZER, M. Esferas da Justiça: uma defesa do pluralismo e da igualdade. Trad. Jussara Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

DISCIPLINA: CSO112 - INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA: FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO

CRÉDITOS: 04

DEPARTAMENTO: DPTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

O foco principal é apresentar e discutir as ideias dos três principais pensadores que cumprem o papel de "clássicos" para a teoria sociológica contemporânea, quais sejam, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Diferentemente do que ocorre em outras áreas do conhecimento (tal como nas "ciências duras"), o trabalho de investigação na sociologia envolve necessariamente a recuperação e revisão das teorias, conceitos e métodos de seus antigos fundadores como parte integrante do seu próprio processo de desenvolvimento como disciplina acadêmica e ramo da pesquisa científica.

BIBLIOGRAFIA

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo, 2010.
MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. A história dos homens. In: Karl Marx – Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
MARX, Karl. A mercadoria. In: O Capital: crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. In: Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. UnB, 2000.
WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
DURKHEIM, Émile. O suicídio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DISCIPLINA: CSO117 - PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO I

CRÉDITOS: 04

DEPARTAMENTO: DPTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

O pensamento político brasileiro produziu, por meio da assimilação do que havia de mais sofisticado na teoria política ocidental, uma imaginação criativa sobre os problemas nacionais. Mais do que a constatação da "falta", diagnóstico recorrente nas antigas interpretações sobre a formação social do Brasil, a reflexão sobre a realidade local atesta a capacidade inventiva dos homens, autores e atores da política, que se ocuparam com a engenharia institucional do país independente. Dessa forma, o curso pretende apresentar as principais interpretações sobre o Brasil, identificando continuidades e descontinuidades no debate sobre o papel do Estado e sua relação com a sociedade civil. Com isso, o argumento a ser defendido sustenta a presença constate no pensamento político brasileiro de certos dissensos identificados no país desde o século XIX – o exemplo da centralização de descentralização do aparato administrativo –, bem como a permanência de uma constante vocação pública na intelectualidade nacional, que nunca se ausentou do debate sobre as principais questões que ocuparam a agenda do país. O objetivo é proporcionar um panorama das leituras sobre a política brasileira reformuladas pela teoria social brasileira e contemporânea. O Brasil é o tópico que articula essas leituras.

CONTEÚDO

UNIDADE I; ALGUMAS CONSTANTES DA REFLEXÃO SOBRE O BRASIL; a) Linhagens interpretativas do pensamento político brasileiro; b) A organização dos intelectuais no Brasil; c) Estado e Sociedade do Brasil; d) Centralização e Descentralização na Política Brasileira; e) Protagonismo do Estado e modernização; UNIDADE II; AUTORITARISMO E DEMOCRACIA NO BRASIL; a) A questão da democracia: forças armadas, golpes e as forças sociais; b) A desigualdade social como tema contemporâneo da democracia brasileira; c) Partidos, sociedade civil e presidencialismo: a democracia representativa no Brasil; d) O surgimento da agenda liberal e seus críticos: privatizações, desregulamentação, abertura comercial e políticas distributivas.

DISCIPLINA: CSO150 - VIDA URBANA, GLOBALIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

Oferece oportunidade de debate das condições atuais da vida urbana e os efeitos das novas tecnologias de informação e comunicação sobre as relações sociais e o espaço da cidade. Relaciona esses processos à globalização e às diferentes maneiras com que as sociedades participam das mudanças decorrentes da integração econômica e política. Trata a singularidade do caso brasileiro no cenário internacional.

CONTEÚDO

a) Espaço, cidade e vida urbana; b) População, ambiente e saúde; c) Globalização da vida social; d) Fatores e mecanismos de mudança social.

BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
BONDUKI, Nabil (org.). Habitat - As práticas bem-sucedidas em habitação, meio ambiente e gestão urbana nas cidades brasileiras. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
CASTELLS, Manuel. Problemas de Investigação em Sociologia Urbana. Lisboa: Presença, 1975. CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
CHOAY, Françoise. O Urbanismo. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
EUFRÁSIO, Mário. Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago. São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP/Ed. 34, 1999.
GEDDES, Patrick. Cidades em evolução. Campinas, SP: Papius, 1994.
GIDDENS, Anthony. Sociologia. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
GOODE, William J.; HATT, Paul K.. Métodos em Pesquisa Social. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.
HAROUËL, Jean-Louis. História do Urbanismo. Campinas/SP: Papius, 1990. HARVEY, David. A Produção Capitalista do Espaço. São Paulo: Anablume, 2006 LACAZE, Jean-Paul. Os métodos do urbanismo. Campinas, SP: Papius, 1993.
LIBESKIND, Daniel. Breaking ground pedra fundamental. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando. Fronteiras do pensamento: ensaios sobre cultura e estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 423-446.
MERICATO, Erminia. Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
PASTERNAK TASCHNER, Suzana. O Brasil e suas Favelas. In: ABRAMO, P. (org.). A Cidade da Informalidade. O Desafio das Cidades Latino-Americanas. Rio de Janeiro: Sette Letras/FAPERJ, 2003, p. 13-42
SANTOS, Carlos Nelson F.; VOGEL, Arno (coords.). Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.

DISCIPLINA: PSI018 - PSICOLOGIA SOCIAL I**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH****EMENTA**

Apresentar aos alunos os conteúdos básicos da psicologia social, notadamente a que problematiza as várias subjetividades na contemporaneidade considerando as transformações no mundo do trabalho.

CONTEÚDO

A psicologia social como campo de conhecimento; Teorias dos grupos, organizações instituições; Saúde mental e a psico-higiene; Trabalho e sofrimento psíquico.

BIBLIOGRAFIA

DEJOURS, C. A loucura do trabalho. São Paulo : Cortez, 1995

DISCIPLINA: PSI175 - FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PSICOLOGIA I**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH****EMENTA**

Principais tendências e correntes psicodinâmicas na história da psicologia. Fundamentos filosóficos das teorias psicodinâmicas. Natureza e estrutura do psiquismo nas teorias psicodinâmicas. Os fatores explicativos: determinismo e causalidade psíquica.

CONTEÚDO

Unidade 1- O surgimento das correntes psicodinâmicas e seus fundamentos filosóficos; Unidade 2- O conceito de representação e a relação entre representação e consciência na teoria freudiana; Unidade 3- A relação mente-cérebro, o determinismo e a causalidade psíquica na perspectiva freudiana; Unidade 4- Os princípios do funcionamento mental e as bases intuitivas do psiquismo na perspectiva freudiana; Unidade 5- A estrutura e o funcionamento do psiquismo na perspectiva pós freudiana: correntes britânica, americana e francesa.

BIBLIOGRAFIA

Caropreso, F.; Simanke, R.T. (2008). *Temas de introdução à psicanálise freudiana*. São Carlos: Edufscar.

Caropreso, F. (2008). *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: Edufscar.

Caropreso, F. (2010). *Freud e a Natureza do psíquico*. São Paulo: AnnaBlume e Fapesp.

Ellenberger, H. F. (1981) *The Discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books

Freud, S. (1998) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Jung, C. (1981). *Fundamentos de Psicologia analítica*. Petrópolis: Editora Vozes.

Kandel, E. R. (1999) Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. *Am. J. Psychiatry*, 156:4.

Klein, M.; Heimann, P.; Money-Kyrle, R.E. (1969). *Novas tendências na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Reich, W. (2000) *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes.

DISCIPLINA: PSI177- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO I**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH****EMENTA**

O campo da psicologia do desenvolvimento humano e a ciência do desenvolvimento humano. Métodos de pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento. Desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo-emocional e social na infância.

CONTEÚDO

Unidade 1; Introdução à Psicologia do Desenvolvimento; Principais questões da Psicologia do desenvolvimento humano; Métodos e técnicas de pesquisa em Psicologia do desenvolvimento; Principais teorias do desenvolvimento humano; Unidade 2; Fundamentos biológicos do desenvolvimento; Influências hereditárias no desenvolvimento; Desenvolvimento pré-natal e nascimento; Desenvolvimento na primeira, segunda e terceira infância; Unidade 3; Desenvolvimento cognitivo e da linguagem; Desenvolvimento da percepção e da atenção; Desenvolvimento da memória; Desenvolvimento do raciocínio e da Inteligência; Desenvolvimento da linguagem e das habilidades de comunicação; Unidade 4; Desenvolvimento emocional, social e moral; Desenvolvimento emocional, temperamento e apego; Desenvolvimento do *self* e cognição social; Diferenças sexuais e desenvolvimento dos papéis de gênero; Agressividade, altruísmo e desenvolvimento moral; Unidade 5; O contexto do desenvolvimento; Papel da família, dos pares e da escola no desenvolvimento infantil; Efeito da mídia no desenvolvimento infantil.

BIBLIOGRAFIA

Dessen, M., & Costa Júnior, A. (2005). *A ciência do desenvolvimento humano - tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed.

Mota, M. (2010). Metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano: velhas questões revisitadas. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2),144-149.

Shaffer, D., & Kipp, K. (2012). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Cengage Learning.

DISCIPLINA: PSI215- PSICOLOGIA DA SEXUALIDADE E ESTUDOS DE GÊNERO**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH****EMENTA**

Campos de estudos da sexualidade: história e conceituação. Sexualidade e gênero como categorias analíticas para as ciências humanas e para as áreas da saúde e da educação. Sexualidade, diversidade de gênero e temas transversais: identidade de gênero, interseccionalidade, orientação do desejo. Os estudos de gênero e seus desdobramentos nas políticas públicas em saúde e educação. A construção da sexualidade e seus aspectos normativos: marcos psicopatologizantes, heteronormatividade, cisnormatividade e normalização das condutas, produção de corpos e governo das populações.

CONTEÚDO

Unidade 1 Campos de estudos da sexualidade e do gênero; História e conceituação; A sexualidade e os estudos de gênero na psicologia, nas ciências sociais e nas áreas da saúde e da educação; Compreensão e crítica às normas que governam gênero e sexualidade; Unidade 2 Sexualidade, diversidade sexual e temas transversais; Sexualidade, diversidade de gênero e temas transversais: identidade de gênero, interseccionalidade, orientação do desejo; Os estudos de gênero e seus desdobramentos nas políticas públicas em saúde e educação; Unidade 3 A construção da sexualidade e seus aspectos normativos; Os corpos e as sexualidades: nas escolas, nos hospitais, nas famílias; Diversidade sexual/de gênero e regulação da cidadania; Estudos feministas e estudos de gênero na pesquisa em psicologia.

BIBLIOGRAFIA

Butler, J. (2014). Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, 42, 249-274.

Butler, J. (2003). O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, 21, 219-260.

Arán, M., & Peixoto Júnior, C. A. (2007). Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, 28, 129-147.

Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Paiva, V. (2008). A psicologia redescobrirá a sexualidade?. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 641-651.

Louro, G. L. (1999) *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica.

DISCIPLINA: PSI182- PSICOLOGIA SOCIAL**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH****EMENTA**

Introdução ao campo da psicologia política. Categorias fundamentais em Psicologia Política. Análise e intervenção psicopolítica nas políticas públicas de saúde.

CONTEÚDO

Unidade 1 Introdução ao campo da psicologia política; Histórico e delimitação teórico-metodológica em Psicologia Política; Psicologia Política na América Latina e sua vertente crítica; Unidade 2 Categorias fundamentais em Psicologia Política Crítica; Estado, Sociedade Civil, Democracia e Cidadania; *Práxis*, alienação e consciência

política; Ideologia, Emancipação política e humana; Participação política e cidadania; Poder e dominação; Movimentos Sociais e ações coletivas; Unidade 3 Análise e intervenção psicopolítica nas políticas públicas de saúde; Práxis psicopolítica e transformação social; Saúde Mental e sua dimensão psicopolítica; Conscientização, organização popular e transformação social; Pobreza, relações de gênero/sexualidade, racismo e direito à saúde.

BIBLIOGRAFIA

Alvaro, J. L., & Garrido, A. (2007). *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
Hur, D.A., & Lacerda, F. (2016). *Psicologia Política Crítica: Insurgências na América Latina*. Editora Alinea.
Sabucedo, J.M.(1996): *Psicología Política*. Madrid: Síntesis Psicología.
Montero, M. (1993). La Psicología Política: uma disciplina em laencrujada. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 25(1).
Montero. M. (2009). Para qué Psicología Política? *Psicología Política*, 9 (18), 199-213.

DISCIPLINA: PSI246- TEMAS ATUAIS EM PROCESSOS PSICOSSOCIAIS 2

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH

EMENTA

Disciplina de conteúdo variável que visa a aprofundar a discussão de temas atuais em Processos Psicossociais.

CONTEÚDO

Vide ementa.

BIBLIOGRAFIA

Artigos disponibilizados no Portal Periódicos CAPES (www.periodicos.capes.gov.br/) e artigos publicados em revistas científicas nacionais especializadas em Psicologia.

DISCIPLINA: PSI188 - PSICOLOGIA DA SAÚDE

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH

EMENTA

Os determinantes sócio-históricos e o desenvolvimento do conceito de saúde: novos e velhos paradigmas; conceitos, definições e significados. A trajetória da política de saúde no Brasil. O Sistema Único de Saúde: intervenções na atenção primária, secundária e terciária.

CONTEÚDO

Unidade 1 Bases Históricas; A saúde da antiguidade à contemporaneidade; A década de 1980 e a criação do SUS; Conceito ampliado de saúde; Principais legislações: Constituição Federal de 1988/leis 8.080 e 8.142 de 1990/NOB NOAS; Participação popular/Controle social; Humaniza SUS; Unidade 2 Psicologia: conexões na saúde pública; Conceito e âmbito da psicologia da saúde; Do hospital à atenção primária: a passagem da cura à prevenção; O psicólogo: Perspectivas e perfis para atuação em saúde Pública/Coletiva; Unidade 3 O Sistema Único de Saúde: intervenções na atenção primária, secundária e terciária; O psicólogo na atenção primária; O psicólogo na atenção secundária; O psicólogo na atenção terciária.

BIBLIOGRAFIA

Angerami-camon, V. A. (org.) (2011). *Psicologia da saúde – um novo significado para a prática clínica*. São Paulo: Pioneira.
Campos, G.W.S. (org) (2012). *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec.
Paim, J.S (2008). *Reforma Sanitária Brasileira: contribuição para compreensão e crítica*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
Spink, M. J.(2007). *Psicologia Social e Saúde: práticas, saberes e sentidos*. Petrópolis: Vozes.

DISCIPLINA: PSI245 -TEMAS ATUAIS EM PROCESSOS PSICOSSOCIAIS 1

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH

EMENTA

Disciplina de conteúdo variável que visa a aprofundar a discussão de temas atuais em Processos Psicossociais.

CONTEÚDO

Vide ementa.

BIBLIOGRAFIA

Artigos disponibilizados no Portal Periódicos CAPES (www.periodicos.capes.gov.br/) e artigos publicados em revistas científicas nacionais especializadas em Psicologia.

DISCIPLINA: PSI173 - INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE PSICOLOGIA /ICH

EMENTA

Caracterização da filosofia da psicologia. A cientificidade da psicologia. A autonomia da psicologia. A explicação psicológica. A linguagem psicológica.

CONTEÚDO

UNIDADE 1 Caracterização da Filosofia da Psicologia; O que é filosofia da psicologia; Questões centrais na filosofia da psicologia; UNIDADE 2 A cientificidade da psicologia; O problema da demarcação; Ciência e pseudociência na psicologia; UNIDADE 3 A autonomia da psicologia; A relação da psicologia com as demais ciências; A redução da psicologia às demais ciências; UNIDADE 4 A explicação psicológica; O que é uma explicação científica?; Variedades de explicação psicológica; UNIDADE 5 A linguagem psicológica; A psicologia entre a ciência e o senso comum; O problema da *folk psychology*; Alternativas à *folk psychology*.

BIBLIOGRAFIA

Araujo, S. F. (ed.) (2012). *História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas*. Juiz de Fora: Editora da UFJF.
Araujo, S. F.; Caropreso, F.; Castañon, G.; & Simanke, R. (eds.) (2014). *Fundamentos filosóficos da psicologia contemporânea*. Juiz de Fora: Editora da UFJF.
Bermudez, J. L. (2005). *Philosophy of psychology: A contemporary introduction*. London: Routledge.
Bunge, M. & Ardila, R. (1987). *Philosophy of psychology*. New York: Springer.
Block, N. (1983). *Readings in philosophy of psychology* (2 vols.). Cambridge: Harvard University Press.
O'Donohue, W. & Kitchner, R. (1996). *The philosophy of psychology*. London: Sage.
Robinson, D. (1985). *Philosophy of psychology*. New York: Columbia University Press.
Simons, J. & Calvo, P. (eds.) (2009). *The Routledge companion to philosophy of psychology*. London: Routledge.
Thagard, P. (2007). *Philosophy of psychology and cognitive science*. Amsterdam: Elsevier.
Weiskopf, D. & Adams, F. (2015). *An introduction to the philosophy of psychology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

DISCIPLINA: TUR047 - POLÍTICAS PÚBLICAS EM TURISMO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

Esta disciplina visa lançar luzes para a compreensão dos processos básicos relacionados à ação política, de decisão e gestão de assuntos comuns a toda a sociedade. Para tanto, busca-se analisar as noções de poder e política, público e privado, conflitos e representações de interesses, como elementos constituintes da sociedade moderna a fim de embasar as relações sociais e a defesa de interesses de grupos específicos no seio da sociedade e do aparelho burocrático estatal. Tais categorias são vistas como estruturantes e orientadoras da ação do Estado, por meio de políticas públicas, para o ordenamento da sociedade. Em seguida, caracteriza-se o turismo como uma área, dentre várias, objeto de políticas públicas, cujo mote central está relacionado com a expansão e intensificação quanti e qualitativa da atividade como meio de intervenção do Estado para se alcançar benefícios amplos a toda a sociedade, aqui visualizada a partir do caso brasileiro.

CONTEÚDO

1. PODER, POLÍTICA E ESTADO; 1.1. A Evolução Moderna; 1.2. O Estado Liberal Contemporâneo; 1.3. A constituição da esfera pública e o desenvolvimento da política; 2.

A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NO ESTADO CONTEMPORÂNEO; 2.1. Tipos de administração pública: patrimonialista, burocrática, gerencial e societal; 2.2. Estado e instituições políticas no Brasil contemporâneo; 2.3. A Reforma Administrativa do Estado no Brasil; 3. ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS; 3.1. Políticas Públicas: conceitos fundamentais; 3.2. Sociedade, espaço público, bens públicos versus bens privados, espaço privado e mercado; 4. POLÍTICAS PÚBLICAS DO TURISMO NO BRASIL; 4.1. Esfera pública, políticas públicas e turismo; 4.2. Evolução das políticas públicas de turismo no cenário internacional; 4.3. A constituição da esfera pública no turismo no cenário brasileiro; 4.4. Análise dos processos de implementação e avaliação das políticas públicas de turismo no Brasil; 4.5. Estudos de caso: recortes a partir da realidade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

DIAS, Reinaldo. Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

IANNI, Octavio. Estado e Planejamento Econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

TELES, Reinaldo Miranda de Sá; PIERI, Vitor Stuart Gabriel de; OLIVEIRA, Fabiana de. Turismo e política externa brasileira: de Vargas a Dilma. Coleção: Comunicação e Políticas Públicas, v. 20. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/6e2800_00c1d404a5644615a4d3d0f5692ef569.pdf

DISCIPLINA: TUR048 - DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

Os encontros e as trocas, enquanto elementos estruturantes da experiência social tomam dimensões peculiares quando analisados pelo viés das viagens, uma vez que os deslocamentos físicos (do eu e/ou do outro) tendem a potencializar os processos relacionais. Consequentemente, a partir da experiência de ser ou receber um estrangeiro, as viagens emergem enquanto um dos campos de conflitos e de hibridizações culturais. Nesse sentido, a viagem é discutida enquanto espaço da presença do outro, e a disciplina Hospitalidade visa interpretar tais interações sociais que ocorrem entre os diferentes sujeitos que se encontram durante o processo de deslocamento. Para tanto, articula em seu escopo teórico noções sobre o estrangeiro e a mobilidade, levando em consideração o conceito de dádiva, bem como as especificidades brasileiras e os temas emergentes que se impõem como mediadores no encontro e na compreensão das diferenças que se processam nas viagens.

CONTEÚDO

1. AS PREMISSAS DA HOSPITALIDADE; 1.1. A dádiva maussiana; 1.2. As trocas e a rede de seis graus de separação; 1.3. A construção dos espaços sociais: cronotopos e ações da hospitalidade; 1.4. A hospitalidade no cotidiano e nas viagens; 2. A POLÍTICA DA HOSPITALIDADE: O LOCAL DO ESTRANGEIRO; 2.1. Os conceitos de mobilidade e de viagem: o estrangeiro na história da humanidade; 2.2. Caracterização dos estudos sobre o estrangeiro: língua, morte, sexualidade e terra; 2.3. Principais viajantes em busca de hospitalidade: turista, imigrante, refugiado e exilado; 2.4. O problema do desconhecido e a política da hospitalidade na mobilidade contemporânea; 3. A POÉTICA DA HOSPITALIDADE: O LOCAL DO EU E DO OUTRO NA MOBILIDADE; 3.1. Em busca de uma estética da viagem; 3.2. Para além do viajante: residentes, prestadores de serviço e quem fica; 3.3. A (des) construção do eu e da alteridade pela viagem: dos hóspedes, anfitriões e hóspedes; 3.4. Da hospitalidade à hospitalidade derridiana: moralidade e conflitos, ascensões e quedas nos dramas de viagem; 3.5. Memórias e garimpagem de experiências nas viagens; 4. OS CAMINHOS DA PESQUISA EM HOSPITALIDADE; 4.1. As pesquisas, definições e correntes da hospitalidade: francesa, norte-americana e inglesa; 4.2. Epistemologia das interações de viagem: hóspedes e anfitriões na perspectiva marxista, fenomenológica e positivista; 4.3. Por um pensamento teórico-crítico sobre a hospitalidade brasileira e latino-americana.

BIBLIOGRAFIA

BOTTON, Alain de. A Arte de Viajar. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DERRIDA, Jacques. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.

MONTANDON, Alain (org.). O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo, SP: Ed. SENAC, 2011.

DISCIPLINA: TUR049 - FUNDAMENTOS DO LAZER

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

A disciplina visa a apresentar como o lazer, enquanto fenômeno social e um direito constitucional assegurado pela Constituição de 1988 apresenta dilemas, possibilidades e obstáculos para ser não só estudado, mas vivenciado. Além disso, espera-se não só discutir diferentes concepções teóricas e históricas do lazer, como também fomentar a análise de como o fenômeno do lazer se manifesta em diferentes fases da vida (infância, juventude, idade adulta e velhice) e em espaços distintos, procurando situá-lo não em oposição ao trabalho, mas em relação ao labor, ainda que essa associação seja permeada pela tensão e, em alguns casos, assimetrias.

CONTEÚDO

1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL DO LAZER; 1.1. O lazer na Europa: percurso histórico; 1.2. Manifestações do lazer na América Latina; 1.3. O fenômeno do lazer sob o prisma de três teóricos: a perspectiva de Joffre Dumazedier, o viés de Nelson Carvalho Marcellino e a ótica de Christianne Luce Gomes; 2. LAZER NA CONTEMPORANEIDADE; 2.1. A questão do Lazer no Brasil: evolução das políticas públicas e o Estado; 2.2. Equipamentos e espaços de lazer na cidade; 2.3. O lazer e o trabalho: o lazer corporativo; 2.4. Lazer e consumo; 3. LAZER NAS DIFERENTES FASES DA VIDA; 3.1. Educação, Infância e Lazer; 3.2. Juventude, tecnologias e Lazer; 3.3. Idosos e Lazer: Possibilidades e dilemas; 4. LAZER E TURISMO; 4.1. Lazer e Turismo: aproximações; 4.2. A fruição em espaços turísticos: os casos dos museus e casas de cultura.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, L. O que é lazer. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUMAZEDIER, J. Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, J. Sociedade empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1986.

DISCIPLINA: TUR058 – AMBIENTE E SOCIEDADE

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

A disciplina tem como objetivo discutir as relações entre sociedade e natureza, trazendo para o debate as implicações da crise ambiental na produção do conhecimento e nos modelos de desenvolvimento, apresentando diferentes formas de interpretar os problemas ambientais, por meio das correntes do pensamento ambiental.

CONTEÚDO

1. INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO AMBIENTAL; 1.1. Dialética da relação Sociedade-Natureza; 1.2. A crise ambiental do século XX; 1.3. Atuação dos movimentos ambientais; 1.4. Correntes explicativas do pensamento ambiental; 1.5. A crise ambiental e suas implicações na produção do conhecimento; 1.6. Epistemologia ambiental; 2. CONCEPÇÕES DE DESENVOLVIMENTO E O PARADIGMA DA SUSTENTABILIDADE; 2.1. Crise ambiental e a utopia da humanização do capitalismo; 2.2. Externalidade Ambiental e Sociedade Capitalista; 2.3. Ambiguidades do Desenvolvimento Sustentável; 3. FORMAS DE APROPRIAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS, CONFLITOS E JUSTIÇA AMBIENTAL; 3.1. As práticas espaciais, dinâmicas sociais e o campo dos conflitos ambientais; 3.2. Indicadores da desigualdade ambiental; 3.3. Justiça ambiental e modelos de desenvolvimento; 4. MARCOS POLÍTICOS, LEGAIS E INSTITUCIONAIS DO MEIO AMBIENTE; 5. EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA E EMANCIPATÓRIA; 5.1. Considerações sobre as diferentes concepções da Educação ambiental; 5.2. Da educação popular à Educação Ambiental; 5.3. Do campo da cultura ao campo do meio ambiente: Contextos e Conflitos.

BIBLIOGRAFIA

ACSELRAD, Henri (org) Conflitos Ambientais no Brasil. Relume Dumará: Fundação Heinrich Boll, Rio de Janeiro, 2004.

LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. Cortez: São Paulo, 2001.

SACHS, Ignacy. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Garamond, Rio de Janeiro, 2002.

DISCIPLINA: TUR060 – ORGANIZAÇÕES E PRODUÇÃO DE BENS TURÍSTICOS.

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

O objetivo desta disciplina é levar o estudante à compreensão do processo de ressignificação dos recursos materiais e simbólicos, mediante a sua reelaboração ocorrida a partir (e dentro) de um sistema organizacional específico. Para tanto, faz-se necessário um resgate acerca das organizações como entidades sociais coletivas. Após efetuar a reconstituição de sua trajetória ao longo do século XX, evidencia-se como as organizações são tipos de sistemas sociais “artificialmente” construídos visando a intervenção na realidade. Em seguida, analisamos organização como sistema social e os diferentes tipos de sistemas organizacionais, com um foco específico na sua dimensão produtiva e no contexto turístico. Contextualizamos as configurações em que eles ocorrem, os atores envolvidos, as estratégias e as estruturas das práticas turísticas, visando a reapropriação de recursos a fim de elaborar bens turísticos, produtos e serviços. Ao final, espera-se que o aluno adquira conhecimento sobre o modo pelo qual ele – como profissional do turismo – poderá intervir neste processo, utilizando técnicas, formas e processos de gestão para organizar e incorporar tais elementos à atividade turística.

CONTEÚDO

1. A TRAJETÓRIA MODERNA DAS ORGANIZAÇÕES; 1.5 O nascimento das organizações na era moderna; 1.6 Do put out system às (fábricas e) grandes corporações; 1.7 Fato organizacional e fato administrativo; 1.8 Teoria das organizações e teoria da administração; 2. ELEMENTOS DAS ESTRUTURAS E FORMAS ORGANIZACIONAIS; 2.6 Organização mecânica; 2.7 Organização orgânica; 2.8 Organização como estrutura; 2.9 Organização como sistema; 2.10 Organização como sistema sócio-técnico; 2.11 Organizações como redes sócio-técnicas; 3. ELEMENTOS NECESSÁRIOS A CONSTITUIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES; 3.4 Espaço como elemento de incorporação, mediação e percepção do mundo; 3.5 Identidade como elemento aglutinador de indivíduos; 3.6 Delegação e representação coletiva como instrumento de ação política; 3.7 Tecnologia e sistemas de mediação; 4. AMBIENTE, ORGANIZAÇÃO E TURISMO; 4.1 Posicionamento da organização turística no ambiente; 4.2 Organização do processo produtivo no turismo; 4.3 Contexto das práticas turísticas; 4.4 Produto turístico como fato organizativo; 4.5 Atores, estratégias, estruturas e recursos no campo turístico; 5. A PRODUÇÃO DE BENS TURÍSTICOS; 5.1 Recursos, bens, produtos e serviços; 5.2 Natureza simbólica da produção no turismo; 5.3 Contexto do universo habitual versus contexto do universo não habitual do turista; 5.4 Captação, translação e adaptação do sentido das práticas turísticas nos dois universos; 5.5 Arregimentação de recursos pelas estruturas organizativas turísticas para mediação do sentido turístico e agregação de valor.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
HELOANI, R. Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar. São Paulo, Cortez, 1994.
KATZ, D.; KAHN, R.L. Psicologia social das organizações. São Paulo: Atlas, 1976.

DISCIPLINA: TUR081 - ESTUDOS SOCIOLOGICOS E TURISMO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

Proporcionar conhecimento sobre a sociologia, possibilitando o estudo/pesquisa em turismo através de uma perspectiva sociológica, visando compreendê-lo como processo social. Apresentar uma visão panorâmica representativa contemporânea, suas potencialidades e limitações para investigar as sociedades dos diferentes enfoques do pensamento sociológico, balizado nas principais correntes teóricas, autores de diferentes nacionalidades e correntes de pensamento diversas. Discutir questões centrais da sociologia, relacionando-as com turismo, atentando-se para as mediações entre teoria e metodologia no estabelecimento da pesquisa social. Situar os “estudos do tempo livre” como marco conceitual que estabelece diferentes relações com pontos centrais da sociologia: fato social total, ritos e rituais, identidades, etnocentrismo, multiculturalismo, desigualdades sociais, corpo e gênero, os “desviantes” e tribos pós-modernas. Examinar práticas e atores vinculados à atividade turística, bem como casos concretos (no mundo e no Brasil) de relações entre turismo e sociedade, a partir de uma perspectiva sociológica.

CONTEÚDO

1: SOCIOLOGIA – DO POSITIVISMO AO IMAGINÁRIO, AS DIFERENTES ESCOLAS SOCIOLOGICAS; 1.1. Surgimento e evolução da sociologia: principais autores clássicos; 1.2. Visão geral das principais correntes modernas, suas potencialidades e limitações para investigar as sociedades; 1.3. A sociologia como ciência; 1.4. A pesquisa social; 1.5. As implicações do pesquisador; 2: A CONSTRUÇÃO DO “OLHAR SOCIOLOGICO”; 2.1. Aproximações com a sociologia contemporânea: principais autores; 2.2. Visão geral das principais correntes; 2.3. Os elementos-chaves da sociologia; 2.3.1. Fato social total; 2.3.2. Ritos e rituais; 2.3.3. Identidades; 2.3.4. Etnocentrismo; 2.3.5. Multiculturalismo; 2.3.6. Desigualdades sociais; 2.3.7. Corpo e gênero; 2.3.8. Os “desviantes”; 2.3.9. Teoria Crítica; 2.3.10. Tribos pós-modernas; 3: SOCIOLOGIA DO TURISMO; 3.1. Sociologizando o turismo: o turismo como campo de construção da sociologia, seu marco conceitual e diferentes implicações; 3.2. Aproximações com a “sociologia do turismo”: principais autores; 3.3. Sociologia do Turismo no Brasil: principais autores e correntes teóricas; 3.4. As relações entre turismo e desenvolvimento considerando o aspecto polissêmico do conceito; 3.4.1. Trabalho x Moradia x Lazer x Viagem (Jost Krippendorff); 3.4.2. Turismo x Progresso x Qualidade de vida; 3.4.3. Turismo x Trabalho x Renda x Inserção Profissional; 3.4.4. Turismo x Desenvolvimento x Conflitos Sociais; 3.4.5. Turismo x Sociedade x Cultura; 3.4.6. Turismo x “Indústria” x Imaginário; 3.4.7. As “efervescências turísticas” na pós-modernidade; 4: TURISMO E SOCIEDADE – ESTUDOS DE CASO; 4.1. Apresentação, análise e discussões de diferentes casos concretos que permitem discutir a atividade turística relacionando-a com as sociedades.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Celso Antônio de. Sociologia aplicada ao turismo. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2009.
MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

DISCIPLINA: LEC012 - LITERATURA BRASILEIRA I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudo panorâmico da Literatura Brasileira através da leitura de textos representativos de temas e problemas relacionados à formação desse sistema literário.

CONTEÚDO

1. Formação da Literatura Brasileira; 1.1. Tensão entre representações do regional e do racional; 1.2 Tensão entre representações do local e do universal.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006
CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006.
IDEM. Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1976
COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo. A Literatura no Brasil. 6 vols. Rio de Janeiro: Global, 2004.
MERQUIOR, José Guilherme. De Anchieta a Euclides - breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio. 1979

DISCIPLINA: LEC013 - LITERATURA BRASILEIRA II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudos de Literatura Brasileira através da leitura de textos representativos de temas e problemas relacionados à consolidação desse sistema literário.

CONTEÚDO

1. A crise do Realismo e a Modernidade; 2. Vanguarda e representação; 3. Novas tendências literárias e outras representações culturais.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006.
BOSI, Alfredo et al. Machado de Assis. Textos de machado de Assis e sobre ele. São Paulo. Ática. 1982.
FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna. (Da metade do século XIX à metade do século XX). Tradução do texto: Marise M. Curione; tradução das poesias: Dora F. da Silva. São Paulo. Duas cidades. 1991.
TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro. Petrópolis. Vozes. s/d.
MERQUIOR, José Guilherme. A astúcia da mimese. Rio de Janeiro. José Olympio. s/d.

DISCIPLINA: LEC016 - LITERATURA PORTUGUESA I**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS****EMENTA**

Estudo panorâmico da Literatura Portuguesa através da leitura de textos representativos de temas e problemas relacionados à formação desse sistema literário.

CONTEÚDO

1. O itinerário da lírica; 1.1. O amor no trovadorismo galego-português; 1.2. A crise maneirista lírica de Camões; 1.3. Declínio do clássico, ascensão do Idealismo: de Bocage a Garrett; 1.4. Modernidade e modernismo e o lirismo há de mudar de face: de Cesário e os simbolistas a Mario de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa; 2. Os caminhos da narrativa; 2.1. Formação nacional e a crônica medieval: Fernão Lopes; 2.2. Nacionalismo laudatório e crítico na epopeia camoniana; 2.3. Idealismo historicidade no romance romântico; Amor de perdição, de Camilo Castelo Branco; 2.4. Perda do idealismo e crítica social na narrativa de Eça de Queiros (conto); 2.5. A ficção portuguesa no século XX: contos de autores da segunda metade do século XX.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO FILHO, Leodegário de. História da literatura portuguesa: a poesia dos trovadores galego-portugueses. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Os amores (poemas escolhidos). São Paulo: Circulo do Livro, s/d.
BERARDINELLI, Cleonice. Antologia do teatro de Gil Vicente. 3. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
CIDADE, Hernani. Luís de Camões, o épico. Lisboa: Bertrand, 1968.
CORRÊA, Natália. Cantares dos trovadores. Lisboa: Editorial Estampa, s/d.
DUBY, Georges. O tempo das catedrais: a arte e a sociedade. Lisboa: Estampa, 1979.
FERREIRA, m. Ema Tarracha. Antologia literária comentada: Idade Média; poesia trovadoresca; Fernão Lopes. 4 ed..s/l: Editora Ulisseia, s/d.
GARRETT, Almeida. Frei Luís de Souza. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, s/d.
GARRETT, Almeida. Viagens na minha terra. Porto: Livraria Figueirinhas, 1960.
LAPA, M.Rodríguez. Lições de literatura portuguesa: época medieval. Lisboa: Edições 70, 1985.
LE GOFF, Jacques. O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval. Lisboa: Edições 70, 1985.
LE GOFF, Jacques. Os intelectuais na Idade Média. Lisboa: Gradiva, 1984.
LOPES, Fernão. Crônicas. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
PESSANHA, Camilo. Clepsidra. 6.ed.. Lisboa: Ática, 1973.
PESSOA, Fernando. O eu profundo e os outros eus (seleção poética). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
PESSOA, Fernando. Obras em prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986.
PESSOA, Fernando. Obra poética. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.
QUEIRÓS, Eça de. O primo Basílio. São Paulo: Ática, 1980.
SÁ-CARNEIRO, Mário de. Poemas completos. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996
SARAIVA, António & LOPES, Óscar. História da literatura portuguesa. Porto: Porto Editora, s/d.
SARAIVA, António José. Gil Vicente e o fim do teatro medieval. Lisboa: Europa-América, s/d.
SARAIVA, José Hermano. História concisa de Portugal. Lisboa: Europa-América, s/d.
SPINA, Segismundo. Lírica trovadoresca. São Paulo: EdUSP, 1991.
VERDE, Cesário. Poesia completa e cartas escolhidas. São Paulo: Cultrix, 1982.

DISCIPLINA: LEC017 – LITERATURA PORTUGUESA II**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS****EMENTA**

Estudos de Literatura Portuguesa através da leitura de textos representativos de temas e problemas relacionados a consolidação desse sistema literário.

CONTEÚDO

1. A crise estética e ideológica do Romantismo e do Realismo em Portugal.; 2. A modernidade e as vanguardas na Literatura Portuguesa; 3. Novas tendências literárias e outras representações culturais na Literatura Portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

BRADBURY, Malcom & MCFARLANE James. *Modernismo: Guia Geral*. Trad. Denise Bottman. SP. Companhia das Letras, 1989.
SARAIVA, António & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, s/d.
TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
SILVEIRA, Jorge Fernandes da (org.). *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

DISCIPLINA: LEC072 - PORTUGUES XI**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS****EMENTA**

Estudos de língua portuguesa voltados para práticas de oralidade e escrita em gêneros acadêmicos, considerando-se as regras de normalização referentes a cada gênero.

CONTEÚDO

1) TEORIA DE GÊNEROS TEXTUAIS (GÊNERO TEXTUAL, TIPO TEXTUAL E ESFERA DISCURSIVA); 2) PRÁTICAS DE ESCRITA; 2.1- Resumo; 2.2 – Resenha; 2.3 - Artigo científico; 3) PRÁTICAS DE ORALIDADE; 3.1- A exposição oral.

BIBLIOGRAFIA

DOLZ, Joaquim et al. "A exposição oral". In: SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 215-246.
MACHADO, Anna Rachel, LOUSADA, Eliane & ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Resumo. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2007.
_____. Resenha. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2007.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. "Gêneros textuais e funcionalidade". In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DISCIPLINA: LEC090 - PRÁTICAS DE GÊNEROS ACADÊMICOS**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS****EMENTA**

Gêneros acadêmicos escritos e orais. Autoria, paráfrases e plágio no texto acadêmico.

CONTEÚDO

1. Gêneros Acadêmicos Escritos; 1.1. Resumo; 1.2. Resenha; 1.3. Artigo Científico; 1.4. Ensaio; 2. Gêneros Acadêmicos Orais; 2.1. Exposição Oral; 2.2. Autoria, Paráfrase e Plágio; 3. A Exposição Oral.

BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTI, Jaurance Rodrigues. Professor, leitura e escrita. São Paulo: Contexto, 2010.
FIORIN, José Luiz. O pátos do enunciário. In: _____. Em busca do sentido: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-41.
MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Resumo. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
_____. Resenha. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (org.) Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MOTTA ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. por Roxane Rojo. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DISCIPLINA: LEC091 - ESTUDOS LITERÁRIOS I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudo da narrativa no Ocidente através da leitura de textos representativos de suas relações e variações no sistema cultural.

CONTEÚDO

1. A poética clássica; 1.1. A narrativa de viagem na *Odisséia* de Homero; 1.2. Platão e controle do imaginário; 1.3. A função da tragédia em Aristóteles; 1.4. O conceito de mimesis; 2. A valorização do cômico; 2.1. *Satyricon* e a representação do erótico; 2.2. *Pantagruel* e a cultura popular; 2.3. O conceito de carnavalização em Bakhtin; 3. O romance como gênero moderno; 3.1. Dostoiévski e o realismo psicológico; 3.2. Realismo e sociedade; 3.3. A ruptura com a mimesis clássica nos romances pós-modernos.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Ediouro, 1998.
AUERBACH, Erich. *A cicatriz de Ulisses*. In: _____. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1995.
CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
CORTÁZAR, Julio. *Situação do romance*. In: _____. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
PLATÃO. *República*. São Paulo: Abril, 1985.

DISCIPLINA: LEC096 - LATIM I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

Conceitos fundamentais de fonética, fonologia, morfossintaxe da língua latina com ênfase no sistema no nominal.

CONTEÚDO

1 Introdução ao estudo do latim; 1.1 A língua latina e os Estudos Clássicos; 1.2 Pequena história da língua latina; 1.3 Língua e cultura romana; 2 Conceitos fundamentais de fonética latina; 2.1 Categorias fonéticas: letras, sons, quantidade; 2.2 Pronúncia restaurada da língua latina; 3 Conceitos fundamentais de morfossintaxe latina; 3.1 Sistema Nominal: declinações, casos, paradigmas; 3.2 Sistema Verbal: o *infectum* e o *perfectum*, modo indicativo; 3.3 Pronomes; 4 Introdução à leitura em latim; 4.1 Poemas de *Catulos*; 4.2 Fragmentos selecionados de autores clássicos (*César*, *Cícero*, *Ovídio* etc.).

BIBLIOGRAFIA

ALMENDRA, Maria Ana e FIGUEIREDO, José Nunes de. *Compêndio de gramática latina*. Porto: 1996.
CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. Edição revista. São Paulo: Ática, 2008.
CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.
FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2009.
GOLDMAN, Norma & NYENHUIS, Jacob E. *Latin via Ovid, a first course*. Wayne University Press, 1982.
SARAIVA, F. *Dicionário Latino-Português*. 10 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

DISCIPLINA: LEC097 - GRAMÁTICA: ESTUDOS TRADICIONAIS E NORMATIVOS

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Gramática Tradicional: descrição e prescrição.

CONTEÚDO

1. Gramática Tradicional: História e características intrínsecas; 1.1. Breve histórico da tradição gramatical; 1.2. O viés descritivo e o viés normativo; 1.3. Níveis de análise propostos pela tradição gramatical; 2. Os termos intraoracionais; 2.1. Termos essenciais; 2.2. Termos integrantes; 2.3. Termos acessórios; 3. Relações interoracionais; 3.1. Coordenação; Subordinação.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. *Gramática: passado, presente e futuro*. Curitiba: Aymará, 2009.
CADORE, Luiz Agostinho; LEDUR, Paulo Flávio. *Análise sintática aplicada*. 3. ed. Porto Alegre: AGE, 2012.
CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

DISCIPLINA: LEC098 - ESTUDOS LITERÁRIOS II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudo da poesia no Ocidente através da leitura de textos representativos, considerando suas relações e variações no sistema cultural.

CONTEÚDO

1. Trovadorismo medieval; 2. Lírica renascentista; 3. Poesia e subjetividade; 4. Vanguarda e contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Trad. Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos cantares: antologia da lírica medieval galego-portuguesa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996.

DISCIPLINA: LEC314 - ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Análise dos processos de formação e transformação das literaturas produzidas em Língua Portuguesa em Angola, Moçambique, São Tomé, Cabo Verde e Guiné Bissau.

DISCIPLINA: LEC100 - TEORIA DA LITERATURA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudo das correntes críticas teóricas e historiográficas da Literatura da Modernidade e da Contemporaneidade.

CONTEÚDO

1. Crítica, sociedade e cultura; 2. Correntes da crítica textual; 3. Tendências contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
LIMA, Costa (org). Teoria da literatura em suas fontes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
PORTELLA, Eduardo et al. Teoria literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
SOUZA, Roberto Acizelo de. Teoria da literatura. São Paulo: Ática, 2004.

DISCIPLINA: LEC106 - TÓPICOS DE ESTUDOS LITERÁRIOS IV

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudos de Literatura e Cultura.

CONTEÚDO

1. Disciplina de programa variável a partir de tópicos que contemplem as relações entre as literaturas e outras práticas culturais.; 1.1. Literatura e os meios de comunicação de massa; 1.2. Literatura e cinema; 1.3. Literatura/ música e canção; 1.4. O hipertexto.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. et al. "A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas". In: LIMA, Luiz Costa (Org.). Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica In: Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.
CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas - Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.
ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense.
SANTIAGO, Silvano. O cosmopolitismo do pobre. Belo Horizonte: Editora UFMG.

DISCIPLINA: LEC113 - LATIM II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Conceitos fundamentais de fonética, fonologia, morfossintaxe do latim, com ênfase no sistema verbal.

CONTEÚDO

1 Sistema Verbal; 1.1 Modos, tempos e aspectos verbais do latim clássico; 1.2 A voz passiva; 1.3 Verbos depoentes e semidepoentes; 1.4 Verbos irregulares: sum, eo, fero; 1.5 Formas Nominais; 2 Introdução à sintaxe latina; 2.1 Orações completivas e adverbiais; 2.2 Ablativo Absoluto; 3 Introdução à leitura em latim; 3.1 Poemas de Catulo; 3.2 Fragmentos selecionados de autores clássicos (César, Cícero, Ovídio etc.).

BIBLIOGRAFIA

ALMENDRA, Maria Ana & FIGUEIREDO, José Nunes de. Compêndio de gramática latina. Porto: 1996.
CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao latim. Edição revista. São Paulo: Ática, 2008.
FARIA, E. Dicionário Latino-Português. Belo Horizonte, Itatiaia, 2003.
FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade. São Paulo: Contexto, 2009.
GOLDMAN, Norma; NYENHUIS, Jacob E.. Latin via Ovid: a first course. Second edition. Detroit: Wayne State University Press, 1982. (Chapters XVII to XXVI)
GOLDMAN, Norma; ROSSI, Michael. Practice! Practice!: A Latin Via Ovid Workbook. Revised edition. Detroit: Wayne State University Press, 1995.
OVÍDIO. Metamorfoses. Tradução de Paulo Farnhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.

DISCIPLINA: LEC150 - GREGO CLÁSSICO II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Conceitos fundamentais de morfossintaxe do grego clássico com ênfase no sistema verbal.

CONTEÚDO

1 Conceitos fundamentais de morfossintaxe grega; 1.1 Aspectos verbais: durativo, aoristo e perfeito; 1.2 Modos verbais: indicativo, subjuntivo, optativo, imperativo; 1.3 Formas nominais do verbo: participios e infinitivos; 1.4 Conjugação em

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Jacyntho L. et al. Hellenika BRANDÃO, Jacyntho L. et al. Hellenika - Introdução ao grego antigo. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
CARTLEDGE, Paul. (Org.) Grécia Antiga. Tradução de Laura Alves Aurélio Rebello. 2. ed. São Paulo, Ediouro, 2009.
FUNARI, Pedro P. A. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto
_____. Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: UNICAMP, 2003.
JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. Aprendendo grego. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2010.
MALHADAS, Daisi et al. Dicionário Grego-Português. 5 volumes. São Paulo: UNESP, 2007.
Textos Clássicos:
HESÍODO. F. Solmsen, M. L. West (ed.). Theogonia, Opera et dies, Scutum, Fragmenta Selecta. 3. ed. Oxford: OUP, 1990.
HOMERO. D.B. Monro e T. W. Allen (ed.) Opera. Vol. III. Odyssey. Books I-XII. 2. ed. Oxford: OUP, 1922.
HOMERO. D.B. Monro e T. W. Allen (ed.) Opera. Vol. IV. Odyssey. Books XII-XXIV. 2. ed. Oxford: OUP, 1922.
HOMERO. D. B. Monro e T. W. Allen (ed.). Opera. Vol. I: Iliad, books I-XII. Oxford: OUP, 1920.
HOMERO. D. B. Monro e T. W. Allen (ed.). Opera. Vol. II: Iliad, books XIII-XXIV. Oxford: OUP, 1920.

DISCIPLINA: LEC160 - TÓPICOS EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS V

CRÉDITOS: 2

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

A relação língua e sociedade. A estabilidade e a heterogeneidade linguística. O ensino e a constituição de normas no Brasil. O ideal e os usos linguísticos: os saberes gramaticais e sociais na escola. O tratamento gramatical e social de alguns fenômenos: as estruturas desgarradas em Língua Portuguesa; a concordância nominal; a concordância verbal; os pronomes pessoais e a colocação pronominal.

CONTEÚDO

Instrumentalizar o aluno para a distinção entre o modelo ideal de língua e os diversos usos linguísticos existentes no Brasil. Tratar alguns fenômenos variáveis na língua e discutir os nas atividades de ensino da Língua Materna.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. Gramática Pedagógica do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
_____. Gramática: passado, presente e futuro. Curitiba: Aymará, 2009.
_____. Não é errado falar assim!. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
_____. A norma oculta: língua & poder na sociedade. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
_____. Português ou brasileiro? - um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais de Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa. Campinas: Pontes Editores, 2011.
NEVES, Maria Helena de Moura. Que gramática estudar na escola?. São Paulo: Contexto, 2008.
_____. A Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
SOARES, Magda Becker. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.
VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2009.

DISCIPLINA: LEC177 - GREGO CLÁSSICO I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Conceitos fundamentais de fonética e morfossintaxe do grego clássico com ênfase no sistema no nominal.

CONTEÚDO

1 Introdução à língua e cultura gregas antigas; 1.1 A história da língua grega e civilização grega; 1.2 O grego e as línguas antigas; 2 Conceitos fundamentais de fonética grega; 2.1 O alfabeto grego; 2.2 Consonantismo e vocalismo grego clássico; 3 Conceitos fundamentais de morfossintaxe grega; 3.1 Nomes: casos e declinações; 3.2 Artigos gregos; 3.3 Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos; 3.4 Sistema verbal: presente e aoristo.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Jacyntho L. et al. Hellenika - Introdução ao grego antigo. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. Aprendendo grego. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2010.
CARTLEDGE, Paul. (Org.) Grécia Antiga. Tradução de Laura Alves Aurélio Rebello. 2. ed. São Paulo, Ediouro, 2009.
FUNARI, Pedro P. A. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto
_____. Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: UNICAMP, 2003.
MALHADAS, Daisi et al. Dicionário Grego-Português. 5 volumes. São Paulo: UNESP, 2007. Volumes 1-5.
PERFEITO, A. A. Gramática de Grego. Porto: Porto Editora, 2003.

DISCIPLINA: LEC186 - ESTUDOS FUNDAMENTAIS DE LITERATURA GREGA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudo panorâmico da Literatura Grega entre os séculos VII a.C. e III a.C. através de alguns de seus textos mais representativos e dos temas relacionados a este sistema literário.

CONTEÚDO

1. Introdução aos Estudos Clássicos; 2. Poesia Épica: Hesíodo e Homero; 3. Poesia Lírica: Safo, Píndaro; 4. Poesia Dramática: Sófocles, Eurípedes, Aristófanes.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓFANES. Lisístrata. A greve do sexo. Tradução de Millôr Fernandes. São Paulo: LPM, 2003.
ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. A Poética Clássica. São Paulo: Cultrix, 1995.
ARISTÓTELES. Rudolph Kassel (ed.) De arte poetica liber. Oxford: OUP, 1922.
ARISTÓTELES. Sir David Ross. (ed.) Ars Rhetorica. Oxford: OUP, 1959.
EURÍPEDES. Medéia. São Paulo: Hucitec, 1991.
ARISTÓTELES. Sir F. G. Kenyon (ed.) Atheniensium Respublica. Oxford: OUP, 1920.
_____. Tragédias. Vol. I. Alceste, Medeia, Andrômaca, Hécuba. Madrid: Gredos, 2000.
HESÍODO. Teogonia : a origem dos deuses. São Paulo : Iluminuras, 1992.
HOMERO. Ilíada. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2002.
_____. Odisséia. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1996.
HOMERO. Ilíada. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
HOMERO, Odisseia. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
SAFO. Safo de Lesbos. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
SÓFOCLES. Édipo Rei. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: LPM, 2010.
_____. Antígona. Tradução de Donald Schüler. São Paulo: LPM, 2010.

DISCIPLINA: LEC195 - ESTUDOS FUNDAMENTAIS DE LITERATURA LATINA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Estudo panorâmico da Literatura Latina entre III a.C. e V d.C., através de alguns de seus textos mais representativos e dos temas relacionados a este sistema literário.

CONTEÚDO

1. Introdução à cultura clássica; 2. Lírica: Catulo, Horácio e Virgílio; 3. Elegia: Ovídio; 4. Sátira: Marcial e Juvenal; 5. Drama: Plauto e Sêneca; 6. Oratória: Cícero; 7. Épica: Virgílio.

BIBLIOGRAFIA

Corpus:
CATULO. O livro de Catulo. Tradução de João Ângelo de Oliva. São Paulo: EDUSP, 1996.
CÍCERO. Em defesa do poeta Árguias. Introdução, tradução e notas de M. I. R. Gonçalves. 2. ed. Lisboa: Editorial Inquérito, 1986.
HORÁCIO. Odes e epodos. Edição bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
OVÍDIO. Metamorfoses. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.
OVÍDIO. Metamorfoses. Introdução e tradução de Paulo Farmhouse Alberto. 2ª ed. Lisboa: Cotovia, 2010. 445 p.
PLAUTO. Os Menecmos. Araraquara: EDUNESP, 1995.
_____. Comédias. Madri: Gredos, 2004.
TRINGALI, Dante. Horácio, poeta da festa: navegar não é preciso: 28 odes. São Paulo: Musa, 1995.
VIRGÍLIO. Bucólicas. Tradução e notas de Odorico Mendes. Organização de Paulo Sérgio Vasconcellos e equipe. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
_____. Eneida Brasileira. Tradução e notas de Odorico Mendes. Organização de Paulo Sérgio Vasconcellos e equipe. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008
_____. Eneida. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília. UNB, 1975.
Textos teóricos:
CARDOSO, Zélia de Almeida. Literatura Latina. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
PARATORE, E. História da Literatura Latina. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1987.
PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Estudos de história da cultura clássica. II. Cultura Romana. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.
ACHCAR, Francisco. Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo: EDUSP, 1994.

DISCIPLINA: TUR095 - PATRIMÔNIO CULTURAIS & TURISMO + TUR595 PATRIMÔNIO CULTURAIS E TURISMO - PRÁTICA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO / ICH

EMENTA

A disciplina visa a apresentar uma introdução ao estudo do patrimônio cultural, salientando um percurso histórico, bem como visões atuais sobre o patrimônio, inclusive ao destacar os valores, os usos, as possibilidades, as negociações e os conflitos em

tomo da salvaguarda, com ênfase para vislumbrar o impacto de tais questões no turismo. Além disso, procura ansaliar como se dá a implementação de instrumentos administrativos de acautelamento do patrimônio, tais como o inventário, a vigilância, o registro, o tombamento e a desapropriação, assim como instrumentos judiciais de acautelamento, como, por exemplo, a ação civil pública e a ação popular. Por último, discute o ICMS Cultural.

CONTEÚDO

DISCIPLINA: LÍNGUA INGLESA INSTRUMENTAL I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua inglesa, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e aquisição das estruturas básicas da língua com aplicação de conhecimento gramaticais e lexicais, envolvendo o aluno em situações cotidianas da comunicação.

CONTEÚDO

1º Módulo: textos originais de assuntos diversos; 1. Objetivos: Desenvolvimento das estratégias; skimming e scanning; tipos de textos; organização textual; formatação de cada tipo de texto; palavras cognatas, opacas e transparentes; dedução de palavras e assuntos do texto por meio de descontextualização; inferência em nível semântico; dispositivos de coesão textual; 2. Gramática: 2.1. Posição mais recorrente dos constituintes da sentença; 2.2. pronomes; demonstrativos; pessoais, pronomes sujeito e objetivo; possessivos; interrogativos; relativos; 2.3. Grupo Nominal: posição dos objetivos; 2.4. Grupo Verbal (gramática básico de um curso acadêmico): simple; tense; simple, continuous, perfect; past; tense; simple, continuous, perfect; future; tense; simple, continuous voz; ativa e passiva; alguns; modais e seus usos; can, could, may, might, should, must; 2.5. Formação de palavras; sufixos formadores de substantivos, prefixos formadores de substantivos, outras formações de substantivos (aglutinação, justaposição) sufixos formadores de adjetivos, prefixos formadores de adjetivos, sufixos formadores de advérbios; 2.6. Advérbios; posição e usos; 2.7. Preposições; lugar, direção, presença/ausência; 2.8. Dispositivos de coesão textual: Orações subordinadas; causais, adversativas, condicionais, interrogativas indiretas; 2.9. Comparativos de Adjetivos.

BIBLIOGRAFIA

DISCIPLINA: UNI002- LÍNGUA INGLESA INSTRUMENTAL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua inglesa, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e aquisição das estruturas básicas da língua com aplicação de conhecimento gramaticais e lexicais, envolvendo o aluno em situações cotidianas da comunicação.

CONTEÚDO

O segundo módulo do curso de leitura instrumental em Língua Inglesa está focado nas seguintes competências: (a) localizar e relacionar informações em textos complexos, nos gêneros argumentativos, expositivos e instrucionais; (b) inferir significados em contextos mais complexos; (c) determinar relações de coesão; (d) selecionar idéias principais para a composição de resumos; (e) utilizar apropriadamente o dicionário para identificar significados de termos técnicos e especializados; Os gêneros textuais preferenciais são do tipo argumentativo e expositivo, envolvendo a leitura e a interpretação de cartas de opinião, resenhas, ensaios, relatórios e entries.

BIBLIOGRAFIA

DISCIPLINA: UNI003 – LÍNGUA INGLESA INSTRUMENTAL III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua inglesa, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e aquisição das estruturas básicas da língua com aplicação de conhecimento gramaticais e lexicais, envolvendo o aluno em situações cotidianas da comunicação.

CONTEÚDO

O terceiro e último módulo do curso de leitura instrumental em Língua Inglesa está focado na leitura e interpretação de textos acadêmicos das diversas áreas, com ênfase em resumos, resenhas, relatórios e publicações em revistas especializadas. Nesse módulo está também prevista a sistematização de todo o estudo de uso da linguagem desenvolvido nos módulos anteriores, com o detalhamento necessário para as novas investidas acadêmicas do aluno concluinte do curso.

BIBLIOGRAFIA

DISCIPLINA: UNI004 – FRANCES INSTRUMENTAL I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias através das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua francesa, em nível básico, visando o desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e, em nível complementar, da auditiva, escrita e oral.

CONTEÚDO

1º Módulo: textos originais de assuntos diversos; 1. Objetivos: - Desenvolvimento das estratégias; skimming e scanning, gêneros textuais, organização textual, formatação de cada gênero, palavras cognatas, opacas e transparentes, dedução de palavras e assuntos do texto por meio de descontextualização, inferência em nível semântico, dispositivos de coesão textual; 2. Gramática: Les verbes être et avoir au présent, question, affirmations, negations, l'impératif, les articles définis et indéfinis, les prépositions de lieu, le présent de l'indicatif, les adjectifs, les pronoms toniques, les possessifs, la fréquence, l'appréciation (aimer, préférer), le passé-composé.

BIBLIOGRAFIA

BESCHERELLE. Conjugaison, Orthographe et Grammaire. Paris: Hatier, 2006.

BESCHERELLE. La Grammaire pour tous. Paris: Hatier, 2006

COURTILLON, Janine, GUYOT-CLÉMENT, Christine, SALINS, Geneviève-Dominique de. Libre échange 1. Livre de l'élève. Paris: Hatier/Didier, 1995.

COURTILLON, Janine, GUYOT-CLÉMENT, Christine, SALINS, Geneviève-Dominique de. Libre échange 1. Livre du professeur. Paris: Hatier/Didier, 1995.

Dictionnaire Le petit Robert.

RONAL, Paulo. Dicionário Francês-Português/ Português-Francês. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.

VICHER, Anne. Grammaire progressive du français. Paris: Clé, sd.

DISCIPLINA: UNI005 – FRANCES INSTRUMENTAL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias através das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua francesa, em nível básico, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e, em nível complementar, da auditiva, escrita e oral.

CONTEÚDO

2º Módulo: textos originais de cunho mais específico; 1. Objetivos: dispositivos de coesão textual; revisão de marcadores de discurso estudados, tempos verbais anteriores explorados de forma mais aprofundada e inclusão de novos; 2. Gramática: les Partitifs, l'expression de la quantité, le futur proche, l'impératif négatif, la direction, le futur simpl, expresión de l'obligation :Devoir et Falloir, les pronoms objets de la 3 ème personne, les démonstratifs, les pronoms Interrogatifs, la comparaison, l'expression des goûts.

BIBLIOGRAFIA

BESCHERELLE. Conjugaison, Orthographe et Grammaire. Paris: Hatier, 2006.

BESCHERELLE. La Grammaire pour tous. Paris: Hatier, 2006
COURTILLON, Janine, GUYOT-CLÉMENT, Christine, SALINS, Géneviève-Dominique de. Libre échange 1. Livre de l'élève. Paris: Hatier/Didier, 1995.
COURTILLON, Janine, GUYOT-CLÉMENT, Christine, SALINS, Géneviève-Dominique de. Libre échange 1. Livre du professeur. Paris: Hatier/Didier, 1995.
Dictionnaire Le petit Robert.
RONAI, Paulo. Dicionário Francês-Português/ Português-Francês. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.
VICHER, Anne. Grammaire progressive du français. Paris: Clé, sd.

DISCIPLINA: UNI006 – FRANCES INSTRUMENTAL III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias através das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua francesa, em nível básico, visando o desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e, em nível complementar, da auditiva, escrita e oral.

CONTEÚDO

3º Módulo: textos originais de cunho mais específico; 1. Objetivos: técnicas de resumo, resenha, fichamento, referência bibliográfica, revisão de qualquer ponto que se faça necessário; 2. Gramática: le conditionnel, les pronoms personnels objets, les pronoms Y et en, les verbes pronominaux, emploi de L'imparfait et du passe composé, les propositions relatives, expression du temps et de la durée.

BIBLIOGRAFIA

BESCHERELLE. Conjugaison, Orthographe et Grammaire. Paris: Hatier, 2006.
BESCHERELLE. La Grammaire pour tous. Paris: Hatier, 2006
COURTILLON, Janine, GUYOT-CLÉMENT, Christine, SALINS, Géneviève-Dominique de. Libre échange 1. Livre de l'élève. Paris: Hatier/Didier, 1995.
COURTILLON, Janine, GUYOT-CLÉMENT, Christine, SALINS, Géneviève-Dominique de. Libre échange 1. Livre du professeur. Paris: Hatier/Didier, 1995.
Dictionnaire Le petit Robert.
RONAI, Paulo. Dicionário Francês-Português/ Português-Francês. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.
VICHER, Anne. Grammaire progressive du français. Paris: Clé, sd.

DISCIPLINA: UNI007 – ESPANHOL INSTRUMENTAL I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua espanhola, em nível básico, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e, em nível complementar, da auditiva, escrita e oral.

CONTEÚDO

1º Módulo: textos originais de assuntos diversos; 1. Objetivos: Desenvolvimento das estratégias; skimming e scanning; Tipos de textos; Organização textual; Formatação de cada tipo de texto; Palavras cognatas, opacas e transparentes; Dedução de palavras e assuntos do texto por meio de descontextualização; Inferência em nível semântico; Dispositivos de coesão textual; 2. Gramática: 2.1. La ecentuación; 2.2. El alfabeto; 2.3. Adjetivos: gentilicos, color, religión y cualidade; 2.4. Artículos; determinados, indeterminados; 2.5. Pronombres; - Interrogativos variables e invariables de Tratamiento, Relativos adjetivos y adverbiales; 2.6. Conectores; oraciones subordinadas causales, oraciones adversativas, oraciones subordinadas condicionales, oraciones interrogativas indirectas; 2.7. Adverbios; de Tiempo, de Lugar, de Afirmación, de Negación, de Duda, de Modo, de Cantidad; 2.8. Verbos: presente de indicativo, pretérito imperfecto de indicativo, pretérito indefinido de indicativo, futuro de indicativo, pretérito perfecto de indicativo, imperativo positivo y negativo, condicional; 2.9. Preposiciones; a, de, en, ya, todavía, aún; 2.10. Numerales; cardinales (hora, fecha, cantidad, precio, teléfono), multiplicativos, porcentaje.

BIBLIOGRAFIA

Diccionarios
Diccionario SALAMANCA de la lengua española. Madrid; Santillna, 1996
Dicionário Brasileiro Espanhol-Português Português-Espanhol. 2 ed. São Paulo; oficina de textos
BIGNOTTI, João. Dicionário Visual Espanhol. São Paulo, Ciência e Arte Editora, 1999
COLL, Josep., Gelabert, Maria José., MARTINELL, Emma. Dicionario de gestos con sus giros más usuales. Madrid: Edelsa, 1990
Gramáticas
ALVES, Adda-Nari M., MELLO, Angélica. Mucho – Español para brasileños. São Paulo: Moderna, 2001
GONZÁLEZ HERMOSO, A., CUENOT, T. R., SÁCHES ALFARRO, M.. Gramática de español lengua extranjera– normas, recursos pra la comunicación. 3 ed. Madrid: Edelsa, 1995
GONZÁLEZ HERMOSO, A.. Conjugar es fácil en español – de España y América. 2 ed. Madrid: Edelsa, 1997
GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 1. 2 ed. Madrid: Edelsa, 1995
GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 2. Madrid: Edelsa, 1994.
GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 3. Madrid: Edelsa, 1994.

DISCIPLINA: UNI008 – ESPANHOL INSTRUMENTAL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua espanhola, em nível básico, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e, em nível complementar, da auditiva, escrita e oral.

CONTEÚDO

2º Módulo: textos originais de cunho mais específico; 1. Objetivos: dispositivos de coesão textual; revisão de marcadores de discurso estudados; tempos verbais anteriores explorados de forma mais aprofundada e inclusão de novos; 2. Gramática: 2.1. La puntuación; 2.2. Comparación de los adjetivos y las formas irregulares; 2.3. Pronombres; Personales (formas átonas); ma, te, se, lo, nos, les, las, los; 2.4. Conectores; - Oración subordinada modal; como, como para + infinitivo, según; Oraciones subordinadas temporales; de ordenación o enumeración; 2.5. Verbos; Presente de subjuntivo; Pretérito perfecto de subjuntivo; Gerundio; Perífrases con infinitivo; ir a + infinitivo; SE + verbo transitivo/intransitivo; SE + verbo transitivo (3º p.s.) + objeto directo; 2.6. Preposiciones; por; 2.7. Numerales; Ordinales; Operaciones aritméticas; sumar, restar, multiplicar, dividir Partitivos; medida de peso y temperatura.

BIBLIOGRAFIA

Diccionarios
Diccionario SALAMANCA de la lengua española. Madrid; Santillna, 1996
Dicionário Brasileiro Espanhol-Português Português-Espanhol. 2 ed. São Paulo; oficina de textos
BIGNOTTI, João. Dicionário Visual Espanhol. São Paulo, Ciência e Arte Editora, 1999
COLL, Josep., Gelabert, Maria José., MARTINELL, Emma. Dicionario de gestos con sus giros más usuales. Madrid: Edelsa, 1990
.Gramáticas
GONZÁLEZ HERMOSO, A., CUENOT, T. R., SÁCHES ALFARRO, M.. Gramática de español lengua extranjera– normas, recursos pra la comunicación. 3 ed. Madrid: Edelsa, 1995
GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 1. 2 ed. Madrid: Edelsa, 1995
GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 2. Madrid: Edelsa, 1994.
GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 3. Madrid: Edelsa, 1994
ALVES, Adda-Nari M., MELLO, Angélica. Mucho – Español para brasileños. São Paulo: Moderna, 2001

DISCIPLINA: UNI009 – ESPANHOL INSTRUMENTAL III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua espanhola, em nível básico, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e, em nível complementar, da auditiva, escrita e oral.

CONTEÚDO

3º Módulo: textos originais de cunho mais específico; 1. Objetivos: técnicas de resumo, resenha, fichamento, referência bibliográfica, revisão de qualquer ponto que se faça necessário; 2. Gramática: 2.1. Formación de Palabras: cultismo; para indicar número (mono, bis/bi, ter/tri, tetra, penta, sex/hexa, etc.); 2.2. Pronombres: reflexivos; me, te, nos, os, se, si, consigo (singular/plural), indefinidos; 2.3. Conectores; para indicar demonstración, restricción o atenuación, adición, consecuencia, de opinión, de resumen, oraciones subordinales finales; 2.4. Voz Passiva y Voz Activa; 2.5. Verbos; uso contrastivo de presente de indicativo y de subjuntivo, verbos impersonales o unipersonales; 2.6. Preposiciones; de/desde, a/hasta; 2.7. Numerales; Unidad monetária, colectivos, periodicidade.

BIBLIOGRAFIA

Diccionarios

Diccionario SALAMANCA de la lengua española. Madrid; Santillna, 1996

Dicionário Brasileiro Espanhol-Português Português-Espanhol. 2 ed. São Paulo; oficina de textos

BIGNOTTI, João. Dicionário Visual Espanhol. São Paulo, Ciência e Arte Editora, 1999

COLL, Josep., Gelabert, Maria José., MARTINELL, Emma. Dicionario de gestos con sus giros más usuales. Madrid: Edelsa, 1990

.Gramáticas

GONZÁLEZ HERMOSO, A., CUENOT, T. R., SÁCHES ALFARRO, M.. Gramática de español lengua extranjera– normas, recursos pra la comunicación. 3 ed. Madrid: Edelsa, 1995

GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 1. 2 ed. Madrid: Edelsa, 1995

GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 2. Madrid: Edelsa, 1994.

GONZÁLEZ HERMOSO, A., SÁCHES ALFARRO, M.. Español lengua extranjera – curso práctico nivel 3. Madrid: Edelsa, 1994

ALVES, Adda-Nari M., MELLO, Angélica. Mucho – Español para brasileños. São Paulo: Moderna, 2001

GONZÁLEZ HERMOSO, A.. Conjugar es fácil en español – de España y América. 2 ed. Madrid: Edelsa, 1997

DISCIPLINA: UNI010 – ITALIANO INSTRUMENTAL III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua italiana, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e aquisição das estruturas básicas da língua com aplicação de conhecimento gramaticais e lexicais, envolvendo o aluno em situações cotidianas da comunicação.

CONTEÚDO

1º Módulo: textos originais de assuntos diversos

1. Objetivos: desenvolvimento das estratégias; skimming e scanning, tipos de textos, organização textual, formatação de cada tipo de texto, palavras cognatas, opacas e transparentes, dedução de palavras e assuntos do texto por meio de descontextualização, inferência em nível semântico, dispositivos de coesão textual; 2. Gramática: 2.1. L'Alfabeto Italiano; 2.2. Articoli; determinativi, indeterminativi; 2.3. Nomi e Aggettivi; 2.4. Aggettivi; dimostrativi, possessivi; 2.5. Pronomi; riflessivi, personali, interrogativi; 2.6. Conectores; proposizione coordinata e dependente; proposizione causale, avversativa e condizionale; proposizione interrogativa indireta; 2.7. Preposizioni; semplici, articolate; 2.8. Numerali; cardinali, ordinal; 2.9. avverbi; 2.10. Verbi: presente dell'indicativo, essere e avere, condizionale di cortesia, verbi servili, imperativo, forma interrogativa/negativa del verbo, regolari e irregolari, c'è.

BIBLIOGRAFIA

5.1. Dicionários

Il nuovo Zingarelli – Vocabolario della Lingua Italiana – 11 edizione bologna 1993

Dicionário de Italiano / Português. Porto, 1989

5.2. Gramáticas

CHIUCHIÚ, A., MINCIARELLI, F., SILVESTRINI, M. In Italiano – corso MULTIMEDIALE di lingua e civiltà a livello elementare e avanzato – 3 ed. Perugia; 1995

PORRU, M., GALEFFI, E. MARIA. Impariamo l'italiano – 2 ed. Salvador; UFBA, 1987. v. 1,2,3.

KATERINOV, K., BORIOSI KATERINOV, M.C., BERRETINI, L., DI GREGORIO, P., ZAGANELLI, G. Sì, parlo italiano – Milano; 1980

FALCINELLI, M., SERVADIO, B. Leggere e Oltre – Testi autentici per stranieri Livello intermedio. 3 ed. Perugia; 1996

DISCIPLINA: UNI011 – ITALIANO INSTRUMENTAL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua italiana, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e aquisição das estruturas básicas da língua com aplicação de conhecimento gramaticais e lexicais, envolvendo o aluno em situações cotidianas da comunicação.

CONTEÚDO

2º Módulo: textos originais de cunho mais específico; 1. Objetivos: dispositivos de coesão textual; revisão de marcadores de discurso estidados; tempos verbais anteriores explorados de forma mais aprofundada e inclusão de novos; 2. Gramática: 2.1. Nomi e Aggettivi; 2.2. Alcuni avverbi; 2.3. Alcune preposizioni semplici e articolate; 2.4. Pronomi personali diretti la partecella 'ne'; 2.5. Verbi; participio passato dei verbi regolari e irregolari; passato prossimo costruito con 'Avere' e 'Essere'; imperfetto del verbo 'Essere'; futuro regolare e irregolari; imperativo; C'è e Ci sono; avere + da + infinito; 2.7. Conectores; proposizione modale e strumentale; proposizione relativa; proposizione comparativa.

BIBLIOGRAFIA

5.1. Dicionários

Il nuovo Zingarelli – Vocabolario della Lingua Italiana – 11 edizione bologna 1993

Dicionário de Italiano / Português. Porto, 1989

5.2. Gramáticas

CHIUCHIÚ, A., MINCIARELLI, F., SILVESTRINI, M. In Italiano – corso MULTIMEDIALE di lingua e civiltà a livello elementare e avanzato – 3 ed. Perugia; 1995

PORRU, M., GALEFFI, E. MARIA. Impariamo l'italiano – 2 ed. Salvador; UFBA, 1987. v. 1,2,3.

KATERINOV, K., BORIOSI KATERINOV, M.C., BERRETINI, L., DI GREGORIO, P., ZAGANELLI, G. Sì, parlo italiano – Milano; 1980

FALCINELLI, M., SERVADIO, B. Leggere e Oltre – Testi autentici per stranieri Livello intermedio. 3 ed. Perugia; 1996

DISCIPLINA: UNI012 – ITALIANO INSTRUMENTAL III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Fornecer aos alunos estratégias das quais se tornarão aptos para a compreensão da língua italiana, visando ao desenvolvimento progressivo sobretudo da habilidade de leitura e aquisição das estruturas básicas da língua com aplicação de conhecimento gramaticais e lexicais, envolvendo o aluno em situações cotidianas da comunicação.

CONTEÚDO

3º Módulo: textos originais de cunho mais específico; 1. Objetivos: técnicas de resumo, resenha, fichamento, referência bibliográfica, revisão de qualquer ponto que se faça necessário; 2. Gramática: 2.1. Superlativo relativo; 2.2. Aggettivo indefinito 'Qualche'; 2.3. Pronomi personali combinati; 2.4. 'Molto' usato come aggettivo e avverbio; 2.5. Numerali cardinali; 2.6. 'Si' passivante locuzione preposizionale 'Oltre a'; 2.7. Verbi; imperativo; uso degli ausiliari; pronominale al passato; condizionale; forma passiva; passaggio dal discorso diretto al discorso indireto; avere + da + infinito; 2.8. Conectores; -proposizioni interrogative indirette.

BIBLIOGRAFIA

5.1. Dicionários

Il nuovo Zingarelli – Vocabolario della Lingua Italiana – 11 edizione bologna 1993

Dicionário de Italiano / Português. Porto, 1989

5.2. Gramáticas

CHIUCHIÙ, A., MINCIARELLI, F., SILVESTRINI, M. In Italiano – curso MULTIMEDIALE di lingua e civiltà a livello elementare e avanzato – 3 ed. Perugia; 1995

PORRU, M., GALEFFI, E. MARIA. Impariamo l'Italiano – 2 ed. Salvador; UFBA, 1987. v. 1,2,3.

KATERINOV, K., BORIOSI KATERINOV, M.C., BERRETINI, L., DI GREGORIO P., ZAGANELLI, G. Sì, parlo italiano – Milano; 1980

FALCINELLI, M., SERVADIO, B. Leggere e Oltre – Testi autentici per stranieri Livello intermedio. 3 ed. Perugia; 1996

DISCIPLINA: UNI013 – LATIM INSTRUMENTAL I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Conceitos fundamentais de fonética e morfossintaxe da língua latina com ênfase no sistema no nominal

CONTEÚDO

1. Lectio Prima – Bellum Troianum; 1.1. Palavras variáveis e invariáveis; 1.2. Noção de caso; 1.3. Nominativo e Acusativo; 1.4. Tema; 1.5. Paradigmas nominais; 1.6. Número - singular e plural; 2. Lectio Altera – Aeneas; 2.1. O verbo; 2.2. Gênero e concordância; 3. Lectio Tertia – Vrbs Condita; 3.1. O infinitivo como complemento verbal; 3.2. O ablativo; 3.3. O uso das preposições; preposições com acusativo e ablativo; 3.4. Imperfeito do indicativo e perfeito do indicativo ativo; 4. Lectio Quarta – Reges Romani; 4.1. O gênero neutro; 4.2. Concordância dos adjetivos; 4.3. Numerais; 4.4. Pretérito imperfeito e perfeito dos verbos sum e possum; 4.5. Interrogações; 5. Lectio Quinta – Res Publica Romana 5.1. O dativo; 5.2. Presente passivo; 5.3. Infinitivo passivo; 5.4. Ablativo de agente.

BIBLIOGRAFIA

LEITE, Leni Ribeiro. Latine Loqui: curso básico de latim. Vitória: EDUFES, 2016.

GRAMÁTICAS E DICIONÁRIOS EM PORTUGUÊS:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática latina. 29. ed (5ª tiragem). São Paulo: Saraiva, 2005.

CART, A.; GRIMAL, P.; LAMAISSON, J.; NOVILLE, R. Gramática latina. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: Edusp, 1986.

FARIA, Ernesto. Gramática superior da língua latina. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

_____. Dicionário latino-português. Belo Horizonte: Garnier, 2003.

FERREIRA, Antônio Gomes. Dicionário de latim-português. Porto: Porto Editora, 2001.

_____. Dicionário de português-latim. Porto: Porto Editora, 2001.

SARAIVA, Francisco dos Santos. Dicionário latino-português. 10 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

DICIONÁRIOS E TEXTOS ORIGINAIS ONLINE:

Dicionário latim-inglês e inglês-latim William Whitaker's Words: <http://archives.nd.edu/words.html>

Dicionário latim-inglês Perseus: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?la=la>

Biblioteca Virtual Latina: <http://www.thelatinlibrary.com>

Catálogo e base de dados de textos originais latinos e gregos: <http://catalog.perseus.org/browse>

DISCIPLINA: UNI014 – LATIM INSTRUMENTAL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE LETRAS

EMENTA

Conceitos fundamentais de morfossintaxe da língua latina com ênfase no sistema verbal.

CONTEÚDO

1 Sistema Verbal; 1.1 Modos, tempos e aspectos verbais do latim clássico; 1.2 A voz passiva; 1.3 Verbos depoentes e semidepoentes; 1.4 Verbos irregulares: sum, eo, fero; 1.5 Formas Nominais; 2 Introdução à sintaxe latina; 2.1 Orações completivas e adverbiais; 2.2 Ablativo Absoluto; 3 Introdução à leitura em latim; 3.1 Poemas de Catulo; 3.2 Fragmentos selecionados de autores clássicos (César, Cícero, Ovídio etc.)

BIBLIOGRAFIA

ALMENDRA, Maria Ana & FIGUEIREDO, José Nunes de. Compêndio de gramática latina. Porto: 1996.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao latim. Edição revista. São Paulo: Ática, 2008.

CATULO. O livro de Catulo. Tradução, introdução e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

FERREIRA, Antônio Gomes. Dicionário de Latim-Português. Porto: Porto Editora, 2001.

GOLDMAN, Norma & NYENHUIS, Jacob E. Latin via Ovid – a first course. Wayne University Press, 1982.

SARAIVA, F. Dicionário Latino-Português. 10 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

DISCIPLINA: CSO092 - METODOLOGIA CIENTÍFICA

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

Introduz a Metodologia Científica em Ciências Humanas, em especial em Ciências Sociais. Apresenta diferentes métodos e os relaciona aos objetivos, objetos e características das pesquisas aos quais melhor cada um se adequa. Construção do Objeto e Dimensionalidade. Fundamentos da pesquisa científica, seus elementos conceituais, etapas e princípios operacionais. Unidade de Análise. Níveis de Medida. População e Amostra. Indicadores. Planejamento e desenho da pesquisa. Organização e análise de dados. Introdução à modelagem. Metodologia do Survey. Triangulação e pesquisa qualitativa e quantitativa.

CONTEÚDO

1. O que é Ciência e o lugar da pesquisa científica. Ciência, verdade e Poder; 2. Modelos, modelagem e processos lógicos da pesquisa científica (indução, dedução et al); 3. Tipologia da Pesquisa Social. Objetivos de pesquisa e adequação do método; 4. Matriz teórica, construção de hipóteses e o processo de representação da vida social; 5. Fenômeno e dimensionalidade. Conceitos, categorias de análise e objeto; 6. Objeto: diálogo entre teoria e empiria. Justificativa e Caracterização do problema; 7. Observar, medir e comparar: da Teoria à Observação; 8. Teoria dos números. Níveis de Medida. Teoria do Item e elaboração de instrumento; 9. Escalas, índices, indicadores: Operacionalização e Interpretação de escalas; 10. População, amostragem e possibilidades de inferência; 11. Organização de dados: estrutura da base de dados. Teoria do dado; 12. Estatísticas descritivas. Validade, fidedignidade, confiabilidade; 13. Desenhos de Pesquisa. Metodologia de Survey. Quasi-experimental. Pesquisa de Avaliação; 14. Metodologia e estratégias de ação. Planejamento da pesquisa de campo; 15. Análise e Medidas de Associação: causalidade, correlação, colinearidade. Teste de Hipótese.

BIBLIOGRAFIA

BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisa de Survey. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

BAQUERO, Marcello. A pesquisa quantitativa nas Ciências Sociais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

DURKHEIM, Emile. As Regras do Método Sociológico. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983 pp 71-161.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 pp. 638 & 663 (Cap. 20: Métodos de Investigação).

MELO, Manuel Palácios da Cunha & TAVARES Jr, F. Metodologia da Pesquisa: Abordagem Quantitativa. Unidades 01 a 04. In: SALGADO, Umbelina & MIRANDA, Glaura (orgs). Veredas Formação Superior de Professores. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 2004.

DISCIPLINA: CSO096 - LEITURAS ETNOGRÁFICAS**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH****EMENTA**

O programa e a bibliografia estarão voltados para a leitura dirigida de monografias ou etnografias selecionadas, de modo a colocar em destaque reflexões teóricas, temas específicos ou autores selecionados.

CONTEÚDO

Discussões de monografias ou etnografias selecionadas.

BIBLIOGRAFIA

BOHANNAN, Paul. *¿Progreso? da Antropologia*. In: ZALUAR, A.(org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 245-257
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: *O Trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15/ São Paulo: Unesp, 2000.
DA MATTA, Roberto. *Trabalho de campo*. In: *Relativizando: uma introdução a Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 143-173.
GLUCKMAN, Max. *O material etnográfico na Antropologia Social Inglesa*. In: ZALUAR, A.(org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 63-76.
LAPLANTINE, François. *Introdução; Etnografia como atividade perceptiva; Etnografia enquanto atividade linguística*. In: *A Descrição Etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

DISCIPLINA: EST001 - ELEMENTOS DE ESTATISTICA**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE ESTATISTICA /ICE****EMENTA**

Fornecer conhecimentos básicos de análise exploratória de dados e inferência estatística.

CONTEÚDO

1- Conceitos básicos; 2- Representação tabular brasileira; 3- Representação de gráficos: gráficos de setor, gráficos de linha, gráficos pictóricos, gráficos de barras e histograma; 4- Medidas de tendência central: media aritmética simples, média aritmética ponderada, mediana, quartis, decis, percentis; 5- Medidas de dispersão: desvio padrão, desvio médio, intervalo, interquartil; 6- Medidas de assimetria e curtose; 7- Noções de cálculo e probabilidade: introdução, conceitos axiomáticos de probabilidade; 8- Distribuição normal de probabilidades: modelo normal, propriedades, aplicações; 9- Teste de hipótese de trabalho; 10- Teste de qui-quadrado.

BIBLIOGRAFIA

FONSECA, J.S. & MARTINS, G. A. *Curso de Estatística*. Atlas, 1993.
MORETIN, P. & BUSSAB, W. *Estatística Básica*. São Paulo: Atual, 1998.
VIEIRA, S. *Introdução à Bioestatística*. 2ª ed. Ed. Campus, 1991.
WONNACOTT, T.H. & WONNACOTT, R. J. *Introdução à Estatística*. Rio de Janeiro: LCT, 1980.

DISCIPLINA: FIL024 - FILOSOFIA DA CIENCIA I**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH****EMENTA**

Caracterização do conhecimento científico e das tendências da epistemologia contemporânea. Discussão de alguns problemas epistemológicos típicos das ciências sociais.

CONTEÚDO

Caracterização do conhecimento científico e das tendências da epistemologia contemporânea. Discussão de alguns problemas epistemológicos típicos das ciências sociais.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A formação do Espírito Científico*. RJ: Contraponto, 1996.
BOMBASSARO, Luis Carlos. *As Fronteiras da Epistemologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
CHALMERS, A. F. *A Fabricação da Ciência*. SP: UNESP, 1994.
_____. *Que é ciência afinal?* SP, Brasiliense, 1993.
HAYER, F. *The Couter-Revolution of Science: studies on the abuse of reason*. Indianápolis: LibertyPress, 1979.
LAKATOS, Imre. *A Crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. SP: Cultrix, 1979
OLIVA, Alberto. *Conhecimento e Liberdade: individualismo x coletivismo*. RGSul: Editora da PUC RS, 1994.
_____. *Entre o dogmatismo arrogante e o desespero céptico*. RJ: Instituto Liberal.
_____. *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Campinas: Editora Papius. 1990.
PEREIRA, Júlio César. *Epistemologia e liberalismo: uma introdução à filosofia de Karl Popper*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
ZIMAN, John. *O Conhecimento Confiável*. Campinas: Papius, 1996.
POPPER, KARL. *Conjecturas e Refutações*. Brasília: UnB.
_____. *O Conhecimento Objetivo*. BH: Itatiaia.

DISCIPLINA: FIL028 - METODOLOGIA FILOSOFICA**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH****EMENTA**

Introdução à prática de pesquisa acadêmica em Filosofia, dando destaque, através do trabalho com textos específicos, ao rigor próprio da reflexão filosófica e às questões técnicas e metodológicas.

CONTEÚDO

Introdução à prática de pesquisa acadêmica em Filosofia, dando destaque, através do trabalho com textos específicos, ao rigor próprio da reflexão filosófica e às questões técnicas e metodológicas.

BIBLIOGRAFIA

COSSUTTA, F. *Elementos para leitura de textos filosóficos*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
ECO, U. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
FOLSCHIED, D; WUNENBURGER, J.-J. *Metodologia filosófica*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DISCIPLINA: FIL049 - FILOSOFIA DA MENTE**CRÉDITOS: 4****DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH****EMENTA**

História da Filosofia da Mente: dualismo cartesiano; ocasionalismo; monadologia e inconsciente; associacionismo. Posições contemporâneas: Interacionismo dualista; behaviorismo ontológico; teoria da identidade; funcionalismo computacionalista e causal; novo dualismo de propriedades. Problemas especiais da Filosofia da Mente: a causalidade mental, conteúdo mental, reducionismo, intencionalidade, consciência e as teses da inteligência artificial.

CONTEÚDO

1. História da Filosofia da Mente; 1.1. Descartes e o dualismo de substâncias; 1.2. Ocasionalismo; 1.3. Paralelismo (monadologia, hierarquia monádica e inconsciente); 1.4. Associacionismo: Locke e Hume; 2. Posições contemporâneas; 2.1. Behaviorismo lógico: (Wittgenstein, Hempel, Ryle); 2.2. Interacionismo (Popper, Eccles); 2.3. Teorias da Identidade (Place, Feigl, Churchland); 2.4. Funcionalismo (Putnam, Fodor, Ramsey); 2.5. Dualismos naturalistas (Searle, Chalmers); 3. Problemas especiais; 3.1. Causação

mental (Livre-arbítrio, epifenomenalismo, superveniência); 3.2. Consciência (Qualia, "the explanatory gap", propriedades); 3.3. Intencionalidade (origem fenomenológica, derivações); 3.4. Conteúdo mental (externalismo e internalismo); 3.5. Reduccionismo (fiscalismo, explicação reduitiva); 3.6. Inteligência artificial (CTM x conexionismo, IA forte x fraca).

BIBLIOGRAFIA

KIM, J. (2006). *Philosophy of Mind*. Boulder: Westview Press.
MASLIN, K. (2009). *Introdução à Filosofia da Mente*. Porto Alegre: Artmed.
SEARLE, J. (1997). *A Redescoberta da Mente*. São Paulo: Martins Fontes. (tradução de Eduardo Pereira e Ferreira)

DISCIPLINA: FIL051 – FILOSOFIA DA LINGUAGEM

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

A natureza da linguagem. A importância da linguagem para a Filosofia e o "linguisticturn". Linguagem e lógica. Semiótica, Teoria da Informação e Linguística. Linguagem e representação: referência e descrições, condições de verdade, nomear objetos, nomes próprios, demonstrativos. Linguagem ordinária: jogos de linguagem, significado e uso, atos de fala, intenção e conversação. Linguagem e interpretação: Interpretação e verdade, metáfora, tradução.

CONTEÚDO

1- Linguagem; 1.1. Definição e propriedades; 1.2. Introdução histórica (Platão, Aristóteles, Agostinho, Locke); 1.3. Filosofia como desenfeitamento da linguagem; 1.4. Linguagem e lógica; 1.5. Semiótica; 1.6. Teoria da Informação; 1.7. Linguística (Saussure, Chomsky); 2- Linguagem e representação; 2.1. Sentido, referência, descrições; 2.2. Condições de verdade; 2.3. Nomes de objetos; 2.4. Nomes próprios e logicamente próprios; 3- Linguagem ordinária; 3.3. Jogos de linguagem, significado e uso; 3.4. Declarações performativas e atos de fala; 3.5. Intenção e conversação; 4- Linguagem e interpretação; 4.4. Interpretação e verdade; 4.5. Metáfora; 4.6. Tradução.

BIBLIOGRAFIA

KRIPKE, S. (2012). *O nomear e a necessidade*. Lisboa: Gradiva.
MARCONDES, D. (2010). *Textos Básicos de Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar.
SEARLE, J. (2002). *Expressão e Significado*. São Paulo: Martins Fontes.

DISCIPLINA: FIL053 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Introdução à filosofia contemporânea. Nietzsche e a crítica da modernidade. Fenomenologia husserliana e sua apropriação por Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. Existencialismo: Heidegger e a analítica do Dasein; Sartre e a ontologia do ser livre; Merleau-Ponty e a fenomenologia da percepção. Perspectivas filosóficas.

CONTEÚDO

Introdução: Os fundamentos da filosofia contemporânea a partir da crítica à Modernidade empreendida por Friedrich Nietzsche; 1- Fenomenologia e modernidade; 1.1. Fenômeno, Noumeno e Intuição Categorial (Kant e Husserl, Investigações); 1.2. O Método Fenomenológico: Intencionalidade e Redução Fenomenológica (Ideias); 2- Fenomenologia e Existência
2.1. Existência e Ser (Husserl e Heidegger, Ser e Tempo); 2.2. Ontologia fenomenológica (Husserl e Sartre, Imaginação); 2.3. Fenomenologia da Percepção (Husserl e Merleau-Ponty, Fenomenologia); 3- Existencialismo; 3.1. Ser e analítica existencial (Heidegger, Ser e Tempo); (questão sobre o sentido do ser; analítica do Dasein; fenomenologia e ontologia)
3.2. Homem, mundo e liberdade (Sartre, O Ser e o Nada); (interrogação e ser no mundo; negação, nadição, nada; liberdade e responsabilidade); 3.3. Corporeidade e percepção (Merleau-Ponty, Fenomenologia) (sentir e espaço; coisa e mundo natural; outro e mundo humano; temporalidade e liberdade).

BIBLIOGRAFIA

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. (vols. I e II) Tradução Márcia de Sá Cavalcanti. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
HUSSERL, E. Investigações Lógicas. Sexta Investigação. Tradução Zeljko Loparic e Andréia M. A. de C. Loparic. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril S.A., 1975.
MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.
SARTRE, J-P. O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução e notas Paulo Perdigão. Petrópolis: ed. Vozes, 1997 (L' Être et le Néant – Essai d' ontologie phénoménologique. Paris: ed. Gallimard, 1943).

DISCIPLINA: FIL054 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Apresentação da Filosofia Analítica através de seu desenvolvimento histórico. Definições mais influentes. Projeto de formalização da linguagem de Frege, Russel e do primeiro Wittgenstein. O Positivismo Lógico, origens, critério empírico de significado, as críticas de Popper ao verificacionismo e a Wittgenstein. A virada da linguagem ordinária do segundo Wittgenstein, Strawson, Austin e Searle; a teoria analítica do conhecimento, Putnam, Davidson; a ontologia dos mundos possíveis e teoria da referência de Kripke.

CONTEÚDO

1. Surgimento da Filosofia Analítica; 1.1. Definições; 1.2. Frege, o projeto da lógica simbólica, sentido e referência; 1.3. Russel, linguagem, descrições e atomismo lógico; 1.4. Wittgenstein e o Tractatus; 2. O período do Positivismo Lógico; 2.1. O Positivismo Lógico: unificação, fiscalismo e significado; 2.2. Carnap: extensão, intensão e significado; 2.3. A dissolução do PL: Popper e a crítica à filosofia analítica; 3. A análise da linguagem ordinária; 3.1. O segundo Wittgenstein, jogos de linguagem e linguagem privada; 3.2. Strawson e a teoria performativa da verdade; 3.3. Austin, Searle e a teoria dos atos de fala; 4. Conhecimento e Ontologia; 4.1. Putnam e realismo; 4.2. Davidson sobre verdade e significado; 4.3. Kripke, a ontologia dos mundos possíveis e a nova teoria da referência.

BIBLIOGRAFIA

TUGENDHAT, E. (2006). *Lições Introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem*. Ijuí: Editora Unijuí. (tradução de Ronai Rocha)
GLOCK, H. (2011). *O que é Filosofia Analítica?* Porto Alegre: Penso (tradução de Roberto Hofmeister).
SOAMES, S. (2003). *Philosophical analysis in the twentieth century*. Vol I e II. Princeton: Princeton University Press.

DISCIPLINA: FIL055 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

O legado filosófico do Marxismo. O materialismo histórico e dialético. As diversas vertentes do marxismo ocidental. A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. A crítica da razão instrumental. O conceito de esclarecimento. Marxismo e psicanálise. Filosofia da história e emancipação. As relações entre cultura, ideologia e política na sociedade contemporânea.

CONTEÚDO

Introdução: marxismo e teoria social crítica; 1. Marx e o materialismo histórico e dialético; 2. Fundamentos do marxismo ocidental; 2.1. Lukács: história e consciência de classe; 2.2. Gramsci e a questão da hegemonia; 3. A teoria crítica da sociedade da Escola de Frankfurt; 3.1. Horkheimer e a teoria crítica da sociedade; 3.2. Adorno e a dialética do esclarecimento; 3.3. Marcuse: marxismo e psicanálise; 3.4. Benjamin e a filosofia crítica da história; 4. Cultura, ideologia e política na atualidade.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. Textos selecionados. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os pensadores)
JAY, Martin. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DISCIPLINA: FIL056 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Humanismo. Renascimento. Revolução Científica. Descartes: o cogito, Deus e mecanicismo. Malenbranche: ocasionalismo e Deus. Pascal: razão e fé e a aposta em Deus. Spinoza: verdade, Deus e ética. Leibniz: as mônadas, harmonia preestabelecida, verdades de razão e de fato e o princípio da razão suficiente.

CONTEÚDO

1. Humanismo, Renascimento e Revolução científica; 1.1. Humanismo; 1.2. Renascimento. Maquiavel; 1.3. Revolução Científica; 2. Descartes; 2.1. Meditações e as ideias claras e distintas; 2.2. O homem: res cogitans e res extensa; 2.3. Método; 2.4. Moral provisória; 3. Malenbranche; 3.1 Ocasionalismo; 3.2 Tudo está em Deus; 4. Pascal; 4.1. A autonomia da razão; 4.2. Razão e fé. Razão científica; 4.3. A grandeza e miséria humanas e a aposta em Deus; 5. Spinoza; 5.1. Verdade; 5.2. Deus: substância e ordem; 5.3. Os três gêneros de conhecimento; 5.4. Ética: as paixões e as virtudes; 6. Leibniz; 6.1. Resgate de conceitos medievais; 6.2. Crítica a Descartes e o conceito de mônada; 6.3. Monadologia. Mônadas espirituais e outras mônadas; 6.4. Harmonia preestabelecida; 6.5. Verdades de razão, verdades de fato e o princípio da razão suficiente.

BIBLIOGRAFIA

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. São Paulo: Editora Ícone, 2006.
LEIBNIZ, G. W. *Discurso de Metafísica e outros textos*. São Paulo : Martins Fontes, 2004.
SPINOZA, B. *Ética*. Edição monolíngue. Tradutor Tadeu Tomaz. São Paulo : Editora Autêntica, 2009.

DISCIPLINA: FIL057 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Análise do itinerário, formação e sistematização dos princípios representantes do empirismo inglês mediante a leitura e interpretação de textos filosóficos.

CONTEÚDO

1. A filosofia de Hobbes; 1.1- Hobbes e a arbitrariedade da linguagem; 1.2- Objeções de Hobbes às Meditações Cartesianas: empirismo e crítica à teoria das ideias inatas; 2. A filosofia de Locke; 2.1- A experiência como origem do conhecimento: sensação e reflexão; 2.2- Das ideias simples às complexas; 2.3- Linguagem em Locke: os termos gerais e a teoria da abstração; 3. A filosofia de Berkeley; 3.1 A crítica de Berkeley à teoria lockeana da abstração; 3.2- Berkeley e o princípio ser é ser percebido; 3.3- Berkeley e a crítica ao materialismo; 4. A filosofia de Hume; 4.1. Hume e a “construção” da Natureza Humana; 4.2. Origem das ideias e associação em Hume; 4.3. Hume e a relação de causa e efeito: razão, imaginação e hábito.

BIBLIOGRAFIA

BERKELEY, J. *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
LOCKE, John, *Ensaio sobre o entendimento humano*. vol. 1, fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999.

DISCIPLINA: FIL058 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA III

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Idealismo. Realismo. Kant, criticismo, teoria dos juízos, a priori. Romantismo. Idealismo alemão. Reinhold X Schulze. Fichte, Deus e a ordem moral e liberdade comunal. Schelling, fases, Eu Absoluto. Hegel, trajetória da consciência individual ao Espírito Absoluto. Dialética e sistematicidade. Filosofia do Direito. Schopenhauer e o mundo como vontade.

CONTEÚDO

1. Idealismo e Realismo; 1.1 Idealismo ontológico X Realismo ontológico; 1.2 Idealismo gnosiológico X Realismo gnosiológico; 1.3 Idealismo transcendental; 2. Kant; 2.1 Teoria dos juízos; 2.2 A priori: formas, categorias e ideias; 2.3 Refutação ao idealismo; 2.4 Máximas e imperativos; 2.5 Imperativo categórico como fundamento de toda filosofia prática; 2.6 Maioridade; 2.7 Reflexão, juízos estéticos e teleológicos; 2.8 Mal radical e a Paz perpétua; 3. Movimentos literários e artísticos; 3.1 Tempestade e ímpeto; 3.2 Romantismo; 4. Idealismo alemão; 4.1 Críticas ao Iluminismo e criticismo; 4.2 Reinhold e a ideia de sistema; 4.3 Reinhold e o princípio da consciência; 4.4 Conhecimento racional; 4.5 Críticas célicas, Schulze; 5. Fichte 5.1 Deus coincide com a ordem moral; 5.2 Eu e não-eu; 5.3 Princípio da autoconsciência; 5.4 Liberdade comunal; 6. Schelling; 6.1 Absoluto Eu; 6.2 Características do Incondicionado; 6.3 Da filosofia da natureza ao idealismo transcendental; 6.4 Identidade 6.5 Problema do mal e a Teodicéia; 7. Hegel; 7.1 Busca de uma filosofia racional, textos pré-sistemáticos; 7.2 Consciência; 7.3 Da consciência individual ao Espírito Absoluto; 7.4 O imperativo da dialética e a sistematicidade; 7.5 Autoconsciência: senhor X escravo e consciência infeliz; 7.6 Política: Filosofia do Direito; 7.7 Estado; 8. Schopenhauer; 8.1 O mundo como vontade e representação; 8.2 A positividade da dor; 8.3 O Impulso sexual; 8.4 A eudaimonia sem felicidade; 8.5 Crítica de Hegel.

BIBLIOGRAFIA

HEGEL, G. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
KANT, I. *O que é Esclarecimento?* In Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 2005.

DISCIPLINA: FIL059 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL I

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Idade Média, seu significado e a Filosofia. Cristianismo e Filosofia. Filosofia Patrística. Estudo sistemático de suas principais fontes e autores dentro do rigor da argumentação característica na Idade Média. Santo Agostinho.

CONTEÚDO

1. O significado da expressão “Idade Média” e Filosofia; 2. O Cristianismo frente a filosofia da época patrística; 2.1. O uso da filosofia perante os inimigos externos- Os apologistas
2.2. O gnosticismo do século II e seus adversários; 2.3. As primeiras tentativas de sistematização da concepção cristã do mundo – A Escola Alexandrina; 2.4. O uso da filosofia contra os inimigos internos e o aprofundamento da fé; 2.4.1 Os Capadóciolos; 2.4.2 Santo Agostinho; 2.4.3 Leitura de “As Confissões” de Santo Agostinho; 2.4.4 Leitura de “ De magistro” de Santo Agostinho.

BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, C. *Los filósofos medievales*. Vol. I. Madrid: BAC, 1980.
FRILE, G. & URDANOZ, T. *Historia De La Filosofía*, Tomo II, v.1 *El Cristianismo y La Filosofía Patrística*. 1 a Ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.
GILSON, E. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2007.

DISCIPLINA: FIL060 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Escolástica, seus grandes temas e problemas. Anselmo. Abelardo. Aristotelismo Árabe e Judeu. O grande sistema de São Tomás de Aquino. São Boaventura. A

decadência da Escolástica e Ockhan. De Cusa e a transição para o renascimento.

CONTEÚDO

1. O Pensamento medieval e a Escolástica; 1.1 O renascimento cultural sob Carlos Magno e o fascínio pela dialética; 1.1.1 Santo Anselmo de Cantuária; 1.1.2 Leitura de "Proslógio" de Anselmo; 1.1.3 Pedro Abelardo e o problema dos universais; 1.1.4 Leitura de "Lógica para principiantes" de Abelardo; 1.2 A influência dos pensadores árabes e judeus e sua contribuição para a predominância do aristotelismo; 1.3 Os grandes sistemas da filosofia medieval; 1.3.1 Tomás de Aquino; 1.3.2 Leitura de "Questões discutidas sobre a verdade – questão primeira"; 1.3.3 Leitura de extratos de texto da "Suma Teológica" de Tomás de Aquino; 1.3.4 Boaventura; 1.3.5 Duns Escoto; 2. A decadência da Escolástica e o conflito em torno do nominalismo: Guilherme de Ockhan; 3. Um pensador de transição: Nicolau de Cusa.

BIBLIOGRAFIA

GILSON, Etienne. A filosofia na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FERNANDES, Clemente. Los filósofos medievales. Vol. II. Madrid: BAC, 1980.

FRAILE, G. & URDANOZ, T. Historia De La Filosofia, Tomo II, v.1 El Cristianismo y La Filosofia Patrística. 1 a Ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. Questões discutidas sobre a verdade – questão primeira (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DISCIPLINA: FIL062 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA II

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Aristóteles e a Metafísica, a Ética e a Política, a Lógica e a Poética. O Helenismo: Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo. Neoplatonismo e Plotino.

CONTEÚDO

1. Aristóteles: A Metafísica e as Ciências Teoréticas; 1.1-As quatro Causas, o Ser e a Substância; 1.2-O Ato e a Potência e o Motor Imóvel; 1.3-A Física e a Psicologia; 1.4-As Ciências práticas: Ética e Política; 1.5- A Retórica e a Poética; 2. A Filosofia da Era Helenística; 2.1- O Epicurismo, o Estoicismo, o Ceticismo e o Ecletismo; 2.2- O Neoplatonismo de Alexandria: Plotino e Porfírio.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. História da Filosofia II (tradução de A. B. Coelho e outros). 5ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

ARISTÓTELES. Comentários, Seleção de Textos, Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1985.

FRAILE, Guillermo & URDANOZ, Teófilo. Historia De La Filosofia, Tomo I, Grecia y Roma. 1 a Ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1997.

REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga, Volumes I, II, III e IV (tradução de Marcelo Perine). São Paulo: Edições Loyola, 1993.

DISCIPLINA: FIL079 – AS HUMANIDADES COMO CAMPO DE CONHECIMENTO

CRÉDITOS: 4

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

A disciplina pretende ser um pólo de discussão sobre o conhecimento das Humanidades e com relação à articulação entre as diferentes áreas que compõem este campo. Seu objetivo, de caráter propodeutico, pretende dotar o educando da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento, de forma que, cada um, responsabilmente, tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade onde vive.

CONTEÚDO

O que é conhecimento: Teorias do conhecimento; O conhecimento científico e seus paradigmas; Exigências da cientificidade; Ciências Humanas como forma de conhecimento e a modernidade; O papel crítico em relação às ciências; Os campos de estudos das ciências humanas; A cultura como construção humana e campo de investigação; Alienação e Ideologia; Ética e moral; Ética e psique; A liberdade e suas possibilidades; A política como realização do humano; Sociedade e violência; A experiência do sagrado e a instituição da religião; PósModernidade.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Temas de Filosofia. São Paulo: Moderna, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Convite a filosofia. São Paulo: Ática, 2010.

COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas. 16ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1996.

BORGES, Vavy Pacheco. O que é História. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991.

LANE, Sílvia Tatiana. O que é Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Carlos Benedito. O que é Sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MINAYO, Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRADO JÚNIOR, Caio. O que é Filosofia. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é Pós-Moderno. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.

VALLS, Álvaro. O que é Ética. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DISCIPLINA: CRE039 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CRÉDITOS: 14

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIA DA RELIGIAO /ICH

EMENTA

Acompanhar o estudante em fase de conclusão do curso a pesquisar, sintetizar e redigir um artigo acadêmico sobre um tema de seu interesse, dentre aqueles propostos pelo Curso para o respectivo semestre. Além disso, a disciplina assiste o estudante na preparação da apresentação oral da sua pesquisa no seminário de conclusão de curso.

CONTEÚDO

A disciplina corresponde ao Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e abarca o processo de orientação para elaboração do mesmo. A orientação será realizada por um conjunto de professores e bolsistas-tutores CAPES/REUNI de Mestrado e Doutorado. Os alunos escolherão os temas para elaboração dos trabalhos a partir de propostas elaboradas pelo Núcleo Docente Estruturante NDE e homologadas pelo Colegiado do curso. Os alunos deverão apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso um artigo acadêmico que deverá conter um mínimo de 10 e um máximo de 20 páginas em fonte Times New Roman, tamanho 12, e espaçamento de um e meio entre as linhas. Os alunos deverão apresentar, ainda, uma síntese oral do trabalho em uma banca composta por professores e bolsistas tutores no seminário de conclusão do curso. A avaliação se compõe pela média entre o artigo acadêmico apresentado por escrito e sua apresentação oral no seminário de conclusão do curso, sendo que o artigo acadêmico terá peso de oitenta por cento e a apresentação, de vinte por cento, para o cálculo da média final.

BIBLIOGRAFIA

Indicado individualmente por cada professor orientador para os seus orientandos.

DISCIPLINA: CSO108 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CRÉDITOS: 14

DEPARTAMENTO: DEPTO DE CIENCIAS SOCIAIS/ICH

EMENTA

Acompanhar o estudante em fase de conclusão do curso a pesquisar, sintetizar e redigir um artigo acadêmico sobre um tema de seu interesse, dentre aqueles propostos pelo Curso para o respectivo semestre. Além disso, a disciplina assiste o estudante na preparação da apresentação oral da sua pesquisa no seminário de conclusão de curso.

CONTEÚDO

A disciplina corresponde ao Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e abarca o processo de orientação para elaboração do

mesmo. A orientação será realizada por um conjunto de professores e bolsistas-tutores CAPES/REUNI de Mestrado e Doutorado. Os alunos escolherão os temas para elaboração dos trabalhos a partir de propostas elaboradas pelo Núcleo Docente Estruturante NDE e homologadas pelo Colegiado do curso. Os alunos deverão apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso um artigo acadêmico que deverá conter um mínimo de 10 e um máximo de 20 páginas em fonte Times New Roman, tamanho 12, e espaçamento de um e meio entre as linhas. Os alunos deverão apresentar, ainda, uma síntese oral do trabalho em uma banca composta por professores e bolsistas tutores no seminário de conclusão do curso.

A avaliação se compõe pela média entre o artigo acadêmico apresentado por escrito e sua apresentação oral no seminário de conclusão do curso, sendo que o artigo acadêmico terá peso de oitenta por cento e a apresentação, de vinte por cento, para o cálculo da média final.

BIBLIOGRAFIA

Indicado individualmente por cada professor orientador para os seus orientandos.

DISCIPLINA: FIL082 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CRÉDITOS: 14

DEPARTAMENTO: DEPTO DE FILOSOFIA /ICH

EMENTA

Acompanhar o estudante em fase de conclusão do curso a pesquisar, sintetizar e redigir um artigo acadêmico sobre um tema de seu interesse, dentre aqueles propostos pelo Curso para o respectivo semestre. Além disso, a disciplina assiste o estudante na preparação da apresentação oral da sua pesquisa no seminário de conclusão de curso.

CONTEÚDO

A disciplina corresponde ao Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e abarca o processo de orientação para elaboração do mesmo. A orientação será realizada por um conjunto de professores e bolsistas-tutores CAPES/REUNI de Mestrado e Doutorado. Os alunos escolherão os temas para elaboração dos trabalhos a partir de propostas elaboradas pelo Núcleo Docente Estruturante NDE e homologadas pelo Colegiado do curso. Os alunos deverão apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso um artigo acadêmico que deverá conter um mínimo de 10 e um máximo de 20 páginas em fonte Times New Roman, tamanho 12, e espaçamento de um e meio entre as linhas. Os alunos deverão apresentar, ainda, uma síntese oral do trabalho em uma banca composta por professores e bolsistas tutores no seminário de conclusão do curso. A avaliação se compõe pela média entre o artigo acadêmico apresentado por escrito e sua apresentação oral no seminário de conclusão do curso, sendo que o artigo acadêmico terá peso de oitenta por cento e a apresentação, de vinte por cento, para o cálculo da média final.

BIBLIOGRAFIA

Indicado individualmente por cada professor orientador para os seus orientandos.

DISCIPLINA: TUR059 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CRÉDITOS: 14

DEPARTAMENTO: DEPTO DE TURISMO /ICH

EMENTA

Acompanhar o estudante em fase de conclusão do curso a pesquisar, sintetizar e redigir um artigo acadêmico sobre um tema de seu interesse, dentre aqueles propostos pelo Curso para o respectivo semestre. Além disso, a disciplina assiste o estudante na preparação da apresentação oral da sua pesquisa no seminário de conclusão de curso.

CONTEÚDO

A disciplina corresponde ao Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e abarca o processo de orientação para elaboração do mesmo. A orientação será realizada por um conjunto de professores e bolsistas-tutores CAPES/REUNI de Mestrado e Doutorado. Os alunos escolherão os temas para elaboração dos trabalhos a partir de propostas elaboradas pelo Núcleo Docente Estruturante NDE e homologadas pelo Colegiado do curso. Os alunos deverão apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso um artigo acadêmico que deverá conter um mínimo de 10 e um máximo de 20 páginas em fonte Times New Roman, tamanho 12, e espaçamento de um e meio entre as linhas. Os alunos deverão apresentar, ainda, uma síntese oral do trabalho em uma banca composta por professores e bolsistas tutores no seminário de conclusão do curso. A avaliação se compõe pela média entre o artigo acadêmico apresentado por escrito e sua apresentação oral no seminário de conclusão do curso, sendo que o artigo acadêmico terá peso de oitenta por cento e a apresentação, de vinte por cento, para o cálculo da média final.

BIBLIOGRAFIA

Indicado individualmente por cada professor orientador para os seus orientandos.